

PUCRS

ESCOLA DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS

GUILHERME BAZIEWICZ DE CARVALHO E SILVA

**O DESCONTROLE JÁ ESTÁ FORMADO:**  
TÉDIO, IDENTIDADE, VIOLÊNCIA E CULTURA DE ARQUIBANCADA

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

GUILHERME BAZIEWICZ DE CARVALHO E SILVA

**O DESCONTROLE JÁ ESTÁ FORMADO:  
TÉDIO, IDENTIDADE, VIOLÊNCIA E CULTURA DE ARQUIBANCADA**

Dissertação de mestrado apresentada em banca no curso de Mestrado em Ciências Criminais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha

Porto Alegre

2017

**S586d**

Silva, Guilherme Baziewicz de Carvalho e

O descontrole já está formado: tédio, identidade, violência e cultura de arquibancada. / Guilherme Baziewicz de Carvalho e Silva. – Porto Alegre, 2017.

287 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Escola de Direito, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha

1. Direito Penal. 2. Criminologia. 3. Criminologia Cultural. 4. Violência. 5. Futebol. 6. Cultura de Arquibancada. I. Rocha, Álvaro Filipe Oxley da. II. Título.

**CDD 341.5**

**Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494**

Para Isabella, razão de todo o meu esforço, e para Aline, que fez o trem parar a fim de que eu pudesse descer e enxergar o que estava lá fora.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para que este trabalho se tornasse possível. Em primeiro lugar meus pais, Roberto Fernandes de Carvalho e Silva e Sonia Maria Baziewicz, pela base educacional que me proporcionaram. Também a Henrique Baziewicz (*In memoriam*), Noeli Lague Baziewicz, Cláudio Paiva, Marcos de Araújo Lacourt e Maria Alice Lague.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha, pelos tantos aconselhamentos, que nunca se limitaram exclusivamente a própria orientação, e por ter mesmo antes do mestrado, me aberto às portas do GEPCRIM, grupo de estudos em criminologia vinculado ao PPGCCRIM da PUCRS.

À querida professora coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Maria Chittó Gauer, que rompeu com as amarras deterministas que dominavam minha mente.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, desde sempre minha casa. A todos os professores com quem convivi nestes dois anos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS, especialmente ao Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral, Prof. Dr. Giovani Saavedra, Prof. Dr. Ney Fayet Júnior, Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner, Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza e Prof. Dr. Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo.

Aos queridos Andrews Bianchi, Caren Andrea Klinger, Márcia Lopes, Patrícia Oliveira e Uillian Vargas, funcionários da secretaria do PPGCCRIM e PPGD, sem os quais entraria em provável desespero.

A todos os funcionários da Biblioteca Central da PUCRS, que por muito tempo se constituiu em meu ambiente de trabalho, especialmente a Anamaria Ferreira e Rodrigo Ferreira.

Aos colegas de Mestrado em Ciências Criminais pelas experiências acadêmicas trocadas, em especial a Mariana Gastal, pela bibliografia cedida, de uso fundamental nesta dissertação, e a Paulo Thiago Fernandes Dias, Sérgio Aníbal Vumbuca e Tiago Lorenzini Cunha, queridos companheiros de jornadas acadêmicas.

Ao meu irmão, Eduardo Baziewicz de Carvalho e Silva sem o qual esta pesquisa nunca poderia ter sido realizada.

Por fim, aos amigos André Giongo, Bárbara Zaffari Cavedon, Guilherme Michelloto Böes e Marcelo Jungmann Godinho, pelas breves, mas importantes trocas realizadas.

Muito obrigado a todos.

## RESUMO

O presente trabalho, adotando a linha de pesquisa em violência, crime e segurança pública, se propõe a analisar o fenômeno de assimilação cultural pelas torcidas gaúchas, da cultura de arquibancada de matriz platina, especificamente dos grupos de estilo nominados como *barras* e assimilados no senso comum como *barras bravas*, detentores de um código moral e de conduta baseado na violência, o *aguante*, a partir do grupo de estilo conhecido como Geral do Grêmio, torcida vinculada ao clube de futebol, Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense. Para tanto, será realizada a exposição pormenorizada das raízes, bem como das práticas, costumes, rituais e artefatos culturais dos grupos de *barra* argentinos, através da revisão bibliográfica de pesquisas de antropologia social realizadas naquele país, para logo após, expor um quadro comparativo, tendo como base o trabalho etnográfico efetivado junto a Geral do Grêmio, que adotou o paradigma metodológico das conceituações de etnografia líquida e do instante desenvolvidas pela criminologia cultural, sem deixar de referir a uma necessária alusão às peculiaridades geográficas e apropriações sócio culturais que tornaram possível este fenômeno para as torcidas gaúchas. Sobretudo o processo de construção mitológica do ideário guerreiro do gaúcho da campanha. Diferencia-se ainda a Geral do Grêmio dos demais grupos de estilo da cultura de arquibancada global. No que toca ao conteúdo analítico criminológico, se erige uma hipótese fundamentada na transcendência ao tédio que a rotina cotidiana cercada de insegurança ontológica, privação relativa, e reclames cada vez maiores de satisfação do individualismo, impõem aos sujeitos na sociedade ocidental globalizada da modernidade tardia, a partir de uma experiência sensorial individual de excitação e autocontrole alternativo ao controle social formal, pelo “descontrole” mediado, no perfazimento de atividades-limite conceituadas na criminologia cultural como *edgework*. Estas conceituações não teriam sido possíveis sem a contribuição prévia das análises agregadas de desorganização social e carência de valores formais já evidenciadas por Émile Durkheim e pela escola funcionalista de Chicago, sobretudo William Thomas e Robert Merton, guardadas as devidas diferenças de tempo e espaço. Merton é conjugado aos fatores de perfazimento de sedução e excitação inerentes ao ato transgressor observados por Jack Katz, na esteira do trabalho de Jock Young, e Thomas possibilita explicar o entrelaçamento entre os costumes dos grupos de *barra* argentinos àqueles que

existiam na cultura de arquibancada gaúcha, vinculados às torcidas organizadas brasileiras, resultando em um grupo de estilo híbrido, nem brasileiro, nem argentino, a Geral do Grêmio, que posteriormente iria influenciar outros grupos de estilo da cultura de arquibancada gaúcha, e ser referência de criação de torcidas de alento pelo resto do país.

**Palavras-chave:** Violência. Futebol. Cultura de Arquibancada. Criminologia Cultural.



## ABSTRACT

The present work, adopting the line of research in violence, crime and public safety, proposes to analyze the phenomenon of cultural assimilation by *gaúchos* groups of football supporters, of the argentinean matrix football supporters groups of style culture, specifically of the style groups nominated as *barras*, and assimilated in the common sense as *barras bravas*, holders of a moral and conduct code based in violence, the *aguante*, from the style group known as Geral of Grêmio, football fans linked to the football club Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. In order to do so, a detailed exposition of the roots, practices, customs, rituals and cultural artifacts of the argentinean *barra* groups will be carried out, through a bibliographical review of social anthropology research carried out in that country. Based on the ethnographic work carried out with Geral of Grêmio, which adopted the methodological paradigm of the concepts of liquid and instant ethnography developed by cultural criminology, while referring to a necessary allusion to the geographic peculiarities and socio-cultural appropriations that made this phenomenon possible for the *gaúchos* groups of football supporters. Especially the process of mythological construction of the gaucho warrior ideology. The Geral of Grêmio is also different from the other style groups of the global football culture. With regard to analytical criminological content, a hypothesis based on the transcendence of boredom is erected, which the daily routine surrounded by ontological insecurity, relative deprivation, and increasing demands for the satisfaction of individualism, impose on individuals in the globalized society of late modernity, from an individual sensory experience of excitement and self-control, alternative to formal social control, by the mediated "uncontrolled", in the performance of limit-activities conceptualized in cultural criminology as edgework. These conceptualizations would not have been possible without the previous contribution of the aggregate analyzes of social disorganization and lack of formal values already evidenced by Émile Durkheim and the functionalist school of Chicago, much like William Thomas and Robert Merton, keeping the due differences of time and space. Merton is conjugated to the seduction and excitation factors inherent in the offending act observed by Jack Katz, according with the Jock Young's work, and Thomas makes it possible to explain the interweaving between the customs of the Argentinean *barra* groups and those that existed in the gaucho football supporters groups of style culture, linked to the organized groups of brazilian football supporters,

resulting in a hybrid group, neither Brazilian, nor Argentine, but the Geral of Grêmio, who later would influence other groups of style of the gaúcho football supporters groups of style culture, and be a reference for creating *alento* groups of football supporters in the rest of the country.

**Keywords:** Violence. Football. Football Supporters Groups of Style Culture. Cultural Criminology.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
<b>1 METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
1.1 ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO.....	18
1.2 O MÉTODO.....	22
<b>1.2.1 Da crise à crítica no método investigativo criminológico .....</b>	<b>22</b>
<b>1.2.2 Trabalho de campo e observação participante .....</b>	<b>31</b>
<b>1.2.3 Entrevistas e análise qualitativa .....</b>	<b>38</b>
<b>2 A CULTURA DE BARRA.....</b>	<b>47</b>
2.1 RAÍZES .....	47
<b>2.1.1 Matrizes identitárias nacionais: a construção do estilo <i>criollo</i>.....</b>	<b>47</b>
<b>2.1.2 Informalidade, lealdade e comicidade discursiva na cultura de arquibancada argentina (1925-1960).....</b>	<b>52</b>
<b>2.1.3 Masculinidade, sexualidade e desilusão: a ascensão dos efeitos trágicos (1960-2016) .....</b>	<b>57</b>
2.2 ETIMOLOGIAS, TIPOLOGIAS, ESPAÇOS E SÍMBOLOS DE IDENTIDADE ..	67
<b>2.2.1 Etimologias e tipologias .....</b>	<b>67</b>
<b>2.2.2 Espaços e locus .....</b>	<b>73</b>
<b>2.2.3 Artefatos e produtos culturais .....</b>	<b>80</b>
2.3 AGUANTES.....	85
<b>2.3.1 Diferenciações, distinções e construção do etos .....</b>	<b>85</b>
<b>2.3.2 Combates, marcas de distinção e corpos <i>aguantadores</i>: a prova e a posse do capital <i>aguante</i> .....</b>	<b>92</b>
2.4 PODER, POLÍTICA, CONTROLE E INTERPRETAÇÕES SOCIAIS.....	104
<b>2.4.1 Hierarquia e redes de relações políticas .....</b>	<b>104</b>
<b>2.4.2 Conflitos, controle social e representações institucionais .....</b>	<b>110</b>
<b>3 A GERAL DO GRÊMIO E A CULTURA DE BARRA NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>118</b>
3.1 TIPOLOGIAS UNIVERSAIS E A GERAL DO GRÊMIO .....	118

3.1.1 Traçar diferenças e combater dicotomias.....	118
3.1.2 <i>Hooligans, ultras</i> e outros grupos de estilo.....	121
3.1.3 Torcidas organizadas brasileiras.....	128
3.1.4 Geral do Grêmio: repartições e apropriações culturais de estilo .....	132
3.2 RAÍZES .....	137
3.2.1 Cultura de arquibancada no Rio Grande do Sul: da gênese da rivalidade grenal às torcidas organizadas gaúchas.....	138
3.2.2 A construção identitária do futebol gaúcho .....	150
3.3 A GERAL DO GRÊMIO .....	158
3.3.1 Surgimento e consagração .....	158
3.3.2 Imortalidade e descontrole: a confirmação prática do <i>aguante</i> .....	163
3.3.3 Alento, revide, dissidência e migração .....	169
3.3.4 Tipologias, espaços e locus.....	176
3.3.5 Práticas, rituais e artefatos grupais.....	189
3.3.6 Aduantes, etos guerreiro, hierarquia e redes de relações.....	196
4 TÉDIO, IDENTIDADE, VIOLÊNCIA E A BUSCA DA FELICIDADE NA MODERNIDADE TARDIA .....	208
4.1 QUARENTA E CINCO MINUTOS .....	209
4.1.1 Formando o descontrole e rompendo o marasmo: colorados retardatários e turistas nos farão felizes.....	209
4.1.2 Anomia, desajustamento, desilusão e a institucionalização coletiva do tédio no cotidiano.....	214
4.1.3 Funcionalismo, desorganização social, desmoralização e <i>self-fulfilling     prophecy</i> : Thomas dialoga com Durkheim .....	219
4.1.4 Adaptações mertonianas à sociedade de consumo: êxito, fracasso, e a constituição da privação relativa na modernidade recente .....	226
4.1.5 Da inclusão à exclusão: a transição paradigmática à sociedade excludente.....	235
4.2 NOVENTA MINUTOS.....	238
4.2.1 Jack Katz e a transgressão sensual à Robert Merton através de Wayne Morrison e Jock Young .....	238
4.2.2 “Ter”, “ser”, “parecer”: privação relativa e ilusão meritocrática na modernidade tardia.....	245

4.2.3 Borrando as fronteiras: bulimia, individualismo, insegurança ontológica e a ilusão dos padrões de consumo como fatores da transgressão .....	252
4.2.4 O tédio é contrarrevolucionário: das excitações transgressoras à contestação carnavalesca da Geral do Grêmio .....	257
4.2.5 Edgework: o controle pelo “descontrole” .....	260
CONCLUSÃO .....	268
REFERÊNCIAS.....	273

## INTRODUÇÃO

O futebol é indissociável da cultura popular brasileira, embora tenha sofrido mudanças consideráveis, reflexivas da sociedade de consumo na modernidade recente. Entretanto, conforme já antecipado, sua mercantilização na contemporaneidade transforma tudo que orbita e gera produtos culturais a ele relacionados, em mercadorias de consumo, satisfação e identidade. Este fenômeno modificou nas últimas décadas o “rude esporte bretão” em sua terra natal, o transformando no negócio mais lucrativo da indústria do entretenimento e produzindo consequências perturbadoras à cultura popular originária do jogo<sup>1</sup>. Por aqui, nossas pretensões de consumo encontram limites na realidade econômica do público consumidor brasileiro, e nossa cultura popular ligada ao futebol, difere em muito da britânica por seus elementos subjetivos. Inobstante tais considerações, esta ótica mercantilista vinculada à representação do espetáculo, do jogo e de seus produtos culturais, aportou ao Brasil, se estabeleceu, e se consolidou por fim, durante o período compreendido entre a escolha do país e a realização da Copa do Mundo de 2014<sup>2</sup>.

A partir de então, com a apropriação do futebol e de seus produtos culturais pela lógica de mercado, produziu-se uma transformação, mas não só isso, uma forçosa adaptação do público consumidor do jogo a esta indústria do entretenimento. O tradicional torcedor popular da geral do Maracanã, da “coréia”<sup>3</sup> do Beira-Rio, ou do setor de arquibancadas do Olímpico Monumental, para ficarmos com um exemplo nacional e dois regionais, que desembolsavam valores módicos (em torno de R\$ 5,00) para ocuparem tais espaços, simplesmente desapareceram, ou melhor, foram excluídos, até porque estes espaços deixaram de existir em decorrência de reformas arquitetônicas, como no caso dos estádios Maracanã e Beira-Rio, ou por seu

---

<sup>1</sup> ALVITO, Marcos. O esporte que vendeu a sua alma: Como o rude desporto bretão se tornou um ramo privilegiado da indústria do entretenimento. **Revista Piauí**. São Paulo: Folha de São Paulo, número 15, dez 2007. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma/>>. Acesso em 12 dez 2015.

<sup>2</sup> 2006/2014.

<sup>3</sup> Antigo espaço popular do estádio, nivelado ao campo de jogo e de difícil visualização do desenrolar das partidas. Hoje é ocupado por cadeiras em sua totalidade. In: GLOBOESPORTE. **Cadeiras ‘invadem’ saudosa Coréia e reinventam torcida no novo Beira-Rio**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/o-novo-beira-rio/noticia/2014/04/cadeiras-invadem-saudosa-coreia-e-reinventam-torcida-no-novo-beira-rio.html>>. Acesso em: 06 out 2016.

fechamento e substituição, como no caso do Olímpico Monumental. A modernização afinal cobraria o “preço justo” pela nova comodidade, pague-o quem o tem.

Nota-se ainda uma perceptível mudança nos padrões de aceitabilidade ou não de determinados valores, representações e atitudes no ato de torcer por um time de futebol: da feitura de novas reações sociais introduzidas pelo empreendedorismo moral, até a produção de algumas especificidades do controle social típico da criminologia atuarial e de sua política de gestão de riscos<sup>4</sup>. Assim, pela imposição desta mecanização, deste controle comportamental criminológico e desta seletividade do público pagante, acaba por se eliminar a espontaneidade e a imprevisibilidade comuns à cultura de arquibancada. Ao que parece, o alerta de Jeff Ferrell quanto à rotinização e ao tédio que permeiam a modernidade recente<sup>5</sup>, é extensivo também as arquibancadas, onde produz efeitos colaterais violentos decorrentes de fatores externos e internos que espirram na criminologia.

Fato é que em paralelo a intensificação da mercantilização do futebol nas últimas décadas, grupos de torcedores gaúchos guiados pela proximidade geográfica, climática e principalmente pela apropriação sócio-cultural, passaram a adotar a formação identitária, as posturas, os rituais e os códigos de conduta moral apoiados na agressividade<sup>6</sup>, na hipermasculinização e na violência, dos grupos de estilo conhecidos como *barras*, de matriz platina, que aparecem na Argentina a partir da década de sessenta do século passado.

Longe de ser uma resposta objetiva e direta à mercantilização do futebol, visto que o objeto desse estudo é muito mais complexo do que eventuais reducionismos. Não se pode negar a reação social a estes rituais e práticas violentas por parte das autoridades públicas, sociedade e corpo midiático, bem como o efeito rebote que estas medidas produzem no grupo de estilo, assim como o transbordamento dos bens culturais da *barra* para a cultura de arquibancada e muitas vezes da própria utilização destes produtos como apelo de consumo pelo mercado. Ao que parece, os paradigmas erigidos pela criminologia cultural, como os

<sup>4</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 104-115.

<sup>5</sup> FERREL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 18, n. 82, jan./fev, 2010.

<sup>6</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. La moral de los ‘inmorales’. Los límites de la violencia según sus practicantes: el caso de las hinchadas de fútbol. **Anuario de Estudios en Antropología Social**. Buenos Aires: v. 2, 2005, p. 143-156. Disponível em: <<http://cas.ides.org.ar/files/2012/09/Anuario-EAS-2005.pdf>>. Acesso em: 20 dez 2015.

fatores de perfazimento de prazer e excitação como objetivo de resistência ao tédio e superação do controle social formal, com base no ataque à autodeterminação testada nas experiências-limite<sup>7</sup> de exposição do corpo, são de grande valia para a compreensão de tal fenômeno<sup>8</sup>.

Nada fácil suportar a privação relativa, diante dos reclames cada vez maiores de satisfação impostos pelo individualismo, quando não se tem muitas vias de escape para a infelicidade massacrante de um cotidiano pasteurizado pela sociedade de consumo. Neste contexto, o presente trabalho, adotando a linha de pesquisa em sistema penal e violência desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (PPGCCRIM) da Faculdade de Direito da PUCRS, especificamente a linha de pesquisa em violência, crime e segurança pública, busca desvendar do ponto de vista criminológico (e daí a necessidade de um diálogo interdisciplinar), os grupos de estilo formados a partir do ato de torcer em uma arquibancada. Não necessariamente as chamadas “torcidas organizadas”, como já restou patente, há que se fazer esta distinção com o fito de demarcar as fronteiras do objeto pesquisado, mas a influência da cultura de *barra*, seja pela apropriação cultural, ou pelo apelo sedutor de seu código e bens culturais, nos grupos gaúchos de torcedores, sobretudo na pioneira torcida gaúcha conhecida como “Geral do Grêmio”.

No que toca a estruturação dos capítulos, necessária para conduzir a um melhor entendimento de como organizei o presente trabalho, divide-se da seguinte forma:

Após o capítulo inicial, que se constitui do preâmbulo metodológico da dissertação, se segue aquele em que insiro o trabalho de pesquisa da cultura de barra original, nascida na Argentina, através de uma extensa revisão bibliográfica, com base em trabalhos de pesquisa da antropologia social daquele país. Substancialmente os desenvolvidos por Eduardo Archetti e pelo grupo de trabalho *deporte y sociedad* do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO), coordenado por Pablo Alabarces<sup>9</sup>, onde figuram antropólogos como José Garriga

---

<sup>7</sup> No original: *Edgework*.

<sup>8</sup> LYNG, Stephen. Crime, edgework and corporeal transaction. **Theoretical Criminology**. London; Thousand Oaks; New Delhi, n.º 8 (3), 2004.

<sup>9</sup> Investigador principal do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET-Argentina). Mestre em sociologia da cultura e análise cultural pela Universidade Nacional de San Martín (Buenos Aires, Argentina). Doutor em Sociologia pela Universidade de Brighton (Reino Unido).



Zucal<sup>10</sup> e María Verónica Moreira<sup>11</sup>. Somando-se a eles, as pesquisas etnográficas realizadas por pesquisadores como Gastón Julián Gil<sup>12</sup>. Todos os trabalhos realizados pelos nomes citados desenvolveram-se mediante prévia pesquisa de campo em algumas das principais barras argentinas, oriundas de clubes como Huracán, Independiente, Aldovisi, River Plate e Boca Juniors.

Uma vez tomado conhecimento do que é a cultura de barra, suas origens, representações e código de conduta, se está preparado para estabelecer um quadro comparativo com a Geral do Grêmio. Mas esta tarefa só se torna possível complementando-se a aproximação pelo aporte possibilitado através do trabalho etnográfico junto a Geral do Grêmio. Assim, dediquei o terceiro capítulo a Geral, onde se encontram as assimilações que realizei através da observação participante, das entrevistas e de parte da análise qualitativa dos dados obtidos.

O terceiro capítulo a bem da verdade, é o núcleo de todo o trabalho de campo e uma vez que já se têm o conhecimento prévio da cultura de barra, se pode assimilar as semelhanças tanto quanto as diferenças entre os grupos de estilo, diante das referências bibliográficas previamente incorporadas. A utilização desta estratégia também se torna instrumento essencial para que o leitor possa já com o conhecimento prévio adquirido pela leitura do segundo capítulo, passar a ter contado com o trabalho de pesquisa de campo realizado na Geral do Grêmio, com os instrumentos necessários para ele próprio compreender estas semelhanças e diferenças.

Faço no capítulo uma necessária alusão às apropriações sócio culturais e geográficas que tornaram possível a assimilação da cultura de barra argentina pelas torcidas gaúchas. Processo genérico de identificação por apropriações de produtos culturais originários da região do Prata que já havia sido esboçado por Vitor Ramil, mesmo que não alusivo à cultura de arquibancada, quando este criou sua “estética do frio”, referindo que muito embora tenhamos “nossas contrapartidas frias, ainda não fomos capazes de engendrar uma estética do frio que revelasse nossa própria

---

<sup>10</sup> Investigador adjunto do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET - Argentina). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Nacional de San Martín. Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Buenos Aires.

<sup>11</sup> Investigadora adjunta do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET - Argentina). Mestra em Antropologia Social pela Universidade Nacional de San Martín. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Buenos Aires

<sup>12</sup> Investigador assistente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET - Argentina). Doutor em Antropologia Social pela Universidade Nacional de Misiones (Miguel Lanús, Posadas, Argentina).

face”<sup>13</sup>. Fato que certamente ocorreu com nossa cultura de arquibancada, a partir da introdução proporcionada pela Geral através da “alma castelhana”, criadora de uma estética gaúcha de torcer que se serve do folclore. Partindo deste ponto analisei o processo de construção do ideário guerreiro rio-grandense, para poder entender-se como se deu esta apropriação cultural, e depois então, penetrar na cultura de barra gaúcha trabalhada através da análise qualitativa e da etnografia, sem deixar, no entanto, antes de tudo isto, de diferenciar a Geral dos demais grupos de estilo da cultura de arquibancada global. Importante ainda referir que optei por tratar estes coletivos de agentes sociais, como grupos de estilo, preterindo o termo subcultura, dada à efemeridade e liquidez de suas incorporações, na esteira do entendimento de Zaluar<sup>14</sup>, mas mantendo o termo “cultura de arquibancada” e “cultura de barra”, exclusivamente porque eles traduzem o entendimento de si mesmos daqueles que fazem parte dos grupos, e porque englobam sólidas apropriações culturais locais de pertencimento e identidade.

O quarto e último capítulo é justamente aquele que aborda a hipótese analítico-criminológica defendida. Ele abre com um episódio etnográfico marcante para os rumos da dissertação. Durante o decorrer da formação das sociedades ocidentais secularizadas, o individualismo, a insegurança ontológica na modernidade recente e o apelo ao consumo, fomentaram a adoção de estilos baseados na violência como forma de autoafirmação que se preenche o vazio existencial de vidas carentes de significado, aflorando em um cotidiano urbano entediante, onde a cultura de barra é um claro exemplo. Assim, o prazer e a excitação de deter os rumos da própria vida, através do perfazimento de práticas ilegais ou apartadas do consenso social, refletem de sobremaneira a falta de sentido dos valores sociais contemporâneos.

---

<sup>13</sup> RAMIL, Vitor. **A estética do frio**. Pelotas: Satolep, 2004, p. 14.

<sup>14</sup> Estilo (...) é usado para substituir os contestados conceitos de cultura e subcultura que têm pressupostos e consequências teóricas inaplicáveis na rapidez com que identidades e práticas sociais vão sendo modificadas e operadas pelos agentes sociais no mundo globalizado. Usado primeiramente pelo Centro de Estudos Culturais de Birmingham para representar aquilo que era chamado “cultura jovem”, estilo passou a ser o termo mais adequado para falar das incorporações rápidas e efêmeras da moda em vestuário, música, arte, linguajar e outros comportamentos juvenis que não mais conseguiam ser exclusivamente interpretados pela perspectiva holística da religião ou da cultura de classe, embora não totalmente desconectados destas, por estarem imbricados com o desenvolvimento progressivo de um mercado de bens culturais e simbólicos cada vez mais parte do que se chamou “sociedade de consumo”. ZALUAR, Alba. Violência, cultura e poder. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro regra!** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 18, nota 06.

Entretanto, eles também são os reflexos de uma desorganização social e carência de valores formais que já haviam sido abordadas com as devidas diferenças de tempo e espaço, por Émile Durkheim e pela escola funcionalista de Chicago, que não poderiam deixar de faltar no conteúdo analítico, afinal, Jock Young, Jeff Ferrell e Keith Hayward, por exemplo, não teriam os resultados acadêmicos que possuem sem que antes deles não houvesse além de Durkheim, William Thomas e Robert Merton, por exemplo. O quarto capítulo divide-se então em duas partes: a primeira, denominada de “quarenta e cinco minutos”, analisa a aurora da institucionalização do tédio na civilização ocidental capitalista e suas consequências sociológicas para o marasmo coletivo, no que diz respeito à pesquisa proposta e suas influências para a criminologia cultural, até a transição da sociedade inclusiva do *Welfare State*, ao paradigma socioeconômico excludente pós-fordista. Na segunda parte, denominada de “noventa minutos”, se procede à viabilidade da hipótese criminológica a partir da ascensão da sociedade excludente e de suas consequências formais em grupos sociais urbanos na modernidade tardia.

## 1 METODOLOGIA

### 1.1 ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Novas culturas ou redes globalizadas ultrapassam as sociedades nacionais e estão no mundo necessitando de registro, conhecimento e entendimento. Sociedades nacionais estão cada vez mais híbridas ou diferenciadas internamente, abrigando muitas culturas, subculturas ou estilos, também precisando de registro e interpretação<sup>15</sup>.

Antes de tudo, é fundamental situar o momento no qual despertou o interesse e a motivação para enfrentar o tema proposto do ponto de vista criminológico. Algo que, em seu alvorecer, estava ligado à condição de, por muito tempo, haver frequentado pessoalmente as arquibancadas e demais setores do Estádio Olímpico Monumental, antigo estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, um dos dois grandes clubes de futebol do Estado do Rio Grande do Sul, e um dos cinco mais vitoriosos clubes brasileiros<sup>16</sup>. Assim, durante décadas de minha vida, desde a infância, passando pela adolescência até aportar à vida adulta, frequentei o estádio em diferentes períodos, em intensidades diversas e com sentimentos heterogêneos, enquanto torcedor, sócio e/ou torcedor militante. Tal esclarecimento preliminar se torna necessário, para desde já desmistificar suposições quanto a uma suposta ocultação de qualquer espécie de “fetiche metodológico”, que eventualmente comprometesse a dissertação, ou que pudesse dar guarida a reducionismos decorrentes de “paixão clubística” ou dicotomias, como a encarnada através de termo nativo subjacente: “grenalização”.

Para que não reste dúvida quanto a esta consideração, foi com grande proveito que me vali da metodologia de José Garriga Zucal, que estudou as práticas violentas, as representações e o código de postura da barra do Club Atlético Huracán, com o objetivo de compreender por uma perspectiva não apriorística, o que era a violência, como os membros da barra percebiam a honra e o prestígio agregado a ela, assim como seu vínculo na configuração do grupo e quais as

---

<sup>15</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 15, out 2009, p. 558. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a09v15n2.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

<sup>16</sup> CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Ranking nacional dos clubes**. Disponível em: <[http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161213132531\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161213132531_0.pdf)>. Acesso em: 02 jan. 2017.

relações que estabeleciam com o entorno social<sup>17</sup>. Pesquisa que posteriormente foi utilizada por Silvio Aragón, historiador argentino e torcedor do Club Atlético San Lorenzo de Almagro, na realização de sua observação participante frente a barra *La Gloriosa Butteler*, como base de sua dissertação de mestrado em antropologia social.

A este cuidado que resolvi tomar, agreguei o ataque a posições preconcebidas pela utilização das exposições metodológicas postas a termo por Pierre Bourdieu, no que toca à prática da “objetificação participante”<sup>18</sup>, o movimento necessário de rompimento para com as “aderências e adesões mais profundas e mais inconscientes” que representam o que é particularmente “vantajoso” no objeto estudado para quem o estuda, ou tudo o que a ele menos interessa conhecer em sua relação pessoal com o objeto<sup>19</sup>.

Esta postura foi tomada não apenas para poder me afastar com segurança de minha intimidade com o clube, mas também para que as incursões etnográficas rendessem interpretações livres da possibilidade de uma afeição pela torcida. A objetificação da conexão do pesquisador com o objeto importa na possibilidade de interrupção da propensão dele investir no objeto, origem própria de seu interesse nele. Nada mais do que a renúncia ao fetiche de se servir da ciência para imiscuir-se no objeto, aplicando uma objetificação que longe de se traduzir em um olhar redutor e parcial, a partir do interior do objeto, se constitui em uma visão global que se tem dele porque dele se saiu. Por ser pôr em suspenso essa “vantagem” e as representações que ela opera<sup>20</sup>. O contrário significaria ingenuidade e desperdício de tempo. O afastamento, como faz parte da metodologia, é fundamental para a compreensão do objeto, assim como a aproximação o é para o seu conhecimento, o que Zaluar afirma serem “dois movimentos imprescindíveis para garantir um mínimo de objetividade do pesquisador e acesso à subjetividade dos pesquisados”<sup>21</sup>.

Desse modo, o acesso aos atores sociais envolvidos, só foi possível em razão de minha precedente aproximação, completando o binômio metodológico

---

<sup>17</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas**: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p. 17.

<sup>18</sup> Que não se confunde com a observação participante.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 51.

<sup>20</sup> Idem, p. 58.

<sup>21</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 560.

aduzido, em razão da condição de profundo conhecedor dos produtos culturais da torcida e da cultura de arquibancada, em consequência de ao longo dos anos ter frequentado o Olímpico Monumental e também os bares ao seu entorno. O conhecimento do capital simbólico que une a torcida ao clube, fez com que em minhas incursões aos *locus* pertencentes ao grupo, não fosse visto como um estranho, ou pior, como infiltrado.

Assim, retornando ao início, de certa maneira o trabalho etnográfico se iniciou de forma indireta, anos antes de meu ingresso no programa de mestrado. Especificamente, inicia-se a partir do ano de 2006, visto que o interesse na pesquisa do tema começou a tomar forma, dada a frequência de minha presença nas arquibancadas, na grande maioria das vezes, no setor próximo à localização da “Geral” e quando não, próximo de sua banda.

Este aspecto se deu justamente porque, mais do que apenas acompanhar o Grêmio, obviamente que naquele contexto, o principal pretexto para minha presença no estádio, foi o fato de que a torcida passou a chamar muito a atenção da comunidade, diante da maneira diferenciada com que apoiava o clube, em relação à forma tradicional das torcidas organizadas brasileiras, inaugurando um “novo modo de torcer” no Brasil. Tal fato, que já vinha ocorrendo desde sua gênese em 2001, tomou forma significativa e massificada nacionalmente, a partir do simbólico episódio de retorno do clube à primeira divisão do futebol brasileiro, após um ano de descenso (2004), provocado por uma equivocada administração financeira, ligada a mercantilização do futebol.

O episódio em questão, conhecido no senso comum como a “Batalha dos Aflitos”, em conjugação com a participação na Libertadores da América de 2007, quando o Grêmio foi vice-campeão, conjugou a exaltação do capital simbólico inerente ao clube, pela superação das mais fortes adversidades, o que condiz muito com a formação guerreira de parte do ideário folclórico da cultura identitária rio-grandense, agregada a uma parte dos valores, das práticas e representações da “Geral do Grêmio”, consolidando-a.

Além disto, a peculiaridade de ter saído da segunda divisão brasileira em 2005, até culminar com a disputa do título continental, menos de dois anos após o descenso, despertou o interesse dos meios de comunicação de todo o país, que passaram a dar mais atenção às arquibancadas, inclusive elogiando a “festa” protagonizada por esta “nova forma de torcer”, por mais estranho que hoje isto

possa parecer, ou nem tanto, se formos levar em consideração o objetivo e finalidade em si dos meios de comunicação<sup>22</sup>.

Por outro viés, não se pode fugir do contexto de total fluidez e dinamicidade que marcam a pós modernidade. Estas peculiaridades também aportam nos grupos de estilo violentos, e na cultura de arquibancada. Fato é, que diante da repercussão e da divulgação massiva daquele estilo da “Geral”, de sua apreensão e uso pela mídia, outros grupos de torcedores passaram a demonstrar interesse naquelas práticas, o que reporta ao motivo pelo qual creio ser necessário trazer estas referências, a fim de identificar, inclusive no que diz respeito à natureza de seu código violento, se a “Geral” poderia ser considerada legítima dentro do contexto da “cultura de barra”, não originária do Brasil, diferenciada das que não poderiam ter legitimidade para tanto, incluindo neste ataque metodológico, a própria “Geral do Grêmio”.

Pelo pioneirismo da “Geral”, por sua história, pela conjugação de peculiaridades em torno do etos que divide com o clube, e principalmente: pela facilidade que tinha de me aproximar da banda, por minhas raízes, concentrei grande parte das pesquisas de campo, nesta torcida. Independente do problema a ser enfrentado, fato é que com o pioneirismo da “Geral”, rompeu-se um paradigma nas práticas e representações das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul, que seguiam até então nos mesmos moldes das demais torcidas organizadas brasileiras. Após um período de repúdio, decorrente da rivalidade extrema que vige entre os dois clubes de ponta do futebol gaúcho, o novo estilo acabou vencendo a resistência e também começou a ter protagonismo entre grupos de torcedores do Sport Club Internacional, com a fundação da “Popular do Inter”.

Este acontecimento não poderia deixar de ser abordado na pesquisa. Menos como forma de atestar a imparcialidade e o afastamento de minhas raízes, diante da débil dicotomia da “grenalização”, e mais para dar concretude e abrangência ao trabalho, visto que, além de aferir se o fenômeno ocorrido com a “Geral” se repetiu na outra grande torcida do Estado, se buscou identificar se existiria um elo comum, a partir da tradição construída pelo ideário guerreiro riograndense, de aspectos geográficos e apropriações sócio culturais que possibilitassem essa aproximação.

Desta maneira, o trabalho de campo incluiu também uma breve incursão

---

<sup>22</sup>BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

etnográfica à “Popular”, na partida realizada no dia 25 de novembro de 2016, entre Internacional e Cruzeiro Esporte Clube, nos arredores do estádio Beira-Rio, assim como no seu interior, no espaço destinado as “organizadas”, junto a sua torcida. O trabalho de campo neste grupo só foi possível graças a relação social pessoal do pesquisador com pessoa de grande confiança da “Popular”, pela função que exercia no clube, o que possibilitou a aproximação com a banda sem levantar suspeitas. Era preciso comparar e atestar o fenômeno cultural também em parte da torcida do Internacional. Tanto em relação a Geral, como também quanto à cultura de barra não originária do Brasil, sem deixar de relevar também a extrema rivalidade histórica dos clubes originários das torcidas.

## 1.2 O MÉTODO

### 1.2.1 Da crise à crítica no método investigativo criminológico

Isso é demonstrado seja pelo exame de episódios históricos, seja pela análise da relação entre idéia e ação. O único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale<sup>23</sup>.

*Data, data, data, data, data, data, data; como se bebe de una catarata<sup>24</sup>?*

Não se poderia eleger como método válido, para o desenvolvimento da pesquisa que me propus, aquele focado na quantificação de dados, na estatística e na análise de questionários apinhados de perguntas preordenadas, respondidas via múltipla escolha por determinados grupos específicos, escolhidos conforme a vontade de “(im)parcialidade” do pesquisador. Não diante dos rumos que a pesquisa criminológica toma na contemporaneidade, visto o temerário retorno do fetiche positivista de tentativa de essencialização do objeto pela instituição de compreensões sistêmicas, que fatalmente pecam pela impossibilidade de explicar a

<sup>23</sup> FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mata e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977, p. 27.

<sup>24</sup> DREXLER, Jorge. Data data. In: DREXLER, Jorge. **Bailar en la Cueva**. Madrid: Warner Music Spain, 2014. 1CD. Faixa 3.



complexidade do problema inerente ao objeto de pesquisa<sup>25</sup>.

Katz argumenta que algo importante aconteceu, quando em detrimento ao acompanhamento da experiência viva da transgressão, taxada de obscenamente sensacionalista, optou-se por um retorno as bases da transgressão, que são, no entanto, invisíveis em sua manifestação situacional. As abstrações hipotéticas da teoria empírica são as causas determinantes deste quadro. Especialmente aquelas convenientemente quantificadas pelas agências oficiais como sendo “o material do conhecimento científico e do método rigoroso”<sup>26</sup>.

Fato é que o estudo comportamental humano foi impulsionado pelo positivismo, pela defesa social, pela criminologia clínica e administrativa.<sup>27</sup> A metodologia usualmente empregada pelos criminólogos ortodoxos pode ou não nos dizer muito sobre o crime, mas uma coisa está bem delineada: ela é cuidadosamente desenvolvida para ter uma execução engenhosa e um resultado claro.<sup>28</sup> Talvez muito da “evangelização” do método referida por Ferrell venha justamente do (re)estabelecimento da criminologia como prática auxiliar da Justiça Criminal, o que a desloca de sua finalidade crítica à crise, para o papel de instituição formal do sistema de controle social, imbuída de um intuito subconsciente de “policar a crise”<sup>29</sup>.

Mesmo se formos avaliar o ataque que o positivismo e o pensamento sistêmico em geral sofreram por parte das correntes criminológicas pós-modernas, que demonstraram a pluralidade, mutabilidade, velocidade e complexidade dos fenômenos sociais humanos e do indivíduo inserido na sociedade, a insegurança ontológica que cerca a contemporaneidade, busca reduzir este contexto complexo, revitalizando racionalizações cartesianas, através da instituição do método atuarial e estatístico e de questionários de pesquisa tipo *survey*, sob o pretexto de se alcançar a objetividade metodológica, afinal, este método de onde se extraem “dados objetivos”, estaria blindado contra a sugestão da ação e da emoção.

<sup>25</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 156.

<sup>26</sup> KATZ, Jack. **Seductions of Crime**. New York: Basic Books, 1988, p. 311-312.

<sup>27</sup> ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia**. Tradução de Ney Fayet Júnior. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2009, p. 264.

<sup>28</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An Invitation**. London: Sage, 2008, p. 159.

<sup>29</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. Tradução de Salo de Carvalho e Simone Hailliot. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro, v. 5, nº. 1, jan/fev/mar 2012, p. 158.

Na América Latina a criminologia praticada revela iniquidade, desamor e muitas vezes intuição na utilização dos preceitos do método, de forma tal, que grande parcela da produção criminológica latino-americana no ocaso do século passado se fundamentou em teorizações basilares esteadas muito mais em citações de autores, portanto, de matriz teórica, do que em trabalhos consistentes de investigação empírica<sup>30</sup>.

Por este fetiche metodológico de objetividade tão caro e recorrente na criminologia, apesar das rupturas paradigmáticas que se sucederam, estreita-se o olhar apenas para o método, esquecendo-se a dinamicidade do objeto pesquisado, do saber, do poder e da transgressão.<sup>31</sup> Esta estética de precisão na academia é tão difundida, que poderia se suspeitar de que este apelo de se negar a legitimidade do estilo e da emoção na investigação dos fenômenos humanos pela orientação acadêmica da criminologia ortodoxa, na realidade se constitui ele mesmo, de seu próprio estilo, assim como as emoções higienistas que ele cria entre aqueles que almejam a segurança e a certeza<sup>32</sup>.

O que se observou era que, por detrás dos dados estatísticos se escondiam valores e emoções do próprio pesquisador, uma vez que os rumos das pesquisas, assim como a formulação dos questionários, diziam muito de sua maneira de raciocinar e intuir, visto que subjetivamente e de forma temerária, transportava para os “números”, sua percepção e seus preconceitos. Assim, os dados destituam-se de sua aura de objetividade, pois detinham particularidades anteriores ao momento da coleta, ocultas na formulação do problema e do questionário, mas que influíam no levantamento, muitas vezes prejudicando o rumo correto a se seguir<sup>33</sup>.

O positivismo trabalha o método a partir da ideia de que a objetividade se apresenta pela observação de dados inteligíveis e a indução que neles se assenta. Com efeito, epistemólogos do quilate de Karl Popper, por exemplo, há muito já apontaram negativamente para a indução e a objetividade na ciência. Diante do enunciado popperiano de não se poder derivar premissas universais, tendo como ponto de partida fatos *sui generis*, se repele o indutivismo, na medida que a objetividade no contexto das ciências sociais independe de uma observação pura, e

<sup>30</sup> ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia**, p. 260.

<sup>31</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p. 159.

<sup>32</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 159.

<sup>33</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991, p. 02.

sim, pelo contrário, do contraste entre enunciados e teorias. É preciso submeter a hipótese ao ataque, afinal, o conhecimento científico é inverificável, mas passível de falseabilidade metodológica<sup>34</sup>.

Inobstante o “encantamento” dos ortodoxos com o próprio método, ou da fragmentação da criminologia pela disputa e apropriação de seu volátil objeto de estudo por diversas áreas do conhecimento humano, assim como da descrença diante das limitações encarnadas nas matrizes metodológicas do racionalismo ilustrado e do positivismo científico, ambos redutores de complexidade, ambos reificados, se sabe que a crise é uma pré-condição, sem a qual não emergem novas alternativas<sup>35</sup>.

Desse modo, mesmo que a criminologia tenha abraçado e tornado seu evangelho, métodos completamente inválidos para o estudo das relações humanas, excluindo forçosamente o comprometimento dela com o entendimento e resolução de novas formas de crime e predação, decorrentes de problemas comuns à incerteza econômica e existencial na crise do capitalismo global e da governabilidade<sup>36</sup>, alternativas que resgatem o espírito crítico da pesquisa qualitativa e reaproximem o pesquisador de seu objeto de pesquisa se tornam necessárias.

O conselho de Ricardo Timm de Souza se torna instrumento primordial nesta tarefa: é preciso transformar a crise em crítica<sup>37</sup>. Se estamos diante do fenômeno de fragmentação da criminologia, que nos abracemos à interdisciplinariedade como forma de aproximação do complexo fenômeno humano estudado, e a conjugemos aos métodos da pesquisa qualitativa e do campo etnográfico, com acuidade e critério, para que não sejamos mero contraponto à estatística e ao *survey*, repetindo a mesma radicalização e prisão metodológica<sup>38</sup>. No lugar disto, devemos aplicar a tática esboçada por Stan Cohen em *Against Criminology*: o método essencial de procedimento criminológico não é uma ou outra técnica, mas um contínuo “processo de crítica e incompletude”, onde o “inacabado” ocupa um lugar essencial para

<sup>34</sup> ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia**, p. 260.

<sup>35</sup> KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 107.

<sup>36</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p. 157/158.

<sup>37</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção do sentido**: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 30.

<sup>38</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p. 166.

negociar o próximo momento<sup>39</sup>.

No que toca especificamente ao objeto, optei por explorar autores e metodologias reflexivas de um contexto interdisciplinar. Frente à universalidade dos fenômenos humanos, seria incoerente restar atrelado a dogmática. Uma ação pode ser inadequada, independente de quem a tenha praticado ser definido como infrator. Condutas humanas, conforme ou contra as normas, são ocorrências onticamente equivalentes<sup>40</sup>. Basta lembrar os tipos de comportamento desviante conceituados por Becker, através da percepção pelo olhar (ou não) da sociedade, em conjugação com o comportamento ser de fato apropriado ou infrator<sup>41</sup>, para se ter uma pequena amostra de quão intrincado é o objeto. Que se contraponha a sua complexidade, a complexidade na pesquisa. Motivo pelo qual intentei explorar terrenos comuns não só a Criminologia, mas a Sociologia, a Antropologia Social e a Psicanálise.

Nominadamente quanto ao campo criminológico, a proposta vinculada pela criminologia cultural, em crítica à posição ortodoxa, é baseada em análises qualitativas de imagens de amplificação da violência, dos códigos, representações e produtos culturais de grupos urbanos *underground*, da mercantilização e apropriação de seus produtos de estilo pelo *establishment* (apesar de serem considerados *outsiders*), da massificação e relativização da violência e de seu controle como produtos culturais, da influência do empreendedorismo moral e de programas televisivos policiais no senso comum da comunidade, entre outras. É deste método qualitativo que também vamos nos servir. Contra a cultura do fundamentalismo que prejudica a disciplina. Porque é preciso entender que manifestações essenciais do fenômeno humano como significado simbólico e comunicação estilizada, se constituem de correntes culturais que se deslocam perante o crime e o seu controle<sup>42</sup>.

Durante muito tempo os criminólogos ortodoxos desprezaram uma série de produtos culturais, privando-os de uma análise acadêmica séria. Programas televisivos, revistas em quadrinhos, fotografias de cenas de crimes, grafite e partidas de futebol são exemplos: o consenso formado é de que todos serviriam como entretenimento, mas certamente não mereceriam questionamentos tais como

<sup>39</sup> COHEN, Stan apud FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: an invitation**, p. 160.

<sup>40</sup> ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia**, p. 264.

<sup>41</sup> BECKER, Howard Samuel. **Outsiders, estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 31-33.

<sup>42</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 168.

aqueles envolvendo assassinatos, roubos ou crimes econômicos. Em oposição a ortodoxia, Ferrell, Hayward e Young afirmam que deve se entender estes fenômenos da cultura urbana como parte de um processo onde o crime e o seu controle alcançam um significado coletivo, o que faz com que eles coloquem estes “refugos” criminológicos (na estrita visão dos ortodoxos), no centro da investigação criminológica.

Afinal, na visão destes autores: será que as imagens e o argumento das histórias em quadrinhos não podem nos dizer alguma coisa sobre empreendedores morais, delinquência juvenil ou compreensões populares de justiça? Não poderiam os jornais e os programas televisivos que tratam da criminalidade, ajudar a criar o senso comum que enfatiza uma política criminal inadequada? E ao que a esta pesquisa interessa essencialmente e de sobremaneira: a violência organizada que muitas vezes acompanha as partidas de futebol se associa com a masculinidade hegemônica e desloca a lealdade de classe e a violência simbólica do próprio esporte? Se isto for verdade, os produtos culturais desprezados pelos ortodoxos contêm muitas respostas, tanto quanto os manuais de criminologia<sup>43</sup>.

É de se referir que antes da transformação dos fenômenos inerentes à natureza humana em bancos de dados, operada pelos ortodoxos, ou das provocações trazidas pela Criminologia Cultural, pesquisas criminológicas aprimoradas através de métodos qualitativos e etnográficos eram desenvolvidas e exploradas, sobretudo se formos buscar inspiração naquelas realizadas pela corrente funcionalista da Escola de Chicago na primeira metade do século XX.

A estes também devemos prestar atenção. Trabalhos como o de William Thomas e Florian Znaniecki em “O Camponês Polonês na Europa e na América”, onde são qualitativamente analisadas correspondências entre famílias polonesas, se configuram em um belo exemplo da interação metodológica entre elementos objetivos da vida social com a subjetividade dos membros do grupo, antecipando em muito o que iria posteriormente se desenvolver na pesquisa qualitativa<sup>44</sup>. No campo etnográfico, a observação participante de William Foote White e sua obra “A Sociedade de Esquina”, notabilizaram considerável contribuição para o trabalho de campo e produção do conhecimento. Dotado de grande senso de

<sup>43</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 158.

<sup>44</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**. 2. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1997, p. 272-273.

interdisciplinariedade e heterodoxia, Foote White demonstrou que longe de serem “socialmente desorganizados”, os grupos inseridos na localidade de seu trabalho, possuíam um complexo sistema de relações, redes sociais e interações individuais<sup>45</sup>.

Assim, pesquisas criminológicas essenciais como as referidas, nasceram de aproximações idiossincráticas, impressionistas e avessas a métodos disciplinados, que em nada se correlacionam com uma metodologia formal. Se os pesquisadores da Escola de Chicago optavam pelo viés referido, o faziam sobretudo em respeito a seus engajamentos e suas intuições. Algumas décadas depois, o mesmo espírito crítico metodológico se materializou nas pesquisas desenvolvidas por sociólogos como Howard Becker, em *Outsiders* e Ned Polsky em *Hustlers, Beats, and Others*, quando abraçaram a vida marginal dos grupos estudados como forma de conhecer suas predileções (i)morais. O que prova que desde os precursores de Chicago, até a proposta contemporânea dos criminólogos culturais, a criminologia desenvolveu uma tradição de pesquisa engajada e fluída.

Tudo isto me interessou e inspirou na construção desta dissertação. Na tentativa de qualificar o trabalho, especialmente pela opção crítica de não seguir metodologias preconcebidas<sup>46</sup>. Isto porque em conjugação com a pesquisa qualitativa, só através do campo etnográfico poderia me aproximar das experiências “impressionistas, humanistas e artísticas”<sup>47</sup> desenvolvidas por Becker ou Polsky. Seria improvável vê-los abdicando deste viés em nome de metodologias mais ortodoxas<sup>48</sup>. Na mesma medida, seria pouco útil, senão totalmente contraprodutivo, abdicar da observação participante em prol de métodos mais formalizados para apreender o código, as representações, experiências e motivações do grupo de estilo investigado na presente dissertação.

O método praticado por Ferrell na obra *Crimes of Style*<sup>49</sup>, observando por cinco anos de dentro da cena *underground* do *grafitti* de Denver, encarna um

<sup>45</sup> VELHO, Gilberto. O observador participante. In: WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução por Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 9-13.

<sup>46</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p.159-160.

<sup>47</sup> ADLER, Patricia e ADLER, Peter. Apud, FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p.167.

<sup>48</sup> FERRELL, Jeff. Morte ao método: Uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, p.167.

<sup>49</sup> FERRELL, Jeff. **Crimes of Style. Urban Graffiti and the politics of criminality**. 4. ed. Boston: Northeastern University Press, 1996.

exemplo metodológico interessante. Ele proporciona, conforme Paul Willis<sup>50</sup>: “uma sensibilidade para significados e valores, assim como, uma habilidade para representar e interpretar articulações simbólicas, práticas e formas de produção cultural”.

Mas então surge a condição insuperável do tempo.

Por ser afetada pela “instabilidade líquida da modernidade tardia”, onde fenômenos sociais humanos surgem ou desaparecem em um “piscar de olhos”, ou por “pouco mais que um gesto”, dada esta dinamicidade, que modifica ou mesmo desaparece com o objeto pesquisado, tornando inviável grandes períodos dentro do grupo nativo estudado, em resposta a esta incerteza e baseados em trabalhos emergentes e relatos de campo, criminólogos culturais defendem a “etnografia do instante”. As noções pós-modernas de fluidez e ambiguidade levam-nos a reorientar a etnografia para características reflexivas, frágeis e emergentes da vida moderna, diante da imprevisibilidade da conduta humana, em uma nova etnografia da experiência. Assim como Bauman teorizou as longas correntes da modernidade líquida<sup>51</sup>, eles teorizaram a dinâmica pela qual momentos líquidos se convertem em transgressões vivas. É preciso entender a dinâmica da transgressão e então documentar estas situações construídas permanecendo preparado para utilizá-las em circunstâncias excepcionais e momentos de excitação<sup>52</sup>.

Somada a etnografia do instante que captura a velocidade da modernidade recente, a etnografia líquida, também conceituada pelos culturais, encontra uma maneira de fluir pelos turbilhões do sentido, das representações e da identidade, atenta as dinâmicas de desestabilização das comunidades transitórias, imersa na interação de imagens em andamento. Esta sensibilidade metodológica para com a ambiguidade e a incerteza oferece outra vantagem: a habilidade para engajar-se com comunidades ilícitas, nos seus próprios termos, e assim explorar a transgressão como uma fonte de conhecimento perigoso e de possibilidades progressivas. Assim desta forma, a etnografia líquida desloca a trajetória da criminologia cultural para longe da criminologia aplicada nos tribunais tão condenada por Polsky. Não apenas por mover a pesquisa criminológica para fora dos tribunais e de seus registros, mas

---

<sup>50</sup> WILLIS, Paul. Learning to Labour apud FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology, an invitation**, p. 177.

<sup>51</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>52</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology, an invitation**, p. 179-180.

também por movê-la para fora das definições dogmáticas do crime e da transgressão lá estabelecidas<sup>53</sup>.

Particularmente me interessou então, buscando inspiração nestas orientações metodológicas, driblar as limitações do tempo, diante da dinamicidade do grupo de estilo e da imersão na pesquisa de campo, pelos rigorosos, porém necessários prazos de conclusão da dissertação. E assim, tentei me aproximar ao máximo possível da proposta etnográfica dos culturais, sobretudo Ferrell, quando, por exemplo, fez parte da cena do *Syndicate* e mergulhou no grupo de estilo estudado, frequentando a *P. Gallery*, ou compartilhando cervejas baratas com grafiteiros no *Towering Inferno*<sup>54</sup>. Apesar de nossas limitações e em defesa de uma metodologia que nos salve do “afogamento” perpetrado pela “inundação de dados” defendida por dogmáticos e criminólogos ortodoxos, optei pela crítica e mergulhei no grupo de estilo de barra, fazendo parte, sobretudo, da cena da “Geral”. Mas ao cabo de tudo isto, despertou-me o alerta de que o “afogamento” não pode apenas se dar pela “inundação de dados” dos ortodoxos, mas também através de um mergulho profundo demais de quase conversão para a cultura estudada<sup>55</sup>, inobstante as etnografias propostas pelos culturais.

Sem sombra de dúvidas o recado dado por Zaluar serve de critério metodológico na busca do equilíbrio entre objetividade e subjetividade na pesquisa. Também deixa clara a necessidade de que em defesa de uma postura crítica, de complexidade metodológica, e diante das particularidades idiossincráticas das violências específicas da cultura de determinados grupos sociais, não se poderia abrir mão da produção científica nacional. Referências não só pelas pesquisas desenvolvidas por Alba Zaluar e seu grupo, mas também por Gilberto Velho, no que toca a observação participante, e a Maria Isaura Pereira de Queiroz, no registro da informação viva. Afinal, “os nativos são agora cidadãos de seus respectivos países<sup>56</sup>”, onde se torna desafiador o estudo dos novos objetos urbanos, quando como, por exemplo, a “cultura” em foco é juridicamente ilícita e/ou moralmente condenável pelos próprios integrantes da mesma população, classe social ou comunidade.

---

<sup>53</sup> Idem, p. 182-183.

<sup>54</sup> FERRELL, Jeff. **Crimes of Style. Urban Graffiti and the politics of criminality**, p. 21-22.

<sup>55</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 563.

<sup>56</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 557.



### 1.2.2 Trabalho de campo e observação participante

Adotei como ponto de referência central na realização da pesquisa de campo, a observação participante desenvolvida por José Garriga Zucal e outros antropólogos argentinos, além das inspirações etnográficas apresentadas pelos criminólogos culturais e da ancoragem metodológica de Alba Zaluar, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Pierre Bourdieu, optando pelo desenvolvimento da análise qualitativa lastreada nas referências até agora apresentadas, com o acréscimo de algumas peculiaridades.

Foi de aplicação basilar o desafio empírico metodológico proposto por Garriga Zucal, quando este resolveu estudar as práticas violentas, as representações e o código de postura da barra do Club Atlético Huracán, conhecida como *La banda de la Quema*, posteriormente aplicado por Silvio Aragón em sua etnografia junto à barra do Club Atlético San Lorenzo de Almagro; *La Gloriosa Butteller*.

A observação participante de Garriga Zucal possibilitou estabelecer a compreensão de como os nativos do grupo davam sentido as suas atividades, vez que através dela o pesquisador tomou ciência das práticas e ações que afirmavam relevância à suas vidas. Ele avaliou que o trabalho realizado perante a *La Banda de la Quema*, lhe oportunizou conhecer as práticas violentas e as respectivas formas de pensa-las, para então conhecer os elos que os atores sociais estabeleciam através delas. Refere ainda que o ingresso no grupo foi problemático já que não conhecia nada sobre o clube ou onde ficava seu estádio, o que fez com que formasse uma rede de contatos de forma lenta e gradual para viabilizar a pesquisa de campo<sup>57</sup>.

Aragón relata que em seu trabalho decidiu participar “como um torcedor a mais, quase fanático<sup>58</sup>”, por sugestão de Eduardo Archetti<sup>59</sup>, conceituado antropólogo argentino, pioneiro naquele país em investigações científicas envolvendo esporte, manifestações culturais e identidade nacional. Archetti refere à Aragón sobre suas dificuldades em contatar com membros da mesma barra a ser

<sup>57</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**, p. 33-34.

<sup>58</sup> “(...) un hincha más – casi fanático – (...)” ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 20.

<sup>59</sup> Nascido em Santiago del Estero, 1943, falecido em Oslo, 2005. Doutor em Antropologia Social pela *École pratique des hautes études*. Diretor do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Oslo.

explorada, visto que estes lhes pediam dinheiro, ou outras vantagens, sem que lhes dessem informações sobre o objeto investigado. Assim seria melhor permanecer realizando sua observação participante como proposto, deixando de se identificar como pesquisador, para que pudesse trabalhar sem ser observado de maneira diferente, e que não lhes dessem respostas preparadas ante seus questionamentos. Ele teve dificuldades no acesso às informações, sobretudo no entorno da barra, visto que não conhecia ninguém íntimo o bastante para lhe introduzir sem gerar desconfiança. Contava apenas com sua experiência de anos em arquibancadas, o que lhe permitia não levantar qualquer suspeita enquanto participava na torcida, mas tinha de ter precaução com o que fazia e com o que perguntava quando se encontrava no núcleo central da barra<sup>60</sup>.

Neste aspecto em particular tive mais sorte, ao que pese a diferença no que toca a interpretação do código da cultura de barra entre as três torcidas. Mas a observação participante detém uma qualidade essencial por permitir se tomar ciência das formas nativas de pensar as práticas violentas. A partir do conhecimento das formas de honra, prestígio, das ações distintivas, das formas como as torcidas legitimam seus valores e as relações pessoais que estabelecem, se pode produzir uma análise qualitativa que possibilite a compreensão e comparação das ações violentas entre outros grupos e em outras “latitudes”<sup>61</sup>.

Pela apropriação do trabalho de Garriga Zucal, a observação participante desenvolvida na pesquisa de campo foi referendada perante o *locus* da Geral. Participar e observar as atividades cotidianas dos membros da torcida, compartilhando seu mundo social, a fim de poder conhecer suas ideias sobre a violência, suas práticas e as relações pessoais que estabelecem<sup>62</sup>.

A aproximação metodológica também restou possibilitada a partir de identificações pessoais com algumas similaridades no trabalho de Aragón, como a condição comum de estar familiarizado com a cultura de arquibancada ou a afinidade pela equipe cujo grupo de estilo investigado se identificava, o que fez com que percebesse que era possível desenvolver o trabalho por aproximação metodológica, trazendo segurança e confiança para seguir na empreitada. Mas não foi apenas esta peculiaridade que me trouxe tranquilidade, também porque os

---

<sup>60</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 20-21.

<sup>61</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**, p. 37.

<sup>62</sup> Idem, p. 34.

questionamentos que me perturbavam, nasceram graças à proximidade que cultivei a partir do ano de 2006 com os *locus* do grupo, justamente porque ao contrário de Garriga Zucal e Aragón, tinha alguém muito próximo de meu círculo social que me introduzira nas suas cercanias a partir daquele ano, de maneira que não só presenciei com antecipação significativa ao período oficial de observação participante, alguns acontecimentos que estabeleciam comparações com as barras argentinas, como era visto como um torcedor militante da Geral, que muito embora não fosse membro direto da barra, era alguém com referências, “pertencente” a um nicho, este sim onde se encontrava alguns membros efetivos.

Desta maneira estava livre para buscar uma aproximação mais profunda, com base no ideário etnográfico da Criminologia Cultural. Por este viés, decidi pela observação participante até o limiar de alguns limites bens próximos do extremo. Conforme já houvera antecipado, fiz parte da cena da Geral “assistindo” aos jogos com a postura esperada para com um dos seus. “Alentando<sup>63</sup>” à equipe o tempo todo através dos inúmeros cânticos, independente do que acontecia em campo. Subindo em paravalanches “borracho<sup>64</sup>” ou realizando o “descontrole”. Frequentando o “Canteiro”, “a Sede”, o “Bar do Ito”, o “dos Borrachos” ou o “Brechó”. Praticando alguns de seus rituais e observando outros.

O trabalho de campo foi estruturado da seguinte forma: deslocava-me à Arena em dias de jogos, com pelo menos, em média, cinco horas de antecedência ao horário de início das partidas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, pelos campeonatos gaúcho e brasileiro, copas do Brasil e Libertadores da América, durante o período compreendido entre 1.º de julho de 2015, a 07 de dezembro de 2016. Uma vez lá, me juntava aos subgrupos pertencentes a Geral, contatava com informantes e realizava práticas comuns aos membros da torcida, como confraternizações em via pública regadas a bebidas alcoólicas e assados ao ar livre, onde também eram consumidas além do álcool, outras drogas. Onde eram promovidos “alentaços<sup>65</sup>” e imperava o “descontrole” na medida em que se

---

<sup>63</sup> Alentar deriva de alento. Na cultura de barra significa cantar o tempo todo e exaltar o clube ao qual se pertence com cânticos identitários dentro do estádio antes e no decorrer da partida. Especificamente no transcorrer do jogo, de forma ininterrupta. Principalmente em momentos de adversidade do time.

<sup>64</sup> Expressão similar a bêbado.

<sup>65</sup> O alentaço equivale ao ato de alentar pelo coletivo, mas agregando um fator diferencial: os alentaços podem ocorrer em muitos momentos fora do estádio nos *locus* do grupo, em confraternizações de pertencimento e identidade, a qualquer momento, em qualquer hora ou local.

aproximava o horário do jogo, conforme sua importância ou do estado “pela cabeça<sup>66</sup>” dos nativos.

Durante o decorrer do período, atento ao binômio da observação participante<sup>67</sup>, não me limitava a participar de certas práticas do grupo, como também questionava atores que pudessem me prestar informações e, sobretudo observava o que servisse de nota, utilizando de forma reservada o gravador de meu celular, para que não perdesse o mínimo possível das apreensões que pudessem vir a surgir. Ao final da partida, ainda realizava no gravador um último registro, resumindo o que tinha apreendido, e não deixando de esquecer que muitas situações que para mim, acostumado com a cultura de arquibancada, poderiam parecer triviais, para muitas pessoas estranhas a este universo, careceriam de sentido. Assim ignorava meus “supostos” conhecimentos prévios, questionando minhas certezas, e através deste desapego, reedificava minhas apreensões, para que a descrição e interpretação das manifestações do grupo também se tornassem inteligíveis para pessoas alheias àquele nicho cultural<sup>68</sup>.

Posteriormente, todas as gravações eram degreadas para o caderno de campo. Quando não havia jogos do Grêmio em Porto Alegre, assistia aos mesmos em algum dos redutos do grupo. Locais que, no período referido, também frequentava em dias em que não eram disputadas partidas pelo clube, mas realizadas determinadas confraternizações, quando então repetia o procedimento aduzido.

Em relação à pesquisa de campo, perante o jogo que acompanhei o Sport Club Internacional, repeti a prática mencionada, exclusivamente no que se refere ao horário antecipado com que cheguei ao entorno do estádio. Por apenas ser de minha intenção realizar um quadro comparativo do fenômeno estudado e pela situação de risco e perigo de ser descoberto como alguém ligado ao rival, e, portanto, ao inimigo, optei pela observação silenciosa e discreta<sup>69</sup>. Também repeti o procedimento de registrar o que acreditava ser importante.

Retornando ao trabalho de observação participante desenvolvido junto à

---

<sup>66</sup> Significa o estado alterado de consciência pelo uso de álcool e outras substâncias de natureza psicotrópica.

<sup>67</sup> ZALUAR, Alba. Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 566-567.

<sup>68</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se gana en combate**, p. 22.

<sup>69</sup> ZALUAR, Alba. Violência, cultura e poder. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro regra!** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 25.

Geral, a partir da dicotomia “observar” e “participar”, me sujeitei a proximidade com a experiência de Ferrell, e nos conceitos etnográficos apropriados por ele e Mark Hamm<sup>70</sup>, aproximando-me e apreendendo a cultura do grupo o mais próximo possível da visão de um dos seus membros, imergindo nas proximidades da transgressão do estilo. Enquanto método etnográfico, isto não é novidade. A reconstituição a partir da visão do outro é fundamental para que subjetivismos como o psiquismo ou o “espírito nativo” conceituado por Malinowski sejam “incorporados às regularidades objetivas da estrutura social”<sup>71</sup>. Löic Wacquant em *Carnal Sociology* argumenta que a qualidade da pesquisa depende do mergulho do etnógrafo nas práticas iniciatórias e sua “conversão moral e sensual para o cosmos sob investigação”<sup>72</sup>, o que instrumentalizaria a apropriação das estruturas cognitivas, morais e estéticas daqueles que fazem parte do grupo.

Zaluar contrapõe com o perigoso efeito colateral que esta técnica produz, quando o pesquisador se vê envolvido em ações criminosas de iniciação, onde para ser aceito tem de realizar as mesmas atividades ilícitas investigadas<sup>73</sup>. Cita o exemplo de Dennis Rodgers, que inspirado em Wacquant, tornou-se membro de uma *pandilla* (gangue) nicaraguense, e que apesar de ter adotado ou sido forçado a adotar uma série de padrões de comportamento ilegais que lhe trouxeram inúmeros dissabores, nunca deixou de ser visto como um *chele* (europeu, estrangeiro), o que comprova que entre o investigador e os sujeitos da investigação, permanecem existindo diferenças que os distanciam.

Por receio de que passasse a ser visto como um estrangeiro e perdesse a espontaneidade da ação e das informações do grupo, durante grande parte do tempo de pesquisa não revelei para seus membros quais eram minhas verdadeiras intenções, seguindo a dinâmica adotada por Garriga Zucal, em conjugação com a etnografia estabelecida pelos criminólogos culturais. Até porque, muito embora tenha decidido revelar minhas motivações em um determinado momento, e mediante criteriosa argumentação, a fim de poder praticar determinados rituais exclusivos de

---

<sup>70</sup> FERRELL, Jeff. HAMM, Mark (Eds.). **Ethnography at the edge: crime, deviance, and field research**. Boston: Northeastern University Press, 1998.

<sup>71</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 563.

<sup>72</sup> WACQUANT, Loïc. Body and soul: notebooks of na apprentice boxer apud, ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 563-564.

<sup>73</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 563.

posições hierárquicas específicas da barra e realizar entrevistas semiorientadas com membros influentes, também acreditei que seria fundamental para atestar posturas comportamentais, começar pela inquirição indireta, enquanto era visto como participante efetivo do grupo.

Era preciso, entretanto, adotar um contraponto seguro que me trouxesse de volta à tona, o que encontrei a partir do que Zaluar conceitua como “ética do viajante mediador”. Conforme houvera sido antecipado no esclarecimento inserido no início deste capítulo, a busca da objetividade depende do afastamento, assim como o acesso à subjetividade do grupo pesquisado depende da aproximação. O desafio parece ser saber o momento mais adequado para realizar este movimento de “entrada/saída” do grupo nativo. O momento de passagem de um mundo para o outro, onde o pesquisador “viajante” busca compreender seu campo por antecipação para poder enfrentá-lo. “Saber entrar” e “saber sair” são processos essenciais para efetivar este movimento de postura antropológica. Mantendo-se como o outro e estudando o nativo, o investigador se apropria melhor na diferença. Participar e observar, “ser de lá e estar cá”, “registrar lá e escrever cá”, faz com que o pesquisador “viajante” transite de um mundo ao outro através de seu texto, construindo uma via entre os dois mundos<sup>74</sup>.

Não que os métodos investigativos produzidos pela criminologia cultural desprezem a parcela “observar” do binômio da observação participante.

Criticando quaisquer que sejam as causas históricas que trataram os fatores de afastamento como a base teórica para o estudo empírico da transgressão, Katz demonstra a desnecessidade de construção do trabalho de campo a partir da distância do objeto. Que o importante seria começar pela antecipação, pelo primeiro plano, pela aproximação, tentando descobrir empreitadas transgressoras comuns ou homogêneas e testando explicações para as etapas necessárias pelas quais as pessoas constroem e dão forma ao proibido. O autor esclarece que se tomarmos como comprometimento de pesquisa primário, uma exploração do fenômeno distintivo da transgressão, talvez se possa produzir não apenas pedaços ad hoc de descrição ou uma coleção de provocações pitorescas, mas uma teoria que explique ao nível individual, o processo causal de comprometimento com a transgressão. Finaliza seu raciocínio argumentando que isto contará para o plano conjunto das

---

<sup>74</sup> ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana**, p. 566-570.

frequentes correlações documentadas com os fatores de fundo biográficos e ecológicos<sup>75</sup>.

Reportando-se ao plano conjunto das correlações documentadas com os “fatores de fundo”<sup>76</sup>, Katz está assumindo seu papel de observador que retorna da “viagem”, e quando refere a exploração do “fenômeno distintivo” da transgressão, está dizendo mais: que sabe o momento mais apropriado para “sair”. O que confirma a assertiva de Zaluar, quanto à necessidade do pesquisador primeiro conhecer seu campo por antecipação, para posteriormente confrontá-lo. Ou seja, primeiro deve “saber entrar”, para depois que realizou suas apreensões, “saber sair” e então enquanto ente diverso ao grupo, passar a instrumentalizar a hipótese levantada.

Neste sentido a observação participante me foi bem produtiva, e consegui acompanhar alguns episódios relevantes para a construção das hipóteses que suscitei, inclusive quanto ao código que move a lógica e as relações do grupo de estilo. Era chegado o momento de “sair” do grupo. Alguns detalhes são dignos de nota.

Tendo passado o período que estabeleci quanto ao sigilo da pesquisa, precisava revelar minhas intenções, para poder pôr em prática, consoante já havia referido, à segunda etapa do trabalho de campo: a realização de contatos mais pontuais, visando às entrevistas e a possibilidade de certas práticas vedadas aos membros comuns. Ocorre que a partir do momento que com muito cuidado referi sobre o trabalho para os integrantes que me eram mais próximos, comecei a perceber certos olhares estranhos, chegando a ser questionado mais de uma vez, sobre o conteúdo da dissertação ou quais eram minhas intenções quando tirava fotos ou operava o vídeo do celular. Já havia tirado fotos e realizado gravações em vídeo antes, mas só agora chamava a atenção. Minha porção de “estrangeiro” acabava de se constituir.

Em um determinado episódio, quando acompanhei um enfrentamento com parcela do batalhão de choque da Brigada Militar<sup>77</sup>, não me furtei de registrar parte do ocorrido em vídeo. Para minha surpresa, dois integrantes do subgrupo pelo qual me introduzi na Torcida, me chamaram de forma reservada, ordenando para que parasse de realizar as gravações de imagens e fotos. Segundo o discurso que

---

<sup>75</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 312.

<sup>76</sup> No original: *Background factors*.

<sup>77</sup> Nome pelo qual é conhecida a polícia militar do Rio Grande do Sul.

utilizaram, eu deveria preservar a “confiança” que havia conquistado para com o grupo, para que não os colocassem em situação constrangedora perante a “família”, que deveria zelar pela posição que tinha estabelecido.

Encarei este momento como sendo aquele que Zaluar se referia, quando argumentava em “saber sair” do grupo de estilo. Já havia apreendido os rituais que achava necessário cumprir. Já acreditava ter vivenciado, dentro dos limites que me propus o momento distintivo da transgressão referido por Katz. Restava efetivar o distanciamento essencial para elaboração do roteiro das entrevistas e começar a produzir a análise qualitativa de dados.

### 1.2.3 Entrevistas e análise qualitativa

O relato oral marca o desenvolvimento do conhecimento humano em todas as épocas. Desde o passado mais longínquo, até o recente da experiência cotidiana. É à base de captação de qualquer espécie de informação e precede quaisquer técnicas de obtenção e conservação do saber<sup>78</sup>.

Conforme já havia salientado, a coleta dos relatos orais para a pesquisa em um primeiro momento foi realizada pela inquirição indireta, onde nela incluí além dos integrantes da barra, moradores do entorno da Arena, repassando tudo que ouvira para o gravador na primeira oportunidade em que pudesse. Agora era preciso definir a técnica, ou melhor: as técnicas de apreensão dos relatos orais de inquirição direta que me propus. Já apartado que estava do convívio com o objeto de pesquisa e visto agora como investigador pelos demais. Com todas as implicações que isto ocasionava.

A escolha dos entrevistados foi feita levando-se em conta a especificidade do tema em questão e de se saber se eles possuíam conhecimentos importantes a seu respeito. Dependendo do que se pretenda revelar, a qualidade do material obtido será proporcional à qualidade dos informantes selecionados. Quanto mais conhecidos do pesquisador, maior a probabilidade dele conseguir um relato elucidativo do que está estudando. Em contraponto, quanto menos conhecido,

---

<sup>78</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991, p. 2-3.



“maior o peso do acaso ou da contingência”, o que torna o relato imprevisível<sup>79</sup>.

Camila Caldeira Nunes Dias, quando estrutura no preâmbulo metodológico de sua tese de doutorado, a importância da escolha dos informantes<sup>80</sup>, reporta-se não só a Maria Isaura Pereira de Queiroz. Acrescenta também a contribuição de Sidney Mintz<sup>81</sup>, para quem a seleção dos entrevistados é crucial para a qualidade das informações obtidas, posto que não é qualquer informante que se demonstra adequado para determinada pesquisa. Seleccionava assim os entrevistados conforme os pontos específicos do tema que procurava investigar. Não só por seus conhecimentos, mas também pela relação que possuíam com ele.

Seguindo a dinâmica proposta por Queiroz, os modelos de coleta do relato oral dividem-se da seguinte forma: entrevistas conduzidas com rigor pelo pesquisador, onde ele pergunta e o informante se limita a responder sem possibilidade de conduzir a conversa; entrevistas com roteiro ou semiorientadas, onde o informante fala mais que o pesquisador, em questões conduzidas por este, que, no entanto, deixa aberta a possibilidade do entrevistado tomar a iniciativa em assuntos específicos; e completando os modelos, as entrevistas livres, onde o investigador, após um breve diálogo, limita de maneira peremptória suas intervenções e o relato se constitui de um monólogo que muitas vezes se aproxima da fala do indivíduo consigo mesmo. Nas entrevistas semiorientadas, portanto, se concede ao informante um certo grau de liberdade, atentando-se apenas para os rumos que ele toma. Apesar da posição de dominação do pesquisador, está é uma dominação camuflada, que dá a impressão ao entrevistado, que de certa maneira esta livre em sua fala<sup>82</sup>. Querendo conjugar simultaneamente a obtenção dos dados desejados, com uma maior liberdade dos informantes, sem perder a condução do procedimento, elaborei roteiros de entrevistas semiorientadas aos integrantes da Geral.

Com este modelo poderia traçar roteiros para a busca dos dados que me interessavam, deixando aberta a expectativa de que a espontaneidade que os

---

<sup>79</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 75.

<sup>80</sup> DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 70.

<sup>81</sup> MINTZ, Sidney. Encontrando Taso, me descobrindo apud DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**, p. 70.

<sup>82</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 58-59.

informantes gozavam, poderia não só me possibilitar a colheita daquilo que se encontrava explícito em seus discursos, mas também do que estava implícito, subjetivamente, pelo arquétipo ou pelo inconsciente coletivo, em uma operação definida por Queiroz como a “técnica da liberdade”. Isto porque no decorrer da entrevista, gozando de autonomia perante o pesquisador, optam pelo que vão declarar, ordenam os assuntos e ditam o ritmo com o mínimo de influência exterior. É nesta autonomia que habita o “ilimitado potencial” do que podem proporcionar<sup>83</sup>.

Outro aspecto essencial para o sucesso da empreitada é a relação estabelecida com o entrevistado, fundamental para a significância das informações pretendidas<sup>84</sup>. Se não existir um nível específico de confiança por parte do informante, suas respostas poderão ser limitadas e talvez impeçam que o pesquisador usufrua de sua vivência<sup>85</sup>.

No que recorre aos integrantes das torcidas, além do processo de aproximação argumentativa e discursivo-dialógica que tive de realizar para possibilitar a concessão dos relatos, havia ainda à posição em que me encontraria no momento de captação da informação mediante inquirição direta.

O pesquisador sempre está em uma posição mais elevada. Possui conhecimento e determinação prévia do que procura. O informante por seu turno buscará a maneira mais adequada para se comportar e responder à demanda, estando tanto quanto o pesquisador, diante de uma interrogação, tentando esquivar-se de situações incômodas, recusando-se a responder, exagerando nas respostas ou simplesmente sendo evasivo. Diante então de sua posição de inferioridade, deve superar o constrangimento para obter confiança e alcançar a narrativa espontânea, o que prova o quão importante é o conhecimento prévio entre os dois. Tanto quanto a simpatia. Além destes antagonismos, havia ainda as imagens estereotipadas que precisei desconsiderar e tentar que desconsiderassem a meu respeito, já que agora era visto menos como alguém familiar e mais como um investigador. Busquei amenizar ao máximo possível as influências nos relatos obtidos, já que estas limitações podem aumentar ou diminuir conforme o modo de agir de quem está à

---

<sup>83</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 75-76.

<sup>84</sup> DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**, p. 79.

<sup>85</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 76.

frente da pesquisa<sup>86</sup>.

No que concerne a imagens estereotipadas, se sabe que inerente ao ofício da pesquisa é a investigação. O pesquisador é um investigador, e no momento em que se trabalha com grupos de estilo que constituem sua cultura e seu código de conduta, a partir de valores particulares legitimados pelo enfrentamento corporal, a parte da sociedade estatal legalmente estabelecida e encarados como transgressores da lei e da ordem, facilmente poderia cometer o erro de colaborar para ser interpretado como o outro a combater, um jornalista investigativo, ou um policial infiltrado, como foi o caso de Garriga Zucal<sup>87</sup>, por exemplo. Ainda mais utilizando procedimentos que para o senso comum do grupo poderiam lembrar a praxe de questionamentos do campo jornalístico ou da inquirição judicial.

No que toca a matriz histórica da inquirição, Carlo Ginzburg revela que ela instituiu uma analogia comum entre inquisidores e antropólogos, e uma ambiguidade em suas implicações, vez que os inquisidores buscavam retirar dados de seus “hereges”, tanto quanto os antropólogos de seus informantes, inobstante a abissal distância de seus métodos e intenções. Aduz que muitas vezes espreitou “por cima do ombro do inquisidor” enquanto consultava processos da Inquisição: “na esperança, que também ele teria, de que o réu confessasse suas crenças”. A solução para esta analogia que fatalmente prejudicaria meu trabalho é dada por Ginzburg através da natureza dialógica. Esta estrutura pode aparecer nas perguntas e respostas tanto do processo inquisitorial, como na transcrição das conversas entre informante e pesquisador. Entretanto, enquanto os processos inquisitoriais se revelaram repetitivos, uma vez que as respostas dos réus não eram mais do que ecos dos questionamentos dos inquisidores, na essência do que é nominado como “atitude antropológica”, reside uma disposição para o diálogo, pelo “confronto” entre culturas divergentes, sendo necessário aprimora-la<sup>88</sup>.

Mikhail Bakhtin foi quem fundou as noções de dialogismo e gêneros discursivos na linguagem, conceitos que em muito contribuíram para a análise crítica

---

<sup>86</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p.83.

<sup>87</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**, p. 35.

<sup>88</sup> GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de Antônio Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 206-208.

do discurso<sup>89</sup>, instrumento erigido por Norman Fairclough, e do qual me vali para fundamentar a disposição para o diálogo com os informantes, sobretudo para com os membros dos grupos de estilo. Bakhtin refere à pluralidade incomensurável das produções da linguagem na interação social, onde cada espaço de uso da língua, conforme suas funções e condições particulares constroem gêneros de enunciados mais ou menos estáveis que dizem muito quanto ao meio social em que foram construídos<sup>90</sup>. Vale lembrar que Foucault entende a linguagem como exercício que configura o social, os objetos e os sujeitos sociais<sup>91</sup>. A análise dos discursos dos torcedores demonstra sua relevância quando efetivada dentro de um contexto amplo que possibilita dar conta dos conteúdos que evocam seus significados<sup>92</sup>. Assim, a apreensão e prévio conhecimento da linguagem dos grupos de torcedores, foi um trunfo para atestar minha confiabilidade e diminuir a concepção do pré-concebido por eles, no que diz respeito aos efeitos da matriz histórica da inquirição, nas estruturas e métodos de percepção e pensamento de membros de um grupo social constantemente em conflito com a polícia e essencializado como “vândalos” pelo senso comum produzido pela mídia de massa.

Foi-me de muita valia também a estratégia adotada por Camila Dias para ganhar a confiança dos informantes<sup>93</sup>. Durante os contatos que fiz, procurava elucidar de maneira bem acessível o objetivo da pesquisa, esclarecendo se tratar de um trabalho acadêmico e que não tinha vínculo com o clube, qualquer meio de comunicação ou instituição vinculada ao Poder Judiciário. Ainda, que era garantido o total sigilo das informações prestadas e que o registro da informação viva só era repassado ao meu orientador, como forma de aferi-lo e a mais ninguém. Apenas quando o entrevistado autorizava, ou quando por sua notoriedade, assim era possível proceder, é que revelava sua identidade. Mais das vezes, em relação aos membros dos grupos de estilo, utilizava-me dos pseudônimos que possuíam sempre os questionando se poderia fazê-lo. Esclarecia ainda o que era o mestrado, a qual

<sup>89</sup> RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 14 e 17.

<sup>90</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 284.

<sup>91</sup> “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.(...)” In: FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p.10.

<sup>92</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**, p. 36.

<sup>93</sup> DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**, p. 79-80.

universidade ele se vinculava e o papel da criminologia no contexto da pesquisa, desmistificando o senso comum de que o “objeto” da criminologia seria o estudo do crime, deslocando a compreensão dos informantes para questões envolvendo a criminalização e o controle social que permeiam os grupos de estilo e a cultura de arquibancada no século XXI.

Apesar disto tive um problema um tanto quanto frustrante. Especificamente no que diz respeito às técnicas de registro da informação viva, deparava-me com o desafio e a preocupação de saber qual delas seria a melhor para captar com precisão e com resultados válidos, o que os informantes tinham a me expor. Sem que no momento da entrevista pudessem recuar em decorrência da própria técnica empregada. Este dilema não é novo e se confunde com a utilização do gravador no trabalho de investigação sociológica urbana no Brasil. Já no início da década de 80 do século passado, Queiroz referia que a técnica mais adequada à finalidade proposta era a entrevista com o gravador, pois o instrumento permitia “apanhar com fidelidade os monólogos dos informantes, ou o diálogo entre informante e pesquisador”, levando a um abandono do registro escrito imediato. Entretanto, aduz que o gravador “também é fonte de inibição para determinados informantes que, ao contrário, podem aceitar o registro escrito”, pois na presença do aparelho “titubeiam, balbuciam”<sup>94</sup>.

Esta fidelidade do gravador para com o registro da informação viva, assim como a preocupação quanto à utilização da melhor técnica, também foram motivos de considerações por parte de Camila Dias, quando trinta anos depois de Queiroz, enquanto realizava sua pesquisa de campo, foi impedida de trabalhar com o aparelho. Em um primeiro momento a autora se viu contrariada porque assim perderia “o fio condutor da narrativa, que engloba os silêncios e hesitações”, sendo obrigada a utilizar o registro escrito. Todavia, em um segundo momento, reprisando o que já havia sido constatado por Queiroz, percebeu que o gravador poderia ser fator de inibição muito severo sobre os entrevistados, impactando o resultado do trabalho. Apesar das perdas na captação do discurso do informante, atingiu com o registro escrito, ganhos consideráveis, visto que assim lhe foi possível abordar assuntos delicados que não seriam passíveis de gravação por oposição do

---

<sup>94</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p 56-57.

entrevistado<sup>95</sup>.

A de se considerar, entretanto, que da mesma forma que o gravador inibe o informante, também sua atenção às anotações do pesquisador em seu caderno de campo, podem intimidá-lo. Conforme Queiroz: “esta inibição tinha por foco o lápis na mão do pesquisador, correndo célere sobre o papel, no afã de nada perder do que estava sendo narrado”<sup>96</sup>. Camila Dias também constatou este fenômeno verificando que as anotações muitas vezes freavam o diálogo, posto que alguns informantes “paravam de falar tão logo eu baixava os olhos para o caderno, anotando suas palavras”<sup>97</sup>.

Com estas considerações e referências, passei a traçar uma estratégia de trabalho que me possibilitasse tentar superar estes obstáculos a partir das apreensões estabelecidas pelas sociólogas. Assim, no momento em que realizava as entrevistas, esclarecia ao informante quanto aos procedimentos que gostaria de adotar, perguntando-lhe se estava confortável em conversar comigo enquanto utilizava o gravador. Se não concordasse, passava a registrar o diálogo pelo caderno de campo. Se mesmo assim se sentisse desconfortável, fazia as perguntas e então eu mesmo as gravava com a própria voz no gravador digital do celular. Meu procedimento era simples: com o caderno a minha frente, explicava sobre o conteúdo do diálogo que iria propor, esclarecendo quanto ao meu interesse em algumas peculiaridades específicas e que para poder registrar com maior precisão as informações, necessitava grava-lo. Quando ocorria a negativa, descontraía a conversa, inserindo as questões que me eram importantes em meio a ela, quando então começava a anotar. Mesmo assim, dependendo dos questionamentos, repetiu-se a inibição no registro escrito, fazendo com que seguisse a prática estabelecida por Queiroz, de encerrada a entrevista, registrar imediatamente no caderno de campo tudo o que a memória guardara do diálogo<sup>98</sup>. Esta foi a frustração.

No que se refere às questões conduzidas no roteiro direcionado aos integrantes da Geral, as separei a episódios marcantes da torcida e de sua história; relativos a testes de hipóteses de seu código de posturas, práticas, representações

---

<sup>95</sup> DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**, p. 52.

<sup>96</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 56.

<sup>97</sup> DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**, p.81.

<sup>98</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 57.

e produtos culturais; rivalidades com outras torcidas e relação com a polícia; relações com a política e os dirigentes do clube; e por último, das impressões pessoais de cada um dos entrevistados sobre o grupo, importância que dispensavam nesta relação, e compreensão do que era a cultura de arquibancada.

Para finalizar os instrumentos metodológicos que utilizei, procedi à análise qualitativa dos dados colhidos em campo e através das entrevistas, bem como também de conteúdos e matérias em plataformas de mídia, internet, jornais e revistas, sobretudo imagens que me pudessem fornecer apreensões significativas sobre o fenômeno estudado.

No que concerne à análise qualitativa dos dados apreendidos pela pesquisa de campo, após o questionamento dos atores, da observação do que servisse de nota e da realização no gravador do registro das apreensões, procedia a degravação dos dados colhidos no caderno de campo. Este procedimento me rendeu 71 (setenta e um) apontamentos do que vi durante o ano dedicado a observação participante que conjuguei com a fundamentação bibliográfica da pesquisa, para posteriormente fundamentar a hipótese criminológica buscada.

Quanto à análise qualitativa das entrevistas, além de me preocupar se as respostas as minhas questões refletiam (ou não) aspectos comuns à cultura originária de barra levantada através de revisão bibliográfica, e ater-me as falas espontâneas possibilitadas pela estruturação semiorientada, no intervalo entre uma e outra inquirição, anotava no caderno de campo os silêncios e as hesitações pelas quais passaram cada informante, conforme as questões que levantava<sup>99</sup>, sendo a anotação destes pormenores, fundamental para não perdê-los.

Seguindo a metodologia da criminologia cultural quanto à análise qualitativa de conteúdos e matérias em plataformas de mídia, de imagens de amplificação da violência, e suas relações com os códigos, representações e produtos culturais dos grupos envolvidos na pesquisa, de sua mercantilização, massificação e consequente relativização, me dediquei a observação de programas esportivos de rádio e televisão, mediante gravação e posterior análise, de sua ressignificação e vinculação com a violência das “torcidas organizadas”.

Procedi da mesma forma ainda em relação a sítios da internet dos grupos de estilo, cânticos das torcidas, sobretudo da Geral do Grêmio, informes publicitários

---

<sup>99</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**, p. 89.

vinculados a publicações do clube, pixos, e sobremaneira, na análise de imagens. Análise de imagens tendo como referência a criminologia visual também defendida pela criminologia cultural. Isto porque a violência pode ou não estar presente na experiência do cotidiano na modernidade recente, mas certamente as imagens estão, sobretudo as imagens de violência. A televisão é prodigiosa nisto.

Imagens de transgressão, vitimização e vigilantismo, também pontuam na internet e pipocam em monitores de computadores e celulares. A liquidez destas imagens vaza de um meio para outro, como através de *downloads*, cruzamento de postagens, vídeos de imagens ilícitas recortadas de suas origens, libertando-as para circular da tela para a rua e/ou para o celular, por exemplo. Liberando-as para tornarem-se parte da consciência coletiva pela qual nós damos sentido a violência e a seu controle. Assim a criminologia só pode se tornar viável por esta assimilação do visual<sup>100</sup>, e isto não poderia faltar no método que me propus.

---

<sup>100</sup> FERRELL, Jeff, HAYWARD, Keith e YOUNG, Jock. **Cultural Criminology, an invitation**, p. 184.



## 2 A CULTURA DE BARRA

*Còmo vas a saber lo que es el amor si nunca hiciste hincha de un club. Còmo vas a saber lo que es el dolor si jamás un zaguero te azotó la tibia y el peroné. Còmo vas a saber lo que es el placer si nunca ganaste un clásico barrio contra barrio. Còmo vas a saber lo que es llorar si jamás perdiste un partido sobre la hora. (...) Còmo vas a saber lo que es solidaridad si jamás saliste a dar la cara por un compañero golpeado vilmente de atrás. Còmo vas a saber lo que es la poesia si nunca tiraste un gambeta. (...) Còmo vas a saber lo que es la música si jamás cantaste haciendo equilibrio sobre un paravalanchas. Còmo vas a saber lo que es la vida, hijo mío, si nunca, jamás, jugaste a la pelota...<sup>101</sup>*

### 2.1 RAÍZES

#### 2.1.1 Matrizes identitárias nacionais: a construção do estilo *criollo*

Refletindo as peculiaridades do campo antropológico na modernidade recente aduzidas por Zaluar, no que concerne ao avanço cultural de redes globalizadas às sociedades nacionais<sup>15</sup>, Eduardo Archetti argumenta que hoje as identidades e os produtos locais estão cada vez mais difíceis de serem discernidos dentro da cultura global, supondo-se que a vida cotidiana dos indivíduos esteja substancialmente mais internacional e dispersa<sup>102</sup>.

Na Argentina a construção de “mundos locais” pelos torcedores de futebol e jornalistas esportivos está ligada às categorias de *pibe* e *potrero*, procedentes de uma narrativa mítica reprodutora de uma tradição nacional, onde sub-repticiamente emerge a lógica da *pampa* e do *gaucho* com outras “roupagens” e “sabores” inerentes ao mundo do futebol. Através dele as ideias de território e pertencimento se redefinem. Ele é uma arena privilegiada para análise da formação da identidade

<sup>101</sup> SAAVEDRA, Walter. **Nunca Jamás**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=hkM2Tq9OEBE>> Acesso em: 08 jun. 2016.

<sup>102</sup> ARCHETTI, Eduardo. El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. In: DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**. Porto Alegre: UFRGS, número 30, jul/dez 2008, p. 259.

nacional e da construção de masculinidades<sup>103</sup>. Tanto o é, que se aplicarmos as considerações de Archetti ao poema do narrador e jornalista esportivo Saavedra, ali as encontraremos. Mas não só elas, como também a cultura de arquibancada reflexiva das práticas e rituais provenientes das barras, o que definitivamente incorpora na construção de identidades e pertencimentos locais por jornalistas esportivos e torcedores, como bem mostra o poema. Isto significa por fim, que a identidade nacional e as masculinidades que foram sendo construídas pelo imaginário popular e pelo jornalismo esportivo, influenciaram em certa medida nas conformações dos grupos de estilo ligados à cultura de barra geridos naquele país.

Esta concepção de pertencimentos nativos ligada às categorias oriundas da história lendária da *pampa* e do *gaucho*, se estenderam também a esportes nacionais de matriz britânica, como o pólo e o *rugby*, agregados à matizes locais. Em 1912, *The Standard*, um dos três periódicos ingleses de Buenos Aires, surpreendia-se com a adoção entusiasta do futebol e do *rugby*, apesar de relatar não ser a prática “tão científica”. A “explicação” para esta preferência em detrimento ao *cricket*, por exemplo, residia no “temperamento” dos jovens nativos: “agressivo, veemente, impulsivo”. E que “correr, golpear-se e empurrar-se como em uma luta contínua, têm preferência sobre a estratégia e o sentido tático”<sup>104</sup>.

A revista *El Gráfico*, até hoje a de maior expressão destinada ao público masculino argentino, refere em 1942, à excursão europeia de 1931 do Club Santa Paula, clube de pólo, comparando-a com a realizada em 1925, pelo Club Atlético Boca Juniors, de futebol. Defendia que as excursões ajudavam a assegurar um “estilo argentino”. Em 1946, aduz que se enxergava na maneira de jogar do Club Santa Paula, influências gauchescas, por seu vigor e até violência, vistas como qualidades eminentemente *criollas* que se forjaram nas tarefas com o gado e na dura lide rural<sup>105</sup>.

Durante a colonização espanhola a *pampa* argentina era povoada por grupos indígenas, gado, cavalos selvagens e *gauchos*, ginetes mestiços que foram

<sup>103</sup> ARCHETTI, Eduardo. El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. In: DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte** p. 259-260.

<sup>104</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**. Santiago del Estero, n. 7, v. 6, jun/set 2005, p. 01. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/exemplar/206663>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

<sup>105</sup> ARCHETTI, Eduardo. **El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino**. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2001, p. 62-63.

convertidos em símbolo nacional de grande significância identitária. O território da *pampa* era produto de uma cultura, a cultura dos *criollos*, dos *gauchos*, indivíduos resultantes do processo de “criollização”, sendo o *gaucho* o híbrido típico, mescla de índio e espanhol. Seguiu-se então um processo de domesticação da “pampa” pela agricultura e produção de gado. Entre os espaços que restaram livres destas atividades agropecuárias, encontrava-se o *potrero*, onde sob a proteção dos *gauchos*, agora convertidos em trabalhadores rurais, o gado e os cavalos podiam pastar livremente. O *potrero* se constitui assim em espaço livre, muito embora domesticado em relação à *pampa* selvagem<sup>106</sup>. A partir de sua conjugação com produtos locais na formulação da identidade nacional argentina, as matrizes socioculturais reportarão ao relato mitológico, como é o caso, por exemplo, do *pibe*, do *caballo criollo* e do *compadrito*. Em práticas desportivas tão diferentes, se encontra a sustentação do nacional, composto por um caleidoscópio complexo e muitas vezes contraditório: tanto aos indivíduos, quanto as dimensões de classe, que parecem incompatíveis. Se o pólo pertence aos *estancieros*, o pugilismo é popular e marginal e o futebol relativamente multiclassista, é por intermédio desta combinação heterogênea que as imagens do nacional se constroem, e o pólo não exclui o futebol e vice-versa<sup>107</sup>.

Sentimentos identitários de liberdade, como a identificação do *gaucho* com o cavalo, por exemplo, em oposição à versão aristocrática do cavalo europeu, dimensionam diferenças. Na Argentina o cavalo por muito tempo foi propriedade das classes populares rurais. O *gaucho* era um homem livre que só tinha a seu cavalo e acesso a carne gorda carneada em plena *pampa*. Entre outras medidas políticas, disciplinar o *gaucho* passou por esportes e passatempos britânicos<sup>108</sup>.

Práticas sociais e culturais relevantes correlacionam-se com a noção de que determinados territórios não só contêm, mas geram e transformam os indivíduos que o habitam. Como representações significativas do nacional e símbolos centrais operam em diferentes níveis, as reflexões que tocam à identidade nacional e à nacionalidade não estão somente vinculadas ao Estado e suas instituições. Dentro desta perspectiva, a fundação mítica do futebol na Argentina é influenciada pelo imaginário da *pampa* e do *potrero*, onde a *pampa* é território dotado de liminaridade:

<sup>106</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 260-261.

<sup>107</sup> ARCHETTI, Eduardo. **El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino**, p. 114.

<sup>108</sup> ARCHETTI, Eduardo. **El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino**, p. 53.

apesar de ser um território único dentro do todo da nação argentina, está inserido à fronteira com outras unidades territoriais similares nas nações fronteiriças. Já o *potrero* é dotado de liminaridade em relação à terra cultivada, pois é uma zona livre onde os cavalos pastam livremente. O *gaucho* se constituía como o personagem deste território fronteiriço dotado de liberdade para dele entrar e sair. A liminaridade dos personagens fronteiriços reforça o grande significado das metáforas de incorporação e exclusão<sup>109</sup>. Isto porque a liminaridade se traduz pela suspensão das obrigações e dos laços de parentesco, referências de poderes místicos, igualdade, loucura, inversão de autoridade, solidariedade e criatividade<sup>110</sup>.

Segundo a argumentação de Archetti, a liminaridade do *gaucho* como um ginete livre e rebelde é repassada ao imaginário do *pibe*<sup>111</sup>, a figura mítica do futebol argentino. Para os argentinos o *pibe* pertence ao *potrero* como o *gaucho* pertence a *pampa*. Este imaginário mítico foi fortemente formado pelo jornalismo esportivo, substancialmente por publicações da revista *El Gráfico*. Segundo Archetti, a influência e autoridade do meio impresso, estabeleceram-se a partir da capacidade de seus jornalistas em escrever e criar este imaginário, quase “a histórico” do futebol argentino, o que serviu de modelo para muitas gerações<sup>112</sup>, como parece ser o caso de Walter Saavedra.

Assim a partir de 1921, *El Gráfico* forma este imaginário através da dicotomia entre os jogadores argentinos, *criollos*, e os ingleses: que até então, por terem introduzido o esporte, ocupavam o cenário do futebol amador de Buenos Aires. A formação do futebol argentino, portanto, primeiramente será inglesa, para depois converter-se em *criolla*, a partir de 1913, com a conquista do campeonato da primeira divisão pelo Racing Club, diante da derrocada da hegemonia britânica do Alumni Athletic Club em 1912, oportunizando a conceituação pelo periódico, que opõe o estilo britânico (maquinal, disciplinar, metódico, com vigor físico e força), ao estilo *criollo*: inquieto, individualista, indisciplinado, baseado no esforço pessoal, ágil, virtuoso e driblador. Deste modo, durante uma partida contra a “máquina britânica”, a resposta tipicamente *criolla* será o *dribbling*, que posteriormente se “criollizará” convertendo-se em *gambeta*, palavra derivada da literatura gauchesca que descreve

<sup>109</sup> ARCHETTI, Eduardo. El potrero y el pibe: territorio y pertencia en el imaginario del fútbol argentino. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 261-262.

<sup>110</sup> TURNER, Victor Witter. **The ritual process**. Ithaca: Cornell University Press, 1969, p. 106-108.

<sup>111</sup> Jovem, menino.

<sup>112</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertencia en el imaginario del fútbol argentino **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 263.

a maneira de correr do *ñandú* (avestruz americana)<sup>113</sup>.

A fundação *criolla* não se trata somente da argentinização de um esporte inglês, e sim uma fundação onde os filhos dos imigrantes latinos passam a dominar a prática. Os nomes dos clubes, após a expansão do futebol, revelam de forma inequívoca este processo, até 1910 predominavam nomes associados a lugares e bairros (Boca Juniors, River Plate, Lanús, Quilmes), ou alusões juvenis (Estudiantes, Argentino Juniors), a partir deste ano, surgem nomes que denotam apego a personalidades nacionais e datas pátrias (Almirante Brown, Vélez Sarsfield, Belgrano, 25 de Mayo, 9 de Julio). Portanto, o futebol opera não só como reflexo do discurso nacionalista e pátrio, mas como uma arena onde é fundado um espaço simbólico, que com o passar dos anos terá importância fundamental na formação dos esteriótipos nacionais<sup>114</sup>.

Afirmado o estilo próprio, Borocotó, jornalista de renome de *El Gráfico* na época, elabora a teoria do drible *criollo*, baseada nas qualidades pessoais dos *pibes criollos*, que jogavam o futebol espontaneamente nos *potreros*, espaços vazios nas cidades, geralmente pequenos e irregulares. O futebol jogado nos *potreros* pelos *pibes*, em oposição ao jogado nos colégios ingleses, necessitava do drible para manutenção da posse de bola, diante da redução do espaço. O *pibe* está em um território mítico que dota de poderes extraordinários de frescura, espontaneidade e liberdade a quem o habita. O *potrero* mais limitado será aquele convertido no *baldío* de subúrbio, espaço entre os edifícios da cidade, onde não entram professores, nem mulheres. Os grandes jogadores dentro deste cenário mítico idealizado pelo jornalismo esportivo e reproduzido pelas massas, seriam os *pibes*, produtos desta liberdade que os permite improvisar e criar, escapando das normas impostas por pedagogos de toda a espécie.

No universo democrático do futebol, quem joga verdadeiramente são os *pibes*, que não estão sujeitos a autoridade de seus pais, que escapam dos colégios e dos clubes, das autoridades e das hierarquias. Um mundo de *pibes* travessos, pícaros e vivos. Os *pibes* são figuras liminares e os *potreros* são territórios onde a criatividade e a liberdade podem ser vividas<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 263-266.

<sup>114</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 04.

<sup>115</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 266-270.

O *pibe* está associado a um conjunto de características que ao mesmo tempo geram e limitam a construção social do esteriótipo. Dele se espera um pouco de caos e desordem existencial. Um *pibe* é criativo, livre de sentimento de culpa, autodestrutivo e eventualmente um mal exemplo para outros jogadores. Geralmente os torcedores tendem a desculpar a escassa moral e responsabilidade social deles. São marcados pela ambiguidade, a ambivalência e pelas contradições, porque o modelo de interpretação está baseado em uma desordem potencial: os *pibes* não se transformam em homens maduros.

O reconhecimento dos elementos liminares permite diferenciar jogadores, corpos e atuações. Os indivíduos liminares se transformam em objetos de identificação, que por sua vez, permitem pensar as diferenças. Este processo é possível porque no modelo do *pibe*, há um conjunto de elementos que limitam a legitimidade do modelo dominante de masculinidade, baseado na razão e na responsabilidade. Os *pibes* são espelhos e operam como modelos que definem um estilo, uma maneira de jogar. A imagem de Diego Armando Maradona representa a essência do que Archetti refere<sup>116</sup>. Para *El Gráfico*, o modelo de jogador de futebol fiel ao estilo argentino surge bastante distante do modelo do *gaucho* e do *compadrito*, onde a coragem, a bravura e a força física são determinantes, apesar de existirem jogadores correspondentes a este modelo, mas que segundo a revista, não são centrais na formação do modelo nacional. A imagem privilegiada do jogador ideal é a de um *pibe*: o autêntico jogador argentino nunca deixa de ser criança<sup>117</sup>. No teatro dramático do futebol, espelhos e modelos se criam e reproduzem permanentemente. Neste processo, identificações sociais e pessoais se fundem de um modo persuasivo e quem sabe, perverso<sup>118</sup>.

### 2.1.2 Informalidade, lealdade e comicidade discursiva na cultura de arquibancada argentina (1925-1960)

Voltando-nos para as arquibancadas, alguns tipos de rituais possibilitam a correlação entre elementos cômicos e trágicos combinados de maneira diferente. O

<sup>116</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte*, p. 273-274.

<sup>117</sup> ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. *Revista Desarrollo Económico*. Buenos Aires, nº. 139, vol. 35, out/dez 1995, p. 440. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3467209>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

<sup>118</sup> ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte*, p. 277.

trágico e o cômico podem apresentar-se como transgressões a certa ordem estabelecida no discurso das torcidas, a partir de seus cânticos. Archetti fundamenta a hipótese de que os primeiros trinta e cinco anos do futebol profissional argentino foram dominados pela configuração de um ambiente de informalidade e intimidade nos estádios, o que corroborou para o domínio dos efeitos cômicos sobre os trágicos. Já a partir do final da década de 1960, os elementos trágicos passariam a ser dominantes, gerando um contexto de discursos, onde a prática da violência se tornará cada vez mais legítima. A correlação entre discursos e performances no futebol, com eventos na sociedade global podem coincidir historicamente<sup>119</sup>, o que não significa que a tradição da informalidade e do cômico desenvolvida na primeira etapa do futebol argentino não tenha se mantido após ele ter se tornado cada vez mais trágico: tanto em suas verbalizações, em seus discursos, como no campo concreto da agressão e da violência das *hinchadas*<sup>120</sup>.

O processo que resultou na profissionalização do futebol argentino começa a partir da década de 1920, consolidando-o como espetáculo esportivo em Buenos Aires, La Plata e Rosário. Os jogos passam a ser transmitidos via rádio, e a célebre excursão europeia do Club Atlético Boca Juniors, em 1925, reafirma o estilo *rioplatense*. Os enfrentamentos das associações organizadas de futebol destas cidades acarretaram no profissionalismo do esporte em 1931. Já se delineavam como potências clubísticas os “cinco grandes” (River Plate, Boca Juniors, San Lorenzo, Independiente e Racing), que contavam na época com 55.000 (cinquenta e cinco mil) sócios. O Estudiantes de la Plata também já se destacava possuindo 8.000 (oito mil) sócios. No cenário internacional, dezenas de grandes jogadores argentinos vão jogar na Europa, dentre eles, parte da equipe vice-campeã mundial de 1930. Em represália, a Associação Argentina de Futebol – AFA boicota os mundiais de 1934 e 1938, sob o pretexto de utilização de jogadores argentinos em outros selecionados, como na Itália campeã mundial de 1934 que tinha quatro argentinos.

A nível interno, como consequência do crescimento dos clubes *porteños*, o futebol do interior é renegado e passa a ser apenas fornecedor de jogadores para os

---

<sup>119</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**. Biblioteca Virtual Ciencias Sociales Deporte, p. 02. Disponível em: <<http://members.tripod.com/bibliosports/biblio.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

<sup>120</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**. Biblioteca Virtual Ciencias Sociales Deporte, p. 07. Disponível em: <<http://members.tripod.com/bibliosports/biblio.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

clubes mais poderosos de Buenos Aires, convertida agora em “capital do futebol e do tempo livre”, com o profissionalismo transformando os clubes em verdadeiras associações de massa, que articulavam grande parte da vida social. Os espectadores do interior passam a *hinchar*<sup>121</sup> por dois clubes: o de sua província e um grande clube da capital federal. Esta hegemonia simbólica e emocional só irá aumentar com o passar dos anos. A fundação *criolla*, com o estilo como um fator de integração, agrega então o que Archetti chama de “fundação emocional”, baseada nas lealdades dos torcedores por algum dos grandes clubes portenhos<sup>122</sup>.

Uma das peculiaridades deste período no discurso dos *hinchas*<sup>123</sup> estava ligada aos hinos dos clubes, que eram cantados antes de uma partida, ou para comemorar uma vitória. Detinham um contexto de identidade com as cores, a camiseta e o bairro e na maioria das vezes um denominador comum: enalteciam o triunfo através do uso de recursos nobres e aceitavam a derrota com dignidade.

As *hinchadas*<sup>124</sup> também colocavam apelidos em seus ídolos, aludindo à características e habilidades dos jogadores, fazendo-os “nascer de novo” através dele, por ser algo que se obtêm, uma qualidade que a bem da verdade define e se mantêm quando os outros aspectos de relevância social desaparecem ou não são conhecidos. Ele converte os heróis em personagens informais e corriqueiros com os quais os torcedores se relacionam afetivamente no mundo imaginário da interação social. O apelido pertence a este campo da informalidade que o mundo formal das relações sociais não permite por respeito às hierarquias e ao status e onde impera a etiqueta social. O mundo discursivo dos hinos e apelidos faz referência a este campo, onde a identidade local e a informalidade se entrelaçam no contexto ritualístico do futebol<sup>125</sup>.

Em 1927, ano em que o Club Atlético San Lorenzo de Almagro sagrou-se campeão, já há em paralelo a referência para a denominação *barra*: relacionada à “um mítico grupo de fanáticos” dispostos a defender os interesses do clube, chamada de *barra de la goma*<sup>126</sup>. Segundo Juan José Sebreli<sup>127</sup>, o nome é alusão à

---

<sup>121</sup> Torcer.

<sup>122</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 05-06.

<sup>123</sup> Torcedores.

<sup>124</sup> Torcidas.

<sup>125</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 04-05.

<sup>126</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 39-40.

<sup>127</sup> SEBRELI, Juan José apud ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 39, nota 14.



espécie de “instrumento” que utilizavam para atemorizar os jogadores e torcedores adversários, a partir do episódio em que torcedores rivais agrediram jogadores do San Lorenzo, especialmente ao atacante Alfredo Carricaberry, que foi ferido com um navalhaço. Aficionados que se reuniam no Café Dante, à Avenida Boedo, 745, decidiram interceder em favor da equipe, não lhes ocorrendo nenhuma outra ideia que não fosse munirem-se com pedaços de borracha, material que lançado com força sobre o torso de uma pessoa causava profunda dor. A partir de então, passaram a “guardar” a equipe, mantendo afastados os torcedores adversários “violentos”, usando como estratégia o posicionamento na “tribuna telhada” do então estádio do clube, localizado entre à Avenida La Plata e Las Casas<sup>128</sup>.

No que toca a rivalidade histórica entre River Plate e Boca Juniors, ela começa a se erigir a partir da construção de seus “modernos” estádios, inaugurados respectivamente em 1938 e 1940, passando a ser dominante da década de 1940, até a atualidade. Em 1941 o River Plate disputa o campeonato com uma equipe extraordinária batizada de *la Maquina*. O simbolismo do futebol argentino então se afirmava através da *gambeta*, como expressão da criatividade individual, e o “passe”, como medida do talento: a coordenação coletiva e o sentido estratégico. O Boca Juniors já havia através da festejada excursão de 1925, consolidado aos “olhos europeus” o estilo argentino de “tocar o futebol”: como um músico toca seu instrumento<sup>129</sup>, a habilidade para o passe e o drible, o domínio absoluto da bola, e “uma certa característica circense, espetacular e artística”.<sup>130</sup> Com a aparição do River Plate de 1941, à metonímia da música de orquestra se soma a da máquina, pois se segue “tocando”, entretanto, agora com grande efetividade, provando que a ideia de beleza pode ser sincronizada, e *la Maquina* passa a ser sinônimo de futebol no imaginário nacional. A excursão europeia do San Lorenzo em 1946 ajuda a confirmar este estilo: “a tática defensiva da marcação e a ciência ofensiva do passe curto”<sup>131</sup>.

Nesta época a utilização de efeitos cômicos pelas torcidas, estava associada a uma situação de violação de uma regra, preferencialmente de uma regra menor. Quando se reconhece esta violação, para que a comicidade permaneça, é essencial

<sup>128</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 39-40, nota 14.

<sup>129</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 06.

<sup>130</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragedia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 03.

<sup>131</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 06-07.

que não se perceba a violação como tal, e por via de consequência se possa festejar que a contravenção efetivamente tenha ocorrido. O efeito cômico não só produz hilaridade, mas também certo gozo que se relaciona em determinada medida com a desgraça de terceiro. O cômico se relaciona com hábitos sociais, costumes e quase nunca se conecta com problemas existenciais fundamentais como vida, morte, amor e ódio, que geralmente estão associados ao trágico.

O cômico então se reflete nos cânticos das *hinchadas*, que remetem a pequenas violações e ao fato de por o “outro”, constituído em uma equipe contrária, um jogador ou diretor técnico, em uma situação inesperada, como por exemplo: enxerga-lo como campeão de “bola de gude” ou de tênis de mesa, ou que as pessoas deixem de fumar, beber ou se matem para ver os grandes ídolos: “(...) *River campeón/River campeón/ de la bolita y del ping pong (...) River, River, River/ dedicate a otra cosa/ andá a buscar la copa/ em el Empório de la Loza (...) la gente ya no come/ por ver a Walter Gómez; la gente ya no fuma/ por ver a Angel Labruna (...) la gente/ se mata/ por ver/ a De la Mata (...)*”.

Assim sendo, elementos cômicos de linguagem dotados de profunda ironia expressam exatamente o contrário, um pressuposto, algo que todos compartilham sem que seja necessária sua exteriorização direta. É óbvio que as pessoas não deixavam de comer, nem se matavam para ver seus ídolos, ou que o River Plate fosse campeão de “bola de gude”. A comicidade refere à informalidade. O efeito cômico detém um aspecto secundário que não se recupera apenas pela semântica: a criação de um ambiente cordial e relaxado subjetivamente interiorizado<sup>132</sup>.

Uma das funções fundamentais da comicidade em um ritual, é permitir que os torcedores se transformem em atores do espetáculo e não somente espectadores de um evento dominado por jogadores centrais. Muitos cânticos abordavam fatos inusitados que ocorriam durante as partidas. Em determinado período, o Club Atlético Huracán apresentava em seu plantel um jogador negro guatemalteco chamado Clark, que era visto futebolisticamente como um estranho. Justamente pela pouca tradição de seu país no esporte. Acabou convertendo-se em objeto de uma “peça burlesca” que enfatizava: “(...) *y ya lo ve/ y ya lo ve/ es el hermano de Pelé (...)*”, em evidente ironia, pois não possuía a mesma habilidade do ícone do futebol brasileiro. A comicidade possibilita então que no cerne da seriedade de um ritual, se

<sup>132</sup> ARCHETTI, Eduardo. *Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos*, p. 05-06.

estabeleça a paródia de uma situação ou evento.

A comicidade é, portanto, um efeito sobre o espetáculo e seu conteúdo dramático. Presente na derrota, em um campeonato perdido ou em uma péssima partida. O humor presente nos cânticos pode expressar a percepção do oposto, como um jogador afrodescendente, nem brasileiro, ou sequer uruguaio, ter destreza para jogar o futebol naquela época. O riso que provocam estes cânticos espontâneos é impregnado com determinada piedade. Nestas situações o sorriso se converte em tomada de consciência do contraste entre a personagem, uma situação, e o contexto inesperado<sup>133</sup>.

### **2.1.3 Masculinidade, sexualidade e desilusão: a ascensão dos efeitos trágicos (1960-2016)**

Na década de 1950 abre-se o mercado europeu de jogadores e a seleção argentina realiza uma excursão pelo continente americano e pela Europa, sendo derrotada pela Inglaterra por 2 a 1, no antigo estádio de Wembley, abrindo discussões sobre o valor do estilo *criollo*. A AFA resolve retornar aos mundiais em 1958. A conquista do campeonato sulamericano de 1957 sobre a qualificada seleção brasileira davam esperanças “do melhor dos êxitos” para o mundial que se avizinhava. Entretanto, talvez em parte por estratégias equivocadas na formação da equipe, muito em decorrência da política isolacionista da AFA, o que se viu foi a prematura eliminação na fase preliminar, em uma derrota humilhante frente à Checoslováquia por 6 a 1, que transformou os jogadores do selecionado em bodes expiatórios pelo fracasso, enquanto os brasileiros sagravam-se como os primeiros campeões mundiais do continente sul-americano.

Críticas internacionais davam conta de que a ausência argentina no cenário do futebol mundial entre 1950 a 1958, foi determinante para a eliminação, já que não haviam se adaptado as mudanças paradigmáticas na forma de se jogar o jogo. O mito fundacional do futebol argentino encontrava-se em xeque. Em meio ao sentimento de insegurança ontológica que permeou este período, provocado pela falta de afirmação da eficácia do estilo *criollo*, uma política de abertura baseada na adoção de novos sistemas de jogo e influências culturais, sabidamente do Brasil, sagrado bicampeão mundial em 1962, é estabelecida, e paradoxalmente na Europa,

---

<sup>133</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 6-7.

Alfredo Di Stéfano, sobrevivente do River Plate da década de 1940, consagra-se como melhor jogador europeu, enquanto outros jogadores argentinos também triunfavam na Itália. O passe e a *gambeta* que eram virtudes do “estilo criollo” se transformavam em um defeito<sup>134</sup>.

O ano de 1958 também é marcado pela ascensão de grupos organizados de torcedores nominados como *barras fuertes*, que já contavam com estrutura, organização, localização e institucionalização<sup>135</sup>. Os anos iniciais da década de 1960 revelarão as primeiras barras organizadas, pagas e com as mesmas características das atuais. No San Lorenzo, por exemplo, entre a atual barra e aquela “legendária banda” de 1927, houveram nas arquibancadas grupos de torcedores dispostos a “alentar sem parar” no decorrer de toda a partida, tanto como locais, quanto visitantes, desfraldar as maiores bandeiras e “atuar em defesa própria”, caso fossem atacados por outra torcida<sup>136</sup>.

Pablo Alabarces e José Garriga Zucal confirmam que o termo *barras bravas* foi cunhado na Argentina a partir do senso comum e dos meios de comunicação<sup>137</sup>, tendo como ponto de partida desta construção, o assassinato a golpes de Héctor Souto, menor de 15 (quinze) anos e torcedor do Racing Club, por um dos líderes da barra do Huracán, no dia 09 de abril de 1967. Héctor teria cometido o equívoco não proposital de ingressar nas arquibancadas destinadas aos torcedores rivais<sup>138</sup>. A partir daí, conforme a visão de Archetti, começa a ascensão dos elementos trágicos sobre os cômicos na cultura de arquibancada nativa, com a evolução da violência ligada ao futebol na Argentina.

Conforme Archetti, com a morte de Héctor Souto “o futebol perdia seu tom amistoso, familiar e barrial”, refletindo a escalada de dominação dos efeitos trágicos sobre os cômicos no etos institucionalizado nas arquibancadas, a partir da interpretação de seus cânticos. No mesmo ano, diante do fracasso argentino no cenário internacional do futebol de então, se passa a gestar uma revolução na forma

<sup>134</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 07-08.

<sup>135</sup> ROMERO, Amílcar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. **Revista Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, nº. 8, ano 2, p. 04. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd8/amilc81.htm>>. Acesso em: 09 mar 2016.

<sup>136</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 40.

<sup>137</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**. Olavarría, n. 9, jan/dez 2008, p. 288, nota 01.

<sup>138</sup> ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004, p. 22.

de se jogar daquele país, a partir das conquistas do campeonato local em 1967, e das Copas Libertadores da América e Intercontinental pelo time do Estudiantes de la Plata do técnico Osvaldo Zubeldía, cuja filosofia pragmática de jogo encarnava no então jogador Carlos Bilardo. Expandem-se as transmissões televisivas e a multiplicação de partidas e o peso da televisão frente ao rádio, passarão a dominar o desenvolvimento do futebol no país.

O paradigma tático introduzido por Zubeldía defendia o coletivo sobre o individual, a força sobre a técnica e um determinado “maquiavelismo” atuando sobre estes princípios, corroborando para outra ética no futebol: o trabalho e a disciplina a serviço da vitória, o triunfo e o êxito sobre o jogo bonito, sendo necessário então arregimentar outros homens, outros jogadores aptos a porem em prática a nova concepção. Segundo “El Gráfico”, os “futebolistas-*pibes*” são substituídos pelos “futebolistas-homens”. O jornal *La Nación* refere que as partidas do Estudiantes de La Plata pela Libertadores da América e Intercontinental, eram planejadas como “duelos fragorosos, pródigos em incidentes e ações antidesportivas”. Aparecia outro estilo identitário então, que não era o “velho estilo *criollo*”. Outro estilo identitário latente na distinção entre o futebol “alegre e artístico” e o futebol “sério e eficaz”. Outro estilo identitário que também será convertido em tradição nacional com as conquistas do Estudiantes de la Plata e outros que o sucederão, usando a mesma metodologia<sup>139</sup>.

Então na elaboração deste novo ideário refletido pelos meios de comunicação, se sobressaem associações com a disciplina, a organização, o pragmatismo e a guerra, elementos que possuem relação com o universo masculino adulto, em oposição à picardia, a alegria, e certa irresponsabilidade, inerentes ao universo infanto-juvenil masculino.

Se formos evocar personagens da narrativa lendária e ideal dos mundos sociais masculinos argentinos, sabidamente a figura do *gaucho* e do *compadrito*, a bravura, a coragem, e a resposta pronta aos desafios se constituem de virtudes essenciais para o reconhecimento público e a defesa da honra e do respeito<sup>140</sup>. Há uma probabilidade de que a insegurança proporcionada pela falibilidade prática de resultados do mito inerente ao *estilo criollo*, encarnado no *pibe*, e suas *gambetas*,

<sup>139</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 08-09.

<sup>140</sup> ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Revista Desarrollo Económico**, p. 421.

tenham aberto perspectivas para que os torcedores nas arquibancadas buscassem novas referências identitárias, onde a imposição de significados comuns à masculinidade adulta em detrimento a infanto-juvenil e referências limítrofes de sexualidade, são reproduzidas de maneira trágica.

O futebol possibilita uma determinada interpretação do etos de seus participantes, e assim, da expressividade e do estado dos sentimentos coletivos. Como drama, como ritual dramático, ele implica a presença de significados que remetem à polarização de significados. Primeiramente, símbolos referenciais aos ciclos de reprodução de uma sociedade, como a sexualidade, o ato sexual, o nascimento e a morte. E em um segundo momento, a constituição de importantes parcelas da identidade de um grupo social específico.

Tomando como referência estes aspectos, o futebol deve ser compreendido como um ritual aos homens e aos “projetos de homens”: os adolescentes e os meninos que assistem aos jogos com seus pais. É neste ritual que se traça uma ordem e um mundo exclusivamente masculino. E é neste etos formado nas arquibancadas, no ritual que envolve o futebol, que o trágico irá se impor sobre o cômico no canto das *hinchadas*, levando a uma série de questionamentos existenciais como a identidade de gênero, a vida, a morte, bem como a expressão de sentimentos profundos de amor e ódio. O efeito trágico é afirmado em um cântico, quando há uma descrição e um comentário explícito a uma regra que não deve ser transgredida, e as consequências da violação geram penalidades perturbadoras para quem o permite. Resistir à violação da regra do grupo possibilita manter a identidade com ele e assim diluir problemas existenciais. Desta forma, através deste discurso moral trágico instituído pelas *hinchadas*, se demarcam limites entre o que é, e o que não é aceitável, dicotomias maniqueístas entre o que é bom e o que é ruim, e os atributos positivos e negativos do padrão idealizado de masculinidade<sup>141</sup>.

O que surpreende é que a ideia de maturidade masculina que separa homens e meninos e institui hierarquias e identidades, é umas das constantes nos discursos de arquibancada a partir do momento de domínio da tragédia, em coincidência com a ascensão do pragmatismo do futebol, que visa o resultado acima de qualquer sonho de pureza infanto-juvenil do estilo.

---

<sup>141</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 08.

Dentre os discursos evocados no mundo simbólico das *hinchadas* argentinas, encontra-se o “tradicional *hijos nuestros*”<sup>142</sup>, um cântico que refere a relação de paternidade, onde o filho remete a seu pai, seja ele conhecido ou não. Quando uma torcida se refere à outra deste modo, fazendo menção a uma relação entre os clubes, se atinge o efeito desejado de desprestígio e menosprezo por simbolicamente transformar-se o outro em filho ou em bebê, por se pressupor que assim perdem sua autonomia e a capacidade de comportarem-se como verdadeiros homens.

Na situação memorada pelos *hijos nuestros*, a relação entre pai e filho não é simétrica, com compreensão e respeito mútuo, e sim apenas de subordinação. Não se espera de um filho a vitória ou a rebelião, e sim que aceite a soberania, o poder e as ordens do pai, que por seu turno goza de um status de autoridade, respeito e poder. Um desses exemplos pode ser retirado dos seguintes cânticos: “(...) *calamar, calamar, calamar/ ya sabemos que te vas para la B/ te lo dice tu papá/ que se llama River Plate (...) vamos, vamos los villeros/ vamos a ganar/ que nacieron hijos nuestros/ hijos nuestros morirán (...)*”. Outro cântico exalta à falta de maturidade, autonomia e independência, transformando o outro em bebê, pois assim o fazendo as *hinchadas* retiram a condição de adultos das rivais, a condição de homens independentes e autônomos, sendo exemplo: “(...) *River tenía un carrito/ Boca se lo quitó/ River salió llorando/ Boca salió campeón y vea, vea, vea/ que cosa tan fulera/ ahora los de River/ toman leche y mamadera (...)*”<sup>143</sup>.

Em 1973, César Luis Menotti, enquanto técnico do Huracán, leva o clube a conquista do campeonato nacional, elevando-o ao posto de técnico da seleção argentina a partir de 1975. Ele consegue que a Argentina finalmente afirme-se como “grande nação futebolística”, ganhando a Copa do Mundo de 1978. Sua metodologia é completamente antagônica a do Estudiantes de la Plata, inaugurada por Zubeldía, e afirmada por Carlos Bilardo, que a partir de 1972, se torna técnico do clube em que brilhou como jogador. Menotti declara para *El Gráfico* em 1977, que em suas equipes: “o talento e a habilidade devem sempre predominar sobre a imposição e a força física”<sup>144</sup>. O Huracán de Menotti retoma as origens do mito fundacional do futebol argentino, onde qualquer intenção de correlacioná-lo com a organização, o

<sup>142</sup> “Filhos nossos”.

<sup>143</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 8-9.

<sup>144</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 09.

trabalho, a disciplina “industrial” e a “orientação maquiavélica” defendidas por Carlos Bilardo, fazem com que o resultado seja visto como uma anomalia, uma desnaturalização do estilo *criollo*<sup>145</sup>.

Um ano após a conquista do mundial, sob o comando de Menotti, a seleção ganha o primeiro título mundial juvenil, onde se sobressai como jogador, Diego Armando Maradona, com seu repertório de *gambetas* imprevisíveis, *canos*, *pisadas*, *rabonas* e *sombreros*. A presença “onipresente” de Maradona marcará toda a década de 1980. Por quase duas décadas será o jogador que representará as melhores virtudes do estilo *criollo* imaginado em oposição ao britânico na fundação mítica do futebol *argento*. O peso da tradição encontrava sua contrapartida prática e mitológica, colocando com o tempo a metodologia do futebol em um segundo plano<sup>146</sup>.

Em paralelo a exaltação do dom e da destreza que remetiam a picardia da construção mítica do *pibe*, a evocação de elementos trágicos nas arquibancadas, ligados à afirmação da maturidade masculina, seguem ganhando destaque nos discursos das *hinchadas* e também demarcam limites quanto à sexualidade que é utilizada pejorativamente com o fito de humilhar adversários vencidos.

A afirmação do masculino passa pela desapropriação da masculinidade do outro: o vencido, o fraco, o que não é um “homem verdadeiro”, o que se supõe fazer coisas contra sua “própria natureza”. As *hinchadas* criam assim um vasto repertório discursivo onde a construção da sexualidade e de um universo dividido entre “homens verdadeiros” e “não-homens”, homossexuais, torna-se marcante: “(...) *Huracán, Huracán/ por el culo te le dan (...) hinchada, hinchada hay una sola/ hinchada es la de Boca/ que le rompe el culo a todas (...) sol y luna, sol y luna,/ la poronga de Armando/ en el culo de Labruna (...) con cariño, con cariño/ la pija de Menotti/ en el culo de Coutinho (...) vale diez palos verdes/ se llama Maradona/ y todos los de River/ le chupan bien las bolas/ y cuando va a la cancha/ la doce le agradece/ todo lo que Dieguito se merece (...)*”<sup>147</sup>.

O coeficiente comum destes discursos é que a *hinchada* do clube que entoia os cânticos, assim como os profissionais que o defendem, sempre são os verdadeiros machos, os que detêm a capacidade de transformar a *hinchada* do

<sup>145</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 03.

<sup>146</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p.10-11.

<sup>147</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 09-10.



clube adversário ou rival, bem como os profissionais que nele atuam, em homossexuais. Esta relação dialógica tratada entre as torcidas rivais, longe de possuir natureza cômica, se impõe de forma trágica pela violação figurativa da norma de heterossexualidade por um profissional ou pela torcida a qual o *hincha* se identifica. Entretanto a existência da transgressão não suprime a regra de “normalidade” da relação entre sexos diferentes para o agente que viola, e sim unicamente para o violado. Ao que pese uma compreensão psicanalítica, por mecanismos de inversão projetiva unidas com sádicas fantasias de macho, o trágico destas canções constitui um campo discursivo público onde não se trabalha com hipótese individual de motivação profunda.

Ao dramatizarem a sexualidade ao nível coletivo, os *hinchas* constroem um tipo de identidade masculina própria do grupo, que sensorialmente remete as relações homossexuais, e ideologicamente à afirmação da força, da onipotência, da violência e da quebra da identidade do inimigo enquanto sujeito subsidiário. A transgressão pela dramatização da identidade de gênero serve para reforçar a regra. Quando o outro é penetrado e humilhado, a masculinidade se converte em dominação e este fato se opera sobre o que não é permitido. O que se espera da torcida rival é que resista a violação, confirmando sua identidade de *hinchada*, operando a tensão entre o que se quer fazer, o que se pode e o que é permitido, erigindo um campo dramático ritualístico através da tragédia<sup>148</sup>.

Descendo mais uma vez ao campo prático do futebol, o irônico se manifesta quando Carlos Bilardo conquista como técnico, o bicampeonato mundial para a Argentina em 1986, tendo como destaque absoluto, Maradona, *el pibe de oro*, símbolo máximo da habilidade *criolla*. A partir da conquista em 1986, o futebol se consolida definitivamente como espetáculo absoluto de massas na Argentina e passa a subservir de forma plena a globalizada indústria do entretenimento.

O reflexo no repertório discursivo trágico das *hinchadas* será o desencanto e a perda de esperança pela ambição financeira de dirigentes e pela falta de lealdade de jogadores valorizados ou não pelo “mercado”. A afirmação orgulhosa da *hinchada* do Boca Juniors de que Maradona seria propriedade do clube através do cântico; “(...) *lo quería el Barcelona/ lo quería el River Plate/ Maradona es de Boca (...)*”, já havia perdido o sentido após sua venda ao clube catalão em 1982. O tema

---

<sup>148</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 10-12.

dramático da desilusão, da solidão pelo confinamento da lealdade a um clube que na visão do *hincha*, não é correspondida pelos atores principais, aparecem conjuntamente em cânticos contemporâneos, grifando a virtude comum que devem ter os membros da barra em um mundo onde qualquer laço permanente desaparece ou se percebe fugaz<sup>149</sup>.

Neste universo onde se esvai o sentido de pertencimento dos jogadores à paixão clubística, diante das tentações capitalistas do mercado financeiro que toma conta em definitivo do futebol argentino, o apelo discursivo pode se traduzir em cânticos de exaltação à lealdade perante a desesperança como dísticos<sup>150</sup> da *hinchada* do San Lorenzo de Almagro que referem: “(...) *yo quiero al club/ yo quiero a la camiseta/ los jugadores solo quieren cobrar/ los dirigentes nos quieren afanar (...) vamos, azulgranas/ ya no nos importa si perdemos/ lo que queremos son los colores/ ya no nos interesan más los jugadores/ los jugadores, los jugadores (...)*”. Não será coincidência nesta perspectiva a valorização positiva da droga e do álcool como instrumentos de obliteração da desilusão e do sofrimento. Neste sentido, a utilização das drogas deve ser percebida como um recurso dramático, como parte de uma narrativa onde aportar aos extremos é algo possível. A pureza se encontrará no amor as cores, a paixão pela camiseta, a nostalgia por um passado glorioso e o orgulho pelo que se foi e pelo que se poderá ainda ser. A condição de *hincha* encerra todas estas dimensões sentimentais sem as quais não se poderia entender o futebol como uma experiência próxima à catarse<sup>151</sup>.

A importância da análise discursiva dos cânticos das *hinchadas* ao longo da evolução da cultura de barra na Argentina nos permite realizar a conexão entre a ação e os rituais destes grupos, com o significado e os valores mobilizados pelos seus membros e que se constituíram em seu código de conduta, pertencimento e hierarquização.

Paralelamente, pode se deduzir que a polaridade entre os ideários nacionais ligados ao futebol, ou seja, a dicotomia histórica devida à tensão mítica entre sentido e forma, entre a irreverência, habilidade, picardia e alegria de “jogadores *pibes*”, e o pragmatismo, a disciplina militar, a guerra e a imposição do coletivo sobre o individual dos “jogadores homens” de Zubeldía e Bilardo, construíram mundos locais

<sup>149</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 13.

<sup>150</sup> Estilo de compor versos onde as rimas são feitas em estrofes de dois versos.

<sup>151</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 14-15.

masculinos nas estruturais mentais dos torcedores, maximizados pela difusão dos meios de comunicação de massa. Um conhecimento difuso, impregnado de associações não muito firmes que apela aos sentimentos e as emoções<sup>152</sup>, e que estará em conjunto com outros significados e representações, subjetivamente presente no discurso das *hinchadas* ao longo de sua evolução, perfazendo produtos culturais não só inerentes ao grupo, mas representativos da masculinidade nacional ligada ao esporte e em certa medida a eles atrelados na contemporaneidade, como é exemplo o poema de Walter Saavedra colocado no preâmbulo deste capítulo, ou em outras construções de atores do universo futebolístico argentino.

Um exemplo particularmente interessante foi à reação de desabafo de Diego Armando Maradona durante as eliminatórias sulamericanas para a Copa do Mundo de 2010, quando então era técnico do selecionado nacional. Após a classificação da equipe para o mundial, em resposta às críticas que sofria pelo futebol apresentado na fase eliminatória, Maradona declarou em entrevista coletiva para seus críticos que: “(...) *que la chupen/ que la sigan chupando (...) sigan mamando (...)*”<sup>153</sup>. Não se sabe se os críticos eram torcedores do River Plate como no cântico provocativo da *hinchada xeneize* (*se llama Maradona/ y todos los de River/ le chupan bien las bolas*), mas é visível que o apelo discursivo trágico das *barras* lhe serviu muito bem. Outro exemplo envolvendo Maradona ocorreu durante a disputa da Copa do Mundo de 2010. Na oportunidade da entrevista coletiva, ao ser perguntado por um repórter britânico se estimulava carícias entre seus jogadores, o *pibe de oro* fez questão de demonstrar todo o seu estranhamento pela afirmação e frisar sua masculinidade, porque lhe “*gusta las mujeres*”<sup>154</sup>.

Maradona nestes dois exemplos reproduz de forma particular o discurso de identidade masculina própria das *barras*. Sensorialmente remete as relações homossexuais (“(...) *que lo chupen/ y que lo sigan chupando (...)*”), quando lhe interessa romper com a identidade do “inimigo”, impondo aos críticos uma relação de dominação, mas que se afirma viril e heterossexualizada, quando vê sua identidade de gênero e de seus jogadores “ameaçada” pelo repórter inglês: afinal lhes interessam *las chicas*.

<sup>152</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 3.

<sup>153</sup> YOU TUBE. **Diego Maradona: “Que lo chupen y que la sigan chupando” 14.10.09**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=dvbHOVG7h\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=dvbHOVG7h_I)>. Acesso em: 17 maio 2016.

<sup>154</sup> YOU TUBE. **Maradona denies He is gay at FIFA World Cup 2010 press conference**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jicVtHRUu5A>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Quando Archetti trabalha a dominância dos efeitos trágicos nos discursos das *hinchadas* a partir dos anos 1960, declara, entretanto que ela não fez desaparecer a comédia e a informalidade em suas representações na contemporaneidade, diante da complexidade do futebol que torna possível a coexistência entre o trágico e o cômico em seu ritual. É possível enxergar a informalidade e a ternura em diversos dísticos na atualidade: “(...) *en el Este y el Oeste/ en el Norte y en el Sur/ brillara blanca y celeste/ la Academia Racing Club; (...) solo le pido a Dios/ que Bochini juegue para siempre/ para siempre en Independiente/ para toda la alegría de la gente (...); desde que se fue/ nunca más volvió/ che Globito amigo/ volvé, por favor (...)*”<sup>155</sup>.

Em uma sociedade em que há de se *aguantar* a tantas coisas e se corre o risco de perder as ilusões, os *hinchas* afirmam a importância da fidelidade que se manifesta na identificação positiva com o clube. *Aguantar* implica uma certa dose de resistência a dor e ao engano, uma resistência que não leva a uma rebelião aberta, senão que, através de elementos cômicos e trágicos, a um conjunto de transgressões possíveis<sup>156</sup>.

O problema se encontra, entretanto, no efeito que a dramatização trágica causa na construção da identidade do grupo de estilo. Particularmente quando à afirmação da força, da violência e da quebra da identidade do inimigo, passam a se materializar através de enfrentamentos físicos.

Moreira aduz que as barras compartilham com o resto dos integrantes um repertório de canções que além de brindarem apoio ao time, instigam com provocações e desafios, os integrantes da barra rival, através de cânticos em que as declarações de morte aos adversários são um tópico recorrente<sup>157</sup>. Alabarces, Garriga Zucal e Moreira, alertam para a correlação direta entre o duelo verbal que se joga nas arquibancadas, e os combates que ocorrem fora dos estádios entre barras rivais<sup>158</sup>. Archetti argumenta que o futebol é um dos poucos rituais públicos argentinos onde a verbalização pode se transformar em ação e a violência física se

<sup>155</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 12.

<sup>156</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 15.

<sup>157</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**. Posadas, n. 12, mar. 2008, p. 83.

<sup>158</sup> ALBARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. In: DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**. Porto Alegre: UFRGS, n. 30, jul/dez 2008, p. 117.

constitui de extensão no campo prático deste tipo de construção conceitual<sup>159</sup>.

A resistência que se espera da torcida rival quanto à violação dramática do discurso trágico, também vale para o campo prático e se converterá na confirmação do código moral do grupo, definido pelos nativos como *aguante*, que se constitui como núcleo de entendimento de toda a estruturação do grupo de barra e será o objeto central deste capítulo.

## 2.2 ETIMOLOGIAS, TIPOLOGIAS, ESPAÇOS E SÍMBOLOS DE IDENTIDADE

### 2.2.1 Etimologias e tipologias

De maneira geral, se propagou à ideia equivocada de que etimologicamente estes grupos de estilo correlacionados à cultura de arquibancada argentina se nominam como *barras bravas*. Entretanto, a maioria praticamente absoluta dos antropólogos sociais daquele país que se dedicaram a pesquisa de campo envolvendo as torcidas, frisam que a nomenclatura longe de refletir a maneira como os próprios membros identificam os grupos, partiu da construção que o jornalismo esportivo e o senso comum propagaram na sociedade (Cabrera,<sup>160</sup> Garriga Zucal<sup>161</sup> e Gil<sup>162</sup>). Neste particular, inobstante o valor investigativo do trabalho do jornalista Amílcar Romero, o fato de se referir a elas enquanto *barras bravas*<sup>163</sup> reflete a particularidade de redução de complexidades na atuação do campo jornalístico, pela adoção de “idéias feitas” e “lugares-comuns” em suas pautas.

Levados pela predisposição lógica da profissão, os jornalistas selecionam aspectos particulares, em decorrência de categorias de percepção inerentes ao campo jornalístico, operando uma seleção e uma construção do que é apurado<sup>164</sup>. O campo jornalístico deve sua importância ao mundo social por possuir um monopólio real sobre os instrumentos de produção e difusão da informação. Neste sentido a

<sup>159</sup> ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragedia en el discurso de los hinchas argentinos**, p. 12.

<sup>160</sup> CABRERA, Nicolas Eduardo. Uma aproximación etnográfica sobre la hinchada de Belgrano: violencia, identidad y poder em “Los Piratas”. **Revista del Museo de Antropología**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, número 07, abri 2014, p. 359-360, nota 01.

<sup>161</sup> GARRIGA ZUCAL, José. “Acá es así”. Hinchadas de fútbol, violencia y territorios. **Revista Avá**. Posadas, número 9, ago 2006, p. 94.

<sup>162</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: la policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 31, dez 2008, p. 132.

<sup>163</sup> ROMERO, Amílcar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. **Revista Educación Física y Deportes**, p. 05.

<sup>164</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 24-25.

construção do termo *barras bravas* se condiciona ao senso comum produzido através de “ideias feitas” tomadas como verossímeis por qualquer um. São ideias, convencionais, banais e comuns, mas que possuem a particularidade de que quando são aceitas, já estão aceitas. O que faz com que sua recepção não seja questionada. É a propagação de “lugares-comuns” que exercem uma função considerável na conversação cotidiana e detêm a premissa de admissão e defesa instantânea por sua banalidade, o que as torna comuns ao emissor e ao receptor<sup>165</sup>.

A condenação do senso comum e dos meios de comunicação de massa chega a um vetor que se limita exclusivamente a propagação de “lugares-comuns” presentes em expressões de linguagem como *los inadaptados de siempre* ou *las bestias*, em detrimento a uma análise mais profunda e comprometida cientificamente com a busca de uma solução concreta para o problema, como a compreensão de pertencimento a um grupo de pares, de um complexo sistema de honra conexo a violência e da solidariedade entre membros nativos do grupo, esquecendo que a visibilidade que estas práticas adquirem, muito se dá pelo destaque e páginas que ganham nos próprios meios de comunicação de massa, quando mostram as formas de estilo que os distinguem, embora de forma condenatória<sup>166</sup>.

Do mesmo modo, as instituições do Estado responsáveis pelo controle social formal, propiciam processos de criminalização que reduzem a complexidade de um fenômeno que está longe de aceitar definições e explicações simplórias<sup>167</sup>. Assim os funcionários públicos que deveriam estabelecer ações concretas para a prevenção destes fenômenos, entendem as práticas violentas como casos excepcionais produzidos por um pequeno grupo de *locos*<sup>168</sup>. Este exercício de grifar a violência e seus praticantes como elementos anômalos ao espetáculo futebolístico gera uma dupla representação: individualiza como “violentos” a um grupo pequeno e exclusivo de sujeitos, centralizando a observação sobre uma só manifestação da violência em detrimento de outras, e prioriza uma concepção dos sujeitos praticantes das ações

<sup>165</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 40-66.

<sup>166</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verônica,. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 125.

<sup>167</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: la policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 132.

<sup>168</sup> GARRIGA ZUCAL, José. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**. Quito: FLACSO, n. 8, set 2009, p. 102.

violentas como irracionais<sup>169</sup>.

Já as categorias nativas utilizadas pelos atores sociais pertencentes a estes grupos de estilo, remetem a nomes como *hinchada* e *barra*<sup>170</sup>. Então efetivamente os membros nativos nominam seus grupos não como *barras bravas* e sim a partir de autodenominações nativas como *la hinchada*, *los pibes*, *la banda* e *la barra* (Alabarces<sup>171</sup> e Garriga Zucal<sup>172</sup>). Aliás, conforme já havia referido era comum a palavra *barra* desde 1927, em referência à *barra de la goma*, assim como a nomeação de *barras fuertes* a grupos organizados que entre outras atividades a partir de 1958, protegiam e escoltavam quando seus clubes jogavam em estádios visitantes, por exemplo.

Outra diferença remete aos significados de *hinchada*, do sufixo *hincha* e do verbo *hinchar*. Enquanto *hinchada* é uma das categorias nativas para *barras*, a palavra *hincha* possui um sentido mais amplo. Foi utilizada pela primeira vez na América Latina como designação para um apoiador da equipe uruguaia do Club Nacional de Football, de Montevideo, chamado Prudêncio Miguel Reyes, que se encarregava de inflar, ou, *hinchar* balões “com a força de seus pulmões” e quando o clube competia, apoiava a equipe com palavras de alento, a partir da beira do campo.

Então tendo como ponto de referência este núcleo fundador etimológico no Uruguai, se massificou nos países de língua espanhola na América Latina, a palavra *hincha* como sinônimo daquele “que acompanha e alenta a um conjunto desportivo, especialmente de futebol”. Apesar de remeter a ideia de ser o *hincha* um apoiador da equipe, o que realmente corresponde ao termo, seus significados não se esgotam aí. Pode também ser a designação para um jogador que responde de maneira entusiástica as atividades de sua equipe e faz o que for necessário para que ela se inteire de sua presença e de seu apoio, fazendo-se visível perante os

<sup>169</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 114.

<sup>170</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 80, nota 01.

<sup>171</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. Identidades corporales: entre el relato y el aguante. **CAMPOS – Revista de Antropología Social**. Curitiba, ano 8, nº.1, 2007, p. 160, nota 2.

<sup>172</sup> GARRIGA ZUCAL, José Garriga. “**Soy Macho porque me la aguanto**”: **etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino**, p. 01, nota 01. Disponível em: <<https://eduardogalak.files.wordpress.com/2012/04/05-garriga-aguanteymasculinidad.pdf>>. Acesso em: 25 jul 2016.

demais<sup>173</sup>. O termo *hinchar* acabou por ser sinônimo de “apoiar”. Um apoio que muitas vezes pode ser intenso e ultrapassar a visão primeira que temos sobre o ato de torcer, remetendo-nos a outras diferenciações que são necessárias de se conceituar tipologicamente.

Dentro da antropologia social argentina, Eduardo Archetti<sup>174</sup> foi o primeiro a realizar uma tipologia do aficionado pelo futebol frequentador dos estádios platinos. O curioso é que foi o antropólogo social chileno, Andrés Recasens<sup>175</sup>, professor honorário da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Chile, quem estendeu estas tipologias, quando estudou as barras chilenas. Aragón replica e adapta a classificação de Recasens a partir da observação participante às arquibancadas argentinas em que esteve. As tipologias dos indivíduos que concorrem a este espaço então se formam através das diferenças entre três espécies de grupos, que se identificam pelo seu comportamento e por sua “razão de estar” nos estádios. Assim como por sua participação ativa, passiva ou não participação em fatos ligados à violência no futebol.

O primeiro dos grupos seria o dos espectadores. Aqueles que se deslocam aos estádios para usufruir de uma partida que se prenuncia como um bom espetáculo esportivo, conforme o currículo das equipes que a disputarão. Não que sejam neutros frente às equipes, mas não chegam a se envolverem em gritos, saltos, “sofrimentos ou alegrias” que o decorrer da partida provoca nos outros grupos.

Já os *hinchas* são aqueles que se identificam com um dos clubes, podem ou não serem seus sócios e o apoiam com seus gritos. Entre eles existem graus distintos de comprometimento com o clube, que pode ser desde uma pequena simpatia, até aqueles que demonstram estarem completamente envolvidos com o que acontece na partida. Aqueles que sofrem de ansiedade pela vitória e gritam gol aos brados. Demonstram nervosismo e medo quando veem o time ameaçado, e quando este sofre um gol, acabam amargurados e desiludidos com o clube<sup>176</sup>.

<sup>173</sup> CASTRO LOZANO, John Alexander. Etnografía de hinchadas en el fútbol: una revisión bibliográfica. **Revista Maguaré**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 24, set 2010, p. 133.

<sup>174</sup> ARCHETTI, Eduardo. Fútbol y ethos. **Series de Investigación**. Buenos Aires: Flacso, 1985.

<sup>175</sup> RECASENS, Andrés. Diagnóstico antropológico de las Barras Bravas y de la violencia ligada al fútbol. **Libros Electrónicos**. Santiago, 1999. Disponível em

<<http://www.facso.uchile.cl/publicaciones/biblioteca/docs/libros/barras.pdf>> Acesso em 10 nov 2016.

<sup>176</sup> RECASENS, Andrés. Diagnóstico antropológico de las Barras Bravas y de la violencia ligada al fútbol. **Libros Electrónicos**, p. 25.



Dentro deste grupo ainda encontramos o *hinchista fanático*, que não é tão radical como um membro de uma *barra*, tanto na arquibancada como fora dela, mas também não é tão passivo como o *hinchista* comum. Detém um discurso que não admite o triunfo do adversário ou fraquezas de sua equipe. A culpa pela derrota será do juiz, do clima, estado do campo de jogo, ou outra elucubração que lhe seja útil para sustentar seu ponto de vista, por mais absurdo que possa ser. Sua vestimenta é completamente identificada com as cores do clube de modo que todos saibam por qual time ele se identifica.

Em seguida aparecem os *hinchistas militantes*, que apesar de fazerem parte da *hinchada*, apenas circundam à *banda*, esta sim a unidade onde se encontrariam os membros efetivos da *barra*<sup>177</sup>.

Alabarces, Garriga Zucal e Moreira, baseando-se no trabalho produzido por Eduardo Archetti, sustentam que os *hinchistas militantes* seriam aqueles que prestam assistência regular e incondicional às partidas de futebol, tanto enquanto locais, como visitantes, demonstrando grande perseverança no alento. Dedicam seu tempo à elaboração da parte festiva da partida e na organização de tarefas a ela vinculadas, o que eles intitulam como sendo *la fiesta de la popular*. Sua função seria de *ponerle color* à arquibancada, expondo “os elementos do ritual”, que envolve a exposição de artefatos e produtos culturais produzidos pela cultura de barra; como globos, cintas com as cores do clube e bandeiras ou “trapos”, que contêm dizeres como o nome do bairro de onde vêm, ou expressões de sentimento incondicional, sendo exemplo: *todas las rutas me llevan a vos* ou *amor, pasión, locura*.

Demonstram interesse em trabalhos de manutenção do estádio e da sede social de suas equipes, bem como na programação de celebrações comemorativas, como aniversários do clube, conquista de um título ou o “dia do *hinchista*”. Em alguns clubes obtêm reconhecimento institucional com a criação de espaços de discussão exclusivamente dedicados aos seus simpatizantes, onde organizam rifas de camisetas e acessórios dos jogadores, a fim de gerar recursos para custeio de entradas e viagens quando a equipe joga como visitante, e adquirir os objetos vinculados ao combate simbólico contra os adversários. Pelas facilidades que possuem ao ingressar no estádio local e pelo compromisso que sentem pelo clube, estes *hinchistas* geralmente também são sócios da instituição. Esta relação associativa

---

<sup>177</sup> ARAGÓN, Silvio. *Los trapos se gana en combate*, p.38-39.

com os clubes se dá através da cobrança de uma cota pecuniária mensal acessível, dando direito ao ingresso de maneira gratuita ao setor popular do estádio, além da participação em atividades que os clubes oferecem<sup>178</sup>.

Para Alabarces, Garriga Zucal e Moreira, o *hincha militante* também é um *hincha fanático*. A diferença em relação ao fanático puro e simples, é que o *hincha militante* também se envolve com os produtos culturais produzidos pela *banda*, ao contrário do “fanático”. Apesar disto, não fariam parte da *hinchada*, esta entendida como sinônimo de “barra”.

As percepções dos *hinchas militantes* revelam um jogo interessante de posições. Eles não se entendem como atores violentos. Ao contrário dos membros das *barras*, quando vivenciam a violência, reagem de maneira passiva, colocando-se na posição de vítimas de um engenho que não podem e não desejam dominar. Apesar disto, culpam como responsáveis pelas medidas repressivas que em sua interpretação, integram um complô destinado a roubar sua paixão e entregá-la à indústria do espetáculo, aos atores institucionais; a polícia e aos dirigentes dos clubes. Sobre esta perspectiva, os *hinchas militantes* compartilham com aqueles que nominam como “violentos”, a defesa comum de um espaço (a arquibancada e o bairro), uma identidade (o time) e uma prática (o ato de apoiar o clube)<sup>179</sup>.

Apesar dos integrantes da *barra* ou *hinchada*, também se reconhecerem como “militantes” e “fanáticos”, congregando com os *hinchas militantes* no alento à equipe e nos cânticos destinados à *hinchada* rival (carregados de imagens de guerra, conquista e sentimento sexual), assistindo com regularidade aos jogos, participando e colaborando na organização de algumas atividades do clube e prestando ajuda em tarefas de manutenção, ao contrário dos *hinchas militantes*, não se associam à equipe: os membros das *barras* recebem entradas gratuitas dos dirigentes de seus clubes para as partidas locais, assim como dinheiro para financiamento dos ingressos e das viagens aos estádios visitantes.

Mas não é só esta a diferença. Há outra de maior importância: ao contrário dos *hinchas militantes*, os membros das *barras* expandem para o plano prático dos confrontos físicos, dos combates, o elemento fundamental do etos da cultura de

<sup>178</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 115-116.

<sup>179</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO-ASDI, 2000, p. 220.

arquibancada argentina. Aquela categoria que se constitui como núcleo de entendimento de toda a estruturação da *hinchada* e que possui múltiplos significados, todos eles remetendo à por em ação o corpo e que etimologicamente leva à palavra *aguantar*, resistir, dar suporte, apoiar e ser solidário<sup>180</sup>.

Howard Becker alerta para o fato de que o mais importante no estudo de comportamento rotulado como desviante, como é o caso dos grupos de barra, são as perspectivas das pessoas que se envolvem serem muito diferentes daquelas que o condenam<sup>181</sup>. Neste sentido, do ponto de vista dos integrantes das *barras*, o que é mal visto e percebido como anômalo é justamente não brigar<sup>182</sup>. A violência inclusive não é um termo nativo dos membros das *barras*, posto que eles qualificam suas práticas como combates ou brigas e nunca referem a participações em “fatos violentos”. Muito menos que sejam violentos, e sim sujeitos com *aguante*<sup>183</sup>. Assim constroem masculinidades que fazem da prática violenta sua carta de crédito, grifando ações distintas e distintivas<sup>184</sup>.

### 2.2.2 Espaços e locus

A cultura de barra esta intrinsecamente ligada a espaços sociais e simbólicos muito bem definidos. Os espaços se constituem na maioria das vezes, além das arquibancadas, dos estádios e de seus entornos, em ruas, bares e bairros de origem dos clubes e/ou de residência dos membros das *hinchadas*, e até mesmo aqueles que dividem com os demais integrantes dentro de um micro-ônibus, quando se deslocam para acompanhar suas equipes como visitantes.

Aliás, existe um espaço específico nas arquibancadas onde se localizará a banda, entendida como o seletor grupo escolhido para tocar os instrumentos nativos, detentores de uma função muito bem definida, que além de se tratar de espaço social de integração entre os nativos, também será constituído de importante espaço

<sup>180</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 116-117.

<sup>181</sup> BECKER, Howard Samuel. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**, p. 28.

<sup>182</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 71.

<sup>183</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 123.

<sup>184</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p.287.

simbólico dentro da cultura de barra. Esta dualidade valorativa entre o social e o simbólico, também se visualiza nos bairros de origem dos clubes ou de seus estádios. Assim se torna imprescindível conhecer estes espaços. Sem esta medida, seria incompleto e contra produtivo o entendimento do fenômeno sócio cultural que envolve estes grupos.

Então para definir os espaços em que se localizam e encontram-se os nativos dos grupos de barra, em primeiro lugar deve se entender a importância dos bairros locais na formação da cultura de arquibancada argentina, tendo em vista que no mínimo 07 (sete) dos grandes clubes nacionais<sup>185</sup> nasceram em bairros da grande Buenos Aires. Os simpatizantes das equipes foram adotando estes bairros ao longo das décadas e construindo rivalidades entre si, o que conformou os “clássicos” do futebol *porteño*. Diferentemente de outros países, o futebol profissional na Argentina se concentrou em Buenos Aires e na província de Buenos Aires, em consonância com a formação do Estado-Nação a partir da “cidade porto”, ocasionando seu crescimento econômico e concentração demográfica. Assim a identificação e as rivalidades com as equipes de futebol possuem relação muito mais direta com os bairros da cidade capital e seus arredores do que com outras regiões do país<sup>186</sup>.

Quando Archetti analisa o futebol e o tango como produtos da cultura de *arrabal*<sup>187</sup> nascida em Buenos Aires a partir da década de 1920, aduz que eles se constituíam nos dois mundos populares da cidade. Especificamente no caso do futebol, por inevitavelmente ele mesclar os prazeres estéticos e os afetos tradicionais dos bairros<sup>188</sup>. A cidade era a maior em expressão cultural no país e os processos de identidade popular não passavam apenas pela política com a construção de partidos e movimentos sindicais. Também a identificação por uma equipe de futebol favorita e predileção por cantores e orquestras de tango específicos se constituíam de atividades importantes. Praticamente cada bairro tinha seu clube de futebol preferido. Alguns deles se transformarão nos grandes clubes

---

<sup>185</sup> Club Atlético Boca Juniors, Club Atlético River Plate, Racing Club, Club Atlético Independiente, Club Atlético San Lorenzo de Almagro, Club Atlético Huracán e Club Atlético Vélez Sarsfield.

<sup>186</sup> ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, número 17, mar/agosto 2011, p. 03-04. Disponível em: <[www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1702.pdf](http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1702.pdf)>. Acesso em: 05 mar 2016.

<sup>187</sup> Subúrbio.

<sup>188</sup> ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Revista Desarrollo Económico**, p. 427.

argentinos na modernidade recente, outros perderão importância com a profissionalização do futebol a partir da década de 1930. Tanto uns quanto outros têm seus estádios, peculiaridade dividida com o futebol britânico, e sua sede social e desportiva. As sedes sociais, em muitos casos com bibliotecas importantes e salas de teatro, irão articular grande parte das atividades culturais e recreativas dos bairros nessa época<sup>189</sup>. Archetti refere ainda que os nomes dos clubes que se formam até 1930, vão conformar referências étnico-comunitárias tanto quanto as associações de tipo assistencial que se multiplicam<sup>190</sup>.

Tomemos como exemplo o bairro de Almagro, ou melhor, especificamente, Boedo: já que este é reconhecido como o “lugar” dos *hinchas* de um dos cinco grandes clubes argentinos que nasceram em Buenos Aires, no caso, o San Lorenzo de Almagro. Como ocorria com grande parte dos bairros de Buenos Aires, Boedo necessitava de uma entidade esportiva que encarnasse os ideais e o perfil socioeconômico e cultural do bairro, e se fosse futebolística, melhor ainda. Esta entidade social, cultural e esportiva restou encarnada no Club Atlético San Lorenzo de Almagro. Em um primeiro momento o espaço de Boedo foi preenchido pela imigração italiana, mas com o passar dos anos e as contingências históricas, a parcialidade do clube foi se identificando fortemente com a imigração espanhola fugida do regime de Francisco Franco a partir dos anos de 1940. Com o tempo a identificação com a coletividade espanhola se formou em definitivo. Mais que com a italiana. Esta situação gerou uma rivalidade muito forte com os seguidores do Club Atlético Boca Juniors, do bairro de La Boca, fundado e culturalmente identificado com imigrantes genoveses que se fixaram às costas do Rio da Prata<sup>191</sup>.

Entretanto a rivalidade territorial clássica que serve de exemplo de um dos clássicos barriais do futebol *porteño* que envolverão o bairro de Boedo e o San Lorenzo, se constituirá neste caso específico, contra o Club Atlético Huracán que possui sede em Parque de los Patricios, um dos bairros vizinhos à Boedo<sup>192</sup>. Em outras situações as diferenças étnico-comunitárias chegaram a forçar a saída de um clube de determinado bairro, diante da falta de identificação econômica e

<sup>189</sup> ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Revista Desarrollo Económico**, p. 425-426.

<sup>190</sup> ARCHETTI, Eduardo. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad**, p. 04.

<sup>191</sup> ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**, p. 06-07.

<sup>192</sup> ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**, p. 14.

sociocultural, como foi o caso do Club Atlético River Plate e seu bairro original, La Boca. Como lá se reproduziram certos padrões culturais genoveses, somado a um enfrentamento típico da história argentina; católicos contra maçons, o clube fundado por maçons de classe média e escassa representação étnica genovesa, terminou abandonando o bairro no qual sempre foi um estrangeiro<sup>193</sup>.

Alabarces *et al*, analisando o processo de tribalização do futebol *argento* na contemporaneidade, aludem que as rivalidades barriais fundadas a partir da cultura de *arrabal*, se radicalizarão até configurarem identidades primárias, quase essencializadas, que desprezam qualquer outro relato de identidade. Citando Romero<sup>194</sup>, grifam que a rivalidade entre bairros se operará mediante o pertencimento a um território definido como barrial, vicinal, pela existência de uma grande quantidade de clubes na cidade, conformando oposições em territórios menores em uma representação micro comunitária, o bairro.

Entretanto, na modernidade recente, a categoria “bairro” passou a ser questionável, posto que apesar da história de formação dos bairros *porteños* que reforça esta integração, contemporaneamente, surgirá um discurso que carrega de significações essencialistas este microterritório, como reserva espiritual e moral, como escopo de descontaminação, um espaço constituído como refúgio para o “local” frente às tensões desterritorializadoras<sup>195</sup>.

As diferenças de pertencimento espacial por referências étnico-comunitárias radicalizadas em identidades primárias relativas às *hinchadas*, poderão comportar a afirmação de masculinidades de grupos de referência, onde incursões em bairros de barras rivais à noite são consideradas demonstrações de paixão, loucura e resistência<sup>196</sup>.

Em outras oportunidades a violência imposta pela cultura de barra poderá se refletir em memória e temporalidade exteriorizadas na apropriação de espaços barriais pela grafitagem, visando eternizar nativos das barras falecidos, como foi o

<sup>193</sup> GIL, Gastón Julián. La pasión según Aldovisi. El “outro” y los combates por la identidad. In: DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**. Porto Alegre: UFRGS, número 30, jul/dez 2008, p. 138-139, nota 1.

<sup>194</sup> ROMERO, Amílcar. **Las barras bravas y la “contrasociedad deportiva”**. Buenos Aires: CEAL, 1994.

<sup>195</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 217-218.

<sup>196</sup> GIL, Gastón Julián. La pasión según Aldovisi. El “outro” y los combates por la identidad. **Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 146-147.

caso de Christian *El Chino* Otero, nativo da banda do Club Atlético Platense, do bairro de Saavedra, falecido em 22 de julho de 2007, em decorrência de um atropelamento após uma briga entre *hinchadas*<sup>197</sup>. Assim em uma apropriação espacial do bairro Saavedra, foram realizados grafites alusivos ao rapaz, em espaços não utilizados pela sinalização viária. Mas não só dele, como de outros nativos da *hinchada*, fazendo com que aqueles que se perderam, perdurem no tempo, ressignificando-se enquanto “mártires”, pois nessa interpretação da cultura de barra, morreram por seu clube, em nome de seu bairro. Assim os *pibes* recordam deles e os mantêm vivos<sup>198</sup>.

Entretanto os espaços sociais e simbólicos, como já havia pautado, não se restringem apenas aos bairros, abrangendo outros locais de pertencimento, como os estádios dos clubes. Nesta particularidade, não há exemplo melhor do que o antigo estádio do San Lorenzo de Almagro, conhecido como *Gasómetro* por causa da forma arquitetônica que detinha e porque supostamente ao gritar-se gol, o som produzido assemelhava-se a uma explosão de gás. Ocorre que hoje em dia o estádio não está mais lá e em seu lugar foi construído um supermercado da rede francesa Carrefour, que apenas guarda uma placa recordatória do velho estádio. Entretanto os diversos bares e comércios que rodeiam a antiga localização do estádio possuem inumeráveis recordações, mantendo viva a identidade daquela localidade com o clube, inclusive na lanchonete do hipermercado, que teve de adotar suas cores, existe uma foto gigante da *hinchada* exibindo bandeiras obtidas em combates. É a única sucursal do Carrefour no mundo que aceitou a mudança<sup>199</sup>.

A perda do estádio foi muito sentida pelos simpatizantes, sobretudo por sua barra. Significou muito mais que a mera perda de um cenário esportivo, e sim de um espaço de comunhão e ritos. Muitos dos laços que se haviam constituído e construído neste cenário se perderam e com eles muitas das estruturas sociais que fortaleciam a identidade do bairro e dos atores sociais que ali atuavam em um movimento qualificado como similar à perda da casa própria por uma família<sup>200</sup>. Hoje

<sup>197</sup> CZESLI, Federico. Morir por Platense. Adversidad y temporalidad como estructuras perceptivas en una hinchada de fútbol. **Revista del Museo de Antropología**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, número 07, abril 2014, p. 387-388.

<sup>198</sup> CZESLI, Federico. Morir por Platense. Adversidad y temporalidad como estructuras perceptivas en una hinchada de fútbol. **Revista del Museo de Antropología**, p. 391-392.

<sup>199</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 48

<sup>200</sup> ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**, p. 08-09.

o San Lorenzo de Almagro manda seus jogos no novo estádio conhecido como *El Nuevo Gasómetro*, a vinte quadras do estádio original. Mas a distância física não é maior que à história do clube, vez que localizado em um bairro estranho sem qualquer característica identitária com Boedo, sendo comum que em campanhas vitoriosas do San Lorenzo, a *hinchada* se desloque até Boedo para festejar “em casa”, em uma cena estranha de se imaginar ao ver-se milhares de pessoas descarregarem suas energias às portas de um hipermercado sob os gritos de: “*Oh vamos a volver.../ a volver.../ a volver... vamos a volver*”<sup>201</sup>.

Estas narrativas confirmam a extensão destes espaços para as barras. Para além deles encontram-se lugares mais específicos que elas escolhem como espaços territorialistas de reunião e confraternização, normalmente uma praça no bairro, mas podem ser também em bares, no entorno do estádio, em estacionamentos. De certa maneira isto demonstra a complexidade que outras subdivisões de pertencimento operam nas barras argentinas, sobretudo pelas origens territoriais. A barra do Club Atlético Huracán, por exemplo, é composta de quatro grupos: Pagola, Barracas (El Pueblito) e *los pibes de la Plaza*. Cada um destes grupos possui um líder, chamado por seus membros de *capo*, e um local de reunião como referi: uma praça, um quiosque, uma esquina onde congregam. Em sua maioria são jovens do sexo masculino que não passam dos trinta anos, com profissões diversas, alguns deles se dedicam a atividades ilícitas<sup>202</sup>.

São nestes espaços, por exemplo, que se dará um dos rituais de confraternização das barras conhecido como “fazer o descontrole”. O “descontrole” difere de descontrolar-se pelos níveis alternativos de consciência, isto significa dizer que os nativos devem drogar-se, embriagar-se, e conformar outra categoria nativa de cunho carnavalesco, conhecida como “fazer a festa”, sem demonstrar níveis de intoxicação que comprometam em demasia o corpo que deve ser resistente<sup>203</sup>.

No caso da barra do San Lorenzo de Almagro, *la gloriosa Butteler*, a simbologia de pertencimento através do espaço físico elegido é bem evidente já que *Butteler* é o nome da praça em Boedo onde os nativos historicamente se reúnem a metros da sede do clube. Só é possível acessa-la por intermédio de quatro

<sup>201</sup> ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**, p. 18.

<sup>202</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 276.

<sup>203</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan em combate**, p. 19, nota 1.



passagens que conduzem a seus vértices. Sua conformação se assemelha mais a uma praça central de uma cidade do interior, do que para uma praça *porteña*. Ali se constituiu o pertencimento geográfico da barra<sup>204</sup>.

Muito embora Boedo seja o bairro nativo de seus integrantes, que se deslocam à praça Butteler horas antes em dias de jogos (ou não) para seus rituais de confraternização, existem aqueles que não pertencem ao bairro, não fazem parte do seletivo grupo da banda, mas vão à praça para tentar inserirem-se nele, algo que é extremamente difícil. Nem todos os membros da *hinchada* fazem parte deste grupo. A praça é também uma referência para os adolescentes e os mais jovens que ali começam a ter seus primeiros contatos com a banda. Em geral todos os integrantes do diferenciado grupo da banda têm uma história em comum com o bairro. O pertencimento à praça sustenta o lugar de preponderância dentro da *hinchada*, graças ao forte laço que une todos os nativos, baseado na confiança outorgada por viver em Boedo, e mais ainda se for às cercanias da praça. A distinção de ser a banda da *hinchada* do San Lorenzo pelo pertencimento ao locus territorial subscrito à praça, é disputada pelos nativos que não dividem este lugar com outras subdivisões da *hinchada* devido à falta de construção de redes de sociabilidade barrial<sup>205</sup>.

Podemos assim dizer que no interior das *hinchadas* se produz um fenômeno de segmentação, a construção de grupos particulares identificados com nomes próprios e organizados, com repartição de papéis e funções, com bandeiras próprias, a partir de eixos identificatórios diversos, geralmente barriais, ou em outros exemplos em situações mais aleatórias<sup>206</sup>, como é o caso do Racing Club, onde um destes subgrupos se denomina *La 95*, simplesmente porque como seus integrantes são procedentes do norte da cidade de Buenos Aires, se deslocam até o estádio do clube pela linha de ônibus de número 95<sup>207</sup>.

A procedência e convivência comum e cotidiana dos integrantes em determinados bairros, fazem com que os nomes destes funcionem como marcas distintivas dos subgrupos dentro da barra e como chancelas de identificação de seus integrantes. É habitual escutar em conversações e situações em que se fala dos

<sup>204</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 48-49.

<sup>205</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 54-56.

<sup>206</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 218.

<sup>207</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 228, nota 10.

nativos ou quando estes se apresentam, associar o primeiro nome ao seu espaço de pertencimento barrial como; José de Villa Domínico, Juan de Wilde, etc. A pergunta: “tu com quem vieste”, é uma forma alternativa de reconhecer a identidade dos membros. Por exemplo, vim com Pedro, permite saber quem é a pessoa que está a cargo do subgrupo do qual ambos pertencem<sup>208</sup>.

### 2.2.3 Artefatos e produtos culturais

Do mesmo modo a cultura de barra esta conectada a simbologias muito particulares. As barras são caracterizadas pela utilização de artefatos míticos e práticas culturais que muitas vezes e em determinada medida, ultrapassam o perímetro social e simbólico nativo, ressignificando-se como produtos da cultura de arquibancada argentina, como é o caso, por exemplo, da reprodução de determinados cânticos por *hinchas* que não são integrantes destes grupos sociais. Estes produtos culturais muitas vezes podem ser inclusive utilizados como apelo de consumo por empresas multinacionais, com a intenção de associação daqueles com os produtos que fabricam e necessitam vender no mercado de consumo de bens e mercadorias<sup>209</sup>.

Artefatos e produtos culturais são importantes como formas de entender as práticas e as representações das barras. O carnaval realizado nas arquibancadas pelas barras e *hinchas militantes* não poderia ser completo sem determinados produtos. O papel essencial exercido pelas barras na festa da arquibancada popular se dá em muito fundamentalmente por estes artefatos e instrumentos musicais que levam aos jogos como dezenas de bandeiras e bumbos para acompanhar os

---

<sup>208</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. *Revista Avá*, p. 82.

<sup>209</sup> Utilizo como exemplos estes dois comerciais da Coca Cola Company. O primeiro explora com hilaridade o temor de um hincha peruano à violência de um grupo de hinchas argentinos, detentores de corpos “gordos” e “grossos”, tipicamente associados à cultura de barra, pelo inusitado fato de ter de acompanhar o jogo de seu selecionado em meio a eles, necessitando conter o grito de gol, sob pena de ser espancado. Disponível em: <[https://youtu.be/WNzEHZ\\_wr\\_E](https://youtu.be/WNzEHZ_wr_E)>. Acesso em 05 mar 2016. O segundo, utilizando também de hilaridade, porém desta vez, menos comprometida na exploração da violência, foca nas raízes passionais da cultura de arquibancada argentina, através do discurso de uma personagem que encarna em um só corpo, a paixão pelos principais clubes do futebol daquele país, através de representações discursivas e corporais nativas das barras. Disponível em: <<https://youtu.be/LGJw03RbH4c>>. Acesso em: 05 mar 2016.

cânticos dirigidos pela *banda* no centro da arquibancada<sup>210</sup>.

Quando os bumbos adentram as arquibancadas acompanhados de quem os protege e os primeiros sons chegam ao interior do campo, toda a hinchada se põe de pé porque sabe que os bumbos estão fazendo um chamado aos seus. O “bumbo” se destaca entre os instrumentos musicais das barras, sendo um instrumento de percussão comumente utilizado na Argentina em manifestações populares e atos políticos.

O bumbo é reconhecido como o coração da banda. Ele indica aos integrantes o que devem fazer no decorrer da partida. Ordena as ações e sem ele não há possibilidade de coordenação de coreografias e cânticos. Seus compassos regem quando os cânticos começam e quando devem ser trocados, assim como ditam o ritmo de palavras de ordem e quando se deve saltar. Em momentos eufóricos como quando o time faz um gol e os integrantes perdem a noção do que estão fazendo, é o bumbo que retoma as coisas e as coloca no devido lugar. Normalmente são manuseados por jovens que se encarregam de tocá-los durante as partidas. Os veteranos ficam com os maiores. As vezes eles se revezam, mas a tarefa de percuti-los sempre é dada a um grupo seletivo, pois seu manejo implica um status especial entre os membros da barra<sup>211</sup>. Além dos bumbos as bandas dispõem de outros instrumentos como os pratos (que podem ser fixados na parte superior dos bumbos) e repeniques. Também utilizam instrumentos de sopro como trompetes e trombones.

Os trapos são artefatos de extrema importância e simbologia dentro dos grupos. “Trapo” é o conceito nativo etimológico para bandeiras. Que podem ser das mais variadas formas e tamanhos, necessariamente com as cores do clube. As mais características e utilizadas por todas as *hinchadas* nos estádios de seus clubes, são muito longas e estreitas e são fixadas do alambrado que separa a arquibancada popular do campo, até o alambrado mais alto da arquibancada. São operadas pelos membros da banda, que as utilizam para equilibrarem-se em cima das paravalanches, de onde dançam e cantam de costas para o campo. Esta atitude serve de estímulo para que os demais integrantes cantem e gritem no decorrer de toda a partida. Enquanto uma das mãos agarra a bandeira longa e delgada, dando

---

<sup>210</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 117.

<sup>211</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 60-61.

sustentação ao corpo, a oposta em certas ocasiões pode agitar uma bandeira de mão, ou sombrinha. Deve se ressaltar que neste espaço de destaque, não é qualquer um que sobe. É um local reservado apenas para poucos. Como a banda chega às arquibancadas instantes antes da entrada em campo dos times, aparecendo de forma espetacular para que todos a vejam, as paravalanches enquanto isto estão “ocupadas” por outros *hinchas*, que usufruem por breves instantes de “dirigir a *hinchada*”. É comum então que ao serem avistados por integrantes da banda, sejam repelidos de forma muito truculenta e retirados deste espaço.

As bandeiras de mão, que possuem diferentes tamanhos e se diferenciam dos bandeirões das torcidas organizadas brasileiras. Geralmente são produzidas com tecidos leves para que facilitem seu flamular. São vistas em conjunto no deslocamento da *banda* no ritual de entrada e posteriormente são agitadas incessantemente no decorrer do jogo, no espaço central da arquibancada popular onde a banda se localiza. A distribuição destas bandeiras é feita de maneira muito rigorosa pelos integrantes da *barra*, que atentam de dá-las apenas a indivíduos conhecidos, são contadas durante o intervalo de jogo e ao final da partida. A perda de uma destas peças é considerada uma infração grave, e muitas vezes, pode ser confundida como roubo por integrante infiltrado de outra *hinchada* rival<sup>212</sup>.

As sombrinhas se incorporaram em momento posterior às bandeiras de mão na cenografia das arquibancadas, mas de maneira semelhante a estas, ingressam junto com a banda no momento de seu ritual de entrada. Chegaram a ser proibidas em decorrência de já terem sido encontradas facas e outros objetos cortantes em seu interior para momentos de combate com outras barras, quando se encontravam fechadas<sup>213</sup>. Outra espécie de trapos são as bandeiras fixadas nos alambrados, muros e muretas, ou nos costados que dividem o campo das arquibancadas. Estas geralmente possuem inscrições alusivas aos locais de origem de seus donos, agradecimentos e juramentos de amor eterno ao clube, frases de canções de bandas de rock ou outras formas musicais<sup>214</sup>.

Os trapos se constituem dos artefatos de maior simbologia da cultura de barra, sendo comum à intenção de seu roubo pelas *hinchadas* adversárias durante

---

<sup>212</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p.58-59.

<sup>213</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 63.

<sup>214</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p.59.

combates entre as barras. O roubo das bandeiras outorga prestígio segundo os ditames da cultura de barra. Estas peculiaridades fazem parte de um código não escrito, porém respeitado por todas *hinchadas*. Segundo Aragón, até o ano de 1997, quando a prática foi proibida na Argentina por incitação à violência, as bandas adentravam nos estádios com seus trapos, bem como com aqueles subtraídos das *hinchadas* rivais durante os combates. Estes eram dispostos nas arquibancadas de forma transversal, de modo que a barra adversária pudesse vê-los. Procediam também a queima dos trapos roubados<sup>215</sup>.

Perder os trapos em mãos inimigas provoca um estado de humilhação que os integrantes da barra definem: “como se te arrancassem um pedaço de vida, do corpo. Então te agarras a socos, a pedras, ao que seja para que isto que te pertence siga pertencendo-te”. Os integrantes tomam precauções para que isto não aconteça. Guardam os trapos em lugares seguros e quando os transportam aos estádios visitantes, o fazem em automóveis particulares que acompanham os ônibus da banda. Roubar os trapos das outras barras fazem os nativos se sentirem superiores e triunfantes no duelo que continuará em instâncias futuras, porque os ofendidos planejam estratégias para recuperar o que foi perdido e ao mesmo tempo roubar os trapos de seus inimigos. As bandeiras roubadas da barra adversária são conhecidas como troféus de guerra que se expõem nas arquibancadas com a intenção de humilhar os seus proprietários. Pela lógica de honra da barra, toda humilhação necessita uma pronta reparação, e o resultado disto é uma sequência constante de desafios e contra desafios entre as forças antagônicas do campo das *hinchadas*<sup>216</sup>.

Existem também os telões que são bandeiras gigantescas que as barras abrem sobre as cabeças, em toda a extensão das arquibancadas populares em uma manobra de muita destreza, pois estes telões podem possuir dimensões superiores a 70 (setenta) metros de largura por 40 (quarenta) de comprimento e há uma disputa entre as *hinchadas* para saber qual delas fará o telão maior e mais bonito<sup>217</sup>.

Todos estes trapos e instrumentos musicais adentram as arquibancadas com seus distintos possuidores, membros honorários da banda, em um ritual peculiar e comum na cultura de arquibancada argentina. A entrada da banda com seus trapos e instrumentos é sem dúvida alguma, um momento extremamente

<sup>215</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p.59-60.

<sup>216</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p.84.

<sup>217</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p.63-64.

ritualizado. Normalmente ela começa uma hora antes do jogo dentro da arquibancada popular, mas não na sua localização final. Ali os membros da barra começam a congregar, saltando, cantando e fumando maconha. Saúdam-se e esperam que outros integrantes cheguem com os primeiros “atados” de bandeiras de mão. Depois surgem os bumbos e os repeniques. Muitos saltam, gritam e se empurram. O ar começa a se tornar pesado, o calor aumenta (mesmo no inverno) e se chega a um ponto onde é impossível não ter contato físico com quem está ao lado. Logo em seguida chegam os líderes, que se não gostam de alguém, ou desconfiam de que possa ser um infiltrado, o expulsam do grupo<sup>218</sup>.

Depois desta verificação do espaço físico efetuada pelos líderes, são distribuídas as bandeiras de mão que devem ser constantemente agitadas, sob pena de serem sacadas de quem as manipula que será devidamente ofendido pela postura e expulso do local. Assim é comum que nestes momentos, homens de confiança dos líderes fiquem observando a postura dos integrantes para analisar se tudo está “bem”, ou seja, conforme deva se esperar para membros de uma barra.

Por fim chegam os instrumentos de sopro, a música se faz mais estridente e a “festa” se completa. Repartem-se as demais bandeiras, e por último as sombrinhas que nas mãos dos nativos sobem, descem e giram. Uma vez que tudo está ordenado, finalmente os chefes e seus homens de confiança abrem espaços entre os membros e se colocam em destaque, ordenando então que todos conjuntamente, entoando cânticos ao som dos instrumentos, se desloquem ao centro da arquibancada popular. Todos envoltos em um ar que cheira a maconha, álcool, fumaça de sinalizadores e pólvora de foguetes, sob o olhar da polícia que “controla o descontrole”, apesar do resto do estádio, com exceção do espaço destinado aos visitantes, cantarem e aplaudirem o ingresso da *banda*<sup>219</sup>.

No que diz respeito aos cânticos, sua importância para a compreensão da cultura de barra é comprovada pela análise do discurso, já objeto de estudo neste capítulo, mas deve se ressaltar da importância deles nas representações dos grupos de *barra*, afinal, o discurso muitas vezes se torna prático, e a análise discursiva dos cânticos das barras nos possibilita efetuar a conexão entre a ação e os seus rituais, com o significado e os valores defendidos pelos nativos e que configuraram seu código de conduta, pertencimento e hierarquização. Dentro do cancionário das

---

<sup>218</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 65-67.

<sup>219</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 67-68.

bandas se destacam cânticos que são tomados posteriormente como referências e exteriorizam o sentimento de *aguante* de toda a *hinchada* dos clubes, por comumente fazer referências a seus momentos institucionais e esportivos<sup>220</sup>. Assim quando Archetti analisou a diferença entre os discursos trágicos e cômicos nas arquibancadas, nos brindou com uma via enriquecedora para compreender o fenômeno das barras e estendê-lo a outros grupos dentro da cultura de arquibancada latino-americana.

Não poderia por fim deixar de se referir ainda a outro produto cultural comum à cultura de barra que são as chamadas avalanches. Avalanche é a maneira peculiar de comemoração de gols pelas barras na cultura de arquibancada argentina. A menção ao fenômeno de movimentos de massa do relevo terrestre não é à toa, visto que quando o time da *hinchada* faz um gol, os *hinchas* localizados no alto da arquibancada, assim como todos os demais, passam a se deslocar correndo arquibancada a baixo, até a mureta e/ou alambrado que a divide com o campo. Aragón revela este momento em particular, quando realizava seu trabalho de campo:

O gol se produziu e meus pensamentos se fizeram realidade, uma maré humana como um dominó gigante se precipitou contra as paredes e alambrado de contenção da arquibancada, deixando as pessoas esmagadas, outras caídas e muitos de nós que permaneceram em pé, estavam a mercê de se sujeitarem sobre outros com pior sorte<sup>221</sup>.

## 2.3 AGUANTES

### 2.3.1 Diferenciações, distinções e construção do etos

Uma distinção comportamental que agrupa e separa os *hinchas militantes* e os membros das barras entre si e dos demais espectadores em uma partida de futebol, será o reconhecimento por seus pares da posse de um capital simbólico qualificado pela categoria nativa de *aguante*. Uma categoria valorativa complexa, hierarquizante, demarcadora e identitária. Especificamente para serem considerados *hinchas militantes* e/ou integrantes da *barra*, eles deverão tê-lo, deverão ser os

<sup>220</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 61.

<sup>221</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 53-54. *El gol se produjo y mis pensamientos se hicieron realidad, una marea humana como un dominó gigante se precipito contra las paredes y alambrado de contención de la tribuna, dejando a gente aplastada, otros caídos y a muchos que permanecemos erguidos merced a sujetarnos sobre otros con peor suerte.*

possuidores do *aguante*. Quem não tem *aguante*, não será nem *hinchista militante*, muito menos integrante da *barra*. Aliás, conforme Gil; “um *hinchista* sem *aguante*, não é um *hinchista*”<sup>222</sup>.

Para um melhor entendimento do que se expõe, é necessário compreender que o *aguante* insere-se na conceituação bourdieusiana de capital simbólico. Visto ser o *aguante* uma propriedade social e cultural assim percebida pelos integrantes, cujas categorias de percepção inerentes à cultura de barra lhes possibilitam entendê-las, percebê-las e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor<sup>223</sup>. Um bem simbólico que resume a diferenciação social que se fabrica a partir da habilidade para enfrentamentos físicos, um conceito nascido ao final da década de 1990 na América Latina, como marco das teorias culturalistas que enfocam à violência no futebol<sup>224</sup>.

Para se ter *aguante*, será essencial que se utilize o corpo, que se disponha dele. Isto poderá ocorrer de muitas maneiras: alentando incessantemente a equipe<sup>225</sup>, frequentando tanto os jogos na condição de local, quanto na de visitante, suportando viagens e estádios incômodos, resistindo à chuva, ao calor e a ao frio; combatendo através de enfrentamentos físicos com as *hinchadas* rivais ou a polícia.

Os *hinchistas militantes* concebem o *aguante* vinculado estritamente à fidelidade e ao fervor, estabelecendo assim, um significado de termo que os diferencia dos membros da barra. Eles definem o *aguante* na participação ativa do aspecto estético performático na arquibancada: o desfraldar das bandeiras, a compra e o uso de artefatos pirotécnicos, a criação e entonação dos cantos. O sacrifício da viagem até os estádios, o gasto: o tempo empregado é a inversão que dá conta do vínculo afetivo que os unem com o clube.

Esta fidelidade é provada a todo tempo, portanto, através dos sacrifícios que eles realizam, percorrendo grandes distâncias, superando dificuldades econômicas, suportando condições climáticas desfavoráveis, tolerando os resultados adversos e

<sup>222</sup> *Un hinchista sin aguante no es un hinchista*. In: GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 133.

<sup>223</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Campinas: Papius, 2014, p. 107.

<sup>224</sup> CZESLI, Federico. Morir por Platense. Adversidad y temporalidad como estructuras perceptivas en una hinchada de fútbol. **Revista del Museo de Antropología**, p. 390.

<sup>225</sup> O alento é um dos produtos culturais comuns no universo da cultura de arquibancada argentina. Alentar significa apoiar a equipe com palavras de carinho, incentivo, ordem e brio. Alentar também é sinônimo de entoar cânticos de incentivo à equipe durante todo decorrer do jogo, sem interrupção, com exceção ao intervalo da partida.



abandonando os compromissos particulares. O fervor define para eles seu *aguante* e tem relação com cantar e se mostrar apaixonados pelas cores do clube. Ou seja, os *hinchas* militantes não colocam em prática os enfrentamentos físicos dentro dos parâmetros válidos do *aguante*<sup>226</sup>, na concepção da cultura de barra. Eles implementam no plano material outras práticas de valor e reconhecimento, onde o fervor e a fidelidade os tornam, em sua exclusiva perspectiva, como “honoráveis possuidores do capital” e onde a violência não faz parte do contexto de construção do *aguante*<sup>227</sup>. Estas particularidades serão internamente interpretadas como distinções em relação aos demais espectadores. Qualidades nativas qualificadas como “ir a todos os lados” e “alentar sempre”.

“Ir a todos os lados” expressa a fidelidade com a equipe. Aqueles que apesar das condições desfavoráveis assistem às partidas sem se importar com adversidades por vicissitudes esportivas, climáticas ou por grandes distâncias. Em determinados momentos esta lealdade os leva a milhares de quilômetros para verem os jogos de seus times ou os impõe o alento de forma incondicional, inobstante contínuas derrotas ou eventuais rebaixamentos para divisões inferiores do futebol argentino. “Alentar sempre” remete a devoção. *Hinchas militantes* e integrantes da banda são os únicos espectadores que durante todo decorrer da disputa esportiva, saltam e cantam, incentivando sua equipe sem se importar com o resultado<sup>228</sup>.

Estes são os tipos de atitudes que os *hinchas militantes* reclamam para si como sendo “aguantadoras”. Uma peculiaridade da categoria nativa do *aguante* restrita a estas abnegações em prol do clube: percorrer enormes distâncias, alentar a equipe mesmo que não jogue nada e sem se importar se ganha, empata ou perde, postergar e abandonar compromissos pessoais e suportar condições climáticas adversas nas arquibancadas. A regra essencial do *aguante* é: maior ele será, quanto maior for à adversidade ou dificuldade atravessada e resistida por eles ou pela equipe que suportam<sup>229</sup>. Portanto esta definição de *aguante* entendida pelos *hinchas*

<sup>226</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José Garriga. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p.277.

<sup>227</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.121.

<sup>228</sup> GARRIGA ZUCAL, José. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**, p. 103.

<sup>229</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.117.

*militantes* se constitui conforme já referido, de um conceito restrito que não possui a mesma abrangência e plenitude daquele entendido pelos integrantes da *banda*.

A diferença se encontra na expansão da categoria nativa para o plano prático das brigas e dos confrontos. Apesar dos *hinchas militantes* considerarem como *aguante* o fervor e a fidelidade a seus clubes de coração; os integrantes das barras determinam e definem o *aguante* pelo enfrentamento corporal<sup>230</sup>. A tendência à luta e a participação voluntária dos lutadores, permite grifar a distinção entre os *hinchas* que pertencem à banda e os *hinchas militantes* do mesmo clube que se afastam deste tipo de conflito<sup>231</sup>. O *aguante* constrói os nativos como “verdadeiros homens”, distinguindo-os dos “putos”, diferenciando os participantes daqueles que se identificam como homens, mas não usam da violência como prova de sua masculinidade<sup>232</sup>.

O que começa nas arquibancadas por intermédio de uma variada gama de atitudes e comportamentos codificados em termos de rivalidades, integrando a *hinchada*, os *hinchas militantes*, e até outras categorias de espectadores, materializadas através de cânticos e/ou movimentos corporais, tais como que arquibancada canta mais, ou que barra desfraldou mais trapos e bandeiras, se transforma em algo que ultrapassa o plano gestual, visual e corporal, pois nestes embates as barras se percebem não só como grupos separados e diferentes senão também como grupos opostos e hostis.

Toma forma então um jogo agonístico que tem como objetivo a supressão e a submissão dos adversários nos enfrentamentos físicos que os membros das barras denominam de combates. Salvo poucas exceções, os enfrentamentos não se desenvolvem dentro dos estádios de futebol, mas sim em seus arredores, antes e depois das partidas, ou em outros espaços públicos, como as estações de trem e praças ou nas ruas e estradas onde as barras se cruzam, em certas ocasiões de forma accidental. Nestas brigas os protagonistas afirmam que “se plantam”, ou seja, permanecem fixos no lugar para atacar e esperar o avanço do inimigo. Plantar-se é uma ação valorada positivamente que se opõe a ação de correr da situação de luta.

<sup>230</sup> GARRIGA ZUCAL, José. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**, p. 104.

<sup>231</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.122.

<sup>232</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p. 40.

O ganhador destes combates é o grupo que provoca a debandada do adversário e permanece firme, plantado, no lugar da contenda<sup>233</sup>.

Para se obter o *aguante* então, se deve “parar”, “não correr”, “ir à frente”. O que foge, o que corre, não tem *aguante*. É o corpo, instrumento de luta contra rivais e companheiros, que assegura a identidade com o grupo de pares, é a ação, a prática, o elemento que delimita o de fora e o de dentro, que marca um antes e um depois.<sup>234</sup>

Desta maneira para os membros das bandas, apesar de “alentar sempre” e “ir a todos os lados” serem ações que eles utilizam, e compõem elas parte do capital simbólico do *aguante*, este não será constituído apenas por estas práticas, mas fundamental e incondicionalmente pela violência física. Este será o sentido dominante para eles. O *aguante* forma o etos das barras. Hierarquiza por distinção, identifica por sua posse e se materializa apenas pelo confronto físico. Ou melhor: pela atitude do ator social perante a eminência e ocorrência do combate. Somente a partir daí ele se configura ou não enquanto capital simbólico.

As práticas das lutas e dos enfrentamentos corporais sustentam a possibilidade do *aguante* edificar um sistema de valores, um sistema moral e um marco de percepção do mundo, restringidos ao *locus* do futebol. A identidade construída no *aguante* está assim consubstanciada pelo comportamento nas experiências físicas: uma identidade prática que organiza um discurso de distinção, uma moral distinta e distintiva. O *aguante* é uma categoria prático moral que estabelece pelo confronto físico, o que é permitido e proibido, aceitável ou inaceitável. Nestas brigas as *barras* demonstram o conhecimento de técnicas corporais de luta e o manejo proveitoso de instrumentos de combate (garrafas quebradas, pedras, paus, facas ou armas de fogo). O ato de “plantar-se” é a forma nativa de expressar a atitude meritória do lutador que enfrenta o perigo quando o pode<sup>235</sup>.

O *aguante* relaciona práticas violentas e masculinidade. Ele é disputado através do corpo. Os *pibes* devem possuir corpos “aguantadores”. Os membros das *hinchadas* concebem que “põem o corpo” em jogo nos confrontos. As lutas corpo a

<sup>233</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 83-84.

<sup>234</sup> ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 277.

<sup>235</sup> ALABARCES, Pablo, MOREIRA, María Verónica, ZUCAL, José Garriga. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta, p. 118.

corpo são denominadas de “mano a mano”. Ao rival vencido “se corre”, expulsando-o do campo de batalha. Ao que permanece desafiador, se “põe o peito” ante sua investida. Assim o corpo se transforma no elemento que permite valorar as habilidades para combate dos *pibes* lutadores. Os integrantes das bandas afirmam que conhecem qual dos oponentes possui mais *aguante*, e portanto, qual é mais “macho”<sup>236</sup>.

Entretanto, *aguantar* é diferente de apenas saber brigar. Isto porque o *aguante* não se interpreta exclusivamente pelo desenvolvimento de técnicas e habilidades de luta, mas também pela capacidade de suportar a dor sentida pelos golpes e danos produzidos no corpo: os lutadores devem saber bater, mas também apanhar e resistir. A resistência transforma os integrantes em lutadores valorosos que não se amedrontam perante combates desiguais seja por estarem em menor número ou pela maior força combativa dos rivais. Independente destas situações, para terem *aguante* devem “por o peito”, inobstante o resultado da luta. Se esta se demonstrar desfavorável, os membros que “puseram o corpo”, que enfrentaram a luta com coragem, conformam a possessão da virtude que os distingue. Aqui também se constitui uma regra análoga a dos *hinchas militantes*: maior será o *aguante*, quanto maior for a dificuldade resistida nos combates corporais, seja pela força ou pelo número dos inimigos<sup>237</sup>.

Ele configura uma forma peculiar de honra, já que enaltece comportamentos e propriedades determinadas como honráveis e desencoraja as definidas como desonrosas. Ele conforma na construção do etos da cultura de barra o bem simbólico mais importante, definindo as identidades dos integrantes pela ação violenta<sup>238</sup>.

Assim se marcam hierarquias e se operam distinções entre os integrantes das *hinchadas*. Aqueles que se tornam distintos por seus feitos, galgam posições de prestígio e categoria dentro da banda, são os possuidores do *aguante*. Aos que são vistos como covardes: por amedrontarem-se durante combates de maneira

---

<sup>236</sup> ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**. Olavarría, n. 9, jan/dec 2008, p.277-278.

<sup>237</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.118-119.

<sup>238</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.120.

injustificada, por fugirem ou terem um trapo roubado, punições são aplicadas. Muitas vezes severas. Estes além de serem interpretados pelos demais membros como não detentores do *aguante*, passam a encarnar a oposição desta categoria nativa; a dos “putos”.

Nas representações das barras se constitui um modelo binário reducionista: “macho” é o que avança ao combate, indo à frente. O “puto” é o que não tem *aguante*, que foge, teme o encontro corpo a corpo, mano a mano. Desta forma, *los pibes* se distinguem daqueles homens que não possuem os atributos que fazem o “macho”. E assim em suas visões antagônicas, não o sendo, se aproximam do feminino, por isso “putos”. Cada grupo designa quais são as virtudes masculinas para acender ao pódio da virilidade: para as *hinchadas* é o *aguante*. Os homens “não-machos” por essa carência. O outro, é o que foge do enfrentamento, considerado como “puto” por não poder provar seu *aguante*. Este é o único instrumento da virilidade. Nas lutas corporais, os *pibes* põem em jogo o corpo, demonstrando seu *aguante*, e assim o seu pertencimento a um mundo masculino de pares<sup>239</sup>.

Conforme já referi, além de fixar a identidade do pretendente à integrante da barra, na medida em que prova seu *aguante*, com o decorrer de participações valoradas em conflitos com outras *hinchadas* e com a polícia, bem como pela maneira como se comporta nas arquibancadas, ele ganhará prestígio e poderá pretender ascender na banda. Inclusive ser um de seus líderes. Muito embora não seja o *aguante* o único requisito para tanto, é o requisito incondicional. Isto somente é possível através dos mecanismos de distinção, da amostragem e exibição do *aguante*. As estratégias de distinção são relacionais e contextuais. Conforme cada contexto determinado e cada espécie de relação social se utilizam mecanismos distintos de diferenciação. Em alguns casos é necessário o uso da violência física e em outros apenas é preciso cantar uma canção ou referir a uma briga<sup>240</sup>.

Da mesma maneira, quem não prova seu *aguante* poderá além de sofrer castigos físicos, ser banido do grupo. Negar apoio nos combates, não arriscar a vida em defesa das bandeiras e em nome da barra, correr quando não for necessário, são ações que recebem uma punição não só porque repercutem no

<sup>239</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 278.

<sup>240</sup> GARRIGA ZUCAL, José. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**, p. 105.

desenvolvimento do confronto, mas também porque os transgressores mostram atitudes contrárias as defendidas e estimuladas dentro do grupo. O temor, a debilidade e a covardia encontram-se em oposição às atitudes e ações positivamente valoradas, geradoras de orgulho e satisfação, as quais estão unidas à manifestação de valor, coragem e força dos *pibes*. No que concerne às sanções nativas pelas condutas desaprovadas, estas variam conforme a transgressão: pode ser uma simples reprimenda por parte dos chefes, uma surra dos demais integrantes ou a expulsão do grupo<sup>241</sup>.

Assim os confrontos operam como “instâncias de apreciação e avaliação dos *hinchas*”, que tratam de desempenhar o papel que lhes é esperado. A harmonia ou não dos comportamentos nos enfrentamentos físicos com o valor social estabelecido pelo grupo como correto, conduz, portanto, à um tratamento específico: prestígio do reconhecido e humilhação do excluído<sup>242</sup>. Identidade, distinção, humilhação e exclusão.

Pode se aduzir então com tranquilidade, conforme já havia antecipado que a mera participação no conflito físico ou as habilidades dos lutadores nativos, não constituem por si só o *aguante*. Será a predisposição de resistência ao inimigo nos combates, o fator incondicional de materialização do código moral “aguantador” característico das *barras*. O alento irrestrito e as adversidades atravessadas e resistidas para acompanhar o clube pelos integrantes das *barras*, serão apenas bens simbólicos subsidiários, característicos do *aguante*, porém excluídos de seu núcleo formador: a atitude valorada como positiva frente ao perigo real e ao inimigo nos confrontos físicos.

### **2.3.2 Combates, marcas de distinção e corpos *aguantadores*: a prova e a posse do capital *aguante***

O combate é prova definitiva do *aguante*. Ele detém peculiaridades que o diferencia do resto das ações violentas produzidas pelos nativos das bandas: porque é uma contenda coletiva de luta comum aos grupos de *barra*, porque esta espécie de confrontação é considerada pelos nativos como uma ação onde seus corpos são

<sup>241</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p.84-85.

<sup>242</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.121.

as ferramentas da luta, e porque ela está regulamentada por um código próprio destes estilos<sup>243</sup>.

Garriga Zucal a partir de seu trabalho de campo nos brinda com etapas de desenvolvimento destes combates. Em um primeiro momento, logo após o encontro dos grupos rivais, há o estudo e a intimidação mútua, para que em uma segunda etapa, se produzam as *pelejas* entre as barras inimigas. Quando os *pibes* rivais se encontram, definem limítrofes imaginários de um campo de batalha: aqueles que se retiram destes limites são os perdedores. Os confrontantes tentam que o adversário retroceda no terreno, atirando-se pedras e outros elementos, e assim não consigam plantar-se por falta de resistência. Se nenhum dos grupos retrocede, se produzirá o confronto. Há uma variável conforme o número de nativos de cada banda. Após o momento em que se estudam, se o número de combatentes é similar, os grupos avançam e retrocedem segundo as peculiaridades da luta em si, mas se os combates não são produzidos com paridade de confrontantes, o grupo em superioridade numérica avança com rapidez e tenacidade para obrigar o inimigo a retirar-se, ou lutar<sup>244</sup>.

Se o confronto não é findo pela fuga de um dos grupos nativos, ou por ações policiais, se dá início à segunda etapa dos combates, onde ocorrem os enfrentamentos corpo a corpo em que se põe em prática conhecimentos de “briga de rua”. Estes embates “mano a mano” são de extrema violência, onde pernas, braços e a cabeça são instrumentos úteis para ferir o adversário. Com a mesma finalidade se empregam paus e pedras como armamentos manuais e cintos como chicotes. No corpo a corpo se constitui uma maneira peculiar de enfrentar o adversário. Os *pibes* avançam o retrocedem com o corpo, protegendo sua parte mais fraca de forma que suas extremidades detenham uma força maior. O que enfrenta o rival e se mantém no campo de batalha vencendo o duelo ou resistindo à derrota sem retirar-se, é o que será o possuidor do capital<sup>245</sup>, por atestá-lo em combate.

Daí advém um impasse quanto à prova temporal da posse do capital

---

<sup>243</sup> GARRIGA ZUCAL, José. “Soy macho porque me la aguanto”. *Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino*, p.04.

<sup>244</sup> GARRIGA ZUCAL, José. “Soy macho porque me la aguanto”. *Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino*, p. 04-05.

<sup>245</sup> GARRIGA ZUCAL, José. “Soy macho porque me la aguanto”. *Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino*, p. 06-07.

*aguante*<sup>246</sup>, onde a memória narrativa e as marcas corporais são indispensáveis: para exibí-lo os integrantes da banda haverão de tornar visíveis as ações violentas, mostrando-se como participantes deste tipo de contenda que proporciona distinção, status e orgulho. A falta de institucionalização do capital requer que sua validade se ajuste a sua exibição. A memória de incidentes e enfrentamentos com *hinchadas* rivais e com a polícia faz parte dos discursos dos membros. A posse do capital deve remeter a experiências anteriores, que cobram materialidade através de narrativas acompanhadas de gestos e maneiras de falar (frases e entonações)<sup>247</sup>.

Entretanto estas narrativas são realizadas de maneira muito cuidadosa pelos nativos. Existem ações que devem ser sigilosas e ocultadas devido a se constituírem em transgressões penalizadas pelo Estado. Os *pibes* rememoram seus combates, mas evitam narra-los para estranhos. Existe um princípio fortemente arraigado aos integrantes destes grupos de estilo, uma espécie de “lei do silêncio”, que se materializa em regras como: “as coisas da *hinchada* ficam dentro da *hinchada*”<sup>248</sup>.

Complementando as narrativas, as marcas imprimidas no corpo se configuram como indícios dos confrontos, porque exibem sinais de um passado que os inclui como protagonistas. As experiências em conflitos pretéritos surgem assim por meio de marcas corporais<sup>249</sup>. Há, aliás, uma condição corporal simbólica do *aguante*: a resistência se apresenta e representa através da exibição de corpos tenazes a dor. O corpo deve suportar a dor como forma de inscrição na comunidade masculina do *aguante*. O corpo além de ser o instrumento de resistência prática ao inimigo, deverá também física e simbolicamente representá-lo, comportar características de sua materialidade. Dentro dos valores da cultura de barra, o corpo dos nativos é definido segundo preferências, usos e representações corporais que possibilitam demonstrar resistência mediante duas características: deve suportar, resistir a dor e por outro lado, à desproporção de consumos proibidos ou socialmente

---

<sup>246</sup> Denominação sugerida por Alabarces, Garriga Zucal e Moreira (2008), baseando-se na conceituação bourdieusiana de capital simbólico.

<sup>247</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.124.

<sup>248</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.124, nota 10.

<sup>249</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.124.



estigmatizados<sup>250</sup>.

O corpo deve materializar a resistência e tendo-se em vista que no código moral das *barras*, quanto maior a resistência, maior o capital *aguante* adquirido, não só são valorados encontros físicos resistidos e vitoriosos contra *hinchadas* rivais, sobretudo quando se está em menor número, mas especialmente enfrentar e resistir à polícia. Resistir à dor imposta pela polícia materializa o corpo *aguantador*. Esta atitude inclusive se expressa pela categoria nativa que os *pibes* nominam como resistir a *los palos de la yuta*. Em um dos cânticos da barra do Club Huracán, a *hinchada* expõe esta categoria cantando: “*Y muchas veces nos bancamos la lluvia/ los palos de la yuta y todo eso por vos*”<sup>251</sup>.

O corpo deve suportar a repressão policial. Os golpes policiais, *los palos*, são tolerados graças ao *aguante*. O corpo resiste ao enfrentamento com a polícia; o *aguante* se prova perante os golpes (*los palos*) da polícia. Nestes encontros há uma enorme disparidade de condições. Os integrantes das *hinchadas* enfrentam a polícia com o peito desnudo, sem nenhum tipo de proteção, “pondo o corpo” como ferramenta de luta e suportando *los palazos de la yuta*. Os policiais estão protegidos por seus equipamentos, sendo por esta razão, catalogados como “putos”, que temem apostar o corpo em um enfrentamento, portanto, despossuídos do *aguante*. Contra as forças policiais são usadas pedras como justificativa de defesa para os elementos que os policiais portam, como armas, cassetetes, balas de borracha e gás lacrimogêneo<sup>252</sup>. O interessante é que enquanto a dor produzida pelos *palazos* da polícia deve ser suportada, o mesmo não pode se dizer quanto aos confrontos com grupos rivais, porque neste caso, a derrota seria sinônima de falta de *aguante*.

Além de resistir aos golpes da polícia, a resistência mais valorada, o corpo *aguantador* também deve resistir aos combates, pela falta de exteriorização das dores ocasionadas pelos golpes entre os nativos. Os *pibes* também não demonstram dor quando rolam pelas arquibancadas, empurrados por avalanches ou por saltos rítmicos para os lados que os levam a golpear-se ou em outras oportunidades a cair<sup>253</sup>. Uma variada série de ações que habilitam a uma experiência corporal

<sup>250</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 283-284.

<sup>251</sup> YOU TUBE. **Esta es la hinchada la de Huracán || En la legislatura 13-12-12**. Disponível em: <<https://youtu.be/utbm2BMDFuA>>. Acesso em: 12 abril 2016.

<sup>252</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 133.

<sup>253</sup> Similares aos *pogos* da cultura punk.

específica; experiência que permite aos novatos aprender técnicas do *aguante* e aos experimentados manifestar seu domínio. A exposição à dor implica exhibir um corpo resistente. Ao provarem sua fortaleza e tolerância à dor, eles provam seu *aguante*. Seu modelo de corpo se diferencia dos outros corpos sociais por esta característica<sup>254</sup>.

Mas além de resistir a dor, o corpo *aguantador* e masculino se relaciona também com o consumo e abuso de drogas e álcool. É comum ver nos alambrados integrantes fumando maconha e/ou alcoolizados a ponto de não poderem se manter em pé, entoando canções que referem ao “normal” estado de alteração de consciência. É através desta referência discursiva que buscam demonstrar sua transformação. Estar *de la cabeza, dando vuelta, re loco*, são termos que referem ao estado em que se apresentam nos estádios. A referência discursiva ao consumo de álcool e drogas não se limita aos cânticos, também se reflete em frases e ilustrações em trapos e bandeiras. O corpo permite demonstrar o uso destas substâncias e com ele o estado de alteração da normalidade; um corpo drogado ou alcoolizado tem formas de se deslocar, de parar, de falar, que evidenciam a anormalidade de sua mente. Estes estados de inconsciência funcionam como sinais de prestígio, pois são concebidos como normais e desejados. A anormalidade não opera como estigma para os *pibes*, nem é considerada uma marca negativa; pelo contrário, é um sinal de prestígio, já que se constitui de uma ferramenta identitária. Por isso os efeitos dos abusos não são ocultados e muitas vezes visualizados e narrados<sup>255</sup>.

A resistência se relaciona com a masculinidade. Aqueles que se embriagam bebendo uns poucos goles são considerados por seus companheiros como frouxos ou fracos. Se distinguem dos “homens de verdade”, os “duros”, caracterizados por sua capacidade de beber quantidades colossais de bebidas alcoólicas sem ficarem bêbados. Estes são valorizados. Restar *re loco* ou *de la cabeza* caracteriza a qualidade nativa de consumir enormes quantidades de álcool e drogas, sem que o corpo padeça por estas práticas, pois o corpo *aguantador* deve também possuir capacidade orgânica de resistência. Qualquer corpo resistente deveria suportar muito mais álcool antes de embebedar-se e descontrolar-se. Tolerar grandes quantidades de álcool e drogas sem descontrolar-se, é uma técnica de resistência

<sup>254</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 284-285.

<sup>255</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 283.

corporal que se aprende através da prática do consumo diário. Ser homem é ser aquele que resiste aos consumos e abusos. O “não-homem” não tem o corpo preparado, não tem o *aguante* para resistir e é classificado como “afeminado”.

É importante referir que os estados de inconsciência não condicionam o pertencimento ao grupo, são numerosos os integrantes que estão “caretas”, entretanto, entre os integrantes de uma barra, os estados de inconsciência se conformam como modelos ideais, que outorgam prestígio e honra, regulando algumas práticas e representações dos simpatizantes. São marcas identitárias que os vinculam com o grupo, inserindo-os na comunidade do *aguante*<sup>256</sup>.

Uma forma distinta de realizar a exteriorização probatória do capital *aguante* são as marcas corporais deixadas pelos combates. Assim cicatrizes, hematomas, eritemas, e outras “evidências” corporais são significativamente valorizadas por serem o testemunho de participação nos conflitos, endossando as narrativas produzidas pelos *pibes* quanto as suas performances de luta. As cicatrizes são provas materiais de veracidade dos relatos. Mostrar as feridas produzidas pelos enfrentamentos comporta, há comprovação irrefutável de participações em fatos que os orgulham<sup>257</sup>.

As cicatrizes devem ser expostas. Os *pibes* mostram as cicatrizes, falam delas quando recordam as brigas das quais participaram. Elas são partes fundamentais da estética dos jovens e não motivo de vergonha. Exibem-nas como souvenirs de batalhas. As marcas no corpo possibilitam provar o lugar que os sujeitos ocupam dentro de uma ordem social. Aqueles integrantes que detêm as marcas no corpo não só provam sua participação, senão que também por intermédio destes signos, se identificam como *aguantadores*. As marcas são a prova categórica de que haviam estado nas primeiras frentes de batalha, são o testemunho de seu *aguante*<sup>258</sup>. Conforme Alabarces, as marcas de combate demonstram a participação dos nativos em “rinhas honoráveis” segundo os valores grupais<sup>259</sup>.

Há de se falar ainda do que é o modelo simbólico de corpo ideal concebido

<sup>256</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 283-284.

<sup>257</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p.124.

<sup>258</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 282-283.

<sup>259</sup> ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**, p. 69.

para o combate pelos nativos das barras vinculado ao *aguante*: o do “gordo” e do “grosso”. Os integrantes da banda possuem um modelo anatômico de corpo relacionado com “o grande”. As barrigas descomunais, os ventres roliços e caídos, os pescoços largos, as pernas e os braços rechonchudos e musculosos, o peito largo e volumoso: caracterizam o correspondente ideal para os nativos.

Da mesma forma, os “grossos”, aqueles sujeitos cuja anatomia é grande, aos que comumente se diz que possuem “bom lombo”<sup>260</sup>, ingressam dentro dos parâmetros desejados de corpo, ilustrando os valores corporais grupais<sup>261</sup>.

Sob a ótica dos *pibes*, os que possuem esta anatomia têm mais *aguante* que os sujeitos que detêm um corpo pequeno. Os corpos dos “gordos” e “grossos” os favorecem nos enfrentamentos físicos. Entretanto, tal fato apesar de ser expresso pelo grupo, também é relativizado, tendo em vista que por seu peso, os gordos estão impossibilitados de fugir, restando-lhes o “tudo ou nada”, ao que põem o peito para resistir à investida dos rivais. Gestos superlativizados para descrevê-los, associados às expressões referindo ao volume de seus corpos ou termos como “um gordo de dar medo” também são empregados pelos *pibes*. Garriga Zucal refere também a um episódio que presenciou enquanto realizava observação participante junto à barra de *la Quema, hinchada* do Club Huracán, tendo como pano de fundo o ritual usual simbólico dos grupos de barra em subir nas paravalanches. Naquela oportunidade, observou a investida de um líder “grosso” que mandava descer das paravalanches, aqueles membros de constituição física menos avantajada e jovens em demasia, sob o argumento de que acima dos “ferros” deveriam estar apenas “*los pibes grandes*”. O argumento do líder vinculava a idade e os corpos, com a visibilidade e a consideração que outras barras faziam “da banda” do Huracán. Se em uma foto da barra se visse muitos jovens em suas paravalanches, se duvidaria do *aguante* do grupo. Mas a definição não tinha a ver com a idade, e sim com a envergadura física<sup>262</sup>.

O modelo ideal do corpo *aguantador* está associado a certas experiências e

<sup>260</sup> Do castelhano original: *buen lomo*. Termo que tradicionalmente no Rio Grande do Sul também é nativo do vocabulário popular, porém em português, sendo que aqui também é muito usual outra associação similar, na adoção do termo “paleta”. Nos dois casos etimologicamente reportam a parcela da parte dianteira da rês.

<sup>261</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 278.

<sup>262</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 279.

práticas sociais como o trabalho rude e a rotina de brigas. O hábito dos trabalhos pesados, a resistência ao abuso de álcool e drogas, a experiência em combates anteriores, são práticas que endurecem o corpo dos homens. As brigas vão conformando corpos tenazes e temerários no enfrentamento corporal. Os integrantes da barra concebem o “gordo” como “duro”. Para eles, as pernas e os braços grossos e musculosos foram moldados na experiência do trabalho pesado; as barrigas roliças e caídas exibem o consumo de grandes quantidades de álcool, assim como, concebem que os corpos grandes expressam experiências de lutas anteriores. Não que o modelo necessariamente corresponda à práxis, tal fato seria uma redução de complexidade do fenômeno social. Mas é a forma idealizada. Os corpos “duros”, resistentes e com *aguante* se formam a partir das práticas cotidianas, sejam estas laborais ou de consumo habitual. Representar-se como duro para os *pibes*, expressa o resultado de certas experiências corporais vinculadas ao pertencimento social. Estas experiências que são concebidas como constitutivas do “ser”, são condições que lhes possibilitam desenvolver melhor suas práticas<sup>263</sup>.

A concepção do corpo *aguantador*, não possui correlação com o corpo atlético moldado nas academias de ginástica, muito pelo contrário. A grandeza, a força e a dureza adquiridas mediante outro meio que não seja nas experiências cotidianas que moldam tipos duros e resistentes são concebidas como simuladas. A contraposição dos corpos *aguantadores*, gordos e grossos, melhor preparados para a luta, serão os corpos idealizados por outros atores sociais que privilegiam os corpos estilizados, os grossos “de ginásio”, interpretados como corpos que atingem as dimensões desejadas e aceitas, mas através dos meios errados: na cultura de barra, a virilidade e o *aguante* não possuem correlação com a aparência, e sim com a prática. Então, ser “grosso” suando em uma academia é um estratagema que gera desconfiança na banda. Os *patovicas*<sup>264</sup> podem ser grossos, mas não *aguantan* como os gordos da *barra*. Desta forma, os integrantes das *hinchadas* se distinguem dos outros setores sociais que privilegiam ideais de corpo estilizados, resultantes de

<sup>263</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 279-280.

<sup>264</sup> Corpos grossos de ginásio denominados como *patovicas*. Também é a designação pejorativa que a barra do Huracán faz à barra do River Plate, conhecida como *los borrachos del tablón*. O curioso é que existe um subgrupo dissidente na los borrachos del tablón, envolvido em conflitos internos violentos pela tomada de poder na hinchada, que é conhecida na própria barra como *los patovicas de hurlingam*. Disponível em: <<https://losborrachosdeltablón.wordpress.com/2010/11/03analizando-a-los-patovicas-de-hurlingam/>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

um treinamento físico, opostos ao modelo de corpo *aguantador* relacionado a ideais corporais populares que distingue e identifica os nativos.

Os *patovicas* não possuem os corpos resistentes, segundo a cultura de barra, porque têm experiências sociais distintas. As condições objetivas, manufaturadas pela ordem cultural, estabelecem modelos corporais distintos e dimensionam hábitos de classe. A construção corporal dos membros da barra é parte de uma forma de ser e de estar no mundo que define e distingue os participantes da barra. Os corpos populares aparecem por seu contraste.

Importante referir que nem todos os integrantes possuem tais características corporais. Ser “grosso” ou “gordo”, ter bom “lombo”, não funciona como limite de inclusão dentro das barras, já que há muitos nativos magros. Apesar de não marcar diretamente a inclusão/exclusão no grupo, estes estilos regulam como legítimas as representações sobre o corpo. Representações que devem exhibir-se, mostrar-se, serem ostensivas<sup>265</sup>. Recordemos a atitude protagonizada por um dos chefes grossos da *barra de la Quema*, descrita por Garriga Zucal, que impunha a seu grupo, a visualização por outras barras e demais espectadores apenas de corpos gordos e grossos sobre as paravalanches. O corpo *aguantador* resistente deve encontrar visibilidade.

Ao contrário senso da maioria dos espaços sociais hegemônicos, onde é estabelecida a necessidade de ocultar a gordura, nos *locus* das *barras* existe um espaço legítimo para seus corpos *aguantadores*. O *aguante* tem uma dimensão estética que se manifesta em uma corporalidade específica, rechonchuda e resistente, que se distingue da corporalidade hegemônica. Neste sentido a dimensão estética deve se fazer pública com o intuito de testemunhar o *aguante*. É comum visualizar os integrantes das *hinchadas* com o torso desnudo nas arquibancadas, em cima das paravalanches, em dias de frio e inclusive sob chuvas torrenciais. Muitas vezes sob os olhares críticos dos demais espectadores, que abrigados e protegidos do frio, se distinguem dos integrantes das *barras* no que diz respeito à “anormalidade” de suas ações. O que eles não sabem é que os *pibes* que resistem ao frio e a chuva o fazem em referência ao seu *aguante*, que deve ser exibido perante estas adversidades. É o corpo que resiste; o corpo *aguantador* que resta

---

<sup>265</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 280.

suportando a chuva e o frio<sup>266</sup>.

Outra maneira de exteriorização corporal do *aguante* é a forma de caminhar dos nativos. Os integrantes da *banda* caminham com o peito inflado, o corpo erguido movimentando as extremidades superiores. O balanço de suas extremidades, o olhar fixo e atento, e o uso das mãos, informam sobre o corpo *aguantador*. A forma de olhar, sigilosa e em permanente vigilância, deve ser ágil para reconhecer qualquer situação de conflito. O vínculo entre corpo e *aguante* se exterioriza, sem chegar à prática de confronto, apenas gestual e fisicamente, demonstrando a potencialidade do corpo como *aguantador*<sup>267</sup>.

Garriga Zucal analisa como exemplo destas representações os gestos e movimentos produzidos por um dos *capos* da *banda dela Quema* em manifestação *aguantadora* decorrente de querela com a polícia nas arquibancadas, envolvendo a autorização ou não para colocação de um importante trapo da banda. O corpo do líder estava com o torso desnudo, ostentando seus braços grandes que se moviam desafiando a seu rival policial, premeditando um desenlace violento. O corpo nu implicava uma exibição de suas potencialidades, anunciava que estava ávido para a luta. Seus movimentos expressavam conhecimento para o combate e falta de temor. Este pequeno incidente testa como os *pibes* em distintas circunstâncias e perante distintos interlocutores, mostram seus corpos e assim, com esse mínimo gesto, ostentam seu *aguante* por deslocamento metonímico. Os observadores conhecem assim a potencialidade do outro, advertem quais são seus limites e como podem atuar perante certas circunstâncias. É mostrando o lombo, ou por uma forma particular de caminhar ou outros sinais específicos, que os membros da *barra* demonstram sua corporalidade distintiva em relação aos demais, construindo identidades e demarcando os que são, e os que não são como eles<sup>268</sup>.

Assim como ir a todos os lados e alentar sempre são bens simbólicos vinculados à concepção mais abrangente do capital *aguante*, mostrar o corpo gordo e grosso, gesticular, proferir narrativas guerreiras, mostrar cicatrizes e marcas corporais, também o são na concepção estrita das *barras*. Afinal, conforme já relatado, a falta de institucionalização do capital requer que sua validade se ajuste à

<sup>266</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p.280-281.

<sup>267</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 281.

<sup>268</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 281-282.

exibição. Deste modo todos estes bens simbólicos possuem vinculação com o capital *aguante*, porém, nenhum deles o confirma. Não há de se esquecer que a condição imprescindível para confirmação do *aguante* é por em prática a resistência pelo embate corporal.

O seu limite é o enfrentamento, pois aqui, *los huevos*<sup>269</sup>, deixam de ser simbólicos, metonímia da masculinidade, para transformarem-se em masculinidade total<sup>270</sup>. O modelo se sustenta nas práticas corporais de luta. Não basta ser gordo, grosso e deter cicatrizes, a fortaleza física deve ser acompanhada pelos saberes da luta e da resistência. O testemunho do *aguante* se demonstra brigando todas as vezes que seja necessário. A prova definitiva do *aguante*, a mostra de posseção deste bem simbólico é, em última instância, um enfrentamento físico. E aqui o físico nos remete novamente ao corpo combativo entregue a um combate violento contra os rivais<sup>271</sup>. Então não existe melhor exibição para validar o capital, do que testemunhar os conflitos físicos. Os testemunhos das brigas configuram o testemunho do *aguante*.

Alabarces e Garriga Zucal narram um episódio de campo em que um jovem reprimido fisicamente por um dos chefes da *barra dela Quema*, o desafiou para a luta, sendo rechaçado veementemente, o que foi interpretado a partir do testemunho do *aguante*, pela reafirmação das hierarquias. A atitude do jovem em reagir a um empurrão foi entendida pelo capo como falta de respeito a seu lugar na estrutura da *barra*, mas que também foi interpretada como um gesto de valentia de um rapaz perante um dos líderes mais reconhecidos por sua capacidade violenta. Uma trombada certa transforma o corpo em um elemento que permite valorar o *aguante* dos participantes lutadores<sup>272</sup>. Ou seja, para mostrarem-se possuidores do capital, os *pibes* devem se demonstrar praticantes destas ações, porque a posseção somente será real, quando for prática e não simbólica. Aqueles que possuem características corporais, gestos intimidatórios ou formas de falar ameaçadoras, mas que nunca fizeram parte de um combate ou luta, são

<sup>269</sup> Referência simbólica aos testículos. Similar a expressões populares na língua portuguesa, como “ter aquilo roxo”, “bagos” ou “bolas”.

<sup>270</sup> ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**, p. 67.

<sup>271</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 285.

<sup>272</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 285.



considerados por seus companheiros como falsos ou “enroladores”<sup>273</sup>.

Existe, portanto a necessidade de deterem não apenas determinados bens simbólicos, mas comprovarem sua destreza, valentia e fundamentalmente resistência nos combates. Só a prática dos combates constitui o *habitus*, se formos nos valer da conceituação proposta por Pierre Bourdieu. A caracterização de um sistema de separações diferenciais em suas práticas e nos bens que detêm. O *habitus* é o princípio unificador e gerador que reinterpreta as particularidades intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, ou seja, em um grupo homogêneo de escolhas de pessoas, de bens e de práticas<sup>274</sup>, no caso das barras, em sua essência o enfrentamento físico. Toda identidade é relacional; exige uma alteridade para conceituar o “nós”. Esta conceituação é possível apenas por intermédio dos instrumentos de distinção, a mostra e exibição do *aguante*<sup>275</sup>.

A relação da corporalidade com a masculinidade conecta-se à transição do simbólico para o factual. O *aguante* enquanto representação necessita ser confirmado e o corpo e a identidade como *aguantadores* se solidificam na experiência do enfrentamento. As peculiaridades físicas que filiam masculinidade, corpo e *aguante*, devem sobrepujar o plano simbólico para se constituírem práticas. Os pertencimentos consolidados em aspectos discursivos fazem parte do *habitus*, mas são viáveis apenas quando complementares a prática de enfrentamento, caso contrário, serão concebidos como espúrios e simulados. Recordando que ter *aguante* vincula-se com “ir para adiante”, “parar-se”, não importando a complexão física, ou a quantidade de inimigos. O que interessará para o *etos aguantador* será a astúcia, a bravura, e a veemência no momento da contenda. O arrojo e a valentia só se comprovam através do corpo. Não recuar à briga<sup>276</sup>.

De nada adiantará deter um bem simbólico do grupo de estilo, como corpo gordo ou grosso, ou cicatrizes, se no momento dos enfrentamentos estes não se traduzirem em uma atitude factual do *aguante*. E definitivamente este código moral que sustenta as práticas das barras exhibe toda sua complexidade quando se toma

<sup>273</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p.124-125.

<sup>274</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**, p. 21-22.

<sup>275</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p.125-126.

<sup>276</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 285-286.

ciência, como já exposto, que existem nativos com o corpo magro ou que não abusam de álcool e drogas, mas que, no entanto, são possuidores do *aguante* justamente pela postura tenaz nos enfrentamentos. Para os nativos a prática de enfrentamento fabrica *corpos aguantadores*; a luta corporal tem a vantagem simbólica que os modelos ideais não detêm<sup>277</sup>.

## 2.4 PODER, POLÍTICA, CONTROLE E INTERPRETAÇÕES SOCIAIS

### 2.4.1 Hierarquia e redes de relações políticas

As *barras* são grupos de estilo hierarquizados, mas ao contrário das torcidas organizadas brasileiras, seus líderes não são escolhidos mediante o voto de seus integrantes, e sim definidos por atitudes de comprometimento pessoal com a *banda* e o seu coletivo, relações nativas com o bairro do clube, exibição de bens simbólicos e principalmente, pela detenção de capital *aguante* acumulado, ou seja, por sua capacidade *aguantadora*. Os líderes fazem do *habitus* e do acúmulo do capital *aguante*, os fatores determinantes de sua distinção nos grupos nativos.

Os chefes assim vão concentrando prestígio pelo desempenho corporal graças a enfrentamentos pretéritos. Conformam regularidade nas virtudes habituais de resistência e habilidade para o combate. Quando gozam da aprovação da maioria do grupo, poucos são aqueles que se atrevem à desafiar sua autoridade. Na luta pelo reconhecimento, quanto mais próximos estiverem do ideal de ação que deles se espera, maior será a distinção e maiores serão as chances de conservar o consenso entre seus colegas. O que se revela deste contexto é que o capital simbólico que vai se acumulando durante o decorrer de suas trajetórias como nativos *aguantadores*, materializa a competência pela autoridade, ou melhor, pelo “monopólio do exercício legítimo de poder” nos assuntos da *barra*<sup>278</sup>.

Não existem também critérios escritos para a sucessão hierárquica ou quantos homens devem gerir as *barras*. Moreira através de seu trabalho etnográfico relata inclusive que o poder na *barra* do Club Atlético Independiente, *la banda del Rojo*, se modificou ao longo do tempo: foi unipessoal durante os anos de 1980 e

<sup>277</sup> ALBARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. *Revista Intersecciones en antropología*, p. 286-287.

<sup>278</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. *Revista Avá*, p. 86.

1990, para logo depois se transformar em uma aliança de vários homens, a partir dos anos 2000<sup>279</sup>. O que existe é a valoração do acúmulo de capital *aguante* em uma espécie de “meritocracia *sui generis*” que permite confirmar os aspirantes mais habilitados para exercer a condução. Uma meritocracia que está baseada então na possessão por parte de alguns indivíduos das “virtudes” estimadas pela cultura de barra, a saber: ter *aguante* para ir à frente aos combates contra os rivais e saber dirimir conflitos internos entre os membros do grupo<sup>280</sup>.

Os encarregados de dirigir e representar a *banda* são então chamados de *capos*<sup>281</sup> ou “chefes”. Os *capos* vivem à custa do que as *hinchadas* produzem. São eles que recebem dos dirigentes, entradas gratuitas para as partidas e uma soma em dinheiro para financiar o aluguel de micro-ônibus quando as *barras* viajam aos estádios visitantes em excursões<sup>282</sup>. Outros possuem empregos formais, e alguns são desempregados a procura de “bicos”. Em geral, mas longe de ser um fator determinante, convivem nas *barras* sujeitos com atividades laborais diversas: empregados e desempregados, taxistas, biscateiros, motoboys, ambulantes, ladrões e alguns que vivem de planos sociais. Os líderes também planejam o deslocamento dos trapos e bandeiras e a compra de fogos de artifício<sup>283</sup>.

Os *capos* detêm o direito propriamente político de exercer a autoridade no interior do grupo. Entretanto, a nova posição não os habilita para exercer um poder sem limites. Eles têm obrigações que devem respeitar, sob o risco de perderem a legitimidade. Moreira relata que ao final dos anos 1990, um *capo* da *banda del Rojo*, construiu reputação duvidosa porque apoderava-se do dinheiro para si e revendia os ingressos que os dirigentes lhe entregavam com ágio. Os integrantes começaram a dizer que ele vivia à custa da *barra*. Acabou sendo golpeado por nativos da *banda* durante vários jogos consecutivamente, até obterem sua retirada e tomarem seu posto. Estes nativos que eram conhecidos por sua trajetória e *aguante* aproveitaram a imagem desacreditada do líder para converter esse conhecimento em

---

<sup>279</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 83, nota 6.

<sup>280</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 83.

<sup>281</sup> Similar a nomenclatura siciliana.

<sup>282</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 81.

<sup>283</sup> ALBARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 276.

reconhecimento político<sup>284</sup>.

O episódio revela a importância de saber administrar os recursos centrais para a manutenção do poder. Entre outros recursos, principalmente redistribuir entre os nativos as entradas, o transporte aos jogos, a comida e a bebida. Os *capos* para obterem autoridade precisam desenvolver a competência para estes fins, através de coisas concretas, que “provejam” os integrantes. Os mais considerados desenvolvem uma rede de relações com os dirigentes do clube e negociam a entrega de ingressos para os jogos e o dinheiro. É essencial na função dos chefes obterem estas regalias na relação com os dirigentes e distribuir o que obtêm entre seus representados. Aqueles que recebem favores dos líderes já sabem as regras: uma parte dos recursos é apropriada por estes para seu benefício pessoal. No entanto, isto não afeta a ordem social dos grupos, tendo em vista que as carências dos nativos são supridas adequadamente segundo seus desejos e expectativas, pois assistem aos jogos sem pagar, são transportados nos ônibus aos estádios visitantes, recebem bebida e comida, etc<sup>285</sup>.

Deste modo os nativos aceitam as ordens dos *capos* que os pressionam e instigam ao combate, lhes determinam tarefas como portar e escoltar as bandeiras, levar comida aos detentos nas delegacias, realizar diligências, porque sentem que seus interesses estão satisfeitos<sup>286</sup>. Assim se a reciprocidade entre chefes e membros estiver equilibrada, a obediência será plena. Mas havendo uma mudança ou instabilidade que provoque a perda dos direitos mínimos dos nativos, haverá uma diminuição da legitimidade. Enquanto “os subordinados” sentem que o trânsito de bens se apresenta a seu favor, tendem a perceber essa relação desigual como um vínculo legítimo<sup>287</sup>.

A posição dos *capos* é sustentada por uma qualidade que lhes é comum, o carisma<sup>288</sup>. É altamente valorada e estimada a proteção e ajuda que os *capos* oferecem aos *pibes* caso sejam hospitalizados ou presos. Eles as fazem em pessoa,

---

<sup>284</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 87.

<sup>285</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 86.

<sup>286</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 87.

<sup>287</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 87-88.

<sup>288</sup> ALBARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 289, nota 4.

ou por terceiros: dinheiro, comida, cobertores e outros bens necessários para permanecerem alojados em hospitais e delegacias. A generosidade é um detalhe importante para o reconhecimento dos chefes e da estabilização de seu poder. Mostrar-se como homem generoso, com intuito de prestar favores e estar atento perante dificuldades, ajuda na construção de legitimidade e consenso<sup>289</sup>.

Logo abaixo na hierarquia das *barras* se encontram aqueles que auxiliam os líderes nas tarefas, que são chamados de “soldados”, por sua fidelidade e respeito aos *capos*, que se referem a eles como “suas pernas”, diante da lealdade. A seguir dos soldados surge a tropa na estrutura hierárquica da barra, onde se encontram os demais nativos que fazem parte da banda. Encarnam o significado mais estrito da etimologia *los pibes*, por serem a contraposição hierárquica a *los capos*<sup>290</sup>.

Moreira já elabora uma hierarquização um pouco diferenciada. Talvez baseada nas particularidades da *barra* em que realizou sua observação participante. Revela que os *capos* geralmente transitam acompanhados por outros integrantes de prestígio denominados “homens influentes” ou “aspirantes ao cargo superior”. Os homens influentes adquirem protagonismo porque se encarregam de algumas tarefas principais da organização, como planificar as viagens aos estádios visitantes, transportar as bandeiras em carros particulares, escoltar os ônibus que vão para outras cidades, comprar comida e bebida para os membros da *barra*. Nos estádios se pode vê-los dando ordens ao resto dos integrantes do grupo. Alguns destes homens atuam também como representantes de certos subgrupos da *barra*, que congregam os membros provenientes de um mesmo bairro. Entre as atividades de representação, negociam com os líderes a quantidade de entradas que necessitam para seus representados<sup>291</sup>.

Os chefes mantêm uma relação de amizade e geralmente compartilham atividades extra futebolísticas com alguns destes homens: saem aos finais de semana, festejam aniversários, repartem trabalhos e empreendimentos particulares. Esta relação faz com que determinados homens influentes recebam maiores benefícios e atenção. Assim, dependendo de quem esteja comandando a *barra* e das relações que sustentam com pessoas influentes e referências destes

<sup>289</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 86-87.

<sup>290</sup> ALBARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 289, nota 4.

<sup>291</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 81-82.

segmentos, o peso relativo destes mudará dentro do funcionamento total do grupo.

Por ordem de hierarquia, depois dos chefes e dos “homens influentes”, estão os integrantes mais jovens e de menor categoria e escassa trajetória que formam a “tropa”, em similaridade ao termo referido por Alabarces e Garriga Zucal. A mesma se divide em subgrupos ou segmentos de bairro e se articula com as instâncias superiores de poder através de suas referências, que não são necessariamente “homens influentes”<sup>292</sup>.

O *aguante* e a generosidade dos *capos* funcionam como mecanismos internos de reconhecimento e distinção dos nativos melhor posicionados e capacitados para conduzir a *banda*. Os poderes destes homens têm suas próprias vias de legitimação e consenso<sup>293</sup>. Serem respeitados e reconhecidos como *aguantadores* não só os mantêm com estabilidade no controle interno das *barras*, mas também os possibilitam estabelecer uma rede de relações que as transcende. O fato é que ser membro de uma *barra* possibilita que se “abram portas”. Um “contato”, um “conhecido”, uma “linha” são formas nativas de se referir a esta rede de relações. O pertencimento a uma *hinchada* comporta ser “conhecido e (re)conhecido”, de conseguir além de contatos, intercâmbios e interações que poderão se transformar em vínculos duradouros geradores de laços recíprocos que ultrapassam os meros acontecimentos passageiros<sup>294</sup>.

Os *hinchas* mais influentes interagem assim com uma série de atores sociais. Algo que se pode ver na rotina dos clubes, quando os chefes e determinados “homens influentes” circulam livremente pelo estádio de futebol, o local aonde a equipe treina, a sede onde trabalham os dirigentes, em interação com vários destes atores<sup>295</sup>. Assim eles mantêm relações com dirigentes, sindicalistas, políticos, policiais, jogadores e departamento técnico do clube, vizinhos, simpatizantes e até mesmo organizações do crime organizado, estabelecendo entre eles uma rede de reciprocidades que poderão ser ou não estáveis. Um exemplo é a relação com os dirigentes: eles criticam os *capos* por solicitarem entradas para os

<sup>292</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 82-83.

<sup>293</sup> Idem, p. 88.

<sup>294</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 128.

<sup>295</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 91.

jogos e dinheiro para prover as necessidades da *banda* por intermédio de ameaças, mas em determinadas ocasiões, como em atos políticos e processos eleitorais dos clubes, os convidam para fazerem parte destes eventos. Desta maneira, em períodos de campanha eleitoral nos clubes, é comum se enxergar os nativos com mais *aguante* entre dirigentes e candidatos, atuando em sua segurança pessoal<sup>296</sup>.

Nas campanhas eleitorais para presidente dos clubes os candidatos dirigentes costumam visitar os estádios e demais dependências sociais dos clubes para o contato direto com os sócios, organizando churrascos, participando de programas de rádio. Nestes períodos os nativos das *barras* também interagem nos pleitos. Os *capos* e os membros mais influentes participam diretamente deles e podem inclusive apoiar dentro do mesmo clube, candidatos diferentes. Foi o que Moreira constatou durante um pleito eletivo no Club Atlético Independiente. Inclusive o resultado das eleições não estabeleceu qualquer mudança na distribuição de poder dentro da *barra*, inobstante o candidato eleito a presidência do clube ter sido ou não apoiado pelos *capos* da *hinchada*. Esta teve continuidade e o poder manteve-se nas mãos dos mesmos *capos*, que seguiram negociando a entrega de dinheiro e entradas com o recente presidente eleito, ao qual, aliás, haviam criticado duramente em várias ocasiões durante a campanha<sup>297</sup>.

Enquanto estes fatos comprovam que a política da *barra* se soluciona dentro da *hinchada*, independentemente da vontade dos dirigentes e dos grupos políticos ganhadores, demonstrando seu “auto grau de autonomia” e o poder legitimado dos *capos* pelo *aguante* e pela capacidade de desempenharem como “grandes homens e bons distribuidores”<sup>298</sup>, este mesmo *aguante*, permite a eles ultrapassar as relações internas. Um nativo, por exemplo, que trabalhou em determinado pleito eleitoral como segurança pessoal de um candidato, poderá futuramente desempenhar o mesmo papel em um sindicato ou empresa privada de propriedade do mesmo. Dirigentes esportivos muitas vezes costumam também deter cargos eletivos partidários, enquanto políticos locais, estaduais ou nacionais, serem sindicalistas, ou então empresários ou profissionais reconhecidos. É usual que os

<sup>296</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 128-129.

MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 88-90.

<sup>298</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p.91.

nativos das *barras* sejam convocados por políticos de diferentes partidos de influência estadual ou nacional para que realizem tarefas de campanha durante as eleições municipais, estaduais ou nacionais<sup>299</sup>. Assim o reconhecimento que os *capos* recebem de outros líderes e homens de prestígio da *barra* só reforça e retroalimenta o reconhecimento que recebem dos políticos, dos sindicalistas, dos dirigentes e dos sócios que participam da política do clube<sup>300</sup>.

#### 2.4.2 Conflitos, controle social e representações institucionais

As masculinidades construídas pelo *etos aguantador* grifam significados e sinais que estigmatizados e valorizados formam um “nós” e um “eles”: espelhos onde se olham e se avaliam. A identidade marca a diferença, a alteridade, o outro. Aqui a alteridade não é exatamente de classe, é uma alteridade de valores e de representações, assinalando assim, um “nós” popular<sup>301</sup>. O espaço do futebol encarna então a liminaridade aduzida por Archetti quando este se apropriou dos conceitos de Turner. Uma “zona livre” onde se erigem identidades. Zonas onde tanto o Estado como as “máquinas culturais” hegemônicas, não possuem influência como formadores identitários, zonas onde as identidades se erguem de maneiras distintas as das convenções. Assim os setores populares constroem identidades populares. O “nós” popular parece mais fácil de construir através de posturas, gestos, práticas, *pogos* e brigas.

Entretanto identificar-se com estilos estigmatizados, tendo consciência de sua condenação pela percepção de serem desviantes pela maioria dos atores sociais, é um movimento que leva ao extremo os exercícios de identificação e diferenciação<sup>302</sup>. Isto porque a distinção que separa o “nós” dos “eles” também possui o efeito inverso, na medida em que quem não está dentro da cultura de barra não a enxerga como legítima, muito pelo contrário, a tratam dentro de um padrão

<sup>299</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 129.

<sup>300</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 91.

<sup>301</sup> ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p.287.

<sup>302</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 125.



convencional de desvio. Um padrão reducionista, maniqueísta, carente de conhecimento técnico, e que não corrobora para a problematização da violência. Os nativos das *barras* são vistos pela sociedade argentina, pelos meios de comunicação, pela polícia e de maneira geral, pelas instituições formais, como *outsiders*<sup>303</sup>: “os inadaptados de sempre”, “as bestas”.

O exemplo mais fiel deste padrão é a maneira do atuar policial frente a estes grupos de estilo. A polícia enquanto instituição de controle social formal que é, exibe uma série de etiquetamentos perante as *hinchadas*, como barrar ou não quem entra nos estádios e outros processos que longe de possuir eficácia na diminuição da violência “criminal”, geram uma aceleração dos fenômenos de violência “estrutural” e “cultural” que se dirigem diretamente para os representantes da repressão oficial julgada ilegítima pelos nativos<sup>304</sup>.

A concepção do que é a violência, faz parte de uma discussão restrita a cada cultura, onde os pólos que discutem o seu sentido, não só possuem posições dissonantes de poder, como apresentam posturas contraditórias, confusas e inconclusas<sup>305</sup>. Neste contexto o desvio é criado pela própria sociedade majoritária: os grupos sociais constroem o desvio ao formular as normas cuja violação constitui desvio, aplicando estas normas a indivíduos particulares, etiquetando-os como *outsiders*. O “desvio” é construído enquanto transgressão de uma norma geralmente aceita em determinada sociedade o que leva as instituições formais a equivocadamente se questionarem sobre quem burla as normas e a procurar os motivos das infrações às regras sociais majoritárias nas personalidades e particularidades de vida destas pessoas, como causas das infrações. Incorrem assim no erro de acreditarem que quem infringiu as normas, constitui uma categoria homogênea, afinal teriam cometido o mesmo ato desviante que na realidade, foi criado pela própria sociedade majoritária<sup>306</sup>.

As *hinchadas* então são fortemente estigmatizadas e desvalorizadas pela “concepção de mundo” legítima. A nomeação *barra brava*, produto da dominação, da qual são etiquetadas, impõe uma subalternidade das *barras*, de suas práticas e

<sup>303</sup> Aqueles que se desviam das regras da sociedade dominante.

<sup>304</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 143.

<sup>305</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las *hinchadas* argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 123,

<sup>306</sup> BECKER, Howard Samuel. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**, p. 21-22.

produções simbólicas, colocando-os em uma posição desfavorável no espaço social. Ao serem estigmatizados por diversos empreendedores morais como “selvagens”, “animais”, “primitivos”, “irracionais”, “bárbaros”, os nativos das bandas são alcançados por uma sistemática animalização que os coloca em uma categoria subalterna na ordem social<sup>307</sup>.

A prática lógica dos combates contradiz esta visão calcada em um cientificismo reducionista<sup>308</sup>, em que os nativos são vistos como “animais” ou “feras”. A tentativa de “biologizar” estes grupos de estilo é muito comum aos meios de comunicação de massa argentinos e não são sérios. Isto porque as evidências que estabelecem a organização, o planejamento e as práticas das *barras* não podem ser chamadas de irracionais sob pena de clara falta de profundidade acadêmica<sup>309</sup>. Exemplo claro é o caráter reducionista da própria etimologia, *barra brava*, que já foi objeto de análise neste capítulo.

Ocorre que muitas vezes na busca de ibope para a venda de seus jornais impressos ou índices de audiência televisivos, a mídia explora paixões primárias, inclusive fornecendo-as através de seus modernos meios de comunicação, muitas vezes com efeitos nefastos desencadeadores de fenômenos violentos de proporções muito maiores<sup>310</sup> que a violência das *hinchadas*. Assim não será incomum que com o mesmo pretexto, utilize-se dos produtos identitários das *barras* em simbiose com os valores da cultura de arquibancada argentina, com o intuito de causar empatia por determinada parcialidade clubística, em detrimento a outra, ou que até mesmo estimule rivalidades, desde que o faça com o intuito de alcançar suas metas comerciais de venda.

Exemplo desta prática era a postura usual nos meios de comunicação da cidade de Mar del Plata, durante os primeiros anos da década de 1990, condenando os “sucessos” que envolveram nativos da *barra* do Club Atlético Aldosivi em agressões a jornalistas, e o esforço de dirigentes para que a *hinchada* do clube acessasse estádios sem pagar. Atitudes, portanto, censuradas. Ocorre que os mesmos meios de comunicação trataram de impor de maneira subjacente os

<sup>307</sup> CABRERA, Nicolas Eduardo. Uma aproximación etnográfica sobre la hinchada de Belgrano: violencia, identidad y poder em “Los Piratas”. **Revista del Museo de Antropología**, p. 362.

<sup>308</sup> ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **La palabra de los muertos – Conferencias de criminología cautelar**. Buenos Aires: Ediar, 2012, p. 93.

<sup>309</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 212.

<sup>310</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**, p. 10-11.

esteriótipos do *aguante* e do medroso na rivalidade que o clube trava com seu rival cidadão, o Club Atlético Alvarado, adotando as concepções nativas da cultura de barra. Sem planejar de forma direta, a mídia marplatense justificava as vitórias do Alvarado nos clássicos locais com o Aldosivi por uma pretensa maior hierarquia futebolística, fato que não correspondia na prática e também considerava que a barra do Club Atlético Alvarado era maior em sua capacidade de mobilização: que tinha “culhões” e *aguante*, perante um Aldosivi que era amassado dentro de campo e fora dele (cagão, amargo)<sup>311</sup>.

A cultura futebolística argentina exerce um imperialismo material na expansão de seus ganhos, direta ou indiretamente, pela mídia de massas ou através do *merchandising*, e no aumento dos capitais envolvidos, que vão desde a venda de jogadores, até os investimentos televisivos e publicitários, e um imperialismo simbólico, no seu excesso discursivo, na captação desmedida de públicos e na construção de um país cuja “futebolização” não possui limites<sup>312</sup>.

Além dos conflitos e representações institucionais impostas pela mídia e por seus empreendedores morais, o mais exacerbado que as *barras* travam com instâncias institucionais da sociedade majoritária é sem dúvida com a polícia, exemplo mais extremo da dicotomia “nós” versus “eles”, encarnação do inimigo nato na acepção da cultura do *aguante*, inclusive classificada como uma *barra*, aliás, a mais violenta, diante da maneira como seus atores reagem às *hinchadas*, e por deterem armas de utilização legal e impunidade assegurada pelo poder legítimo do uso da força<sup>313</sup>.

A consequência da falta de uma utilização racional destas prerrogativas conduz a uma repressão policial massiva e indiscriminada, que muitas vezes alcançam atores sociais que não fazem parte das *barras*, como os pais com seus filhos que concorrem aos estádios. Dão-se também pelo desenvolvimento indiscriminado de armas, balas de borracha, cavalos e bombas de gás lacrimogêneo<sup>314</sup>.

---

<sup>311</sup> GIL, Gastón Julián. La pasión según Aldosivi. El “outro” y los combates por la identidad. **Revista Horizontes antropológicos: antropología e esporte**, p. 156.

<sup>312</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 216.

<sup>313</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 135.

<sup>314</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 137.

Alabarces *et al*, narram depoimentos colhidos à observação participante, que revelam este contexto:

Todo *hinja* odeia a polícia. Porque a polícia vive provocando o *hinja*. A polícia busca o *hinja*. Busca-o permanentemente, para que ele reaja e justifique o fato de tomar uma paulada. Os buscam constantemente: com os cavalos, não lhes importando nada, nem se existem mulheres, nada. Não lhes importam mais nada que não seja provocar o *hinja* para justificar as pauladas que lhes deferem depois<sup>315</sup>.

Gil aduz que a ideia de que polícia argentina compartilha certas lógicas e representações com os nativos das *barras* é um dado real. As provocações que os policiais fazem aos integrantes das *hinchadas* nas arquibancadas com o intuito de provocar incidentes, e assim poder reprimi-los e seus protagonismos nos sucessos violentos parecem confirmar esta hipótese. Entretanto, há de se ressaltar que a polícia obviamente difere dos grupos de estilo por ser uma instituição estatal, sistematicamente mais violenta que as *hinchadas*, mas de modo algum no mesmo plano sociológico. Esta posição mantém consonância com a revelação dos instrumentos de funcionamento da instituição, a fim de possibilitar compreender as representações que os diversos atores reproduzem, e não com os juízos de valor que consideram uma das partes mais malévola que a outra<sup>316</sup>.

Em determinadas ocasiões os policiais provocam os *pibes* fazendo alusão às simbologias das *barras* inimigas, como se estivessem revelando suas preferências clubísticas que obviamente neste contexto, são opostas e rivais a dos nativos provocados. Gil revela o depoimento de um policial que ouviu durante sua observação participante perante a *barra* do Club Atlético Aldosivi, *La Pesada del Puerto*. Ele admite que seus companheiros provocam os nativos por puro ressentimento. Segundo ele, seus colegas não conseguem entender que em campo devem suportar muitas coisas como cusparadas, ofensas durante horas e ao mesmo tempo, não podem “entrar no jogo” dos *pibes*. Diz que a postura provocativa e de

<sup>315</sup> *Todo hincha odia a la policía. Porque la policía vive provocando al hincha. La policía lo busca al hincha. Lo vive buscando permanentemente, para que el hincha salte y justificar el hecho de pegarle un palazo. Lo busca constantemente: con los caballos, no les importa nada, si hay mujeres, nada. No les importa nada más que provocar al hincha para justificar los palazos que ponen después.* In: ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 223.

<sup>316</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 136.

revide dos colegas é inadmissível porque a polícia não pode dar-se ao luxo de contestar as agressões das pessoas, porque está lá para prestar segurança<sup>317</sup>. Inclusive existem conclusões que conduzem a entender esta faceta da repressão policial desconectada do uso legítimo da força, onde a polícia não é um aparato do Estado, e sim, mais um grupo de barra, entretanto, legalmente armado. Nesta concepção, Alabarces *et al* acreditam que a polícia também se enxerga como um grupo de *barra* que concorre como iguais, no entanto, abusando de sua posição de autoridade e impunidade<sup>318</sup>.

Ainda há de se referir à determinadas parcialidades instituídas pelas representações policiais. Como já referido, muitas vezes os policiais deixam de lado os protocolos de segurança no trato com as pessoas que concorrem aos estádios, desferindo provocações diretas aos *pibes*. A atenção com que tratam os espectadores não é igualitária e pode mudar desde uma atitude submissa com determinados espectadores, pelo reconhecimento policial de alguma espécie de “superioridade social”, até a ameaça concreta ou o uso de armas e cassetetes quando devem tratar com *estos negritos de mierda*<sup>319</sup>.

De maneira geral o que até agora foi dito comprova que a militarização do espaço futebolístico não ajuda a prevenir enfrentamentos, muito pelo contrário. Quando não existem *hinchadas* rivais à vista, a polícia se converte no inimigo a combater. Aliás a militarização policial é fator de grave aumento na violência nestes espaços durante a história da cultura de arquibancada argentina.

Romero revela que a polícia detém um recorde negativo de 68% (sessenta e oito por cento) pela responsabilidade direta de vítimas fatais nos estádios de futebol argentinos<sup>320</sup>. Quando se fala em violência no futebol *argento*, é impossível não deixar de se referir as mortes provocadas por agentes policiais. Desde 1958 as mortes vinculadas aos espetáculos futebolísticos não só congregam o plausível, como se tornaram parte constitutiva deles, onde a polícia corrobora de maneira evidente neste ciclo, operando uma violência arbitrária e injusta, posto que muitas

---

<sup>317</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 137.

<sup>318</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 223.

<sup>319</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 139.

<sup>320</sup> ROMERO, Amílcar. **Las barras bravas y la “contrasociedad deportiva”**. Buenos Aires: CEAL, 1994, p. 78.

das mortes nas arquibancadas têm como causas a repressão policial dirigida de maneira premeditada<sup>321</sup>.

Mas aos mortos e feridos da violência policial se soma à ação sistematicamente violenta da polícia na segurança dos estádios. A condição normal do trato da polícia com os *hinchas* é naturalmente humilhante e agressiva: a imposição do deslocamento dos *hinchas* às ruas de maneira irracional, as proibições estapafúrdias quanto à entrada de materiais tais como jornais ou sinalizadores, reproduzem a noção de que o *hincha* encarna a figura do inimigo. Agravada pela perseguição meticulosa e cruel contra jovens de classes menos privilegiadas, considerados culpados por qualquer incidente, antes mesmo dele ser produzido. Some-se a este quadro os processos de privatização neoconservadores que produziram a multiplicação de forças de segurança privada, que possuem permissão para o uso de armas sem qualquer regulamentação a respeito. Desta maneira estes grupos servem de reduto para ex-policiais, inclusive alguns expulsos da polícia pelo excesso no uso da força<sup>322</sup>.

Estas milícias paramilitares muitas vezes mantêm relações com os *capos* das *barras*. A *hinchada* do *Gimnasia y Esgrima* de La Plata, por exemplo, comandada por *el Loco Fierro* (Marcelo Amuchástegui) desenvolvia uma colaboração estrita com Aníbal Gordon, famoso paramilitar que trabalhava para outro notório militar argentino, o general Ramón Camps, que era nada mais que o comandante da Polícia da Província de Buenos Aires. Estas relações muitas vezes elaboram táticas para oprimir de maneira “oficial”, a *barras* rivais daquelas em que se estabelecem estes contatos. Em outras oportunidades as *barras* são oprimidas simplesmente porque seus clubes são oponentes diretos daqueles de preferência dos chefes de polícia em um movimento classificado como *doble militancia*. Neste sentido, existem casos em que policiais planejaram repressões indiscriminadas para “arruinar a festa” de um determinado clube, como foi o caso do Club Atlético San Lorenzo de Almagro, quando retornou em 1982 a primeira divisão do futebol argentino, e teve a comemoração comprometida pela repressão policial, tendo em vista que o comissário responsável pelo policiamento era *hincha* fanático do Club

---

<sup>321</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 141.

<sup>322</sup> ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**, p. 222.

Atlético Huracán, e havia prometido que estragaria a festa dos *sanlorencistas*<sup>323</sup>.

Assim a análise do comportamento policial nos estádios possibilita compreender que esta instituição total se configura em um agente gerador de uma violência que supostamente deveria combater. Muito pelo contrário, grande parte dos conflitos violentos nos jogos possuem a ação policial como fundo motivacional, geradora constante de violência, infelizmente colocando a polícia como o “outro” que ameaça os nativos, que a percebem como um inimigo que os provoca, que intenta produzir distúrbios e que, em última análise, só está lá para reprimir as pessoas e não fazer cumprir a lei<sup>324</sup>.

---

<sup>323</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p.142.

<sup>324</sup> GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: La policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, p. 142.

### 3 A GERAL DO GRÊMIO E A CULTURA DE BARRA NO RIO GRANDE DO SUL

#### 3.1 TIPOLOGIAS UNIVERSAIS E A GERAL DO GRÊMIO

##### 3.1.1 Traçar diferenças e combater dicotomias

(...) Eu vivo bebendo sempre borracho e o tele entulho já foi chamado. O descontrole já está formado, Grêmio eu te dou a vida, por este campeonato. Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho, e o mundial e o meu caminho. (...) Nada mais apaga essa história, Grêmio imortal, macaco chora. (...) <sup>325</sup>

O cântico da Geral do Grêmio que abre este subcapítulo conjuga elementos da cultura de barra <sup>326</sup> com a história lendária e mítica do clube, a conquista da copa intercontinental de 1983, e a rivalidade clubística exacerbada pela identificação do “outro” como pertencente a uma categoria inferiorizada, detentora de mais de um significado interpretativo e que deve sentir-se humilhado pela superioridade gremista. Isto significa que uma vez tomada ciência do que é a cultura de barra argentina, se antevê a possibilidade de um quadro comparativo com o fito de estabelecer diferenças, níveis de paridade e tipologias com a cultura de arquibancada gaúcha, a partir da Geral. No entanto, muitas vezes o falso pode se esconder por trás das aparências e facilmente iludir quem pretende conduzir paridades a uma redução que não reflita a complexidade e dinamicidade destes grupos de estilo. A globalização da literatura sobre o jogo e os artefatos dos torcedores, por exemplo, podem levar indivíduos a instantaneamente “comprar uma parte” das culturas de arquibancada de outras sociedades <sup>327</sup>.

No caso da Geral do Grêmio, do ponto de vista acadêmico, há de se lastrear as interpretações advindas de determinadas paridades, com algo mais peculiar para poder se construir uma hipótese aproximativa, eis que a força da tradição folclórica

<sup>325</sup> Cântico da Geral do Grêmio que teve como inspiração a música “Bebendo vinho” do compositor gaúcho Wander Wildner. Disponível em <[www.ducker.com.br](http://www.ducker.com.br)>. Acesso em: 15 out 2016. Também disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=g0AnT12Dzts](http://www.youtube.com/watch?v=g0AnT12Dzts)>. Acesso em: 15 out 2016.

<sup>326</sup> O estado alterado de consciência pelo álcool, o descontrole e a representação figurativa de entrega da vida por um campeonato ganho, que mescla fidelidade, identidade e guerra.

<sup>327</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 91.



construída em relação ao mito do gaúcho campeiro influencia e é determinante para a interpretação do fenômeno, por operar nas estruturas mentais e nos métodos de percepção e pensamento de seus membros, “legitimando” um sentimento entre eles, de serem herdeiros de uma “tradição guerreira pampeana” que longe de refletir a verdade histórica, foi construída ao longo das décadas do século XX, influenciando também na construção identitária do futebol gaúcho, facilitando a aproximação entre a novel cultura de arquibancada gaúcha e a platina, “operando nos cérebros” dos membros do grupo de estilo, na melhor tradição bourdieusiana<sup>328</sup>. Fazendo com que realmente acreditem nisto como real, apesar de não o sê-lo. Lembremos também do Teorema de Thomas: “se os homens definem situações como reais, elas serão reais em suas consequências”<sup>329</sup>.

Por seu turno, dicotomias maniqueístas criadas na sociedade argentina, tendem a se repetir na nossa e em outras sociedades, muito em decorrência das leis universais do campo jornalístico que interage com o senso comum.

No Reino Unido, mídia e instituições do controle social formal criticavam aficionados cruéis, nominados como “selvagens” e “animais”, criando um sentido muito maior a sua “agressividade social”<sup>330</sup>. O auge do interesse da população pela violência ocorreu com a contenda travada entre apoiadores do Ranger Football Club e do Celtic Football Club, em Glasgow, no ano de 1980, após a final da Copa da Escócia. Na Inglaterra esse interesse culminou em 1985, com a invasão por hooligans do campo do Millwall Football Club, e pelas mortes em Birmingham e no Heysel em Bruxelas<sup>331</sup>. No Brasil este fenômeno integra o progressivo processo de banalização da violência, inserindo-a como “espetáculo performático de massa”, onde programas de televisão e de rádio a “vendem” como “a verdade das ruas como ela é”<sup>332</sup>. Havendo demanda popular, natural que pelas características do campo jornalístico, os meios de comunicação queiram produzir interpretações palatáveis que corroborem para que o público permaneça atento ao que dizem e assim

<sup>328</sup> BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 34.

<sup>329</sup> “(...) *if men define situations as real, they are real in their consequences.*” THOMAS, William, apud, FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 346.

<sup>330</sup> MARSH, Peter; ROSSER, Elisabeth; HARRÉ, Rom. The rules of disorder. Routledge and Kegan Paul, 1978, p. 134 apud GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 62.

<sup>331</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 62.

<sup>332</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, São Paulo: Anpocs, 1996, p. 133.

umentem a audiência e a tiragem de seus produtos, nem que para isto se distorça e se dicotomize ações e atitudes complexas.

Efeito similar ocorre no Rio Grande do Sul, onde determinados atos praticados ou não por grupos da cultura de arquibancada local, sem qualquer critério metodológico, são tidos como violentos e sem sentido pelos meios de comunicação e pelo entendimento médio da sociedade dominante. Aqui também são reduzidos e interpretados como atitudes inerentes a “marginais”, “gangues”, “vândalos”, “bandidos” ou “baderneiros infiltrados na torcida”, em uma interpretação falaciosa e carente de profundidade. As várias espécies de estilo dos grupos de jovens de uma metrópole na modernidade recente, comportam formas diversificadas de sociabilidade e ocupação de espaços,<sup>333</sup> que assiduamente são nominados pela designação geral de “tribos urbanas” pelo senso comum, em uma homogeneidade pejorativa que não ultrapassa o nível da metáfora em termos de profundidade. Pesquisas e estudos demonstram da necessidade de assimilar, na diferença de cada grupo, os diversos sentidos abrigados nesses comportamentos e não apenas no uso ou não da violência como forma de exteriorizar uma determinada identidade, alteridade, ideal, ou a união grupal<sup>334</sup>. Exemplo disto são as diferentes formas de enxergar o *aguante* dentro da cultura de arquibancada argentina, não adstrito apenas a sua parcela violenta de guerra.

No Brasil o fenômeno redutor operado pela mídia na dicotomia maniqueísta entre o ordeiro e o desordeiro, o “homem de bem” e o marginal, se expressa por um discurso que barganha uma similaridade inexistente entre hooliganismo e torcidas organizadas, necessitando que se esclareçam as diferenças entre estes grupos<sup>335</sup>. Embora as inúmeras diversidades, pontos em comum podem existir entre eles, sem que isto autorize uma pretensa homogeneidade interpretativa. Isto se repete no Rio Grande do Sul em relação não só as organizadas, como também a Geral do Grêmio e a Popular do Inter. Na última década esta redução ao hooliganismo, ganhou a companhia da interpretação do jornalismo “investigativo” gaúcho, muito em decorrência de certa inspiração no livro do jornalista argentino Gustavo Grabia,<sup>336</sup> como sendo a Geral do Grêmio e a Popular do Inter, versões locais das *barras*

---

<sup>333</sup> Alguns destes grupos de jovens, além das torcidas organizadas: os skatistas, os funkeiros, os bondes, os *emos*, os góticos, os *headbangers*, os *rockabillicies*, os *punks*, os carecas do subúrbio.

<sup>334</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 123-125.

<sup>335</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 123.

<sup>336</sup> GRABIA, Gustavo. **La dulce: la verdadera historia de la barra brava de Boca**. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

*bravas argentinas*, a partir da etimologia condenada pela antropologia social daquele país. É importante, contudo frisar que dentro do campo jornalístico investigativo, existem exceções, como os trabalhos de Romero e Buford<sup>337</sup>.

Em oposição à visão do campo jornalístico, para se desenvolver a pesquisa acadêmica destes grupos, tendo como prioridade uma sociologia dos esportes, deve se pesquisar comparativamente o significado relativo do domínio do futebol em sociedades heterogêneas<sup>338</sup>. Expondo as profundas divergências culturais que existem entre os grupos de estilo que envolvem a cultura de arquibancada global, afasta-se as meras reduções interpretativas, para então, a par das diferenças, identificar-se níveis de paridade e antagonismos da cultura de barra com cultura de arquibancada gaúcha recente expressa na Geral do Grêmio, divergente da filiada à brasileira, a partir de uma descrição de tipologias de grupos globais: não só os *hooligans*, mas os *ultras*, os *kutten fans*, as *porras*, e as torcidas organizadas, sem as quais não se pode fazer um contraponto.

### 3.1.2 *Hooligans, ultras e outros grupos de estilo*

As matrizes difusoras de estilos nacionais de torcer no futebol são três: a inglesa, a italiana e a argentina<sup>339</sup>, mas que estão longe de monopolizar ou impor rigidez interpretativa, dada as particularidades culturais de cada nação, e porque além de não serem as únicas, se mesclam com aspectos culturais locais. Assim, além das barras, temos ainda o hooliganismo inglês e a cultura dos *ultras* italianos.

O hooliganismo diverge socialmente de outras tendências por utilizar o futebol como meio de exteriorizar posturas não nativas das arquibancadas. Buford revela afirmações de um nativo que justifica as práticas violentas para “alguém que trabalha a semana inteira num emprego maçante e mal pode esperar para sair no sábado”. Que a violência: “Todos nos temos por dentro (...)”. Que se não a

<sup>337</sup> Apesar da ressalva, Buford deu o título de *Among de Thugs*, ao livro onde descreve sua experiência no locus do hooliganismo inglês. *Thugs* em sua tradução literal para o português, significa “bandidos”. No Brasil o livro ganhou o título de “Entre vândalos”. Por seu turno, como já havia referido no capítulo anterior, Romero peca por nominar os grupos argentinos a partir da nomenclatura do senso comum.

<sup>338</sup> DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 25.

<sup>339</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Revista Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 01.

praticassem no futebol, o fariam em um pub no sábado à noite<sup>340</sup>. O termo *hooligan* possui assim um significado mais amplo, podendo ser um comportamento agressivo também fora do contexto do futebol<sup>341</sup>, remetendo a perspectiva do jogo ser o canal condutor e não a razão de ser do grupo, que o utiliza como meio e não como fim. O próprio estilo mostrou ao longo das décadas grande dinamicidade sócio cultural.

Romero aduz que o termo foi cunhado em 1890 pelo *The Times*, para nominar a aparição em Londres, de grupos de bêbados, desocupados e brigões, a partir da figura de Edward Hooligan, um beberrão agressivo ocioso que aos sábados à tarde frequentava o que já tomava atenção das massas, as partidas de futebol. Então na época era comum em Londres, falar-se nos *hooligans*, mas como sinônimo de desocupado, bêbado e bravateiro<sup>342</sup>. Costa refere que o termo teve origem em uma família irlandesa que lá residia na época, cujos membros eram violentos e sem sociabilidade, e que depois passou a designar gangues juvenis<sup>343</sup>.

Notícias envolvendo violência e agressões físicas no futebol inglês ocorrem desde a virada do século XIX para o XX, e *hooligans* sempre estiveram envolvidos em muitas delas<sup>344</sup>, apesar de não terem origem no jogo, como as barras ou as torcidas organizadas, mas extravasado através dele outras práticas, onde o ponto em comum é o compromisso com a violência ininterrupta e coletiva na formação de estilos. Como as “gangues da navalha” rivais de Rangers e Celtic, entre 1920 e 1930, depois, entre 1950 e 1960, com os primeiros grupos de jovens com estilos e práticas violentas, e entre 1960 e 1970, com os confrontos entre grupos rivais nas tribunas atrás dos gols<sup>345</sup> e as invasões de campo, que motivaram a reação estatal que delimitou espaços, segregou-os atrás das metas e separou rivais, medidas que

<sup>340</sup> BUFORD, Bill. **Entre vândalos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 109.

<sup>341</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 125.

<sup>342</sup> ROMERO, Amílcar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. **Revista Educación Física y Deportes**, p. 01- 02.

<sup>343</sup> COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, 1992, p. 17.

<sup>344</sup> Conforme o Liverpool Echo, em 1899 e o Glasgow Herald, em 1909. Já em 1920, o Birmingham Daily Post relata a violência de gangues no Spion Kop, e em 1934, o Leicester Mercury noticia sobre um jogo em Birmingham, onde (...) *hooligans*, que se encontravam por vezes nas viagens, tinham provocado um prejuízo, que não era pequeno (...). In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992, p. 377-380.

<sup>345</sup> Entre 1960 e 1970, os aficionados destes grupos *hooligan*, costumavam ganhar reputação para si, ocupando as arquibancadas detrás do gol (*kop*) vinculadas a um grupo rival, que dali era expulso violentamente. In: GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 74.

só intensificaram o hooliganismo<sup>346</sup>, corroborando para a maior solidariedade nos “territórios do futebol” e na condução da violência para fora dos estádios<sup>347</sup>.

Nos anos 1960 grupos jovens passam a ver no jogo um *locus* de perceptibilidade social e de exteriorização de protestos, e os *skinheads* influenciam os *hooligans*, sem que isto os sobreponha, a par das semelhanças como o nacionalismo xenófobo<sup>348</sup>, sendo comum aos setores rudes das classes trabalhadoras britânicas, encontrada nos dois grupos, buscarem significado, gratificação e identidade em intimidações físicas, lutas e álcool, e de possuírem as peculiaridades aduzidas por Adorno como formadoras da “personalidade autoritária<sup>349</sup>”. *Hooligans* simpatizam com grupos fascistas como *National Front* e *British Movement*<sup>350</sup>. A negativa racial da alteridade tida como inferior e incompleta, ou do diferente, por total estupidez, é prática social naturalizada. O outro pode ser qualquer um, sobretudo imigrantes. Negam a ordem democrática e liberal por uma política de intolerância e por discursos neofascistas e neonazistas<sup>351</sup>. O *hooligan* não suporta o estranho, ele é detestável, e o mais detestável é o estrangeiro, os realmente odiados, sobretudo os negros<sup>352</sup>. A violência e hostilidade são expressas por um conjunto similar de identidades, presente na masculinidade agressiva e no nacionalismo xenófobo, divididas por uma massa<sup>353</sup> rude, boçal e inculta.

A organização *hooligan* se dá em pequenos grupos autodenominados “firmas<sup>354</sup>”, onde a hierarquia é formada por um chefe específico. Adeptas de uma minuciosa organização para mantê-las no anonimato e fugirem das autoridades, preterem viagens em dias de jogos e não utilizam os “especiais de futebol” e os coletivos, deslocando-se pelos serviços de trem, carros particulares ou alugados,

<sup>346</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 73-74.

<sup>347</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992, p. 358.

<sup>348</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 127-128.

<sup>349</sup> Publicado originalmente em Theodor Adorno, *Else Frenkel-Brunswik*, Daniel Levinson e Nevitt Sanford, *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950. Reproduzido em *Gesammelte Schriften* Vol. 9, T. I [*Soziologische Schriften II*] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 143-. Traduzido por Francisco Rüdiger conforme versão de *Critical Theory and Society – A Reader*, organizado por Douglas Kellner e Stephen Bronner. Nova York: Routledge, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/08/adorno-introducao-a-e2809ca-personalidade-autoritariae2809d.pdf>>. Acesso em: 22 mar 2017.

<sup>350</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**, p. 376.

<sup>351</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 131.

<sup>352</sup> BUFORD, Bill. **Entre vândalos**, p. 86.

<sup>353</sup> MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p. 63.

<sup>354</sup> Determinados clubes ingleses chegam a possuir inúmeras firmas devidamente estruturadas.

evitando vestimentas dos clubes, distintivos ou bandeiras<sup>355</sup>, preferindo motivos gráficos como as suásticas, que não os identificam como *hooligans*<sup>356</sup>.

A partir de 1980 o estilo *skinhead* perde prestígio. No lugar dos “velhos uniformes sem estilo” que denunciavam aos rivais ou a polícia, surgem roupas esportivas<sup>357</sup>, instaurando a “alta modernidade” *hooligan* pela tendência “descolada”: a agressividade militarizada de botas *Doctor Marten*, dá lugar a grifes esportivas (camisas *Lacoste*, moletoms *Fila*, jaquetas *Burberry* e suéteres *Armani*), demonstrando que o fenômeno não se encerrava às classes operárias. Os *hooligans* pós-modernos raramente descendem de regiões humildes e exercitam um “gosto” peculiar por roupas de grife e outros produtos, o que demanda capital cultural e econômico. Desta renovação formam-se redes, intensificam-se práticas nacionalistas e uma expansão internacional toma forma, sobretudo no norte europeu<sup>358</sup>.

A outra matriz seria a italiana dos grupos *ultra*. Os *ultras* têm em sua origem um marcante antagonismo político-social e a constituição de práticas organizacionais burocratizadas. Mesclam como artefatos, instrumentos musicais e utensílios de manifestações políticas de massa, como banners, megafones, microfones, amplificadores e símbolos da cultura de arquibancada, como bandeiras e faixas, e promovem apoio e exaltação a seus clubes com fogos, cânticos e festa. Surgem nas curvas dos estádios italianos ao final dos anos 1960, como resultado da convergência entre o fenômeno de autonomia da juventude, o processo de expansão social *hooligan* e a conjuntura política radicalizada entre esquerda e direita na Itália da época. As greves dos trabalhadores e as manifestações estudantis traduziam o clima das praças, e muitos estudantes e trabalhadores levaram esta tendência política aos estádios, influenciando a cultura de arquibancada, desde o nome dos grupos, a suas constituições organizacionais e alianças<sup>359</sup>. *Ultras* escolhem seus líderes por eleição, produzem seus símbolos e sua comercialização,

<sup>355</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**, p.359-360.

<sup>356</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 129.

<sup>357</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**, p. 360

<sup>358</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 74-77.

<sup>359</sup> PIVA, Raphael. **Outro futebol é possível? A invenção do calcio popolare e a busca por autonomia no jogar e torcer**. XI Jornada de Sociologia. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-061/960>>. Acesso em: 09 set. 2015, p. 04.

e detêm seus próprios estatutos<sup>360</sup>.

A fundação em si causa dúvidas: Giulianotti aduz que o termo foi cunhado em 1971 entre aficionados da Unione Calcio Sampdoria em Gênova<sup>361</sup>, e Francesio aponta para a curva sul do estádio San Siro de Milão, em 1968, ano de fundação do primeiro grupo *ultra*, a *Fossa dei leoni*, da Associazione Calcio Milan<sup>362</sup>. Nos anos de 1980 os *ultras* reflexionam câmbios na sociedade italiana, e mudanças internas afetam seus estilos, com o aumento e sofisticação da violência em oposição à falta de empatia nos engajamentos políticos e sociais. Surgem novos grupos que tomam as arquibancadas, criando novas bases morais e de conduta<sup>363</sup>. Aspectos da cultura jovem passam a ser influência, como nos casos dos *Drughi*<sup>364</sup>, do Juventus Football Club, dos *Teddy Boys* da Udinese Calcio, dos *Skins* da Football Club Internazionale Milano, ou dos *Freak Brothers* do Ternana Calcio<sup>365</sup>.

Com a transformação da curva dos estádios de setor livre para território grupal de pertencimento e de rixas regionais, se propiciou a manifestação de grupos de extrema direita<sup>366</sup>. Além das polarizações políticas, são formados ressentimentos geoculturais anteriores a unificação italiana, que rompem com o senso de unidade nacional, assim como rancores medievais reproduzidos em jogos como Atalanta Bergamasca Calcio e Società Sportiva Calcio Napoli. As oposições políticas estimulam rivalidades, ressignificando heterogeneidades político-partidárias de regiões e cidades italianas, como entre a extrema-direita dos aficionados da Società Sportiva Lazio (clube de Benito Mussolini), em oposição à tradição comunista do Bologna Football Club, ou da tendência separatista *Lega Nord* do Atalanta.

Em tese o ponto em comum entre *hooligans* e *ultras* são as ideologias políticas, mas esta consideração é reducionista. Os *ultras* foram inicialmente influenciados por movimentos políticos da esquerda e estudantil. Na Inglaterra a conexão entre movimentos fascistas e hooliganismo foi o estilo *skinhead*, e não a

---

<sup>360</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 80.

<sup>361</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 79.

<sup>362</sup> FRANCESIO, Giovanni. **Tifare contro: una storia degli ultras italiani**. Ebook. Milão: Sperling & Kupfer, 2010, p. 23.

<sup>363</sup> PIVA, Raphael. **Outro futebol é possível? A invenção do calcio popolare e a busca por autonomia no jogar e torcer**, p. 05.

<sup>364</sup> Homenagem à gang juvenil do romance Laranja Mecânica, de Anthony Burgess.

<sup>365</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 80.

<sup>366</sup> PIVA, Raphael. **Outro futebol é possível? A invenção do calcio popolare e a busca por autonomia no jogar e torcer**, p. 05.

apropriação direta do que acontecia nas ruas e praças como na Itália. Os *ultras* possuem questões geopolíticas que não se reproduzem no hooliganismo, cujas práticas violentas podem ser apolíticas e fora do contexto do futebol. Eventual cotejo que os aproxime tende a se tornar errôneo, vez que os traços históricos e culturais da Itália e de seus vizinhos mediterrâneos, impedem uma simples comparação, sob pena de tornar-se etnocêntrica de viés anglo saxão. A violência que cerca os *ultras*, a polícia e os rivais, faz parte da realidade em dias de jogos, mas eles não são apreciadores do hooliganismo<sup>367</sup>. Exceções são anotadas na Itália nos anos 1990, com os *paninaros*, adeptos do estilo “descolado”<sup>368</sup>, e na França dos anos 1980, com o estilo *hooligan* dos *Boulogne Boys*, do Paris Saint-Germain Football Club<sup>369</sup>, ou a influência *ultra* na cultura de arquibancada inglesa durante os anos de 1970<sup>370</sup>.

Os movimentos cruzaram a Europa: *hooligans* mais ao norte e *ultras* ao sul. Redes de conexão *hooligan* aportaram à Holanda e Alemanha, na adoção do estilo “descolado”, com algumas variações locais<sup>371</sup>. A extensão dos *ultras* se deu na França, Espanha e Portugal, a partir de 1980<sup>372</sup>. Na França chegaria à Marselha em 1984, à Nice em 1985, com a *Brigade Sud Niçois* e em Bordeaux em 1987, com os *Ultramarines*<sup>373</sup>. Na Espanha com o *Ultra Sur*, do Real Madrid Club de Fútbol<sup>374</sup>, e o *Boixo Nois* do Fútbol Club Barcelona<sup>375</sup>. Na Alemanha, os *kutten fans*<sup>376</sup>, com suas jaquetas jeans de mangas cortadas, cravejadas de *patches*<sup>377</sup> com referências aos clubes seguidos e as rivalidades locais, que remontam ao estilo *biker*<sup>378</sup>, dos *punks* e

<sup>367</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p.81-82.

<sup>368</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 80.

<sup>369</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Revista Razón y Palabra**, p. 14.

<sup>370</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 90.

<sup>371</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 77.

<sup>372</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, 79.

<sup>373</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Revista Razón y Palabra**, p. 14.

<sup>374</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 83.

<sup>375</sup> CASTRO LOZANO, John Alexander. Etnografía de hinchadas en el fútbol: una revisión bibliográfica. **Revista Maguaré**, p. 133.

<sup>376</sup> SV darmstadt 98. **Alte Fankutten**. Disponível em: <[www.lilienpower-darmstadt.de/historisches-tradition/fan-kutten](http://www.lilienpower-darmstadt.de/historisches-tradition/fan-kutten)>. Acesso em: 06 out 2016.

<sup>377</sup> Recorte de pano com motivos gráficos que se costura em jaquetas e calças jeans.

<sup>378</sup> Motociclistas outsiders como os *Hell Angel's*.



*metalheads*<sup>379</sup>, passam a dividir seu espaço com *ultras* e “descolados”.

Na América hispânica o domínio é das *barras*<sup>380</sup>, fato compreensível pela partilha da língua, da influência de dirigentes e da mídia, da divisão de espaços simbólicos de pertencimento, e repartição geográfica e sociocultural no imaginário coletivo. Neste caso me refiro ao Uruguai, que compartilhou com a Argentina a formação de Estado-Nação, por uma “cidade porto”, Montevideú, no mesmo estuário de Buenos Aires, bem como a onipresença da *pampa* e do *gaucho* como símbolos partilhados. Nos anos de 1920 e 1930 a construção simbólica referida por Archetti é extensiva ao futebol uruguaio e os rio-platenses eram igualados em seu “estereotipo neomítico” da *picardia criolla*, no caso uruguaio somada a “virtude” idiossincrática da “garra charrua”: que reverenciava aos indomáveis indígenas de seu território, em uma construção de sobre esforço e competitividade épica. A picardia dos *gauchos*, astutos e libertos, que resistiam aos invasores, e a garra artiguista<sup>381</sup> da independência e dos trinta e três orientais que iniciaram a libertação do país<sup>382</sup>, sendo natural que a cultura de arquibancada uruguaia se encontrasse com a argentina em 1987, pelos intercâmbios culturais de estilo aventados<sup>383</sup> e pelo avanço do *aguante* em 1990, com todas suas variações de significado<sup>384</sup>.

No Chile as *barras* se formam em 1979, pela impulsão de dirigentes e da mídia, que insistem na criação de uma “mentalidade” vencedora a qualquer meio ou custo<sup>385</sup>. No Equador e Peru, ao final dos 1980 e na Colômbia e América Central a

<sup>379</sup> Aficionados pelo estilo rock *heavy metal*, e mais especificamente, *trash metal*.

<sup>380</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Revista Razón y Palabra**, p. 09.

<sup>381</sup> si no tengo soldados pelearé con perros cimarrones (se não tenho soldados, lutarei com cachorros cimarrons). In: BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 169.

<sup>382</sup> BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo, p. 167-169.

<sup>383</sup> OSABA, Julio. 1987: la separación de hinchadas em el fútbol uruguayo. In: DELGADO, Leandro. **Cuaderno de historia 13: Cultura y comunicación em los ochenta**. Montevideú: Biblioteca Nacional, p. 158. Disponível em:

<[www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/67906/1/cuaderno-de-historia-13\\_cultura-y-comunicacion-en-los-ochenta.pdf](http://www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/67906/1/cuaderno-de-historia-13_cultura-y-comunicacion-en-los-ochenta.pdf)>. Acesso em 10 out. 2016.

<sup>384</sup> OSABA, Julio. **Barra de estudio**. Disponível em: <[www.ladiaria.com.uy/articulo/2015/9/barra-de-estudio/](http://www.ladiaria.com.uy/articulo/2015/9/barra-de-estudio/)>. Acesso em 10 out. 2016.

<sup>385</sup> SANTA CRUZ, Eduardo. Fútbol y nacionalismo de mercado em el Chile actual. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 207-208.

partir de 1990<sup>386</sup>. No México, artificialmente em 1996, quando dirigentes do Club de Fútbol Pachuca, admirados com a *barra* costarricense *la Ultra Morada*<sup>387</sup>, contratam o seu responsável para ensinar os mexicanos a imitar suas dinâmicas de animação<sup>388</sup>, diferentes das *porras*, união de fanáticos carnavalescos, mantidas pelos clubes<sup>389</sup>. A influência das barras não se estende ao Brasil, dominado pelas torcidas organizadas, mesmo que tenham nos últimos anos se intensificado trocas com as práticas das *barras* a partir do Rio Grande do Sul<sup>390</sup>, cuja cultura de arquibancada foi reestruturada a partir do fenômeno fundado pela Geral do Grêmio.

### 3.1.3 Torcidas organizadas brasileiras

O ato organizado de torcer<sup>391</sup> no Brasil nasceu ao final dos 1930 e início dos 1940, quando Laudo Natel e Manoel Porfírio da Paz fundam a “Torcida Uniformizada do São Paulo”. Mas é só em 1942 que a cultura de arquibancada brasileira se constitui pelas mãos de Jaime Rodrigues de Carvalho, que introduz a utilização de instrumentos musicais e uniformes, fundando a “Charanga Rubro Negra”, vinculada ao Clube de Regatas Flamengo. O termo charanga identifica pequenas bandas, e Jaiminho, que era torcedor símbolo do Flamengo (assim como Laudo Natel era do São Paulo Futebol Clube), criou uma charanga para sua agremiação, que pelo resultado positivo nas arquibancadas passou a financiá-la.

Os “torcedores-símbolo” representavam toda a torcida e possuíam prestígio com a imprensa. Muitos eram da organização institucional do jogo (dirigentes, políticos, funcionários de ligas), como Laudo Natel (governador de São Paulo), ou da atividade e esforço pessoal, como Jaime. Estas primeiras torcidas vinculadas aos

---

<sup>386</sup> CASTRO LOZANO, John Alexander. Etnografía de hinchadas en el fútbol: una revisión bibliográfica. **Revista Maguaré**, p. 134.

<sup>387</sup> Formada em 1995 pelo intercâmbio com a barra chilena do Club Deportivo Universidad Católica. Disponível em <[www.laultramorada.net/site/index.php?page=ultrahistoria](http://www.laultramorada.net/site/index.php?page=ultrahistoria)>. Acesso em: 10 out. 2016.

<sup>388</sup> CELESTINO, Teresa. Globalización y origen de las barras la adicción y los libres y lokos. **Revista Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 13.

<sup>389</sup> CELESTINO, Teresa. Globalización y origen de las barras la adicción y los libres y lokos. **Revista Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 10

<sup>390</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 12-13.

<sup>391</sup> A palavra “torcida” possui em português um sentido similar à “tifo”, no italiano: expressa uma noção de sofrimento corporal de quem acompanha a partida.

clubes, detinham o único objetivo de torcer, eram suas torcidas oficiais<sup>392</sup>. Em São Paulo eram conhecidas como “Uniformizadas”, no Rio, “Organizadas”, o que remete ao projeto pedagógico de ordenamento das plateias do Estado Novo. A ordem nos estádios era uma preocupação das instituições de controle, e cada equipe possuía uma torcida, e cada torcida um líder, no mesmo sentido de autoridade de outras esferas da vida social da época<sup>393</sup>, e assim integrados à sociedade dominante<sup>394</sup>. Quanto aos rituais de incentivo, em São Paulo inspiravam-se nas plateias de esportes universitários norte-americanos, e no Rio da adaptação do desfile de Escolas de Samba, no que seria referido como “carnavalização das arquibancadas”, vez que as posturas de avaliação das escolas passam a valer para as torcidas<sup>395</sup>.

Ao final dos anos 1960 este estilo de unidade entre um clube, uma torcida e um líder é rompido pelas “Torcidas Jovens”, formadas por novas gerações que se manifestam contra líderes de torcida e dirigentes, inseridas no cenário da ditadura militar e dos movimentos estudantis<sup>396</sup>, como a Torcida Jovem do Flamengo (1967), do Santos Futebol Clube (1969), do Grêmio (1977), Young Flu do Fluminense Football Club (1970), Força Jovem do Club de Regatas Vasco da Gama (1970)<sup>397</sup>. Se antes as torcidas encarnavam nos “torcedores-símbolo”, agora são representadas por coletivos independentes com posturas diversas daquelas<sup>398</sup>. O torcedor-símbolo perde espaço para o “presidente da torcida”, que exerce o poder por uma organização burocrática dividida em cargos, nos moldes dos clubes, mas independente deles. Outros exemplos são a Torcida Tricolor Independente do São Paulo (1972)<sup>399</sup> e a Camisa 12 do Internacional (1969)<sup>400</sup>. A Gaviões da Fiel do Sport Club Corinthians Paulista, fundada em 1969 para fiscalizar e indicar os erros da

<sup>392</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 21-22.

<sup>393</sup> Jaime Rodrigues de Carvalho, por exemplo, foi convocado pelos organizadores da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, para uma função que teria o intuito de “comandar, controlar, educar e civilizar” a torcida brasileira no Maracanã durante a final do torneio. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p. 57.

<sup>394</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 10-11.

<sup>395</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**, p. 11.

<sup>396</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**, p. 11.

<sup>397</sup> ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas Organizadas e policiamento no Brasil. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 19, n.º 34, jan/jun 2013, p. 85, nota 10.

<sup>398</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p.28.

<sup>399</sup> Idem, p.27.

<sup>400</sup> Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-rio-grande-do-sul>> Acesso em: 28 out 2016.

administração do clube, foi a primeira a possuir uma estrutura regida por regras estatutárias, formada por presidente, vice, e conselho deliberativo: uma instituição privada sem fins lucrativos autointitulada “os representantes da nação corintiana”<sup>401</sup>.

Na metade dos 1970 começam a adotar uma postura de pressão política aos clubes. Fato que deve ser contextualizado dentro das mudanças do futebol no quadro da sociedade brasileira<sup>402</sup> e apesar das torcidas não serem político-ideológicas, chegam a contestar o status quo em 1978, quando a Gaviões da Fiel desfralda uma faixa pedindo anistia “ampla, geral e irrestrita” aludindo a campanha pela Anistia<sup>403</sup>, ou serem investigadas pelo DOI-Codi<sup>404</sup>, como a Raça Rubro-Negra do Flamengo (1977)<sup>405</sup>. Entretanto, apoios ou participações em movimentos como as “Diretas Já” em 1984, ou o movimento pró-impeachment em 1992, compreendem um ideário popular mais amplo<sup>406</sup> e não uma intervenção inerente a estes grupos<sup>407</sup>.

Neste sentido o que realmente importa é que elas contestam o modelo praticado pelas charangas, considerado pacífico demais. As identificações de estilo agora são verificáveis pela virilidade, sentimentos de pertencimento, autoafirmação, cantos de guerra, ilicitude, roupas e coreografias<sup>408</sup>, e é aqui que damos fim à palavra “organizada” na identificação grupal, por essa diferenciação<sup>409</sup>. Aqui se

<sup>401</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo. **Futbolologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p.54, nota 13.

<sup>402</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p.27-28.

<sup>403</sup> ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas Organizadas e policiamento no Brasil. **Revista Tempo**, p. 85, nota 11.

<sup>404</sup> Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi): órgão de repressão e inteligência da ditadura militar subordinado ao Exército.

<sup>405</sup> Na visão paranoica do regime, uma organização que se chamava “raça”, com camisa vermelha, tendo como símbolo um punho serrado, intitulando-se o “maior movimento de torcidas do Brasil” e cantando “Ó meu Mengão...”, em uma adaptação de um canto da UNE, poderia ser “subversiva”. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p. 76.

<sup>406</sup> Na atualidade, a Gaviões da Fiel repetiu seu apoio à manifestações populares que mobilizaram setores da sociedade brasileira, como contra o golpe parlamentar de 2016, ou a reestruturação do ensino paulista. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2016/04/15/gavioes-no-vale-do-anhangabau-nao-vai-ter-golpe/>> e

<<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,gavioes-da-fiel-declara-apoio-a-ocupacoes-e-protestos-de-estudantes-,10000003861>>. Acessos em 30 out 2016.

<sup>407</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 123.

<sup>408</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação, aspectos da construção das novas relações sociais**. 1ª. ed. Taubaté: Vogal, 1997, p. 64-93.

<sup>409</sup> Enquanto Bernardo Buarque de Hollanda aduz que a diferenciação entre “uniformizadas” e “organizadas” se deu pela localidade das torcidas (In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação**, p. 10.), Luiz Henrique Toledo refere que o termo, “uniformizada” é anterior a “organizada”, e que na segunda metade dos anos 1990 as torcidas teriam optado por este segundo termo para destacar

distingue como “organizada” os grupos associados ao “movimento de torcedores burocrático-militar” que nasceram com a mudança do comportamento nos estádios a partir dos 1980, pela gênese de perfis organizativos com estas características e que moldaram o nativo<sup>410</sup>, entendendo como “burocrático-militar” a união entre o caráter estatutário e associativo, e a prontidão para o confronto físico e verbal com grupos rivais<sup>411</sup>. Quem inaugura este modelo é a Gaviões da Fiel, que não se limitou a institucionalizar modos organizativos de administração, mas também “táticas” de defesa em conflitos com os “inimigos”, nos moldes das ações militares, no mínimo quanto ao seu uso simbólico<sup>412</sup>. Quanto às marcas que as diferenciam, destacam-se as camisetas, que formam com a do clube uma mescla de *design*, com nomes e motivos das torcidas, escolhidos pelos seus associados, e os seus símbolos, diversificados e que podem ser classificados em três grupos: animais, personagens de quadrinhos, *comics* ou ficções e entidades fantásticas ou divindades, além de figuras estereotipadas da sociedade brasileira<sup>413</sup>.

Em 1983 é fundada a Mancha Verde da Sociedade Esportiva Palmeiras, união de quatro torcidas com fito de proteção contra grupos rivais e que teve o fundador morto, longe do contexto do jogo, convertendo as organizadas em motivo de investigação criminal. São também nos 1980 que aumentam seu número de associados, na grande maioria, jovens da periferia e das favelas, que introduzem o funk nos estádios e têm a imagem vinculada à violência urbana, a delinquência e as drogas. Nos anos 1990 a violência atinge seu ápice até então com a invasão de campo por duas torcidas rivais em jogo no estádio do Pacaembu, televisionado para todo o país, cujo resultado apresentou uma morte e centenas de feridos<sup>414</sup>. O fato leva instituições de controle a banirem as organizadas, que com a proibição convertem seus estatutos, se transformando em Escolas de Samba, inclusive com participação nos desfiles oficiais, o que provoca o antagonismo de opor a

---

uma organização para além da uniformização. In: TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p.26-27.

<sup>410</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**, p. 41.

<sup>411</sup> Idem, p. 53, nota 10.

<sup>412</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação, aspectos da construção das novas relações sociais**, p. 64-82.

<sup>413</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 52.

<sup>414</sup> ESTADÃO. **Os 20 anos da briga que mudou a história das torcidas**. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,os-20-anos-da-batalha-do-pacaembu--tragedia-que-chocou-o-brasil,1744717>>. Acesso em 30 out 2016.

institucionalização pública pela festa, e a marginalização pela preparação para o combate<sup>415</sup>.

A violência, os conflitos, mortes e rivalidades dos 1990 funcionaram como fator de expansão do quadro associativo que aumenta consideravelmente após outubro de 1995, quando o Estado coíbe as atividades das organizadas e suas associações disparam, feitas por jovens sequiosos por violência, estilo de vida e os rituais simbólicos das arquibancadas, intimamente conectados a sociedade de consumo formada no Brasil<sup>416</sup>. As organizadas passam a interferir na escolha e demissão de técnicos, jogadores e dirigentes, ganham o foco negativo da mídia por atos de vandalismo e violência, integram o carnaval, erigem recursos e consolidam milhares de membros em torno de suas práticas<sup>417</sup>. Conforme um informante confessou a Toledo: “(...) quanto mais a torcida se envolve em brigas, mais ela ganha sócios (...)”<sup>418</sup>, em um movimento de jovens organizados que difunde perspectivas simbólicas e culturais na rotina urbana, modelando sua conduta pelo uso da violência verbal ou física como estilo de expressão e visibilidade<sup>419</sup>.

### 3.1.4 Geral do Grêmio: repartições e apropriações culturais de estilo

Mas como se enquadraria a cultura de arquibancada gaúcha recente, a partir do código de conduta, das práticas, usos e costumes da Geral do Grêmio e de que forma ela estaria inserida ou não entre os grupos de estilo que utilizam de práticas violentas no cenário do futebol mundial?

Constitui-se de ponto crucial para se tentar responder a estes questionamentos, a compreensão de que muito embora a violência no futebol possua um traço globalizador, pela própria forma como o jogo se insere na conjuntura mundial, solidificado em diversos países da Europa, América Latina, África e Ásia, os desenvolvimentos culturais e históricos de cada um desses países,

<sup>415</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 12.

<sup>416</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de futebol: Identidade e identifições, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**, p. 43-44.

<sup>417</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 33.

<sup>418</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 50.

<sup>419</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de futebol: Identidade e identifições, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**, p. 41.

atuam como condicionantes decisivas e fundamentais para se refletir sobre as nuances assumidas na expressão desta e de outras espécies de violência<sup>420</sup>.

Não se encontra dentre os fatores que especificamente influenciaram o desenvolvimento de uma cultura de barra no Rio Grande do Sul, a hipótese de que o fato tenha ocorrido apenas por influência da mídia corporativa nacional, que por interesse mercadológico, teria estimulado nos anos 2000 à formação de novas torcidas, em concorrência com as Torcidas Jovens, aproveitando-se de imagens das torcidas argentinas que circulavam no Brasil, e do “movimento de torcidas vindo de fora”, no caso, da Argentina, a partir do Rio Grande do Sul, apesar da veracidade da intensificação do interesse capitalista na formação de um novo público de espectadores a partir do século XXI<sup>421</sup>.

Isto porque não obstante a interação entre organizadas e cultura de massas permitir entender a formação das identidades juvenis grupais e a busca de referenciais nos meios de comunicação<sup>422</sup>, esta não é a única hipótese a ser ventilada. Talvez a “bricolagem de ideologias e de manifestações do meio social circundante, obtidas por intermédio da televisão, do jornal ou do rádio”<sup>423</sup>, possam explicar a utilização de usos e costumes das barras argentinas por torcidas de outros estados brasileiros, a partir da influência da Geral do Grêmio e de suas imagens<sup>424</sup>, mas não explica a influência verossímil e até certo ponto reconhecida da cultura de barra no Rio Grande do Sul, que tem outras motivações, muito mais complexas, do que a mera cópia de usos e costumes da cultura de arquibancada argentina estimulada por interesses da mídia.

Hoje sabemos que esta relação amistosa entre mídia e torcidas foi rompida, justamente pela falta de compreensão do uso da violência verbal ou física como estilo de exibição e perceptibilidade destes grupos, que hora mais, hora menos, iriam esbarrar nos interesses mercadológicos que envolvem o futebol.

O que nós importa, a experiência crucial para ponderar sobre a inserção da

<sup>420</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 134.

<sup>421</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Ciudad del México, n.º 69, 2009, p. 04-05, 12-13.

<sup>422</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**, p. 06-07.

<sup>423</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**, p. 07.

<sup>424</sup> Substancialmente a partir da participação do clube na Libertadores da América de 2007, quando foi vice campeão, o que corroborou para uma maior exposição da torcida na mídia.

cultura de arquibancada gaúcha no cenário mundial, e quais seriam suas formas relativas ou não à violência, é questionar-nos sobre o desenvolvimento (a) “histórico” construído pela sociedade majoritária rio-grandense que envolve o Rio Grande do Sul, aliás, muito particularizado e com conexões e construções sociais e sobretudo folclóricas, que remetem ao pampa, ao gaúcho, e a feitos épicos, atuando como condicionantes decisivas e fundamentais para explicar tanto a matriz assumida, filiada a cultura de barra, quanto a que foi a partir dela e sobre ela construída, sob a influência cultural e histórica brasileira erigida, muitas vezes, antagonicamente erigida, diante da natureza geográfica e sócio cultural limítrofe do Rio Grande do Sul, para então pensarmos sobre as peculiaridades na expressão de espécies de violência.

A herança ibérica nas sociedades latino-americanas fomentou culturas tradicionais com uma suposta imunidade no que toca ao caráter profano dos interesses de classes, a partir da utilização do folclore como categoria genérica, conceituado como saber do povo. Preconcebido à inspiração cultural de valor verdadeiramente popular, se materializa em um primeiro momento, como fator que obsta as investigações da tradicionalidade pelas ciências ou disciplinas<sup>425</sup>, ao que um posicionamento crítico a este fato não poderia faltar de nossa parte, como forma de respeitar o caráter científico investigativo inerente a esta dissertação.

Difundido em grande parte das instituições rio-grandenses e consolidado a partir do início do século XX, o discurso regionalista gaúcho é extensivo ao futebol. “O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas” que de figura folclórica mitológica foi alçado a categoria ideológica pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), também é a preconcepção que orienta ao largo as manifestações dos torcedores e de sobremaneira os discursos da mídia<sup>426</sup>. A tradição engendrada de homens gerados em uma natureza hostil, que os constituía “duros e bravos nos combates” é transferida para o futebol, lhe conferindo características próprias, que não se confundem com o “estilo brasileiro”. O estilo mais “platino” dos rio-grandenses esclareceria a maior combatividade, aspereza e garra, se contrastado

---

<sup>425</sup> GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tchê, 1989, p. 21.

<sup>426</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 131-132.



com o típico futebol brasileiro<sup>427</sup>.

A espécie mais singela e notória desse discurso justificativo é reproduzido nas invocações às generalidades, de natureza pretensamente permanentes, como nacionalidade e pátria (*Rio Grande, meu país!, Leve o Rio Grande no peito*), que jogam com os sentimentos legítimos e formadores dos rio-grandenses. Estas entidades genéricas se encontram na terminologia de *pago, querência, rincão*. Constitui-se o pampa como concepção espacial desse universo evocado. E a terminologia ganhou tal vulto que os residentes das outras regiões geográficas do estado teimam em localizar-se intangivelmente na pampa, “o limbo gauchesco, mesmo que os cerros elevem-se frente seus olhos e, sob seus pés, os peraus possam engoli-los”<sup>428</sup>. Na fase contemporânea da cultura rio-grandense, se acham componentes em que os valores sociais foram malogrados pelo gauchismo. Foi preciso desfazer toda a história real e erguer uma história alternativa, que, antes de ser entendida como dominação, deve ser interpretada como a formação de um intrincado alicerce cultural que pôs a história humana invertida. Desta maneira, a ode ao passado define a legalidade do presente, da rigidez a um bloco cultural que garante, socialmente, uma interpretação futura, balizada na “tradição” de toda a carga histórica. Essa tradição é fomentada tanto nos caracteres mais sutis, quanto nos mais toscos<sup>429</sup>.

O discurso regionalista presente na invenção do estilo gaúcho de futebol, aproxima a cultura de arribancada do estado com a cultura de barra argentina, pela figura folclórico mitológica do gaúcho, da garra e determinação que forjaram seu caráter, reflexivo de práticas futebolísticas viris e guerreiras, representativas de imagens de batalhas, correspondidas no paradigma tático introduzido no futebol portenho por Alfredo Zubeldía, do coletivo sobre o individual, da força sobre a técnica e do pragmatismo como princípios, representado por “futebolistas-homens” e encarnado posteriormente em times como Estudantes, Independiente e Racing, que romperiam o velho estilo *criollo* dos “futebolistas-pibes”, conforme referido no capítulo anterior.

Conexão regional similar também com o mito da garra charrua uruguaia, eis

---

<sup>427</sup> GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**. São Paulo, 2010, nº. 09, p. 89-90. Disponível em: <[www.pucsp.br/revistaaurora](http://www.pucsp.br/revistaaurora)>. Acesso em: 02 nov 2016.

<sup>428</sup> GOLIN, Tau. **A Tradição na cultura e na história do Rio Grande do Sul**, p. 22-23.

<sup>429</sup> GOLIN, Tau. **A Tradição na cultura e na história do Rio Grande do Sul**, p. 23.

que presente na construção mitológica da figura do gaúcho rio-grandense, miscigenado com sangue indígena<sup>430</sup>.

O assenhoreamento dos fenômenos esportivos transnacionais é sempre particular, local e específico interligando-se com outras práticas e representações típicas, e narrativas que recriam historicidades<sup>431</sup>. Similaridades geográficas, “históricas”, aproximações socioculturais e construções folclórico mitológicas aproximam o Rio Grande do Sul da Argentina e do Uruguai. A imagem do gaúcho a cavalo, liberto e mestiço, que compartilha zonas limítrofes com castelhanos em torno da pampa, além de representações de batalhas, tenacidades e revoluções, contribuem para uma possível divisão de identidades construídas com os países do Prata. Não é à toa que o *aguante*, encarnado na atitude de valentia perante o perigo, no ato de “plantar-se”, a forma nativa das *barras* de expressar a atitude meritória do lutador que enfrenta o combate quando o pode, encontra guarida em representações da Geral do Grêmio, a partir de trocas com o ideário mítico do gaúcho rio-grandense. Porque estas identidades possuem sólidas conexões regionais, erigidas em torno de um processo histórico que engloba subordinação colonial, semelhanças e diferenças linguísticas, desavenças regionais por territórios, mercados, recursos, invasões e limites<sup>432</sup>.

Não se pode, entretanto, esquecer que sobre estes espaços agora ocupados por torcidas influenciadas pela cultura de barra, imperavam as torcidas organizadas gaúchas, filiadas à cultura de arquibancada brasileira, com aspectos regionais, e que permanecem nos estádios, apesar da perda da hegemonia. Resquícios dos produtos culturais das organizadas gaúchas podem ser vistos em alguns cânticos de torcidas de barra rio-grandenses, o que particulariza de sobremaneira estes grupos de estilo e os torna únicos, vez que divergentes das torcidas organizadas, mas também das

---

<sup>430</sup> (...) Numa das vertentes da construção da identidade sul-rio-grandense é motivo de orgulho afirmar que no gaúcho corre sangue de índio. É corriqueira a expressão “índio velho” utilizada de forma carinhosa em relação à figura do gaúcho. Contribui para isso o fato de o índio ter sido reduzido a um número mínimo e, portanto ter pouco contato com os brancos, de não ter sido escravizado na mesma proporção que o negro, de estar associado a uma imagem de bravura e altivez e o fato de charruas e minuanos, grupos que não existem mais e que habitavam a região da Campanha quando os ibéricos lá chegaram, terem sido guerreiros e a partir da introdução do cavalo, hábeis cavaleiros, o que permite associa-los à figura valente e altaneira do gaúcho, em permanente contato e luta com a natureza. O recorte nesse caso se faz via cavalo, elemento emblemático do gaúcho. In: OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. 2.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 159.

<sup>431</sup> GUEDES, Simone Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Revista Antropolítica**. Niterói, 2011, n.º. 31, p. 35.

<sup>432</sup> GUEDES, Simone Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Revista Antropolítica**, 31, p. 36.

*barras* argentinas e uruguaias, e muito menos próximas às novas torcidas brasileiras, muito embora a tenham influenciado.



**Figura1: O *aguante* da Geral em deslocamento. Foto: Richard Dücker. Disponível em: <<http://www.ducker.com.br>>. Acesso em: 04 jan 2017.**

### 3.2 RAÍZES

A intenção deste subcapítulo é apresentar o que considero como sendo os dois pilares fundamentais para a construção das motivações que de forma consciente ou subconsciente, influenciaram na formação tipológica da Geral do Grêmio, aproximando-a da cultura de barra: a evolução da cultura de arquibancada gaúcha centrada no antagonismo dividido entre Grêmio e Internacional, com as oposições que se formariam a partir da rivalidade construída, de proporções temerárias na contemporaneidade, somadas a mítica folclórica erigida entorno do gaúcho campeiro como símbolo de todo o Rio Grande do Sul, extensivo ao futebol gaúcho, pois se constituem para a Geral do Grêmio nas respectivas categorias fundadoras de “inimigo” e “ideologia”. Cada uma a seu termo.

### 3.2.1 Cultura de arquibancada no Rio Grande do Sul: da gênese da rivalidade grenal às torcidas organizadas gaúchas

A cultura de arquibancada do Rio Grande do Sul se confunde com a história e principalmente com a rivalidade grenal: é dela que surge parcela de seus mitos e produtos culturais, muitas vezes dotados de uma binariedade maniqueísta extrema. A rivalidade surgiu, se criou, foi alimentada e hoje possui um caráter trágico estabelecido a partir dos códigos de conduta das torcidas da dupla: onde a tensão entre o que se deseja o que se pode fazer e o que é permitido se consolida através da ação, transpondo para o cenário gaúcho a observação de Archetti quanto ao futebol ser um ritual público em que a verbalização pode se transformar em ação, e a violência se configura de extensão no campo prático deste tipo de construção conceitual. Assim o efeito trágico rompe a barreira discursiva, transformando-se em violência prática, desencadeado muitas vezes por imagens associadas ao que aqui se conhece por “flauta”: a “corneta”, a “tiração de sarro”, a “pegada no pé” do “outro” instituído na pessoa do aficionado do time rival, por uma “desgraça” ocorrida com seu clube ligada ao desempenho futebolístico. A flauta em si é uma transgressão, mas é seu efeito que interessa como grau definidor do limite entre comicidade e dramaticidade a partir de seu discurso ou significado, e quando se admite esta transgressão, para que ela reste adstrita a comicidade, é essencial que não se perceba a flauta como tal e se possa comemorar a “desgraça” do rival.

Ocorre que na contemporaneidade, “flautas” e suas derivações culturais podem romper a barreira da comicidade, ganhar dramaticidade e perfazerem um efeito trágico prático. Como no episódio ocorrido no dia 27 de novembro de 2016 pela 37.<sup>a</sup> rodada do campeonato brasileiro da série A, quando no jogo entre Internacional e Cruzeiro Esporte Clube, já se encontrando o time gaúcho em situação de iminente rebaixamento para a segunda divisão brasileira, a série B, a flauta surgiu no 2.<sup>o</sup> tempo de partida, encarnada em um drone provocativo sobrevoando o estádio com a letra “B” em vermelho encarnado sobre um pano branco desenhado como um fantasma<sup>433</sup>. O que era para provocar de forma cômica transformou-se em depredação do patrimônio alheio e violência, quando torcedores do Internacional, após supostamente identificarem a residência de onde teria partido

---

<sup>433</sup> CLIC rbs. **VÍDEO: Drone com “Fantasma da “B” sobrevoa o Beira-Rio durante Inter x Cruzeiro**. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/brs/noticia-aberta/video-drone-com-fantasma-da-b-sobrevoa-o-beira-rio-durante-inter-x-cruzeiro-182780.html>> Acesso em: 23 dez 2016.

a aeronave, depredaram parte do imóvel e o carro dos proprietários (diga-se, um casal de colorados), inclusive arremessando pedras em direção a mulher que carregava a filha de dez meses no colo<sup>434</sup>. O exemplo dado foi de torcedores do Internacional, mas poderiam perfeitamente ser do Grêmio.

Então para se entender os grupos de estilo da cultura de arquibancada gaúcha se deve compreender a rivalidade entre as torcidas da dupla, diante de tudo que ela representa. O seu ato instituidor ocorreu no dia 18 de julho de 1909, quando se desenrolou o primeiro confronto entre os dois grandes, no então estádio do Grêmio, o “Fortim da Baixada<sup>435</sup>”: consequência do “desafio” proposto pelos fundadores do Internacional, os irmãos Poppe<sup>436</sup>, constituído apenas dois meses antes. É de se referir que estes jovens paulistas, recém chegados em Porto Alegre, tentaram se associar ao Grêmio, sem obter sucesso, provavelmente em decorrência de alguma peculiaridade do *habitus* associacionista britânico que vicejava na capital, em um universo cada vez mais marcado, conforme revela Gilberto Freyre, pelas “igresias” substituindo as “francesias” e os arcaicos costumes portugueses<sup>437</sup>. O desafio foi aceito pelos dirigentes do Grêmio que ofereceram o segundo quadro da equipe, fato que não foi atestado pelos colorados que exigiram o primeiro quadro e que na prática resultou no escore do primeiro grenal: 10x0 para o Grêmio.

Após o fim do jogo, torcedores do Grêmio “invadiram” o *ground* para carregar os jogadores em seus ombros e já no segundo confronto, além da troca de tapas entre futebolistas, pela agressão de Volksmann do Inter, em Booth, do Grêmio,

<sup>434</sup> YOU TUBE. **Atos de vandalismo: torcedores do Inter depredam casa da Zona Sul de Porto Alegre**. Disponível em: <[https://youtu.be/TE\\_X\\_HGC-6tw](https://youtu.be/TE_X_HGC-6tw)>. Acesso em: 23 dez 2016.

<sup>435</sup> O primeiro estádio do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense localizava-se ao final da *Schetzverein Platz*, hoje o cruzamento da Avenida Goethe com a Rua Mostardeiro, ao lado do atual “Parcão”, no Bairro Moinhos de Vento. Sofreu várias reformas entre o período de sua inauguração em 1904, até o fim de sua utilização com a construção do estádio Olímpico em 1954. Conforme Damo, Augusto Koch, sócio fundador e presidente honorário: (...) não teve grandes dificuldades para juntar os dez contos de réis exigidos pela família Mostardeiro, proprietária do terreno. Assim, menos de um ano após a sua fundação, o Grêmio já tinha casa própria e, de certa forma, um considerável patrimônio. Nem tanto pelo *field*, nem pela cerca que impedia o gado de disputar o espaço com os *players*, e tampouco pela “borboleta” que disciplinava a entrada dos associados. Isso tudo, incluindo o pavilhão social, construído para as autoridades, causava boa impressão, com ares de ordem e progresso. Porém, o mais importante – aquilo que tornava o Grêmio um clube respeitável-, era o status daqueles que cruzavam a borboleta e, principalmente, dos que tinham acesso ao pequeno pavilhão. José Montauray, intendente municipal e apaixonado pelo ciclismo, era apenas um dos tantos notáveis presentes na inauguração da baixada. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 68.

<sup>436</sup> Henrique, José e Luis. In: COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A História dos Grenais**. 2. ed. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004, p. 14.

<sup>437</sup> DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 137.

uma situação comprovou o ressentimento dos dirigentes colorados com a derrota no primeiro encontro, os discursos de Antenor Lemos, dirigente dos colorados, à Cervejaria Bopp, quando teria dito que chegara a hora da vingança. Este ressentimento fundador da rivalidade encontraria seu atestado na declaração de Carlos Kluwe, após a derrota colorada no terceiro grenal, quando vaticinou: “Só posso deixar essa coisa de futebol depois de uma vitória sobre o Grêmio.”<sup>438</sup>

Independente das motivações coloradas, de ter sido, ou não, “pensado e criado com clara finalidade de se opor abertamente ao Grêmio, então o principal clube de futebol da cidade”<sup>439</sup>, o certo é que seus idealizadores se proporam a desafiar o Grêmio, o que fica claro pela declaração de Kluwe<sup>440</sup>. Ali se iniciava a rivalidade que ganharia corpo nos anos seguintes, quando o Grêmio deixou a Liga, enquanto o Internacional disputou a Metropolitana, sendo campeão: “Os torcedores trocavam provocações nas ruas e nos cafés. Os gremistas diziam que o Inter só conquistara seus títulos porque não enfrentara o Grêmio, (...). Os colorados respondiam que a situação mudara que o Internacional estava mais forte e que venceria o Grêmio, se os dois se defrontassem.” Fato que ocorreu em um grenal amistoso de 1915, placar de 4x1 favorável ao Inter, para alegria de Antenor Lemos, que teria referido: “Está quebrado o lacre! Está quebrado o lacre!”.

Os clubes só voltariam a se enfrentar oficialmente em 1918, já com uma forte rivalidade estabelecida e com a primeira ocorrência violenta envolvendo torcedores, em um grenal que não terminou. A contenda foi deflagrada entre torcedores do Grêmio e jogadores do Inter, após a abertura do placar pelos gremistas, motivada por uma reposição de bola em jogo, o que resultou em cerca de 100 feridos e um preso, com ocorrência de lesão grave a um dos jogadores do Internacional, como consequência do uso de uma faca pelo agressor, que teria penetrado 15 centímetros em seu abdômen. Nos anos de 1920 e 1930 a hegemonia permaneceria nas mãos do Grêmio, com o “primeiro supertime”<sup>441</sup> e a conquista do

<sup>438</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A História dos Grenais**, p. 14-23.

<sup>439</sup> MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine e SERPA, Angelo (orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA, edições L'Harmattan, 2012, p. 76. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 nov 2016.

<sup>440</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 67.

<sup>441</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p.27-38.

campeonato mais simbólico desde então: o campeonato farroupilha de 1935.

Apesar da hegemonia gremista, em 1931 o Internacional inaugurava o “Estádio dos Eucaliptos”<sup>442</sup>, superior a Baixada, e embora os resultados dentro de campo não favorecessem, o novo estádio tocou o sentimento de torcedores dos dois clubes<sup>443</sup>. O futebol começava a popularizar-se. Exemplo disto foi o “episódio dos cachorros vermelhos” protagonizado por um colorado, que no dia da decisão do campeonato farroupilha, caçou 11 cães pelas ruas da capital, pintou-os de vermelho, e os levou dentro de uma camionete até a Baixada, com a intenção de soltá-los em campo, pela certeza do título, tendo em vista que ao Inter cabia apenas empatar a partida. Como se sucedeu o reverso, com o barulho dos fogos de artifícios de torcedores do Grêmio, que comemoravam a conquista junto ao estádio, os animais assustados teriam mordido o incauto colorado<sup>444</sup>. A narrativa já revela o uso de fogos de artifício pelos torcedores e o recurso à comicidade como um produto cultural de arquibancada representado na intenção de soltar os cachorros em campo.

Se até os 1930 a rivalidade patrimonial era favorável ao Grêmio, a partir da construção dos Eucaliptos o Internacional equilibra a disputa. O clube cuja primeira sede ficava em um terreno na Rua Arlindo<sup>445</sup>, que durante grande parte do inverno restava alagado, tornando impossível o exercício da prática do futebol, e que após este período, alugou a partir de 1912 um terreno na Chácara dos Eucaliptos<sup>446</sup>, se consolidava patrimonialmente com o estádio da rua Silveiro. Faltava equilibrar a rivalidade em campo, fundamental até sob o ponto de vista simbólico. O itinerário por terrenos encharcados e alugados reforçava em parte o “mito de origem” do “clube do povo”. Para lhe completar o significado faltava abrir as portas para os futebolistas negros e se sagrar vencedor com eles, pois até ali o “clube do povo” era apenas um capricho colorado, motivo de sátira entre os gremistas. O orgulho colorado pelo “mito

---

<sup>442</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p.46-47.

<sup>443</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 71.

<sup>444</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p.51-53.

<sup>445</sup> Na atualidade, praça Sport Club Internacional, no bairro Azenha. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 69.

<sup>446</sup> Atual sede da Secretaria de Agricultura do Estado. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 69.

de origem” só se afirmaria a partir dos anos 1940, com os jogadores negros<sup>447</sup>.

Assim a hegemonia gremista seria rompida com a formação da equipe mais importante para a identidade do Internacional: o Rolo Compressor dos anos 1940. Tanto o Grêmio, quanto o Inter, não aceitavam negros em seus times até a virada dos 1920, para os 1930. Foi o Inter que primeiro rompeu com a segregação racial. Não por uma intenção nobre em si, mas para reforçar a equipe com negros que já se destacavam em ligas paralelas, a um baixo custo econômico se comparados com os brancos, no ainda incipiente futebol profissional que surgia<sup>448</sup>, como atestou Osmar Fortes Barcelos, o “Tesourinha”, que no início de sua carreira no Internacional, recebia um litro de leite por dia como pagamento<sup>449</sup>. No círculo do jogo era conhecida a suspeita de como os negros eram vistos pela elite local de ambos os clubes, bem evidente nas retaliações impostas a Tupã, futebolista do Internacional, após a derrota para o Grêmio que custou o título de campeão farroupilha ao clube. Nem os dois títulos do Inter que ele havia ajudado a conquistar um ano antes serviram para ajudá-lo<sup>450</sup>.

No Grêmio os dirigentes insistiam no amadorismo baseado em ideias eugênicas de aprimoramento da raça através do esporte e pelo esporte. É neste momento que se fundaram as noções do senso comum e de parte dos torcedores da dupla, sobre seus “mitos de origem”, onde um antagonismo radicalizado contrapõe o Grêmio, ocupante da posição de “Clube de Elite”, com pecha de racista, ao Internacional, o “Clube do Povo”, multirracial e popular. Mas a realidade difere da tradição construída quando se verifica que tanto Grêmio, quanto Inter foram influenciados pelo associacionismo britânico introduzido por Charles Miller<sup>451</sup>. Nem o Internacional, muito menos o Grêmio, foram construídos pela mobilização popular,

---

<sup>447</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 69-71.

<sup>448</sup> Idem, p. 96.

<sup>449</sup> (...) só podia jogar no Internacional, onde eu tinha assinado a ficha (...). Joguei tão bem que o presidente me prometeu ajuda. Quanto, Tesourinha? Um litro de leite por dia! E o pior é que não me davam dinheiro. Me davam leite mesmo. Eu vivia bem porque trabalhava na Brigada, onde era armeiro. Fiquei três anos sem ganhar nada mais do que um litro de leite por dia. In: OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, p. 30. Posteriormente ele passaria a ganhar 200 mil réis. In: COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 61.

<sup>450</sup> (...) Foi acusado de estar vendido porque perdeu alguns gols estranhos. Ele foi obrigado a sair do clube e teria dito várias vezes o seguinte: “É, falaram de mim porque sou negro, mas também havia um branco vendido naquele jogo”. SANTOS, Carlos Lopes apud, DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 93.

<sup>451</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 37.



mas como resultado da conjuntura futebolística da época a partir de grupos sociais que disputavam entre si, que procuravam se firmar no mesmo *locus* sociocultural<sup>452</sup>. Exemplo muito ilustrativo destes dados é um folheto do ano de 1917, que promovia a sede do Internacional na fase da Chácara dos Eucaliptos, registrando: “além de um excelente *ground*, duas *pelouses* de *law-tennis*, frequentadas pela maior sociedade porto-alegrense”, referência as abastadas famílias do bairro Menino Deus<sup>453</sup>. O folheto flagra esta disputa pelo primado da distinção social na concorrência de espaços sócio culturais, entre os teuto-brasileiros que fundaram o Grêmio, com figuras ilustres, como seu sócio fundador, o major Augusto Koch, assíduo das “melhores rodas”, ou José Montauray, prefeito da capital, em oposição aos pequenos comerciantes, comerciários, funcionários públicos e jovens estudantes procurando afirmação social do “sempre autoproclamado clube do povo”, mas que também não era aberto a filiações indiscriminadas, embora mais flexíveis que as do Grêmio, em pequenos antagonismos que se extinguiriam mais tarde e hoje são irrelevantes<sup>454</sup>.

O “Rolo Compressor<sup>455</sup>” muda esta realidade e transforma o Internacional em um clube popular antes do Grêmio, que só obterá este caráter a partir dos 1950. A década colorada começa em 1940 e se estende até 1955. Com Tesourinha e outros negros, os colorados foram hexacampeões gaúchos, e ajudaram a popularizar o clube. Conforme afirmação de Abelard Jacques Noronha, presidente do Internacional entre 1943 e 1944: “Era negro? Era bom? Era nosso!”<sup>456</sup>

Cumprе salientar que até então, manifestações no ato de torcer, normalmente agregando elementos de comicidade, eram conhecidas a partir da ação de grupos como aqueles que levavam uma cabra ao estádio dos Eucaliptos, cujo nome era Chica e que incomodava os gremistas, ou pela ação isolada de torcedores populares como “Charuto” do Inter, que como diversão arremessava

<sup>452</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p.65-66.

<sup>453</sup> OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**, p. 23.

<sup>454</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 68-69.

<sup>455</sup> Um novo Inter, melhor, mais rápido, com vontade de ataque, que quando pronto em 1942, receberia esta denominação: “uma máquina que passaria por cima dos adversários, esmagando-os sem nenhuma piedade durante toda a década de 1940” In: COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 58.

<sup>456</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 61.

chuchus nas cabeças dos torcedores tricolores<sup>457</sup>, ou Bombardão do Grêmio, que gostava de troçar com o genitor do jogador Carlitos do Internacional<sup>458</sup>. No entanto, é a partir da década de 1940 que surge a cultura de arquibancada gaúcha, através da “Torcida Colorada”, nos moldes das torcidas uniformizadas oficiais do eixo Rio-São Paulo, cujo torcedor símbolo, líder e fundador era Vicente Rao, afamado Rei Momo da cidade (1950-1972) e o primeiro chefe de torcida do sul do Brasil<sup>459</sup>. Era carnavalesca como as uniformizadas do Rio e inclusive possuiu depois uma charanga<sup>460</sup>. A torcida primeiramente chamava-se Departamento de Propaganda e Cooperação – DPC. Grandes bandeiras, serpentinas, fogos, sinos, sirenes e faixas provocativas. Uma delas em um grenal, alusiva a torcida do Grêmio: segundo Rao, o então clube da Baixada era “sempre muito comportado” e considerava aquelas alegorias todas “coisa de crioulo”, até adotar uma postura similar, o que gerou a faixa provocativa: “Imitando crioulo, hein?”<sup>461</sup>

Deste relato se retiram duas conclusões: A primeira é que a popularização do Inter e a insistência de dirigentes do Grêmio na segregação racial, como Aurélio de Lima Py, por apego a paradigmas “científicos” de aprimoramento da raça pelo esporte<sup>462</sup>, baseados no spencerianismo biologista<sup>463</sup>, começava a construir uma pecha de racismo que “colaria” no Grêmio e faria com que até a contemporaneidade o clube se visse envolvido na defesa contra tais especulações, que hoje não possuem o menor cabimento, mas que continuam trazendo dissabores e

<sup>457</sup> OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**, p.52-53.

<sup>458</sup> GERCHMANN, Léo. **Somos azuis, pretos e brancos**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2016, p. 115-116.

<sup>459</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 97.

<sup>460</sup> Em 1957. In: OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**, p. 51.

<sup>461</sup> OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**, p. 51.

<sup>462</sup> As conexões entre o positivismo e o esporte são notórias e encontraram no paradigma médico-higienista um suporte conveniente. Aurélio de Lima Py se destacou como primeiro presidente da Federação Rio-Grandense de Desportos, Diretor da Faculdade de Medicina e reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, deputado estadual pelo Partido Republicano (de inspiração positivista) e primeiro patrono do Grêmio. Cargo, aliás, feito para ele. A manifestação mais concreta da escola que seguia e o influenciava no modo de pensar o Grêmio, ocorreu no seu discurso de posse como patrono, que por determinação do então presidente do clube, José Gerbase, foi reproduzido na íntegra no livro de atas e posteriormente reeditado em várias publicações do Grêmio; o “credo do bom gremista”, que entre outras afirmações proclamava: “(...) CREIO no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense porque sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços. (...) CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro (...)”. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 109-110.

<sup>463</sup> ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A questão criminal**. Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2013, p.78-80.

influenciando torcedores pela tradição construída pelo senso comum. A segunda é que se a torcida gremista estava imitando as posturas trazidas por Rao, é porque alguma coisa se modificava na Baixada.

Em meio à crise e ao hexacampeonato colorado, a torcida do Grêmio começava a reinventar as tradições do clube, fato que só iria se consumir com Saturnino Vanzelotti como presidente (1948-1954), quando acaba com a segregação racial no Grêmio a partir da contratação de Tesourinha em 1952, mas que não foi a única causa de afirmação popular. Isto também incluiu a mobilização de torcedores, onde a feitura do hino de seu cinquentenário, composto por Lupicínio Rodrigues, gremista e negro da Ilhota, ganha relevância pela verossimilhança entre sua letra, constituída de fragmentos da memória de torcedores<sup>464</sup>, e o contexto da época. A torcida gremista em plena crise de resultados passa a se organizar e inaugura a cultura de arquibancada no clube a partir de uma excursão de torcedores em 1945, que arregimentou número suficiente para lotar dezoito vagões de trem, a partir da atuação de Salim Nigri, na época com 19 anos, que viria a ser seu torcedor símbolo, e que pelo sucesso da excursão, conquistou espaço e autonomia para representar a torcida do clube que se ressentia de não ter alguém como Vicente Rao, daí voltamos à provocação em relação à torcida do Grêmio: “Imitando crioulo hein?” O Grêmio se popularizava não porque aumentava seus torcedores, mas porque sua torcida, com grande aceitação, passou a comportar-se de forma inusitada<sup>465</sup>.

Por seu turno, Lupicínio e Tesourinha ajudaram em muito o Grêmio a reabilitar sua imagem, acusada de elitista e racista. No campo, a contribuição de Tesourinha foi simbólica, pela cor que deu ao clube e por ter “virado a página” da segregação racial na história gremista. O fervor de Lupicínio comprovou que o Grêmio possuía inserção popular e que em se tratando de racismo, nem o Internacional era inocente. Mas resta ainda na popularização do clube a atuação de Vanzelotti também na construção do Olímpico<sup>466</sup>, inaugurado em 19 de setembro de 1954<sup>467</sup>, estádio onde o Grêmio acabaria com a hegemonia do Internacional, sagrando-se não só heptacampeão gaúcho, mas conquistando em 13 anos, 12 campeonatos regionais. A troca do bairro Moinhos de Vento, por uma localização

---

<sup>464</sup> Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio.

<sup>465</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 115-117.

<sup>466</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 120.

<sup>467</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 86.

limítrofe entre o bairro proletário da Medianeira e da Azenha, sem o status da antiga Baixada, foi a atitude que faltava para conceder ao Grêmio sua identidade popular e plural.

A rivalidade também foi construída em concreto armado, tanto que após a feitura do Olímpico, o Internacional obtém uma concessão para aterrar sete hectares do rio Guaíba, e os colorados haveriam de suportar, além da flauta cotidiana pelos resultados desfavoráveis, o sarcasmo com um trocadilho cômico: como forma de arrecadar fundos para a obra, o clube vendeu antecipadamente “cadeiras cativas”, ironizadas pelos gremistas como “bóias cativas”, em mais um episódio cômico da rivalidade<sup>468</sup>. No entanto, o estádio Beira-Rio foi inaugurado em 04 de abril de 1969<sup>469</sup>, quando então se rompeu a hegemonia gremista e o clube foi octacampeão gaúcho e tricampeão brasileiro. Hegemonia que o Grêmio retoma nos anos 1980, quando sob a presidência de Hélio Volkmer Dourado (1976-1981), o Olímpico se transforma em Olímpico Monumental, com o fechamento da última parte de seu anel superior<sup>470</sup>, e o clube é hexacampeão gaúcho, campeão brasileiro, campeão da Libertadores da América e do Mundial Interclubes<sup>471</sup>.

Entre esta fase, a reforma do Beira-Rio para a Copa do Mundo de 2014 e a inauguração da Arena do Grêmio em 2012, a rivalidade iria aumentar em proporções perturbadoras, estimulada conforme a relevância dos títulos que a dupla conquistava particularmente a que “o outro” conquistava, pela crise das organizadas dos 1990<sup>472</sup>, e por outros fatores que abordarei no quarto capítulo, servindo todos para transformar em violência real o caráter trágico esboçado nos discursos e nas práticas das torcidas, estabelecido a partir da gestação do ethos grupal.

A moderna cultura de arquibancada gaúcha, dominada pelas organizadas filiadas a matriz brasileira das torcidas jovens, teve parte de sua gestação no

---

<sup>468</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 72-73.

<sup>469</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p.140-141.

<sup>470</sup> GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegre. **Estádio Olímpico**. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio>>. Acesso em: 30 dez 2016.

<sup>471</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 72

<sup>472</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense – ICHF, 2012, p. 43-48.

Olímpico<sup>473</sup>, visto que a partir do espólio cultural deixado por torcidas de menor porte<sup>474</sup>, como a Torcida Independente Força Azul e a TIGRE – Torcida Independente Gremista surgiram as organizadas do Grêmio que iriam dominar o cenário das arquibancadas até o surgimento da Geral, como a Torcida Jovem, fundada por Nilson Correia e José Maria de Oliveira, em 23 de outubro de 1977<sup>475</sup>, e a Torcida Organizada Super Raça Gremista, fundada em 26 de setembro de 1981, por treze torcedores reunidos nas sociais do Olímpico Monumental<sup>476</sup>.

Entre umas e outras estava a *Coligay*, primeira torcida LGBT do Brasil, fundada em 1977 por Volmar Santos, então proprietário da boate gay Coliseu<sup>477</sup>, de onde se originou o nome. A *Coligay* não seguia o modelo das organizadas, sendo carnavalesca, com elementos próprios, como largas batas e macacões listrados em azul e branco, cada um deles com uma letra em preto, que juntas formavam o nome do clube, além de faixas de incentivo<sup>478</sup>. Donos de uma comicidade extrema, ninguém fez mais festa do que eles naquele ano, embora tenham desaparecido em meio ao preconceito, a falta de apoio financeiro da diretoria do clube e a perseguição por outras torcidas<sup>479</sup>. O estranhamento a *Coligay* por outros grupos de torcedores é compreensível. Quando se verifica a incompatibilidade do etos dos integrantes destes grupos, cercado por representações sexuais onde a negação de pertencimento, justamente remete a “infração” por homossexualidade, dividir o assentamento clubístico com torcedores homossexuais, que a seu modo contribuíam para a liberdade de gênero na cultura de arquibancada gaúcha, seria praticamente impossível.

Os significados dos códigos de conduta grupal das organizadas, expressos através de seus rituais nas arquibancadas, onde se utilizam da discursividade

<sup>473</sup> Concentrarei-me a partir de agora nas torcidas do Grêmio, em função do trabalho de campo realizado a partir da Geral.

<sup>474</sup> OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nos iremos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, p. 84.

<sup>475</sup> SITE oficial da Torcida Jovem do Grêmio. **Fundação**. Disponível em: <<http://tjovemdogremio.blogspot.com>>. Acesso em: 30 dez 2016.

<sup>476</sup> FACEBOOK. Sobre. **Torcida Organizada Super Raça Gremista**. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/superracagremista/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/superracagremista/about/?ref=page_internal). Acesso em: 30 dez 2016.

<sup>477</sup> PINTO, Maurício Rodrigues. **Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol**. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1460#ftn9>> Acesso em: 22 jan 2017.

<sup>478</sup> REVISTA Placar. **Os desafios da Coligay**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=LpX6aJmjc5oC&lpg=PA1&hl=pt-BR&pg=PA80#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 30 dez 2016.

<sup>479</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 188.

trágica, possibilita uma interpretação do etos de seus participantes, na exteriorização e no estado dos sentimentos coletivos, imbuídos de polarizações de significados em símbolos como a sexualidade, o ato sexual<sup>480</sup>, e a “inferiorização do outro” por preconceitos raciais<sup>481</sup> e de classe<sup>482</sup>. São nestes rituais que envolvem o futebol que se estabelecem uma ordem e um universo masculino exclusivo, onde a dramaticidade irá se sobressair perante a comicidade, não apenas pelos cânticos, mas também pela flauta, e por práticas e representações que envolvem questões existenciais como identidade de gênero, vida, morte, amor e ódio. É através deste discurso reflexivo do etos grupal, que se mantêm a identidade.

O problema ocorre quando se rompe o caráter discursivo, transformando-o em violência prática. Em certa medida parte da construção dos códigos de pertencimento das organizadas é de responsabilidade dos grupos de estilo funk nas torcidas cariocas a partir dos anos 1990, que dia mais dia menos, também aportaria no estado. Exemplo evidente desta influência é a maneira como a Torcida Jovem do Grêmio se divide. Cada área onde residem grupos de sócios da torcida, sejam da região metropolitana, do estado, ou até mesmo do país, ganham a nomenclatura de “arrastão”. Assim existe o “3.º arrastão” de Esteio, o “7.º Arrastão” de Venâncio Aires, ou o “12.º Arrastão” do Rio de Janeiro<sup>483</sup>. Estas influências acabam transportando também para o estado, o código de pertencimento das galeras funk: “(...) o etos da masculinidade que os obriga a se mostrar corajosamente nos bailes e a brigar (...)”, constituído como virtude guerreira e masculina que se institui entre os “funqueiros” através da expressão “sujeito-disposição”. A “disposição” para lutar e até mesmo matar um membro da galera rival, como fonte de consideração e

---

<sup>480</sup> Existem cânticos originários das organizadas do Grêmio, que fazem referência pejorativa a sexualidade, em conjugação com a rivalidade grenal, sendo exemplo: “Atirei um pau no Inter.../ E o Inter se fudeu/Macacada, filha da puta/Chupa rola e dá o cu/Hei, Inter/Vai tomá no cu!/Olê Grêmio!/Olê Grêmio!” (na melodia de Another brick in the wall, Pink Floyd.) In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 82.

<sup>481</sup> “Explode chiqueirão/Prá soltá, a macacada/Eu vô chama o lbama/Prá dá banana prá torcida colorada!/Explode” (Na melodia de Explode Coração, samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, 1989) In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 83.

<sup>482</sup> “Colorado, favelado, ladrão./Dá o cu pra um gremistão!” (Xingamento habitualmente proferido por torcedores do Grêmio quando em deslocamento para grenais nos anos 1990) In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 83.

<sup>483</sup> SITE oficial da Torcida Jovem do Grêmio. **Todos os arrastões da jovem**. Disponível em: <<http://torcidajovemgremiobh.blogspot.com.br/2011/05/todos-arrastoes-da-jovem.html>>. Acesso em: 30 dez 2016.

prestígio<sup>484</sup>.

Diante do aumento da violência das torcidas, como na tragédia ocorrida no estádio do Pacaembu em 1995 que oportunizou as instituições de controle banirem as organizadas, somado a ascensão do mercantilismo no futebol que impunha a abertura do jogo a novos mercados consumidores, bem como em decorrência dos conflitos internos, se abre uma crise sem precedentes nas organizadas gaúchas ao final dos 1990. Os conflitos excessivos entre torcidas de Grêmio e Inter servem de prerrogativa para a Brigada Militar intensificar a repressão e as diretorias dos clubes acabam responsabilizadas por qualquer ato provocado por torcedores, sejam destes grupos ou não, o que ajuda na ruptura da relação entre clubes e torcidas. São cortados subsídios, vedada a entrada nos estádios de instrumentos musicais e bandeiras, despojando-se as organizadas de seus produtos e identificações culturais. Internamente as organizadas do Grêmio disputavam à hegemonia dos torcedores nas arquibancadas, onde acusações de seus associados quanto a postura dos presidentes das torcidas, sobretudo da Jovem e da Super Raça, orbitavam em torno de suspeitas de vantagem e favorecimento pessoal<sup>485</sup>.

Eram comuns também os confrontos entre integrantes da Jovem contra membros da Super Raça. Muitas vezes em vagões de trem vindos da grande Porto Alegre. Estas rixas irão perdurar após a fundação da Geral do Grêmio. Outra medida repressiva adotada na época foi o controle de torcedores pela impressão do número de sua filiação grupal nas camisetas alusivas a torcida pertencente. A inexistência de unidade e o controle formal instituído que afetava seus rituais e os impedia de torcer, levaram ao esvaziamento das organizadas<sup>486</sup>, afinal, porque permaneceriam atrelados a torcidas que não lhes ofereciam excitação e fuga ao tédio de uma sociedade automatizada. O vazio ontológico deixado pelas organizadas<sup>485</sup> seria então preenchido pela Geral do Grêmio, aproveitando a herança deixada por elas, somada ao mito folclórico cultural que há muito estava latente e até então passava ao largo dos pertencimentos grupais nas arquibancadas: construção identitária do futebol

---

<sup>484</sup> ZALUAR, Alba. Violência, cultura e poder. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p. 31-32.

<sup>485</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p. 43-44.

<sup>486</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p. 45-47.

gaúcho, que serviria de base ideológica para a aproximação da cultura de arribancada do estado com a cultura de barra argentina.

### 3.2.2 A construção identitária do futebol gaúcho

O gaúcho desde piá vai aprendendo, a ser valente, não ter medo, ter coragem. Em manotaços dos tempos e em bochinchos, retempera e moldura a sua imagem. Não podemo se entregá pros home, de jeito nenhum, amigo e companheiro. Não tá morto que luta, quem peleia. Pois lutar é a marca do campeiro<sup>487</sup>.

À moda antiga: tiremos o chapéu pro Grêmio. Silenciar 100 mil pessoas no Maracanã, francamente, não é pra qualquer um. Muito menos quando se encara a torcida delirante do Flamengo. (...) Ao ver o Grêmio fazer murchar a multidão rubro-negra, revi a cena daquela tarde sinistra de 1950, em que a seleção uruguaia deixou a multidão prostrada. Sem ânimo, sequer, pra ir embora do estádio, levando pra casa sua esperança morta<sup>488</sup>.

Os gaúchos brasileiros têm uma formação histórica comum à dos demais gaúchos platinos. Surgem da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres Guarani<sup>489</sup>.

Da mesma maneira que para a grande maioria dos brasileiros, interpretar o estilo de jogo do futebol platino, seja argentino, ou uruguaio, passa por priorizar o paradigma da força sobre a técnica, do coletivo sobre o individual, e do pragmatismo estratégico da vitória a qualquer custo sobre a plasticidade, o mesmo vale para a interpretação que possuem sobre o estilo de jogo do futebol gaúcho, dentre eles, sobretudo, os próprios rio-grandenses. Aqui também a influência “castelhana” obteve

<sup>487</sup> ZANATTA, Humberto; ALVES, Francisco, SCHERER, Francisco. “Não podemo se entregá pros home”. Intérprete: Leopoldo Rassier. In: RASSIER, Leopoldo. **Não Podemo Se Entregá Pros Home**. Porto Alegre: Discoteca Produções, 1986. 1 LP. Faixa 1.

<sup>488</sup> Armando Nogueira, após a conquista da Copa do Brasil de 1997 pelo Grêmio. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 121.

<sup>489</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 410.



uma abordagem estereotipada, sendo natural que pela condição de fronteira, o intercâmbio de futebolistas entre clubes do Rio Grande do Sul, da Argentina e do Uruguai, tenha sido mais comum do que nos estados do centro do país. Assim, explicações derivadas a princípio mais do senso comum do que de um estudo acadêmico, instilaram desde muito tempo uma alegoria própria ao futebol do estado, diferenciado daquele exibido nos grandes centros futebolísticos do Brasil, e “menos brasileiro”<sup>490</sup>.

No que concerne aos gaúchos, a construção deste quadro interpretativo é causada pela busca de uma identidade própria, divergente da brasileira, e em muito fomentada pela onipresença do discurso regionalista nas estruturas mentais e nos métodos de percepção e pensamento do imaginário coletivo, que com o auxílio da mídia, é transportado para o jogo por sua associação ao estilo gaúcho, a partir do sucesso de equipes da dupla grenal<sup>491</sup> no cenário nacional e internacional. Este estilo, diferente da habilidade desconcertante do “futebol-arte”, como é caracterizado o estilo nacional, também é assim percebido pelo imaginário coletivo dos demais brasileiros, reforçando a autonomia do estilo gaúcho, por ele divergir e até mesmo afrontar a concepção de futebol sinônimo de brasilidade<sup>492</sup>. Outros elementos como o clima frio e chuvoso e os gramados enlameados do interior do estado, implicariam uma priorização maior da preparação física em detrimento da técnica<sup>493</sup>, ajudando no estabelecimento destas noções.

Nesta fusão entre o discurso regionalista e o futebol pragmático, são elencadas como “virtudes” inerentes à tradição da identidade local, transportada para o futebol, a garra, a força, a raça, elementos de tenacidade que formaram o mito do gaúcho campeiro do pampa rio-grandense. É importante então grifar aqui que a referência de Darcy Ribeiro à formação histórica comum dos gaúchos brasileiros e dos platinos<sup>489</sup>, diz respeito exclusivamente à região da campanha rio-grandense, esta sim geograficamente dominada pelo pampa, elemento dotado de

---

<sup>490</sup> GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**, p. 90.

<sup>491</sup> Muito embora na época amadora do futebol rio-grandense, existissem clubes que impunham relativa paridade com Grêmio e Internacional, isto acabou por se encerrar com o início da profissionalização do futebol no estado, a partir dos anos 1930. Por isso a referência à dupla grenal, como sinônimo de representação do estilo gaúcho.

<sup>492</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 136.

<sup>493</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 132.

liminaridade, por estar inserido à fronteira com outras unidades territoriais similares nas nações fronteiriças, que ofertou a oportunidade de construção de um discurso hegemônico muito bem engendrado pela elite oligárquica gaúcha, onde habita o gaúcho mítico e seu cavalo, posteriormente reformulado pelo Movimento Tradicionalista, em que o pampa torna-se símbolo exclusivo desse universo evocado, conforme referido por Tau Golin: o “limbo gauchesco”<sup>428</sup>.

O estilo do futebol gaúcho é produto do apoderamento por dirigentes, torcedores, jogadores e cronistas esportivos, de uma fala de louvor às tradições, entendidas como aquelas disseminadas pelo discurso regionalista em todas as instituições gaúchas e não só no futebol<sup>494</sup>. O modelo que é erigido quando se evoca “tradições gaúchas”, seja de quem for que as cultua, estará sempre baseado no campo, na região da campanha, no sudoeste do estado, à fronteira com Argentina e Uruguai, e na representação do gaúcho: “homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo”, embora a derrocada econômica da região, em oposição à vitalidade de outras, como a serrana, colonizada por italianos e alemães, mas onde o gaúcho campeiro, com seu cavalo, chimarrão e a construção social de uma figura livre e brava, serviu da mesma maneira para erguimento do mito identitário, o que apontaria a uma união representativa que une os habitantes do estado em contraposição ao país<sup>495</sup>.

Efetivamente, ao final dos 1940, a realidade objetiva facilitou um novo impulso ideológico da classe dominante, resultando na versão contemporânea organizativa dos Centros de Tradições Gaúchas, os CTG's. A entrada do capitalismo monopolista nos anos que sucederam a segunda grande guerra, deu vazão à mudança de costumes, hábitos e cultura. Subjugados dentro do estado, os imigrantes também passaram a deter papel social dotado de relevância, e sua parcela abastada, já integralmente diferenciada do “colonato”, representante do poder industrial-urbano, participa do poder político. Essa burguesia industrial acabaria por formar a “elite” juntamente com os latifundiários, encarnando as parcelas da classe dominante. Essas duas frações, que se veem frente a frente, num passageiro impasse conjuntural, por fim se deram conta de sua identidade e conjuntamente: “uniram-se na criação e fomento do mundo mítico e hipotético do

---

<sup>494</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 129.

<sup>495</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 97-98.

Tradicionalismo”<sup>496</sup>.

Fato é que a onipresença do discurso regionalista é tão grande que é capaz de turvar a compreensão daqueles que desconhecem ou esquecem que o futebol gaúcho nunca foi marcado pela exclusividade do pragmatismo característico do estilo alçado na estratégia e imposição física, assim como também impede ao senso comum enxergar que o futebol platino não é só busca da vitória a qualquer custo. Prova disto é o já referido estilo clássico do futebol rio-platense, visualizado na técnica individual de jogadores que fundaram ou reinterpretaram o estilo *criollo*<sup>497</sup>, inclusive no caso do Uruguai, agregando negros e mulatos de forma pioneira como jogadores de improvisação<sup>498</sup>.

Da mesma forma, na história do futebol no estado se encontram equipes que gozaram da “brasilidade do futebol-arte”, do individualismo tradicional brasileiro, sobretudo equipes montadas pelo Internacional, como o famoso “Rolo Compressor” dos 1940, após o início da decadência da segregação racial no futebol gaúcho. Já no Grêmio a possibilidade de aproximação com o discurso regionalista se deu de forma mais direta, tendo em vista a influência teuto-brasileira em sua fundação<sup>499</sup>, e a tradição construída por equipes como a montada por Oswaldo Azzarini Rolla, o “Foguinho”, responsável pela implementação da preparação física no futebol gaúcho, que a partir do ano de 1956, fez com que o clube não só rompesse a hegemonia colorada, como impôs-se a sua<sup>500</sup>. Outro exemplo no Grêmio, este em especial, foi o time formado pelo técnico Luiz Felipe Scolari nos 1990<sup>501</sup>. O que não significa que típicos jogadores filiados à escola clássica brasileira não pudessem ser vistos no Grêmio, como Ronaldo de Assis Moreira<sup>502</sup>, ou que o Internacional não

---

<sup>496</sup> GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1993, p. 13.

<sup>497</sup> Como Alfredo Di Stéfano, na Argentina, ou Juan Alberto Schiaffino no Uruguai e nas últimas décadas do século XX, representado por futebolistas como Diego Armando Maradona e Enzo Francescoli, ou na modernidade recente substancialmente por Lionel Messi.

<sup>498</sup> GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**, p. 90.

<sup>499</sup> GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**, p. 89-90.

<sup>500</sup> Além de acabar com a hegemonia do Internacional, a partir do futebol total implementado por Rolla, o Grêmio conquistou em 13 anos, 12 campeonatos gaúchos. Respectivamente de 1956, 1957, 1958, 1959 e 1960, quando foi pentacampeão, e de 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967 e 1968 quando foi heptacampeão.

<sup>501</sup> Que conquistou a Copa do Brasil de 1994, a Libertadores da América de 1995, a Recopa e o campeonato brasileiro de 1996, além de alguns campeonatos gaúchos.

<sup>502</sup> Nacionalmente conhecido como “Ronaldinho Gaúcho”.

fosse titular do estilo gaúcho, conforme a fala mítica da crônica esportiva<sup>503</sup>, consolidada através das equipes que conquistaram o cenário internacional nos anos 2000, em interação com o senso comum a partir da intervenção monopolizadora do discurso regionalista.

Mas como isto ocorre e como influencia os grupos de estilo da cultura de arquibancada gaúcha contemporânea em seus usos, costumes e códigos de postura? O Rio Grande do Sul ocupa usualmente na visão de muitos uma categoria única em relação ao país, tendo em vista as peculiaridades geográficas que de certa forma o isola do resto do Brasil, sua posição estratégica, sua economia, a forma como foi povoado e como se agrega na história nacional, sendo geralmente defrontado como um todo ao resto da nação em um tema recorrente que traduz uma tensão entre autonomia e integração.

O grifo nas características do estado e a paralela afirmação dele pertencer ao país, se configuram em um dos principais eixos da construção da identidade gaúcha que é constantemente renovada, reciclada e invocada. A posição estratégica do estado faria com que ele fosse tido como uma região limítrofe, as margens do Brasil. A imposição de domínio da natureza, de revolta contra os desmandos do governo central, de garantia das fronteiras, e os conflitos internos, explicaria a natureza impetuosa que já teria penetrado o inconsciente coletivo gaúcho. Assim as características do Rio Grande do Sul colaboram para a construção de uma gama de representações em seu entorno que perfazem uma força quase mágica que as lança até a contemporaneidade, fazendo-as informar a ação e criar práticas na atualidade<sup>504</sup>. Isto vale também para o futebol e seus atores: jogadores, técnicos, dirigentes, cronistas esportivos e torcedores. Conseqüentemente também valem para os grupos de estilo da cultura de arquibancada gaúcha.

Elementos da construção do mito folclórico identitário rio-grandense podem ser notados na história do futebol gaúcho antes mesmo da instituição do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG, ocorrida em 1966<sup>505</sup>, ou da fundação do 35 CTG em

---

<sup>503</sup> Exemplo desta discursividade são os elementos evocados na locução de Pedro Ernesto Denardin, no jogo Inter 2 vs Portuguesa 1, em 15/11/1996: "(...) a garra, a força, o sangue colorado", In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 128-129.

<sup>504</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**, p. 61-65.

<sup>505</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**, p. 120.

1948<sup>506</sup>. Como quando da disputa do “Campeonato Farroupilha de 1935”, referência ao caráter distinto dado ao Campeonato Metropolitano daquele ano, tendo em vista o centenário da Revolução Farroupilha de 1835 que se comemorava em Porto Alegre, sendo o torneio uma das atrações do festival que mobilizou a capital. Na decisão, ocorrida em 22 de setembro na “Baixada”, o Grêmio ganhou o cobiçado torneio, e nas comemorações, sugeriu-se que o título do centenário farroupilha fosse comemorado por mais de um século. Desde então, todos os anos faz parte da agenda oficial do clube, a realização do “jantar farroupilha”, no dia 22 de setembro, instituído em homenagem a esta conquista e realizado religiosamente<sup>507</sup>.

Não se sabe até que ponto a intenção de comemoração deste título, “por mais um século”, foi decorrência da distinção inerente ao seu caráter simbólico, ou da já iniciada rivalidade entre os “dois grandes”, ou pelas próprias peculiaridades da vitória em si. Fato é que embora o caráter oficial do discurso regionalista não ter sido ainda solidificado, com sua apropriação em 1954 pela fundação do Instituto de Tradições e Folclore, e posteriormente, em 1964, com a oficialização da “Semana Farroupilha” por lei estadual<sup>508</sup>, o culto as tradições gaúchas já ocorria desde meados do século XIX, como na fundação do “Partenon Literário” em 1868, uma sociedade de intelectuais que agregava, por intermédio da exaltação da temática regional gaúcha, os modelos culturais europeus vigentes, com a visão positivista da oligarquia rio-grandense<sup>509</sup>, traçando-se principalmente a partir daí, as expressões culturais e ideias que integrariam o universo tradicionalista<sup>510</sup> e sua notável capacidade em fazer persistir ideias correspondentes a um tempo histórico pretérito,

---

<sup>506</sup> No dia 24 de abril de 1948, um conjunto de 24 jovens composto de estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e de um grupo de ex-escoteiros um pouco mais velhos e já trabalhando em geral como comerciários, criaram o 35 CTG (Centro de Tradições Gaúchas). Depois de algumas discussões sobre a forma da agremiação, já que uma das tendências era transformá-la em uma espécie de academia tradicionalista restrita a trinta e cinco membros, prevaleceu a ideia de que ela fosse aberta a todos os que dela quisessem participar. In: OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**, p. 109-110.

<sup>507</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais**, p. 50-53.

<sup>508</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**, p. 120.

<sup>509</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**, p. 98-99.

<sup>510</sup> Até a década de trinta, do século XX, uma base econômica o justifica, pois o capital rio-grandense era eminentemente pastoril. Nos longos anos de seu reinado, fortaleceu-se uma cultura “popular” – produzida hegemonicamente pela elite – voltada para o seu espaço geográfico e social. É evidente que a sua ideologia constituía-se fundamentalmente latifundiária. As ideias dos estancieiros eram as ideias dominantes. A concepção de mundo da oligarquia rural imperava. A sociedade – a nível da arte, da história, etc – passava por sua ótica. Os intelectuais e artistas criavam suas visões sociais – cada qual em seu campo – levando em conta o palco rural, ou seja, o universo latifundiário. In: GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**, p. 11.

visivelmente demarcado e falseado historicamente, numa outra estrutura social<sup>511</sup>.

A destruição das Missões, as guerras de fronteiras, a tomada do território rio-grandense, mas, sobretudo a Guerra do Paraguai, constituíram os grandes feitos históricos de onde os intelectuais retiraram os elementos para a conjuração heroica. Estas ocorrências se materializaram mesmo antes do crivo da ciência, transmutando-se na própria “história” pela interferência ideológica dos intelectuais. A conexão do vínculo entre a classe dominante e seus grupos aliados, para operar a hegemonia sobre o povo rio-grandense e as classes subalternas, foi efetivada pelo labor dessa intelectualidade<sup>512</sup>.

Assim, certo é que grande parcela da distinção pela conquista se devia a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha, e que ao longo das décadas do século XX e agora na contemporaneidade, sua comemoração através do “jantar farroupilha”, constantemente renova, recicla e invoca as tradições gaúchas, conforme a ascensão do caráter monopolizador do discurso regionalista penetrava na dinâmica social, colaborando para a construção das imagens míticas em seu entorno, que as remete até a modernidade recente, municiando a ação, gerando práticas até a atualidade.

Independente destas representações que hoje são partilhadas por todos serem simples lugares-comuns, ou representações oficiais das instituições, elas estão inscritas simultaneamente na “objectividade das organizações sociais e nos cérebros<sup>513</sup>”, definindo a força do pré-construído do mito identitário gaúcho nas estruturas do senso comum, apresentando-se com as “aparências da evidência”, que por ser aceita como natural, acaba por não ser notada<sup>514</sup>. Outro episódio que revela a penetração da força deste mito foi a partida realizada em 17 de junho de 1972 no estádio Beira-Rio, quando um público estimado em 110.000 pessoas<sup>515</sup>, vaiaram a seleção brasileira do começo ao fim, torcendo pela “seleção gaúcha”,

<sup>511</sup> GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**, p. 11-12.

<sup>512</sup> GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**, p. 24.

<sup>513</sup> BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 34.

<sup>514</sup> BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, p. 49.

<sup>515</sup> Recorde histórico de público do estádio. In: GASTALDO, Édison. **A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras**, p. 04. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040\\_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf)>. Acesso em: 15 nov 2016.

formada por um combinado da dupla grenal<sup>516</sup>. O motivo do jogo seria um “desagravo” pela falta de convocação do jogador Everaldo Marques da Silva, lateral esquerdo do Grêmio e único representante gaúcho tricampeão do mundo em 1970, para a Copa Independência, que pretendia ligar o sucesso do futebol, ao governo da ditadura militar, deflagrando uma crise política repentina, eis que no lugar de grifar o “espírito de união nacional, fazia sangrar uma ferida não muito bem cicatrizada dos ressentimentos que a província do extremo sul historicamente construíra contra os centros de decisão do país<sup>517</sup>”.

Sequer a globalização ou a economia de mercado mudam a essência da prática do discurso regionalista, como revela uma crônica esportiva publicada pelo jornalista Paulo Sant’Ana<sup>518</sup>, após partida envolvendo o Grêmio e o Palmeiras, pelo campeonato brasileiro de 1996, quando o Grêmio posteriormente se sagrou campeão, e a ele correspondia a missão de não só sobrepujar a força econômica causada pela globalização e o neoliberalismo, como vencê-la através da vitória em campo, onde o culto às tradições estabelece em cada conquista uma epopeia, liberando através do futebol uma série de subsídios com forte apelo emocional, onde a função dos narradores, jornalistas e cronistas esportivos é captar no gauchismo, residuais específicos, adaptando-os às conquistas do futebol gaúcho<sup>519</sup>. Neste sentido haveria também uma contrapartida por parte da imprensa do “centro do país”, que entenderia o futebol gaúcho como desleal, violento, e em tudo distante do “futebol-arte” descrito como a forma brasileira de jogar<sup>520</sup>, mas que para os gaúchos, demonstra aos “outros” não só quem ou o que “somos”, mas também quão potentes

<sup>516</sup> GASTALDO, Édison. **A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras**. Disponível em:

<[http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040\\_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf)>. Acesso em: 15 nov 2016.

<sup>517</sup> GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**, p. 87-88.

<sup>518</sup> O Grêmio ganhou do grande Palmeiras da Parmalat, do Palmeiras globalizado, do Palmeiras privatizado, do Palmeiras neoliberalizado. O Grêmio ganhou do maior time do Brasil, com certeza do maior time da América, O Grêmio passou por uma prova de fogo na maior cidade da América do Sul, esta São Paulo de estuante progresso, que assistiu inteira ontem, juntamente com todo o Brasil, a uma verdade irrefutável: o Grêmio é com justiça e propriedade o maior time do Brasil, para orgulho de nós gaúchos, que temos assistido nos últimos anos a esta equipe estupenda do Grêmio encher de civismo todos os filhos da Província de São Pedro. (Zero Hora, 02/12/1996). In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 134.

<sup>519</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 133-135.

<sup>520</sup> GASTALDO, Édison. **A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras**, p. 05.

“nós somos”, expondo a força do regionalismo na dicotomia gauchismo-futebol<sup>521</sup>.

Este caráter resta evidente na trajetória vitoriosa do Grêmio durante os anos 1990, que aos poucos fora reconhecido como “algo mais que um time violento”, permanecendo, entretanto a tensão quanto aos predicados e conseqüentemente o enquadramento ao qual seu estilo era apresentado, pois o Grêmio seria o mais platino e assim o mais anacrônico dos times brasileiros, o que não significaria que o futebol argentino ou uruguaio fosse ultrapassado, mas sim tão competitivos que utilizariam práticas avessas ao *fair play*, sendo o Grêmio um exemplo desta competitividade oposta a “tradição brasileira<sup>522</sup>”.

Os discursos no futebol se definem por uma espécie de circularidade, onde dirigentes, cronistas e torcedores, se exprimem entre si, de forma que a atuação entre uns e outros não pode ser decomposta<sup>523</sup>. Levando em consideração a onipresença do discurso regionalista nas estruturas mentais e nos métodos de percepção e pensamento do imaginário coletivo, pela força do pré-construído do mito folclórico identitário gaúcho, somado a natureza competitiva do estilo gaúcho de se jogar futebol, não é de se estranhar que eles tenham em conjunto com outras peculiaridades, influenciado de forma decisiva na constituição, nos usos, costumes e no código de valores da Geral do Grêmio, pela apropriação da cultura de barra platina, inclusive com suas representações e práticas violentas, somada a elementos do discurso regionalista.

### 3.3 A GERAL DO GRÊMIO

#### 3.3.1 Surgimento e consagração

A Geral do Grêmio<sup>524</sup> surgiu em 2001, em meio à expansão do controle social formal sobre as organizadas, posto em prática pelo Ministério Público, Judiciário e a Polícia, com a participação destacada dos clubes que vinham de

<sup>521</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 136.

<sup>522</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 141-143.

<sup>523</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 136, nota 50.

<sup>524</sup> Irei me referir ao grupo de estilo investigado como “Torcida”, “Geral do Grêmio”, “Geral”, a “Banda da Geral”, ou simplesmente a “Banda”, que não se confunde com “banda”, que servirá para nominar a banda instrumental propriamente dita do grupo.



punições conferidas nos 1990 por atos de seus torcedores. Na época existia um vazio destes grupos de estilo nas arquibancadas do Olímpico Monumental, que refletiam o controle das instituições formais, mas internamente também era consequência de desavenças pela institucionalização das organizadas, favorecimento de seus presidentes e rixas entre membros da Jovem e da Super Raça, quando não com outras torcidas do Grêmio<sup>525</sup>. Especificamente um vazio no *locus* que lhes pertencia, localizado no setor nominado no estádio como “geral” que correspondia a pouco mais da metade de seu anel inferior<sup>526</sup>, ultrapassando em ambas as extremidades de extensão, os setores que ficavam atrás das metas.

Em localização oposta a “geral”, se encontrava a “social”. A diferença entre a “geral” e a “social” que dividiam o anel inferior do estádio, resta evidente em suas etimologias: enquanto a “social” era o espaço destinado aos sócios do Grêmio, a “geral” como o próprio nome diz, era o espaço plural historicamente destinado ao torcedor gremista, proveniente das classes populares, e quem mais resolvesse comprar um ingresso a preço acessível e assistir a uma partida de futebol<sup>527</sup>.

Independentemente do nome oficial das arquibancadas inferiores do Olímpico, elas sempre foram conhecidas em toda sua extensão simplesmente por “geral”. As organizadas do Grêmio se localizavam então ao largo deste setor e entre elas se inseriam o público comum, a grande maioria dos torcedores populares que ocupavam grande parte deste espaço. Para melhor compreensão de como isto acontecia, é importante reparar na disposição do estádio, à localização das metas de campo, de cada uma das goleiras. Uma delas ficava localizada à frente da Avenida Carlos Barbosa e a oposta, à frente da Avenida Érico Veríssimo, atual Avenida Cel. Gastão Haslocher Mazon. Assim as torcidas possuíam seus nichos territoriais ao largo destas arquibancadas do setor geral, entre uma e outra goleira.

<sup>525</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização**: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro, p. 44.

<sup>526</sup> “Não é mera contingência que as torcidas organizadas do Grêmio ocupem as arquibancadas inferiores, ou simplesmente, gerais. Elas são, por iniciativa própria ou por atribuição consensual, responsáveis pelo “agito”; palavras de ordem, xingamentos e coreografias. Delas partem, em geral, as manifestações de apoio ao time, seguidas, nesta ordem, pelo demais ocupantes das gerais e nem sempre se completa com os torcedores das cadeiras, fato este passível de protesto”. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 81.

<sup>527</sup> “(...) O valor do ingresso é apenas um dos elementos que estabelece, de antemão, a diferença e hierarquia entre os torcedores de um mesmo clube. A cada espaço corresponde uma visão diferenciada do espetáculo e, simultaneamente, formas distintas de manifestar apreço ou discordância em relação ao desempenho da equipe”. In: DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 78.

No início dos anos 2000, havia dentro deste espaço no anel inferior, outros que eram ainda mais limitados e que ofereciam preços ainda mais acessíveis, na época dentre R\$ 3,00 a R\$ 5,00, localizados atrás das metas do campo, acessados pelo portão 10, à Avenida Érico Veríssimo e pelo portão 18, à Avenida Carlos Barbosa.

Voltando ao vazio no qual me referia, ele não era apenas espacial, pelo exaurimento das torcidas organizadas do Grêmio, mas existencial, na infelicidade e descontentamento de seus ex-integrantes, que tinham perdido não só o vínculo identitário com aqueles grupos de estilo, mas um canal de fuga da rotina de suas vidas envolvidas no tédio da sociedade pós-moderna, de caráter exclusivo, geradora de insegurança ontológica e privação relativa<sup>528</sup>, eis que problemas internos e sobretudo o controle social formal, haviam lhes tirado a felicidade. Era preciso reagir, resgatar a espontaneidade e a imprevisibilidade nas arquibancadas, refletindo aquilo que acontecia no campo em apoio ao clube. Assim, ali atrás do gol da Avenida Carlos Barbosa, em um dos dois espaços mais populares do estádio, foi onde a Geral do Grêmio nasceu, a partir da intenção de um grupo de ex-integrantes do 2.º arrastão da Torcida Jovem, vindos do município de Canoas na grande Porto Alegre, substancialmente da Vila Ideal<sup>529</sup>, e entre eles quem seria o primeiro chefe, o primeiro capo: Paulo Ricardo Pereira Saldanha, o “Paulão”. Todas as peculiaridades envolvendo a formação da Geral me foram confirmadas e avalizadas no plano material por integrantes do grupo de estilo quando da pesquisa de campo.

O principal objetivo dos fundadores era desenvolver uma mentalidade no torcedor gremista de apoio incondicional ao time, não importando se o time jogava bem ou mal, ganhava, empatava ou perdia os jogos. Vaias nem pensar. O importante era alentar o Grêmio. O essencial era cantar para o Grêmio durante os 90 minutos de duração de uma partida de futebol. A intenção era resgatar a paixão pelo clube em um espaço popular onde se encontravam os mais abnegados dos torcedores, de maneira mais democrática, sem necessidade de filiação a uma organizada, e a série de implicações que isto causava como ter de se sujeitar a vestir suas camisas e submeter-se a suas coreografias. Ao invés disto, liberdade associativa sem vínculo formal, uso da camiseta do clube no lugar da camiseta da

---

<sup>528</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 33-34 e 79-80.

<sup>529</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p. 50.

organizada e apoio incondicional ao Grêmio pelo canto ininterrupto. Estes pormenores conjugavam a intenção de estabelecimento de um novo estilo de torcer por parte destes indivíduos, com as restrições que ocorriam pelas instituições de controle, na proibição do uso de qualquer espécie de material pelos torcedores<sup>530</sup>. Assim a “desorganização” da torcida, corroborava para torná-la diferente, vez que nenhum elemento comum as organizadas era utilizado, não por exclusiva intenção pessoal de seus fundadores, mas também pelas imposições do controle social formal. Os instrumentos musicais, por exemplo, haveriam de ser liberados apenas em 2005<sup>531</sup>. Isto porque talvez o que mais tenha atraído simpatizantes naquele momento era justamente o antagonismo em relação aos tradicionais grupos de estilo filiados a matriz brasileira das torcidas jovens.

E aí uma particularidade que faz toda a diferença, a apropriação inicial da estética da cultura de barra por este grupo de ex-integrantes da Torcida Jovem do Grêmio, não foi à toa. Apesar de naquele momento, o fundamental fosse cantar sem parar como uma *hinchada* argentina, para mim não foi este quesito que agregou tanta identidade e fez com que o movimento se expandisse tanto, muito embora tenha contribuído para isto. O essencial foi sim a identificação, e mais uma vez utilizando-me de Bourdieu, inscrita simultaneamente na “objectividade das organizações sociais e nos cérebros<sup>513</sup>” dos torcedores gremistas, que viam no estilo de barra, um espelho onde era refletida a força da tradição folclórica construída em relação ao mito do gaúcho campeiro: forte, aguerrido e bravo, conforme preconiza o hino rio-grandense, “legitimando” um sentimento entre eles, de serem herdeiros de uma “tradição guerreira pampeana” e consoante se espera, sob a ótica grupal, que um membro da cultura do *aguante* seja: forte, aguerrido e bravo. E aqui mais uma vez lembramos do Teorema de Thomas: “se os homens definem situações como reais, elas serão reais em suas conseqüências”<sup>329</sup>.

Nesta percepção do pré-construído ainda atuavam as particularidades atribuídas ao estilo gaúcho de futebol, “similar” ao argentino, cujo maior representante seria o Grêmio, segundo o discurso formulado pelo jornalismo esportivo e pelo senso comum dos torcedores. Possível então que em determinado

---

<sup>530</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p. 51.

<sup>531</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p.56-57.

momento, a cultura de arquibancada argentina fosse se aproximar da gaúcha. Não da mesma maneira como foi com a uruguaia, mas a impregnando com a cultura de barra, já que aqui havia a herança das torcidas organizadas.

Não demorou muito para que uma vez consolidada a torcida e seu espaço, surgissem as primeiras interpretações do movimento vindas dos meios de comunicação, destacando-se a do radialista Pedro Ernesto Denardin, do Grupo RBS, que alcunhou a torcida de “Alma Castelhana”, e quando questionado por qual motivo, verbalizou que: “Temos muito em comum com os argentinos, eles são gaúchos, nós somos gaúchos, comemos churrasco e tomamos chimarrão como eles. É natural que nosso futebol também tenha traços dos *hermanos*, e a alma castelhana representa um pouco do clube, que construiu sua história com times mais pegadores que técnicos<sup>532</sup>”. Assim o radialista materializa algumas das reduções inerentes ao senso comum construído entorno da representação mítica do gaúcho campeiro transportada para o futebol, um espaço privilegiado para análise da formação da identidade regional, da construção de masculinidades e mundos locais, e que a toda evidência ao serem aferidas e apropriadas pelo campo jornalístico, ampliam e influenciam a percepção da massa de torcedores pela identidade no pré-construído que oportuniza por esta razão, a manutenção da audiência da plataforma de rádio a qual o radialista trabalha.

Esta identidade “peleadora” do Grêmio já havia sido explorada pelos meios de comunicação em consonância com o senso comum formado, já nos anos de 1990, com o time que alcançaria o segundo título da Copa Libertadores da América em 1995, indubitavelmente com um orçamento menor que os rivais nacionais, como o Palmeiras, patrocinado na época pela multinacional italiana Parmalat, e que gerou os mais diversos sentimentos regionalistas maximizados pela mídia, conforme já havia referido quando analisei a construção identitária do futebol gaúcho.

Todos estes fatores agregados foram responsáveis pela expansão e consolidação daquele movimento surgido atrás da baliza da Avenida Carlos Barbosa, no portão 18, que não avalizaria a alcunha dada por Denardin, preferindo autodenominar-se como Geral do Grêmio, em referência ao espaço popular onde

---

<sup>532</sup> REVISTA Placar. **Alma Castelhana**, p. 76. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=EtdWFG5thqMC&pg=PA76&dq=placar+magazine+denardin+alma&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwixrd-h1djSAhVFGZAKHWsYC8IQ6AEIGjAA#v=onepage&q=placar%20magazine%20denardin%20alma&f=false>>. Acesso em: 11 jan 2017.

tinha nascido consolidando-se com este nome a partir de então e rumando para o espaço oposto ao portão 18, e não menos popular, localizado à frente da Avenida Érico Veríssimo, no portão 10, de onde sairia apenas com a migração para a moderna Arena do Grêmio em 2012.

Além disto, ao se apropriar da cultura de barra, a Geral reproduzia na prática e em pleno estádio Olímpico, as avalanches das *hinchadas* argentinas, que até então só eram vistas pela televisão nas transmissões da Copa Libertadores da América e outros torneios sulamericanos. Isto atraía a curiosidade dos torcedores, muitos deles, jovens e adolescentes em busca de excitação e significado pela prática de atividades-limite (*edgework*)<sup>533</sup>. E não só deles. Aquele movimento de indivíduos correndo em direção a mureta inferior das arquibancadas, logo após cada gol do Grêmio, sempre tinham me deixado curioso. Primeiro quanto ao significado, e depois quanto à sensação.

Para os membros da Geral, conforme me confessaram, reproduzindo o discurso original das *barras* argentinas, o significado da comemoração da avalanche remetia a representação simbólica de um abraço coletivo à equipe. No plano prático, já havia revelado que de certa maneira a pesquisa de campo que me propus havia começado antes mesmo do mestrado e assim, testei a avalanche me submetendo algumas vezes ao seu exercício. Confesso que a sensação em si continha muito da euforia pela paixão clubística, pelo momento do gol. O desagradável era o amassamento por ser prensado à mureta junto com centenas de pessoas por um tempo variável, mas que na média devia ser de 10 a 15 segundos. Conforme a quantidade de pessoas no setor, e dependendo de onde se estava na geral, a pressão aumentava ou diminuía junto ao alambrado, afora o risco de queda durante a debandada arquibancada a baixo, o que me rendeu algumas escoriações.

### **3.3.2 Imortalidade e descontrole: a confirmação prática do *aguante***

A consagração nas cinquentenárias arquibancadas do Olímpico ainda não era suficiente para aferir a Geral como uma *barra*. Embora já houvesse provado ser uma torcida alentadora, conforme se espera de uma *barra*, ainda lhe restavam algumas provas para cotejar esta possibilidade, a saber: a consolidação dos bens

---

<sup>533</sup> Conceito que trabalharei no próximo capítulo.

simbólicos vinculados à concepção do capital *aguante*. Neste sentido, a Geral já desenvolvia os predicados para tal fim, ou seja, “alentava sempre” e “ia a todos os lados”, até porque, ir a todos os lados já se constituía de um bem simbólico gremista, com Salim Nigri, sua excursão de trem e por consequência, com Lupicínio Rodrigues, o hino gremista e seu “até a pé nos iremos, (...) com o Grêmio, onde o Grêmio estiver”. O modelo se sustenta nas práticas. Sendo assim, a Geral já tinha entranhada em seu gremismo este pressuposto, assim como já havia provado parte de sua valia, na participação ativa do aspecto performático, com o alento e, sobretudo com a avalanche. Em sentido amplo o *aguante* se prova com estas práticas, mas havia duas ainda a serem provadas. Uma delas era a regra de que maior será o *aguante*, quanto maior for à adversidade ou dificuldade atravessada e resistida pela *barra* ou pela equipe que suportam. Esta situação ocorreu com a Geral e também com o Grêmio em 2005, quando o clube disputou a série B pelo descenso em 2004, ano de péssima campanha da agremiação no campeonato brasileiro. O ano de 2005 não só foi o ano em que a Geral provou seu valor em momentos de enormes adversidades, como também o que viu materializado não só o seu mito fundador, como o do clube, através do que ficou conhecido como a “Batalha dos Aflitos”.

Em um ano em que o Grêmio se via as voltas com a segunda divisão do futebol brasileiro, possuindo dívidas substanciais, muitas em decorrência da parceria mal sucedida com a empresa ISL durante a gestão do presidente José Alberto Guerreiro (1999-2004)<sup>534</sup>, inclusive com a possibilidade não só de falir, como fechar suas portas, a Geral aumentava seu contingente e habitava com muita vivacidade não só as arquibancadas do Olímpico, como aquelas dos mais surrados estádios da segunda divisão brasileira, em um país de distâncias continentais, em uma época em que apenas o campeão e o vice conquistavam o acesso a série A.

---

<sup>534</sup> A empresa suíça International Sport and Leisure – ISL se viu envolvida em diversas investigações criminais por escândalos de corrupção com envolvimento inclusive da FIFA. In: BRITISH BROADCASTING CORPORATION – BBC. **Fifa’s report into ISL scandal is just window dressing**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/football/22355455>>. Acesso em: 02 jan 2017. No Grêmio tendo em vista a parceria realizada, descobriu-se que ela comprometeu a lisura da administração da gestão do presidente José Alberto Guerreiro. Uma investigação e o conseqüente processo criminal aberto contra o presidente resultaram em uma condenação provisória de dois anos e dois meses de reclusão, convertidos em prestação de serviços a comunidade, que após recurso de apelação acabou sendo reduzida e prescrita. In: SUL 21. **Sob protestos, Grêmio decide encerrar caso ISL e mantém Guerreiro**. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/sob-protestos-da-torcida-conselho-do-gremio-decide-encerrar-caso-isl/>>. Acesso em: 02 jan 2017.

O fato que se sucedeu e objetivou não só parcela do capital *aguante* para a Geral, como indubitavelmente o mito identitário do futebol gaúcho para o Grêmio, sobretudo se tratando dele, para alegria dos teóricos dos meios de comunicação, foi a manifestação do imponderável no dia 26 de novembro de 2005, no estádio Eládio de Barros Carvalho, no bairro dos Aflitos, em Recife, capital do estado do Pernambuco, quando o Grêmio, tendo dois pênaltis contrários, sendo um defendido por seu goleiro, após quatro expulsões, com seis jogadores na linha e um no gol, conseguiu, não só livrar-se de uma iminente manutenção na segunda divisão brasileira, por segurar o resultado do jogo até então, como vencer a partida, obtendo o acesso como campeão brasileiro da série B de 2005.

Esta obra fria do acaso possui significados incomensuráveis do ponto de vista sociocultural e materializa não só a produção, mas a afirmação de identidades, mundos locais, pertencimentos e capitais simbólicos, não só do Grêmio e da Geral, mas também do futebol nativo e da própria mítica folclórico-identitária do povo rio-grandenses construída pelo discurso regionalista. Cabe lembrar que o modelo se sustenta nas práticas, assim sendo, com o episódio de Recife, afirmava-se na prática para o clube, o modelo de sua “imortalidade”, construída pelo jornalismo esportivo e pelo senso comum a partir do discurso regionalista: um “esquadrão de centauros” que não morria porque peleava<sup>535</sup>, que não matava a morte, mas lhe deixava talhada<sup>536</sup>, que detinha a índole do futebol gaúcho alçado na estratégia, na imposição física, no pragmatismo militar e no objetivo de vencer a qualquer custo, mesmo que contando com grande medida de imprevisibilidade: “Jamais nos matarão!”.

Para a Geral significava a corporificação de uma porção significativa de seu *aguante*, pela dimensão dada pela mídia ao ocorrido, uma maneira de ser reconhecida pelas outras *hinchadas* sulamericanas como detentora de parte deste capital simbólico, eis que sua abnegação, sua resistência em apoiar o Grêmio no pior momento de sua trajetória recente, quiçá, o pior de todos, talvez comparável apenas à crise dos 1940, havia sido recompensada no épico desfecho daquela tarde, e como se sabe que uma das regras do capital *aguante* é a de que maior ele será, quanto maior for à adversidade atravessada e resistida, neste quesito nada

---

<sup>535</sup> Lutava.

<sup>536</sup> RAMIL, Vitor. Causo Farrapo. In: RAMIL, Vitor. **Ramilonga – A Estpetica do Frio**. Pelotas: Satolep Music, Brasil, 1997, 1 CD. Faixa 4.

poderia superar a simbologia daquele episódio no estádio dos “Aflitos”. A Banda da Geral conquistava assim parte de sua distinção e reconhecimento enquanto torcida no cenário do futebol sul-americano.

Os meios de comunicação iriam trabalhar o episódio a fim de angariar com o acontecimento, reforçando imagens míticas e populares, e assim proporcionando suas ressignificações e a expansão de interpretações de distinção e pertencimento galgadas no conhecimento vulgar. Obviamente que esta reprodução pela mídia ajudou a expandir mais ainda o efetivo informal da torcida. Em breve a Geral do Grêmio mereceria ainda mais sua atenção. Por um lado, pela audiência que a festa e a simbologia da torcida proporcionavam, e pelo outro, porque até aquele momento as práticas da torcida não haviam comprovado a categoria nativa do *aguante* em toda sua plenitude, vez que como já expus no capítulo anterior, este fato só é possível através da distinção obtida por outros costumes.

Garriga Zucal é taxativo quando aduz que os integrantes das *barras* determinam e definem o *aguante* pelo enfrentamento corporal<sup>537</sup>. Sob a ótica da cultura de barra faltava a Geral do Grêmio expandir o descontrole ao plano prático das brigas e dos confrontos com rivais e com a polícia, no caso, aqui no Rio Grande do Sul, com a Brigada Militar, o que se torna primordial na distinção do *aguante*, relembremos de *los palos de la yuta*. Não que a Geral não fosse uma torcida naturalmente dotada de masculinidade agressiva, vez que foi assentada sobre as organizadas, de longo histórico de confrontos entre si e contra a Brigada Militar, já que a Geral recebeu considerável número de egressos das organizadas<sup>538</sup>, mas até então não havia tido uma “moldura” para expor seu *aguante*, entendendo como moldura um evento com grande foco da mídia que possibilitassem a disseminação do *aguante* através de sua imagem por serem vistos, reconhecidos (e aqui o que é negativo para a sociedade majoritária, não o é para o grupo nativo) e obterem distinção, alheios ao que pensam ou como os julgam os *outsiders* ao grupo:

“Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento

---

<sup>537</sup> GARRIGA ZUCAL, José. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**, p. 104.

<sup>538</sup> Assim como de um público das mais variadas intenções e motivações, muitas delas sem nenhum vínculo anterior com a cultura de arquibancada.



hipnótico”<sup>539</sup>.

Esta possibilidade surgiu no dia 30 de julho de 2006, durante o grenal n.º 366, realizado no estádio Beira-Rio pelo campeonato brasileiro daquele ano. Naquele dia, conforme me foi relatado por “Gordo”<sup>540</sup>, a Geral do Grêmio, assim como todos os torcedores do clube que assistiriam a partida, foram deslocados com escolta da Brigada Militar, a pé, do estádio Olímpico até o estádio Beira Rio. Já no estádio, foi organizada uma fila de entrada, onde a cavalaria da Brigada Militar, sem motivo aparente, começou a desferir golpes de cassetete sobre os torcedores, provocando a reação irada de membros da torcida, que teriam “peitado” os cavalarianos, que em reação teriam empurrado truculentamente a multidão de torcedores para dentro do estádio, sendo ou não pertencentes a Geral.

Já dentro do Beira-Rio, ainda no início da partida, as torcidas já haviam começado a se provocar, sendo que até aquele momento, segundo me foi relatado, o policiamento na área era praticamente nulo. A Geral rompeu a divisão que a separava de uma área das arquibancadas onde não haviam torcedores e que servia de zona neutra dividindo as duas torcidas. O acesso só foi possível a partir de um pequeno portão da grade que dividia os espaços, e que era controlado apenas por seguranças do Internacional. A Geral do Grêmio invadiu o setor por um lado e a torcida do Internacional, a Popular do Inter, invadiu o mesmo setor pelo outro lado da zona neutra, e as duas torcidas entraram em confronto televisionado.

Os integrantes da Banda teriam conforme o que me foi relatado por Gordo, e ao que parece confirmado pelas imagens da emissora que transmitia a partida<sup>541</sup>: “posto os caras da Popular para correr, só que aí chegou os brigadianos<sup>542</sup> e todo mundo teve que voltar”. Entretanto, a Geral continuou forçando a grade que separava o setor, que foi tomado por policiais militares, que por sua vez encontraram resistência e reação de membros da Geral do Grêmio. Após o controle aparente imposto pela polícia, já no segundo tempo de partida, integrantes da Geral começaram a arrancar e jogar os banheiros químicos previamente dispostos pela

<sup>539</sup> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 18.

<sup>540</sup> Tanto nos dados colhidos mediante relato de informantes através de inquirição informal durante o trabalho de campo, quanto nas entrevistas, são utilizados pseudônimos para referir aos nativos, com exceção de nomes de chefes notórios da torcida.

<sup>541</sup> YOU TUBE. **Bosta Fogo Grenal 30-07-06**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Ex6vyNxs9Kc>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>542</sup> Nomenclatura usual dada aos policiais militares no Rio Grande do Sul em função da polícia militar no estado assumir o nome oficial de Brigada Militar - BM.

direção do Internacional, arremessando-os no antigo setor popular do estádio Beira-Rio, vulgarmente conhecido como “Coréia”, na época já fechado. Ainda não satisfeitos, atearam fogo em suas estruturas, o que fez com que se produzisse uma densa fumaça preta. Tudo televisionado. Segundo Gordo: “descontrole total... maior festa de “sinalizador” quem fez no chiqueiro do aterro foi a Geral...nada se compara a nossa barra!” Apesar da demora na reação, a tropa de choque da BM novamente entrou em cena, desta vez utilizando carabinas equipadas com balas de borracha, ao que finalmente conseguiram dominar o espaço. Conforme ainda me disse o informante, o ato foi uma resposta a depredação dos banheiros do Olímpico Monumental por integrantes da Popular no Grenal anterior: “a direção deles sabendo que iria ter volta nos deixou isolados dos banheiros do Beira-Rio, instalando aquelas merdas...pediram né”?

Quase tudo o que faltava a torcida sob a perspectiva do etos grupal, havia sido conquistado naquele fim de tarde. E o mais significativo, o *aguante* emoldurado pela transmissão ao vivo. Conforme um comentarista do Grupo RBS ressaltou em tom severo e de crítica: “pelo *SportV* e para todo o mundo, via Globo Internacional”<sup>543</sup>. O que para a sociedade majoritária era motivo de vergonha, de vexame internacional, para a Geral do Grêmio era pretexto de orgulho pela demonstração de seu *aguante*. Porque os testemunhos das brigas configuram o testemunho desta categoria nativa das barras. E para isto nada melhor que a transmissão ao vivo pela televisão. Conforme Alabarces, a falta de institucionalização do capital requer que sua validade se ajuste a sua exibição, pela posse do capital cobrar materialidade. A visibilidade insuperável das imagens transmitidas ao vivo se constituíam de uma oportunidade única de o fazê-lo.

Se ainda restarem dúvidas quanto a representatividade do episódio para a torcida, basta constatar que ele restou inculcado como um bem simbólico em um de seus cânticos que refere: A banda louca de Paulão.../ a banda louca de Paulão.../ a banda que invade o chiqueiro.../ queima os banheiro.../ faze confusão (...) <sup>544</sup>. Uma banda “louca”, com *aguante* e com um capo. Aliás, mais de um. O episódio demonstrava a resistência da Geral frente aos seus inimigos: aos rivais mais

<sup>543</sup> YOU TUBE. **Bate-Bola: Grenal do Fogo – TV COM RS (30072006)**. Disponível em: <<https://youtu.be/JzsmBHyiRTg>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>544</sup> YOU TUBE. **Grêmio x Botafogo 041008 Banda Louca do Paulao**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fuex10Qc5p4>>. Acesso em 03 jan 2017.

CIFRA CLUB. **A Banda Louca De Paulão**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-grêmio/1323811/letra/>>. Acesso em 03 jan 2017.

odiados, cujo *aguante* os pôs a correr, e a polícia, por terem resistido como lutadores valorosos que não se amedrontaram, e mais do que isto, enfrentaram e suportaram os golpes da Brigada Militar. Maior será o *aguante*, quanto maior o revés resistido nos combates corporais diante da força policial. Quanto maior a resistência, maior o capital *aguante* adquirido, e neste quesito, nada superava a resistência à dor imposta pela polícia, o que dirá o seu enfrentamento<sup>545</sup>.



Figura2: Banheiros ecológicos arremessados queimam no antigo setor popular do Estado Beira-Rio durante o Grenal 366. Foto: Richard Dücker.  
Disponível em: <<http://www.ducker.com.br>>. Acesso em: 04 jan 2017.

### 3.3.3 Alento, revide, dissidência e migração

Embora a Geral tenha tido de suportar o ônus pela condenação pública veemente dos meios de comunicação, bem como, a reação e punição que o Grêmio

<sup>545</sup> ALABARCES, Pablo, MOREIRA, María Verónica, ZUCAL, José Garriga. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. *Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte*, p.118-119.

exerceu sobre ela, até porque ele próprio foi punido<sup>546</sup>, ainda não seria naquela oportunidade que o empreendedorismo moral iria atuar de forma mais direta sobre o movimento. Quando argumentei que não se encontrava dentre os fatores que influenciaram o desenvolvimento da cultura de barra no estado, a hipótese de que o fato tenha ocorrido por ação direta da mídia corporativa, por interesse mercadológico, referia-me as motivações folclórico culturais galgadas no discurso regionalista, como fator basilar independente dos meios de comunicação, o que não significa que a mídia não tenha se apropriado deste discurso transposto ao mundo do futebol, para reforçando-o, facilitar o interesse capitalista na formação de um novo público de espectadores<sup>547</sup>. Até então se deduz que aquele estilo de torcer possuía um dos predicados enaltecidos pelo campo jornalístico, de propiciar altos índices de audiência e assim, ibope e qualificação de seus espaços para a divulgação comercial de seus anunciantes e patrocinadores. Vale lembrar que ainda não se sabia se o Brasil sediaria a Copa do Mundo de 2014, quando a relação entre mídia e torcidas gaúchas passaria por uma transição, até porque, Porto Alegre seria uma das sedes, o que facilitava o discurso oficial para a elaboração de uma série de modificações no público espectador nos estádios de futebol. Entretanto, não era a situação que se apresentava naquele momento.

Em 2007 o Grêmio acessa uma vaga direta a Libertadores da América graças à campanha que teve no campeonato brasileiro do ano anterior, quando terminou o torneio na terceira colocação. Também em 2006, o clube havia se sagrado campeão gaúcho no Beira-Rio sobre o superior time do Internacional, que, para desilusão total de todos os torcedores gremistas, particularmente dos membros da Geral, rompia naquele mesmo ano com um tabu e uma exaltação tricolor que já durava 23 anos e que também era objeto discursivo de um dos cânticos da torcida que vaticinava: “Somos campeões do mundo.../ da Libertadores também.../ chora macaco imundo.../ tu nunca ganhou de ninguém (...)”. Não obstante o discurso trágico marcado por uma subjetividade racial depreciativa, discursividade sob a qual nos deteremos depois, a torcida colorada iria à desforra, vendo seu clube sagrar-se campeão da Libertadores da América e do Mundial Interclubes de 2006, abrindo

---

<sup>546</sup> ESPORTE uol. **Por confusão no Beira-Rio**. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/08/04/ult59u103365.jhtm>>. Acesso em: 10 dez 2016.

<sup>547</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. *Revista Razón y Palabra*, p. 04-05, e 12-13.

uma nova e ainda mais radicalizada fase da rivalidade entre as torcidas dos dois grandes.

Estes fatos corroboraram para um clima de entrega comovente pelo alento e festa da torcida do Grêmio nas arquibancadas durante o ano de 2007, quem sabe, para quem frequentou o Olímpico Monumental na época, nunca repetido posteriormente pela Geral. Muito embora naquele instante, já houvesse sido dado início da interação dos produtos culturais do estilo pelos meios de comunicação, o que facilitava sua aderência ao senso comum e repetição fora do nicho cultural gerador. Talvez porque aquele ano representasse a concretização da “imortalidade gremista” redentora a partir da construção mitológica da “Batalha dos Aflitos” e concretizada com a disputa de mais um título continental, porque o Grêmio, depois de ter galgado a fase eliminatória graças ao fato de conseguir reverter placares desfavoráveis se impondo no Olímpico, em que parcela de seu sucesso, se não pode ser creditada ao alento e participação da Geral, naquele ano, também não pode deixar de não o sê-lo, chegava a final do torneio para enfrentar o Club Atlético Boca Juniors, e a Geral, finalmente teria seu batismo em uma noite que se defrontou com a *barra* do clube portenho.

As finais da Copa Libertadores da América de 2007 foram decididas em dois jogos, o primeiro em 13 de junho, no estádio do Boca Juniors, *La Bombonera*. A Geral do Grêmio programou uma excursão de ônibus à Argentina, assim como também o fizeram outros torcedores do Grêmio, sem qualquer vínculo com a torcida, em carros particulares, ônibus e avião. Ao chegarem em Buenos Aires, uma parcela dos ônibus da Geral se desgarraram e adentrando ao bairro onde se localizava o estádio, descobriu-se que o motorista que dirigia o primeiro dos ônibus havia se perdido. Conforme me relatou Gordo, que tinha ido à excursão e se encontrava neste ônibus, após rodarem por determinado período pelas ruas do bairro, localizaram “um policial” que começou a orientá-los, conduzindo-os a uma emboscada, porque “na real”, não se tratava de um policial, mas um integrante da *barra* boquense vestido com uma farda da polícia federal argentina: “Quando a gente viu, tava num beco sem saída... real... era um beco mesmo, com vários barras esperando, uns caras muito casca que começaram a apedrejar o bumba e o motora no desespero fazendo o retorno...os caras forçaram a entrada do ônibus e só não entraram porque os guri apontaram uns foguete pra eles com as bituca de cigarro na mão ameaçando acender...nisto o motora conseguiu sair da parada com quase

todos os vidros estourados...bagulho sinistro”.

Quando conseguiram finalmente chegar ao estádio, ficaram sabendo que a intenção dos argentinos era lhes roubar os trapos. Vários ônibus da torcida haviam sido apedrejados, o policiamento portenho deixou muito a desejar e não foram apenas os ônibus de integrantes da Geral que foram atacados e sim qualquer um com placas brasileiras. *Hinchas da barra do Club Almagro*<sup>548</sup> que acompanhavam integrantes da Geral pela amizade entre os dois grupos de estilo também foram rechaçados<sup>549</sup>. “Charles”, outro informante, me confessou: “Bah meu na real foi meio humilhante pra Geral, os caras da barra do Boca conseguiram nos roubar uns trapos e teve gente que não conseguiu reagir que nem os caras do 340<sup>550</sup>”!

Muitos prometeram o troco, que haveria retorno, já que o jogo de volta estava marcado para o dia 20 de junho de 2007 em Porto Alegre, uma quarta-feira, no Olímpico Monumental. Durante toda a semana que antecedeu a partida, alguns fatores ajudaram a acirrar ainda mais o ânimo ressentido da Geral com o que lhe tinha ocorrido, assim como aos demais torcedores gremistas, impondo a certeza de que uma resposta violenta aos argentinos era uma questão de honra e manutenção do respeito à torcida. Ainda existia a frustração pelo resultado da partida de ida, tendo em vista que o Grêmio houvera perdido a primeira das finais por 3x0 em Buenos Aires. As instituições formais montaram uma estratégia específica para o dia da partida envolvendo grande operativo da Brigada Militar<sup>551</sup>.

<sup>548</sup> O Club Almagro é um clube portenho fundado em 06 de janeiro de 1911 é o clube do bairro Almagro de Buenos Aires. Lembremos que o San Lorenzo vincula-se a Boedo. Disputa a Primeira B Metropolitana, divisão de acesso do futebol argentino. Tendo em vista a semelhança com o uniforme do Grêmio, foi desenvolvida uma amizade entre a barra do Almagro e a Geral. In: SITE oficial do Club. Almagro. **Origen**. Disponível em: <<http://almagro.club/>>. Acesso em: 04 jan 2017.

<sup>549</sup> “(...) Hasta acá todo lo lindo, pero a la entrada y a la salida la gente de Gremio, así como la de Almagro fue agredida. Los hinchas de Gremio fueron apedreados y lastimados. Un hincha de Almagro sufrió un robo en las inmediaciones de la Bombonera, pero los hinchas de Gremio mas otros de Almagro recuperaron el gorro sustraído y le dieron al chorro lo que se merecía, en ese incidente un hincha de Gremio terminó con fractura expuesta internado en el Argerich. Luego, a la salida, fuimos emboscados en una calle donde nos empezaron a llover piedras, pero la hinchada de Grêmio se plantó y corrió a los que se quisieron hacer los vivos. Luego, yo y varios hinchas más de Almagro fuimos invitados a subir a un micro para sacarnos del lugar, micro el cual fue apedreado salvajemente a la cuadra de recorrido. La gente de Grêmio prometió venganza. Desde acá no se quiere generar violencia sino contar que es lo que sucedió, para algún desprevenido. (...)”. In: AZUL, Blanco y Negro: Club Almagro (6 enero de 1911). **Pasion sin fronteras**. Disponível em: <<http://azulblancoynegro1.blogspot.com.br/2007/06/el-aguante-tricolor-almagrogremio-vs.html>>. Acesso em: 04 jan 2017.

<sup>550</sup> Referência ao número do ônibus que conseguiu escapar da emboscada narrada pelo informante e que posteriormente serviria para identificar aquele subgrupo dentro da Geral.

<sup>551</sup> CLICRBS. **BM prepara esquema especial para os torcedores do Boca**. Disponível em: <<http://clicrbs.com.br/especial/sc/sos-sc/19,0,1534759,>>. Acesso em 03 jan 2017.

Já na quarta-feira, havia torcedores no entorno do Olímpico Monumental desde as 10hs da manhã. Durante o decorrer do dia o clima começou a ficar tenso na medida em que aumentava o número de integrantes da Geral no ponto de encontro de seus membros e demais torcedores do Grêmio, que eram as ruas e os bares ao entorno do estádio, principalmente o Bar Preliminar. Toda área da Avenida Carlos Barbosa foi fechada para escoltar os *hinchas* argentinos até o espaço destinado à torcida visitante. Conforme me informou “Pogo”: “a gente tentou pegar os argentinos, mas a brigada impediu e uma parte da gurizada revoltada começou a tocar pedra e eles vieram sentando o cassete, ai a massa recuou, uma parte para perto do Preliminar e outra para o outro lado. Quando eles voltavam para à Carlos Barbosa começava tudo de novo, com os guri tentando pegar os argentino, e a Brigada correndo todo mundo na ignorância lá do Preliminar, nós, tiozinho, mulher, todo mundo”!

Existem imagens que respaldam a fala do informante<sup>552</sup>.

Melhor sorte não teve alguns argentinos desgarrados, que restaram à mercê da ira dos torcedores gremistas na esquina da Avenida da Azenha com a Rua Damasco, tendo de se refugiarem em uma viatura da Brigada Militar, enquanto um foguete lhes estourava nas pernas, para logo em seguida, novamente a polícia militar fazer seu papel e dispersar a torcida mediante carga de cavalaria, sob estampidos de foguetes no asfalto<sup>553</sup>. Eu mesmo em 2007 testemunhei enquanto me deslocava para a partida pela Avenida da Azenha já tendo passado a Rua Botafogo e quase chegando a altura em que ocorreu o evento narrado com os argentinos, um táxi, com um torcedor do Boca Juniors em seu interior, sendo xingado com todo tipo de impropérios por torcedores gremistas, sendo que um deles lhe abriu a porta da condução, lhe fazendo ameaças, que talvez não tenham sido concluídas porque se tratava de um homem de meia idade bem longe do perfil esperado pelo ofensor.

---

TERRA. **Fuerte operativo para el partido de alto riesgo**. Disponível em:

<<http://www.co.terra.com/libertadores2007/interna/0,,OI1698910-EI8238,00.html>>. Acesso em: 03 jan 2017.

TRENSURB. **Trensurb reforça segurança para a decisão**. Disponível em:

<[http://trensurb.gov.br/paginas/paginas\\_noticias\\_detalhes.php?PHPSESSID=4c39abec61bc2cd48340878ed7a80ffe&sitemapPage=377&l=es-ES&codigo\\_sitemap=1046](http://trensurb.gov.br/paginas/paginas_noticias_detalhes.php?PHPSESSID=4c39abec61bc2cd48340878ed7a80ffe&sitemapPage=377&l=es-ES&codigo_sitemap=1046)>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>552</sup> YOU TUBE. **geral do grêmio VS brigada militar**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jwMC3RfoApU>>. Acesso em: 03 jan 2017.

YOU TUBE. **Grêmio x Boca - Final Libertadores 2007 - BM antes do jogo**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=xJ9VCSbFJ6Q>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>553</sup> YOU TUBE. **Pelea entre hinchas de Grêmio y Boca**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=zesaYExSnI0>>. Acesso em: 03 jan 2017.

Apesar da Geral não ter conseguido obter um sucesso maior em correr a *hinchada* do Boca, uma vez que a polícia militar evitou confrontos de maiores proporções, as imagens da mídia internacional, principalmente da Argentina, lhes garantiriam a honra e a distinção, na medida que sobretudo os *hinchas* portenhos, ficaram a par de que a “*hinchada* de Grêmio” houvera resistido e buscado revanche. Mais uma vez, reforço o papel desempenhado pela mídia de massa na função de testemunha ocular do *aguante*, e assim, ajudando a Geral a mais uma vez atestar o seu, posto que as imagens de televisão materializavam o testemunho da categoria nativa, atestando para as *hinchadas* argentinas que a Geral possuía a resistência que se esperava ter quando fustigada, conforme o código moral do *aguante*. Outra questão é a que envolve a reprodução da violência das torcidas organizadas como um produto de estilo pela mídia de massa. Até que ponto isto pode ou não influenciar da reprodução na prática.

Em 2008 a Geral do Grêmio estava consolidada já como uma grande torcida. A festa e o alento que produziu durante as transmissões da Copa Libertadores no ano anterior, transmitidas via satélite em uma época que sinalizadores ainda eram permitidos nos estádios brasileiros, foi muito bem trabalhada pela mídia corporativa nacional, por interesse mercadológico intencional de transformar aqueles produtos culturais vindos da “nova torcida do sul”, de interesse da classe média brasileira, como forma de conquistar um novo público para os estádios por via daquele “novo jeito de torcer”. O “jeito” da Geral virava “tendência” e acabava por corroborar na disseminação em outros estados brasileiros das chamadas “torcidas de alento”, mas que no meu entendimento, diferem das torcidas gaúchas, especificamente da Geral e da Popular, justamente porque estas identidades possuem sólidas conexões regionais, fomentadas por um processo histórico<sup>554</sup> que no caso do Rio Grande do Sul, pela construção do mito folclórico a partir do gaúcho campeiro, o aproxima aos países da região do Rio da Prata para além de uma proximidade climática e geográfica, e que é traduzida no discurso regionalista transposto para o estilo do futebol gaúcho, caso que não ocorre com os demais estados brasileiros, muito antes pelo contrário.

Tanta notoriedade haveria de desenvolver um aspecto político e proporcionar uma rede de relações entre os capos da Geral e os dirigentes do

---

<sup>554</sup> GUEDES, Simone Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Revista Antropolítica**, p. 36.



Grêmio, em algo que iria se ampliar ainda mais. Na época a Geral já contava com dois integrantes no Conselho Deliberativo do Grêmio<sup>555</sup>. Na gestão do presidente Paulo Odone (2005-2008) a Geral conseguiu aumentar o número de seus artefatos, neles incluídos tirantes, bandeiras, sombrinhas, instrumentos musicais, trapos e principalmente ingressos e verbas financeiras vindas da direção gremista. Estes últimos geraram uma cisma entre os líderes da Banda a partir do final de 2008 que iria modificar sua hierarquia. Em 2009 sob a alegação de que a Banda tinha se institucionalizado, Paulão deixa a torcida e com ele leva parcela de seus integrantes de volta ao portão 18, formando outra torcida com o nome de “Velha Escola”<sup>556</sup>.

A verdade é que a partir 2005, com a criação pelo Grêmio da categoria associativa conhecida como “sócio-torcedor”, tendo como intenção arrecadar fundos ao combalido financeiro do clube, a Geral buscou junto ao presidente Paulo Odone que a categoria até então restrita apenas as sociais do Olímpico, fossem estendidas a todo anel inferior, ou seja, torcedores que se associassem ao plano poderiam ocupar o espaço da Geral<sup>557</sup>, e como a direção necessitava da torcida e pela torcida já ser um fenômeno que agregava espectadores, a proposta avançou e a Geral passou a possuir uma legião de sócios do Grêmio e assim poder político junto ao clube. Com a saída de Paulão, outro líder fundador da torcida assumiria a função de capo: Rodrigo Rysdick, o “Alemão da Geral”.

Em 2012 ocorreu o processo de migração dos sócios e demais torcedores junto com o clube, para o novo e moderno estádio da Arena do Grêmio, inaugurado no dia 08 de dezembro de 2012, com um festival de atrações que culminava com um jogo amistoso entre o Grêmio e o SV Hamburgo, time alemão que o clube havia derrotado na Copa Intercontinental de 1983. Ocorre que por disputas internas envolvendo a liderança da Banda, disputas estas que muitas vezes são impostas mediante confronto corporal, e a par ainda, de rugas guardadas da época das organizadas, um conflito violento entre integrantes da Geral foi televisionado para todo o país em plena inauguração do estádio. Desta vez não estava em jogo o

---

<sup>555</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p. 125.

<sup>556</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p.131.

<sup>557</sup> RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**, p.114.

*aguante*, mas a exposição das divergências internas da Geral.

Este fato, somado aos problemas com a liberação do espaço destinado a Banda, que tinha a expectativa de 10 mil lugares sem cadeiras e com promessa de avalanche, mas que ruiu quando em partida válida pela Libertadores da América de 2013, em uma comemoração de gol, o alambrado do setor destinado a Geral cedeu com o peso dos torcedores após uma avalanche e alguns deles caíram na área que divide a arquibancada do campo<sup>558</sup>, corroboraram para a intensificação do empreendedorismo moral contra a torcida, muito em função, a meu ver, da Copa do Mundo de 2014, e provavelmente pela mídia brasileira ter se dado conta de que a Geral não servia aos interesses de formação de um novo público. Quando me refiro a empreendedorismo moral, não estou justificando as práticas violentas da Geral do Grêmio como algo a ser tolerado, mas sim como algo a ser compreendido e a par desta compreensão, trabalhar-se no sentido de reduzir esta violência com ações para além de paliativos que quando não muito, só corroboram para aumentá-la e que normalmente são aqueles defendidos por formadores de opinião do senso comum, pelos interesses formais que existem por traz deles. Sendo assim em 2013 medidas impostas pelo Corpo de Bombeiros, reduzem o espaço das arquibancadas da Arena destinadas a Geral para quase a metade, 5.500 lugares. Embora a campanha da mídia e outros setores institucionais para a colocação de cadeiras nestas arquibancadas, a imposição acabou se limitando a instalação de paravalanches em todo o espaço, o que acabou ironicamente repetindo as medidas tomadas nos estádios argentinos, o que aproximava a Geral mais ainda da identidade da cultura de barra.

Nos anos seguintes a torcida ainda se envolveria em confrontos internos e com organizadas do Grêmio. Sofreria também com sanções impostas pelo clube e pelas instituições formais.

### 3.3.4 Tipologias, espaços e locus

Existem diferenças entre os torcedores que se envolvem com a Geral. Podem ser apenas simpatizantes, membros da torcida, ou membros da Banda.

---

<sup>558</sup> GLOBOESPORTE. **Grade da Arena cede em avalanche e deixa torcedores do Grêmio feridos**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2013/01/grade-da-arena-cede-em-avalanche-e-deixa-torcedores-do-gremio-feridos.html>>. Acesso em: 02 jan 2017.

Neste sentido observei durante um ano de trabalho de campo em mais de 30 jogos cobertos, a existência de uma aproximação entre as classificações e os papéis ocupados pelos atores sociais que concorrem no entorno das bandas das *hinchadas* argentinas, com o que ocorre na Geral do Grêmio, sob a perspectiva da cultura de arquibancada, acrescida de algumas particularidades que só a observação de campo proporciona. Estas tipologias muitas vezes refletem a ocupação de determinados espaços quando o Grêmio ainda mandava seus jogos no Olímpico Monumental e o rearranjo que sofreram a partir da migração para a Arena do Grêmio. Lembrando que o anel inferior do Olímpico era dividido entre os sócios que ocupavam as sociais e os demais torcedores que ocupavam a geral (ou arquibancadas), parcela do anel inferior destinado ao torcedor comum como já havia referido.

Diante da complexidade das interações sociais humanas, é notório que muitos dos tipos que aqui serão descritos, também ocupavam e interagiam em outros espaços do estádio, que não necessariamente naqueles onde eram encontrados com frequência. Inclusive presenciei mais de uma vez, por exemplo, alguns dos membros que me foram informantes, no anel superior, frequentando as cadeiras cativas do Olímpico. É necessário frisar este pormenor. Adaptando a tipologia criada por Andrés Recasens<sup>559</sup>, posteriormente utilizada por Aragón<sup>560</sup>, quanto aos indivíduos que dividiam o espaço do anel inferior do estádio, pode se referir a diferença de três espécies de grupos a partir de seus comportamentos e por sua “razão de estar” nos estádios.

Na social se encontravam aficionados de alta identidade com o clube, que pela condição de sócios, dada à natureza associativa do Grêmio, tradicionalmente mantinham uma postura crítica quando a equipe não apresentava um “bom futebol” e não expressavam tanto apreço por exteriorizar emoções quando o time jogava bem, em suma, não alentavam, não apoiavam a equipe, com exceção de momentos especiais favoráveis, quando incentivados pela parcela oposta do anel inferior, a geral. A social era dominada por aficionados que frequentavam o estádio por afinidade ao Grêmio, mas com o fito exclusivo de desfrutar do jogo em si. Eles eram chamados pelos integrantes da Geral do Grêmio como “comedores de amendoim”,

---

<sup>559</sup> RECASENS, Andrés. **Diagnóstico antropológico de las Barras Bravas y de la violencia ligada al fútbol**, p. 25.

<sup>560</sup> ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate**, p. 38-39.

ou também, “corneteiros”, tendo como estereotipo senhores de meia idade que passavam o tempo todo da partida, sentados comendo amendoim torrado e vociferando reclamações ao time. Um discurso cômico que dominava as arquibancadas nos anos 2000 era uma expressão entoada pela Banda, mas que fora criada nos anos 1990 que ironizava, principalmente quando o Grêmio precisava de apoio: “Hei social.../ canta pra geral.../ hei social...canta pra geral (...)”, que iria morrer na Arena, na medida que grande parcela dos sócios do setor passaram com a migração, a ocupar o quarto anel do moderno estádio. Este seria o primeiro grupo, que também ocupava as cadeiras cativas, variando apenas no quesito socioeconômico. A diferença para a classificação de Recasens é que apesar de não se envolverem em gritos e saltos, expressavam verbalmente insatisfação nos momentos ruins da equipe e vaiavam o time, apesar da grande identificação que possuíam com o Grêmio.

Em oposição ao sócio expectador da social, se pode referir ao típico torcedor gremista, que se encontrava nas arquibancadas opostas, na geral. Possuíam envolvimento distintos com o clube, mas sempre apaixonados. Tratando-se de Grêmio, não se pode falar em “pequena simpatia”, existem os mais contidos sim, mas isto não significa que não se envolvam com o clube. A parcela mais significativa destes torcedores que se encontrava na geral do Olímpico, maioria do setor de arquibancadas, já não era introvertida, demonstravam estarem completamente envolvidos com o que acontecia nos jogos, nervosos e apreensivos quando o Grêmio era ameaçado, ansiosos pela vitória, gritavam gol aos brados e acabavam desiludidos quando o clube jogava mal. Ainda haveria o torcedor “doente”: não tão radical como um membro da Geral do Grêmio, mas que não admitia a vitória do oponente ou deficiências do time. Sua vestimenta era totalmente identificada com as cores do Grêmio de modo que todos soubessem que era gremista.

Então chegamos à parcela especial que frequentava as arquibancadas no anel inferior, que seriam os torcedores militantes, presentes tanto nas organizadas como na Geral. Isto porque eles integram as torcidas, mas não adotam a parcela violenta dos etos grupais, comum tanto às organizadas quanto a Geral do Grêmio. No que diz respeito especificamente a Geral, cotejando minha observação de campo com a que foi feita por Aragón<sup>561</sup>, concluí que uma parcela da torcida é composta

---

<sup>561</sup> ARAGÓN, Silvio. *Los trapos se ganan en combate*, p. 38-39.

por torcedores militantes, que apesar de fazerem parte dela, apenas circundam a Banda, esta sim a porção onde se encontram seus membros efetivos. A diferença que observei em relação ao que a antropologia social argentina proclama, é que na banda da Geral, também existem integrantes que são torcedores militantes, mas que não se envolvem em confrontos com violência física. A diferença deles para os demais que apenas circundam a banda é que eles são também notórios perante a hierarquia da Geral.

Seguindo o quadro comparativo, encontrei plena similaridade no que sustentam Alabarces, Garriga Zucal e Moreira, baseados em Archetti, com o que vi na banda da Geral, no que toca a prestarem assistência regular e incondicional nos jogos do Grêmio, tanto enquanto local, como visitantes, demonstrando grande perseverança no alento, visto que era condição essencial para serem seus integrantes. E aqui um pormenor gravado na construção do etos da Geral do Grêmio a partir da tradição gremista, pelo discurso inserido no hino do cinquentenário, posteriormente proclamando Hino Oficial do Clube, onde Lupicínio Rodrigues, através da oração; “até a pé nós iremos/ para o que der e vier/ mas o certo é que nós estaremos/ com o Grêmio onde o Grêmio estiver”, certifica esta “virtude” marcada na própria natureza de ser da banda gremista, vez que o hino, ao invés de exaltar o clube, refere a fidelidade e ao desprendimento de seu torcedor<sup>562</sup>, que vai a todos os lados e alenta o time, se encarrega de organizar a parte festiva da banda da Geral, ou integra a própria banda em si, tocando um instrumento. Um exemplo deste tipo de torcedor era Digo, profissional liberal e instrumentista de bumbo na banda, função de notória distinção por expor “os elementos do ritual”<sup>563</sup>, ou da mesma maneira, Juliano Franzack, o “Gaúcho da Geral”, que apesar de não compor a banda instrumental era torcedor símbolo da Torcida, representando o mito folclórico da construção identitária regional com o qual a torcida se identificava.

Já “Charles” e “Jesus” eram diferentes, apesar de serem fervorosos torcedores militantes e membros da Banda, também eram homens influentes, mas acima de tudo: se envolviam em querelas e confrontos físicos. Inclusive “Jesus” teve participação ativa no episódio envolvendo os banheiros ecológicos no grenal 366.

<sup>562</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**, p. 119.

<sup>563</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 115.

Então da mesma forma como nas *barras* argentinas, onde as participações voluntárias em atos de violência permitiam estabelecer distinções entre os *hinchas* que pertenciam à banda e os *hinchas* militantes do clube<sup>564</sup>, estes torcedores, dos quais dei dois exemplos dentre aqueles com quem convivi durante a pesquisa de campo, também eram alentadores, muitas vezes podiam ser vistos, já na Arena, do alto das paravalanches comandando as ações da Torcida, congregando com os torcedores militantes no alento ao Grêmio e nos cânticos destinados à torcida do Internacional, da mesma forma que o das *barras*: carregados de imagens de guerra<sup>565</sup>, conquista<sup>566</sup> e sentimento sexual<sup>567</sup>, mas ao contrário dos torcedores militantes, estes membros da Geral expandiam para o plano prático dos confrontos físicos, a essência do etos que mantinham em comum com elas e também com as organizadas, o *aguante* das barras, ou o etos guerreiro das organizadas, cabendo então definir qual seria o da Geral: já que ela se comportava como uma *barra*, mas possuía influência das organizadas, dada às peculiaridades de onde, como e por quem foi fundada.

No arranjo distributivo espacial das arquibancadas no Olímpico Monumental, a banda da Geral se posicionava exatamente atrás da meta da Avenida Érico Veríssimo, no portão 10. A banda instrumental no centro, e em seu entorno mediato, os membros da Banda, e logo após, os torcedores militantes e posteriormente, o público em geral constituído dos demais torcedores do Grêmio. Assim esta zona que começava no centro com a banda e terminava ao final do espaço ocupado pelos torcedores militantes, se constituía no *locus* da Geral do Grêmio, seus domínios,

<sup>564</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verônica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 122.

<sup>565</sup> “Aos que torcem pro Inter... a vocês eu quero perguntar... Porque não cumpre a palavra... do meu estádio derrubar?... Será porque vocês têm medo... da Banda do Monumental?...a Banda que corre os macacos do Internacional!” In: CIFRA CLUB. **A Vocês Quero Perguntar**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/1761903/letra/>>. Acesso em: 04 jan 2017.

YOU TUBE. **A vcs que torcem pro inter – 24.10.10**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=h0iG7cIB7OU>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>566</sup> “Macaco vai pra puta que pariu... correram da Geral no Beira-Rio...macaco pra sempre tu vai lembrar...que o Grêmio já ganhou o Mundial...vamos campeão...vamo a ganhar...que o chiqueiro eu vou queimar...” In: CIFRA CLUB. **Correram Da Geral No Beira-Rio**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/913404/letra/>>. Acesso em: 03 jan 2017.

YOU TUBE. **Macaco vai pra puta que pariu! – Bar do Ito**. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=\\_lQAtUUC7C8](https://www.youtube.com/watch?v=_lQAtUUC7C8)>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>567</sup> “(...) Inter te conhecemos... /Grêmio não és como tu... /colorado é tudo puto.../Vai tomá nesse teu cu...” In: CIFRA CLUB. **Eu Só Quero Vencer Lá No Chiqueiro**. Disponível em:

<<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/797984/letra/>>. Acesso em: 03 jan 2017.

YOU TUBE. **Geral do Grêmio – Eu Só Quero Vencer Lá No Chiqueiro**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yC8x5q\\_0xp4](https://www.youtube.com/watch?v=yC8x5q_0xp4)>. Acesso em: 03 jan 2017.

onde exerciam suas práticas e seus rituais, e também onde realizavam o descontrolado, que no Olímpico não era cerceado pelo visível, porém inverificável monitoramento panóptico<sup>568</sup>, pelas inúmeras câmeras de vídeo instaladas não só no setor de arquibancadas da Arena, mas em todo o estádio.

Por uma característica peculiar desta porção das arquibancadas do cinquentenário estádio Olímpico, integrantes da Banda conseguiam se proteger do mundo exterior em seu universo privado, eis que ao contrário do setor das sociais, onde haviam corredores com um pouco mais de espaço entre os banheiros e as copas<sup>569</sup>, na geral elas avançavam até a parede de concreto, com exceção do espaço entre as copas e os banheiros. Era justamente neste espaço, especificamente o que ficava atrás dos trapos, acima da banda no portão 10, e entre uma copa e um banheiro masculino, que se encontrava o tradicional “buraco”, onde integrantes da Banda confraternizavam alheios ao que acontecia no campo, eis que além de terem a visão parcialmente coberta pela arquibancada do anel superior, que lhes caía sobre as cabeças, tendo em vista a falta de corredor nas arquibancadas do setor, os trapos que nela eram pendurados impediam ainda mais a visão de jogo, mas os possibilitava gozar de privacidade para exercer o descontrolado, ou seja: provarem seu alto valor alentando naquela condição, onde a paixão pelo clube superava até mesmo o desfrute do espetáculo, e o descontrolado era formado pelo consumo de drogas como a maconha institucionalizada através dos inúmeros baseados e das carreiras de cocaína cheiradas junto à parede de lajotas que serviam como ventilação do espaço.

Aqui também cotejei uma aproximação com as práticas das *barras*, eis que durante a observação de campo, me restou esclarecido que os integrantes da Geral que se demonstravam mais resistentes ao álcool e as drogas eram enaltecidos durante as confraternizações que ocorriam antes dos jogos no entorno do estádio. Vale lembrar que para as *barras*, além de resistir a dor, o corpo *aguantador* e masculino se relaciona também com o consumo e abuso de drogas e álcool. Os estados de alteração de consciência eram valorizados e assim se dava na Geral. Entretanto estados de alteração de consciência também eram valorizados pelas organizadas, o que tornava-se peculiar na Geral do Grêmio é que pela apropriação do estilo de *barra*, reproduziam-se as mesmas referências discursivas, inclusive com

---

<sup>568</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**, p. 165-187.

<sup>569</sup> Pequenos bares onde se vendiam bebidas e lanches.

incidência de elementos trágicos, como nos cânticos: “Todos pela cabeça.../ todos descontrolados.../ Grêmio eu te dou a vida.../ Por este campeonato.../ (...)”, ou; “Eu sou borracho sim senhor.../ e bebo todas que vier.../ canto pro meu tricolor.../ meu único amor.../ (...)”, demonstrando assim suas transformações de consciência, além é claro, das mesmas referências em trapos, como: “Borrachos da Geral”. Mais uma vez refiro a dados que colhi pela etnografia realizada, observando que na prática para os integrantes da Banda, as alterações produzidas pelo álcool e as drogas eram sinal de prestígio, já que se constituía de uma ferramenta identitária, nos moldes investigados por Alabarces e Garriga Zucal<sup>570</sup>.

Com a proibição da entrada de bebidas alcoólicas nos estádios brasileiros, como parte das medidas tomadas pelas instituições de controle, tendo como justificativa uma pretensa forma de diminuir a violência no futebol, os membros da Torcida passaram a consumi-las com mais intensidade no entorno do Olímpico, em longas confraternizações pré-jogo. Não que elas não ocorressem antes, mas ganharam intensidade após a proibição, e era comum, dependendo da importância da partida, integrantes da Geral adentrarem no estádio apenas depois de iniciado o primeiro tempo de jogo, inclusive já no seu final, para estender ao máximo a confraternização e o consumo. Quando não adotavam estratégias para burlar o controle e a revista na entrada do portão 10, utilizando para tal fim, por exemplo, uma garrafa descartável de 500 ml de água mineral, que depois de devidamente amassada, era preenchida com vodka ou outro destilado e inserida sob a palmilha dos sapatos, normalmente imunes à revista policial, e assim, uma vez dentro do estádio, a soma dos esforços de alguns membros que as portavam, conjuntamente com a sua mistura com refrigerantes comprados nas copas, serviam de alternativa para a proibição<sup>571</sup>. Eu mesmo, já na Arena, participei de uma destas práticas, não portando álcool, mas colaborando no “racha” para comprar o refrigerante no interior do estádio. Só que desta vez o “expertise” para burlar a revista viria por um saco plástico contendo vodka dentro da cueca de um dos integrantes, o que me fez passar por maus momentos quando tive por obrigação de compartilhar aquele copo.

Em outra medida, estes espaços de confraternização acabaram por conformar territórios identitários dos subgrupos da Geral. Cada um tinha o seu, o

---

<sup>570</sup> ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**, p. 283.

<sup>571</sup> Vide figura 5.



que passei a observar de maneira indireta durante o período anterior à pesquisa do mestrado e posteriormente já com a observação participante junto a Arena, na época ainda do Olímpico, se situava em um primeiro momento na própria rua, no caso à Rua Dona Cecília, onde na esquina com a Rua José de Alencar se localizava o Bar Preliminar, ponto de encontro praticamente oficial da Banda. Era comum neste espaço junto à calçada, consumir-se as mais diversas bebidas alcoólicas, fumar-se maconha, assarem-se carnes junto ao meio-fio, com tijolos servindo de churrasqueira e confraternizar-se. Ali eram reforçados os mitos da Geral e do gremismo, corporificados nas identidades individuais de seus frequentadores.

Posteriormente, com mais uma medida tomada pelos órgãos de controle, foi proibido terminantemente estas posturas ao largo das ruas do Olímpico, o que levou a este subgrupo que absorveu o nome do ônibus 340 da excursão à Buenos Aires em 2007, a buscar um espaço interno, constituído a partir de um estacionamento na mesma rua, cujo proprietário, que respondia pelo codinome de “Barão”, cedia a parcela ao fundo dele, onde existia uma pequena área coberta, em que eram instaladas churrasqueiras portáteis e isopores com cerveja e destilados, e os integrantes deste subgrupo que acompanhei confraternizavam por horas antes do jogo.

Pelo grupo do 340 conter homens influentes junto a hierarquia da Banda, as vezes este espaço também era frequentado por lideranças da Geral, entre elas do próprio Paulão, assim como sofriam algumas blitzes da Brigada Militar, para desespero do proprietário, que barganhava dinheiro junto aos membros da Banda a fim de que pudessem permanecer ali consumindo drogas sem serem importunados. Em uma destas vezes inclusive tive a oportunidade de “trocar uma ideia” com um indivíduo de destaque na Banda. Ele era um daqueles que compunham seus cânticos. Com o nariz empoado de cocaína recém consumida no minúsculo banheiro da área coberta do estacionamento, e “enrolando a língua”, ele me referiu a sua distinção, por ser um dos compositores da Geral, tentando me demonstrar que os cânticos mais conhecidos eram de sua autoria, em uma prova de quão importante era aquele mundo para sua própria felicidade e existência em meio a rotina cotidiana da vida de cada dia. Chegou a me mostrar novos versos que seriam entoados na oportunidade, eis que nesse dia o Grêmio enfrentava o Cruzeiro, pelas semifinais da Libertadores da América de 2010, o que restou confirmado durante o jogo.

Todos estes espaços, assim como o *locus* da Geral do Grêmio e algumas

diferenciações tipológicas a partir dele construídas, tendo em vista a forma como o Olímpico era ocupado, desapareceram ou foram ressignificadas com a migração para a Arena, em um processo no qual muitas práticas da Geral estiveram ameaçadas. Concomitantemente com a migração para a Arena, foi estabelecida uma nova forma de agir perante o torcedor pela empresa construtora que administra o novo estádio, a OAS, o que serviu de pretexto para um controle mais apurado sobre o torcedor, a saber, principalmente dos integrantes da Geral e das torcidas organizadas do clube, em mínimas atitudes de controle do corpo, como me confessou Pogo: “Uma vez fui de carona com um parceiro e quando a gente entrou no estacionamento externo do estádio antes da cancela, eles já disseram que tinha de pôr a camisa, senão não entrava... mesma coisa lá nas arquibancadas, segurança chegando, mandando botar a camiseta e ironizando”: “Vocês pensam que aqui é o Olímpico”? “Que vão vir e ficar sem camiseta e chinelinho aqui”?

Outro quesito deste controle, conforme já havia adiantado, eram as inúmeras câmeras espalhadas pela Arena. Conforme “Sarárá”: “A gente não pode fazê nada senão os caras vem em ti direto... dizendo que viram tudo e te expulsam do estádio e te tiram a carteira de sócio..., lá tá foda”! Perguntei a Pogo se havia nas arquibancadas da Arena o descontrole da época do “buraco” do Olímpico e ele me respondeu com ar desiludido: “cara não é a mesma coisa... nunca vai ser... até rola um certo descontrole... mas não do jeito que era”.

Por algum tempo a Torcida teve de conviver e se adaptar a esta nova realidade espacial controlada, geradora de insegurança quanto ao *locus* grupal. Pelo menos a transição de ocupação de espaços ao ar livre recuperou parte do que havia sido perdido quando tiveram de se recolher ao estacionamento do Barão. Ali no Humaitá, o subgrupo do 340 reencontrou as ruas. Em um primeiro momento se reuniam na “Praça da Isa”, a qual era circundada por quatro ruas, uma praça acanhada, mas que foi tomada por um grupo que na oportunidade da migração tentava derrubar a liderança de Alemão como capo e que acabaram entrando em conflito físico com o pessoal do 340, justamente por saberem que apoiavam Rysdyck. Segundo me informou “Tim”: “O pessoal resolveu sair dali porque não aguentava mais ter de se defender e acabava não curtindo com a galera”. Nesse sentido a ocupação do espaço público e a retomada do lazer descompromissado também faziam parte dos anseios destas pessoas.

Durante um curto período de tempo o 340 ficou se reunindo no mesmo local

que a maioria dos integrantes da Geral no bairro Humaitá, o Bar do Ito, cuja sede da Banda habita o seu segundo andar, sem que, no entanto, ali fossem deixados instrumentos e trapos por segurança, já que o bar se encontrava um pouco afastado do estádio e passivo de arrombamentos quando fechado. No “Bar do Ito” “todo mundo tem de dar uma passada” me confessou Tim. Uma passada porque o 340 se estabeleceu por definitivo em um canteiro localizado nas proximidades da Arena. Não se tratava de uma praça, ou uma esquina, e sim o espaço gramado que dividia as duas vias de uma avenida com a esquina de uma rua. Ali chegaram a construir improvisadamente uma churrasqueira de tijolos que foi posta a baixo pelos moradores de seu entorno. Conforme informações que colhi com alguns deles.



**Figura 3: Confraternização no “Canteiro”. Foto: Arquivo pessoal do autor.**

Mas isto não impediu que continuassem realizando seus rituais de confraternização no local, regados a muita carne gorda assada na brasa, álcool e drogas, além de alento e outros rituais da Geral. O local começou a agregar mais gente e se popularizou entre a Banda. O próprio Rysdyck e outros homens influentes

da Geral como Charles e Jesus, passaram a frequentar o “Canteiro”, que até trapo ganhou (vide), o que prova a importância da construção destes espaços territoriais para a identidade grupal da Torcida, em claro movimento de ocupação das ruas. Inclusive o Canteiro chegou a ser frequentado por membros da barra do Racing Club, *La Guardia Imperial*, através de um de seus subgrupos, a *La Barra del 95* (subgrupo inclusive citado por Alabarces<sup>207</sup>), pela barra do Racing manter amizade com a Geral, o mesmo se dando com membros da *Banda del Parque*, a barra do Nacional do Uruguai, que no mesmo dia também tinha alguns membros confraternizando no Canteiro, junto aos capos da Geral, nesta mesma oportunidade que os observei, momentos antes do Grenal do dia 23 de outubro de 2016 pelo campeonato brasileiro.



Figura 4: Rodrigo Rysdyck, capo da Geral, homens influentes da Banda e os “hermanos” da Barra del 95 no “Canteiro”. Foto: Richard Dücker.

Disponível em: <<http://www.ducker.com.br>>. Acesso em: 04 jan 2017.

Já em relação à ocupação de espaços no estádio, as coisas não se deram desta maneira. No que diz respeito à banda em si, adaptou suas práticas ao novo estádio, a avalanche teve vida curta é verdade, pelo que já havia referido, mas o curioso e instigante foi o que ocorreu após o seu banimento, com a colocação das paravalanches nas arquibancadas, as barreiras de aço em forma de pequenas balizas que impedem que a multidão possa realizar o movimento. Ali se estabeleceu uma prática de distinção grupal similar a das *barras* por apropriação decorrente do instrumento oriundo da mesma proibição. Recordemos a distinção aguantadora de “alentar sobre os ferros”, referida por Alabarces e Garriga Zucal<sup>262</sup>. Assim, da mesma forma que na Argentina, as paravalanches da Arena passaram a comportar os capos e homens influentes da Geral. No que toca a localização da banda, ela seguiu a natureza das práticas migrando para o centro do setor de arquibancadas da Arena, atrás da meta do setor norte do estádio, assim como os tirantes e os trapos da Banda.

O que é de se observar pelo histórico de conflitos com as instituições de controle social formal do estado e com a mídia, sem contar ainda com a interferência do próprio clube, e de aspectos políticos que tratarei mais adiante, é que a Geral, desde a migração, mitiga seu espaço nas arquibancadas do estádio “padrão FIFA” que o Grêmio assumiu querer ter quando pactuou sua construção com a OAS. Nestes primeiros quatro anos ela sofreu sanções, mas também se impôs na Arena, apesar dos episódios de confrontos físicos que ocorreram e das penas geradas com isto. Para tanto há de se entender que todo aquele espaço destinado ao torcedor comum no Olímpico, que ocupava pouco mais da metade do anel inferior, com todos seus diferenciais tipológicos, foram em grande parte parar nas arquibancadas da Arena, ou seja: o que era para abrigar 15.000 torcedores no Olímpico Monumental, acabou convertendo-se em espaço para 5.500 deles na Arena, diante da redução imposta pela Brigada Militar, após o episódio de rompimento da mureta que dividia o setor com o campo. Nele, sobretudo a Geral, as pequenas torcidas organizadas sobreviventes, e o torcedor comum, se veem dividindo um espaço bem mais aproximado.

Os espaços territoriais do grupo de estilo estudado não se limitam ao locus da Banda na Arena, ou aos locais de confraternização em seu entorno. A Geral também possui pontos de encontro fora deste circuito dos dias de jogos. Dois deles de significativo destaque. O primeiro aberto ao público em geral e o segundo, um

clube privativo e discreto onde só entram integrantes da Banda, amigos conhecidos deles, e mulheres que os acompanhem. O primeiro se trata do *Brechó do Futebol*, bar temático cujo segundo andar guarda uma loja de camisetas usadas de times de futebol de todo o mundo. Seus proprietários são homens influentes da Geral do Grêmio. Ali os integrantes da Banda se reúnem para acompanhar jogos do Grêmio fora de Porto Alegre. Presenciei Alemão algumas vezes sentado no centro da melhor mesa do bar, cercado de membros influentes, sorvendo litros de cerveja e acompanhando o time. Com o tempo o *Brechó* se expandiu, inobstante já ter sido alvo mais de uma vez de depredações promovidas por integrantes da Popular do Inter. Ganhou a companhia de outro Bar ao lado, o *Foodball*, também de propriedade de integrantes da Geral e de um conselheiro do Grêmio vinculado a torcida, assim como de uma loja de artigos e vestuário temático da cultura de arquibancada cujo proprietário, segundo me confessou Digo, seria o próprio “Bruno Cabeludo”, um dos capos atuais da banda. De fato, presenciei mais de uma vez homens influentes da Geral em sua fachada, inclusive “Tropeço”.

Finalmente existe por fim *A Sede*, fundada por dois integrantes do 340. Trata-se de um clube privativo como referi. Em seu interior, integrantes da Geral consomem drogas, jogam *pocker*, acompanham jogos do Grêmio, bebem e assam mais carne. *A Sede* é frequentada por capos e homens influentes. Eu mesmo os vi, como Alemão e Tropeço. O segundo inclusive aniversário lá comemorou. Ao contrário do *Brechó*, *A Sede* apesar de ser também um bar e oferecer comes e bebes, não possui qualquer vínculo institucional legal que a autorizasse operar enquanto estabelecimento comercial, como o *Brechó*. É nesta perspectiva um local de recreação, encontro e afirmação de valores grupais independente do mundo e da sociedade exterior, o que significa que frequenta-lo é para poucos, apenas aqueles que fazem parte da “irmandade” da Geral do Grêmio.



**Figura 5: Estratégia de burla do controle e revista para coibir o consumo de álcool no interior da Arena. Fonte: Arquivo pessoal do autor.**

### **3.3.5 Práticas, rituais e artefatos grupais**

Como já referi, observei a prática do alento incessante da Banda ao Grêmio durante todos os jogos em que a acompanhei, mediante o apoio incondicional, na entrega do corpo pela reprodução ininterrupta dos cânticos da Geral, carregados de sentimentos de amor e ódio, vida e morte, representações de conquistas, imposições e antagonismos sexuais e preconceitos raciais implícitos, eles queiram ou não. Posicionava-me no primeiro tempo de partida o mais próximo que podia da banda, e no segundo, junto à curva nordeste das arquibancadas, onde se encontrava grande parte dos integrantes do 340. Como havia me instigado a realizar parte dos rituais do grupo de estilo, confraternizava com eles no Canteiro, e posteriormente, me deslocava à esplanada da Arena, ingressando no setor norte. Compreendi no corpo que o alento importa um grande esforço físico, assim como saltar e pular durante o decorrer da partida, já o tendo castigado pelo consumo de álcool, o que de certa maneira anestesiava e favorecia o comportamento alternativo pela falta do freio do superego. Tanto que não decidi a toa dividir o trabalho de

campo no interior do estádio da forma como fiz, vez que me comprometia em sentir pessoalmente a catarse da banda durante o primeiro tempo e apenas observar no segundo, sob pena de retornar mais exausto do que retornava quando acabavam as partidas. Quem convive no grupo, pelo que vivenciei e senti, especificamente no subgrupo do 340, estabelece tamanha intensidade nestes encontros, superlativizados em função da paixão comum estremada pelo clube, somada ao pertencimento grupal e identitário desenvolvidos entre eles, que passa a vivenciar uma expectativa já um dia antes da partida e o que é vivenciado no dia, permanece um dia depois, com todos os sentimentos afetivos que dele puderam advir, sejam de derrota, amargura e ódio, ou vitória, conciliação e conquista, um dia depois. Estas sensações além de restarem impressas na mente, também permanecem no corpo pelos abusos do descontrole e as implicações físicas do alento.

Na aproximação com rituais das *barras* muita coisa se confirmou. Ir a todos os lados e alentar sempre foram rituais por mim já há muito observados. Do que vi que pudesse captar o instante das manifestações grupais, e fosse digno de nota, destacam-se aqueles vivenciados perante a banda em si. Especificamente os momentos que antecederiam sua entrada, a concentração dos torcedores no corredor do portão V, onde chegavam os primeiros trapos, os pogos e pré-alentaços enquanto os instrumentos eram aguardados, o aquecimento da banda e seu deslocamento sob escolta ao centro das arquibancadas. De início quando os trapos chegam, os integrantes começam a bater as palmas das mãos e entoar canções onde à evocação de sentimentos de guerra e masculinidade contra o Internacional e sua torcida são de garantia certa. Na sequência, conforme aumenta a catarse entre estes membros pela partilha dos sentimentos enaltecidos nos cânticos, passam a movimentar-se entre si, em movimentos circulares, empurrando-se e simulando combates em atitudes corporais que remetem aos pogos presentes no ritual de origem da cultura punk britânica que foi apropriado por outros grupos de estilo<sup>572</sup>.

---

<sup>572</sup> YOU TUBE. **Geral do Gremio – Na Azenha Tem Uma Banda Louca! GREnal 411**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4qZWN-eAgEI>>. Acesso em 03 jan 2017.

YOU TUBE. **Roda punk Rock Cordel 7 Teatro Jose de Alencar 2 130113**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uPjl7YjdJkc>>. Acesso em 03 jan 2017.





**Figura 6: Trapos da Geral aguardam a Banda. Fonte: Arquivo pessoal do autor.**

Então chegam os primeiros instrumentos musicais como bumbos, pratos, repeniques, trompetes e trombones<sup>573</sup> e se passa a proceder ao aquecimento da banda até ela estar completa, quando começa o ritual de alentaço instrumental que antecedia a entrada nas arquibancadas. Neste íterim aqueles integrantes que haviam participado do ritual de pogos já estão portando as bandeiras de mão que lhes foram entregues e cantando as canções entoadas agora sob o comando dos instrumentos da banda tricolor, liderados por seu chefe, que organiza todas as ações a partir do manuseio do bumbo-mestre, de proporções superlativas e maiores que a dos demais que são tocados pelos outros percursionistas, mantido a sua disposição graças a dois integrantes que os dão sustentação pelas alças e exibem os torsos desnudos e grossos enquanto o chefe da banda toca o instrumento e define as

<sup>573</sup> Vide foto nº. 07.

canções que serão entoadas<sup>574</sup>, em um ambiente notoriamente masculinizado diante destas práticas.

Uma vez esgotada esta etapa, a banda é escoltada ao centro da arquibancada. Escoltada porque os membros impedem que desconhecidos se aproximem dos instrumentos e de seus instrumentistas. Quando a banda adentra as arquibancadas é ovacionada pelos demais membros que concomitantemente passam a entoar os cânticos que ela evoca. O centro da arquibancada onde ela se localiza também é o centro onde repousam os tirantes que são fixados da mesma forma que a descrita pela antropologia argentina. Sobre a localização da banda encontram-se as paravalanches habitadas pelos capos da Geral que tudo do alto comandam como já havia referido. Eles se equilibram por meio de fitas fixadas nas barras das paravalanches que são seguras por uma das mãos enquanto cantam e realizam movimentos corporais a partir dali.

---

<sup>574</sup> YOU TUBE. **[GoPro] – GREnal 4x1 – Aquecimento Geral do Grêmio**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fm2PFdkWHIs>>. Acesso em 03 jan 2017. Quanto ao momento referido em si, especificamente a partir de 3 minutos e 14 segundos de vídeo.



**Figura 7: Instrumentos da banda da Geral do Grêmio. Fonte: Arquivo pessoal do autor.**

É de se notar que assim como nas barras, não é qualquer um que ali sobe. Nunca vi rapazes franzinos sob as paravalanches oficiais da Geral, aquelas centralizadas ao entorno da banda. Apenas corpos grossos, quando não com os torsos desnudos. Certa vez presenciei Tropeço mandando descer uma menina que havia se atrevido a subir em uma das paravalanches mais distantes do entorno da banda e, portanto, de acesso não tão restrito. Ocorre que quem sobe nas paravalanches vê, mas principalmente é visto inclusive pelas lentes das câmeras de televisão. Em outra oportunidade, no Canteiro e com muito cuidado já que sempre se mostrou um membro desconfiado e esguio, perguntei a Tropeço sobre o episódio, mas dando a entender que achava um absurdo “a mina querer subir ali” ao que ele me respondeu que fez aquilo porque não pegaria bem para a moral da banda, reproduzindo o mesmo discurso observado por Garriga Zucal em sua pesquisa de campo.

Dentre estes rituais que acompanhei, o momento mais intenso que vivi foi

em uma partida onde sob um calor causticante, me encontrava no centro da banda, tendo que representar com toda a intensidade como um integrante nato e testar minha resistência como eles, já que o volume que os bumbos produziam naquela condição, onde o menor deslize fazia com que sentisse o braço do integrante que tocava um deles esbarrar no meu torso, faziam com que meus tímpanos doessem e fervilhassem, sentindo ainda no corpo todo o deslocamento de ar produzido pelo conjunto de bumbos da banda atrás de mim, ao que não resisti por mais de dois cânticos naquela posição. Em outras oportunidades me vi as voltas em ter de manipular bandeiras de mão de forma ininterrupta, pois do contrário era visto com olhos ameaçadores. Presenciei xingamentos por falta de alento de alguns, aos gritos de “canta turista”, aviso que demarcava diferenças e colocava o destinatário sob risco e suspeita de não pertencer ao grupo, por sua condição estranha, e mesmo estrangeira.



Figura 8: Corpo “gordo e grosso sobre uma paravalanche. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O que se conclui pelo que observei na linha comparativa que me propus é que a festa realizada pela Geral nas arquibancadas, na mesma medida que das *barras*, não poderia ser completa sem determinados artefatos, como os instrumentos musicais descritos, e as dezenas de bandeiras e trapos que acompanham a banda no centro da arquibancada<sup>575</sup>. Quando da etnografia que descrevi o ritual de entrada da banda e seu aquecimento, reparei na mesma reação grupal quanto aos bumbos estarem fazendo um chamado aos seus, observada pelos etnógrafos argentinos, assim como ele ser o coração da banda. Prova disto era o “bumbo mestre” que descrevi. Da mesma forma que nas *barras*, os bumbos da Geral indicam aos integrantes o que devem fazer no decorrer do jogo e sem eles não há possibilidade de coordenação de coreografias e cânticos, o que explica em certa medida a política sancionatória das instituições formais em retirar os instrumentos da Banda quando verificados conflitos de violência na Arena.

Digo era um dos pertencentes a este grupo especial que fazia parte da banda. Me confirmou que não era qualquer um que os tocava. A banda da Geral é efetivamente uma banda de *barra*. Assim como os demais artefatos que possui também serem produtos da cultura de *barra*, conforme descrito no segundo capítulo, como trapos, tirantes, bandeiras, bandeiras de mão e sombrinhas, inclusive com importância e simbologia similar aos grupos argentinos, os equivalendo em formas e estilos. Assim a perda de uma destas peças é também considerada uma infração grave, e também muitas vezes, pode ser confundida como roubo, já que o roubo de trapos, prática comum às *barras*, tem a peculiaridade de também o sê-lo entre as torcidas organizadas brasileiras, ao que antes mesmo da existência da Geral, já eram praticados na cultura destes grupos de estilo antecedentes. A importância e simbologia similar aos grupos de *barra* podem ser destacadas, por exemplo, pelos trapos fixados nos alambrados e muretas da Arena, que assim como nas *barras*, fazem referência aos locais de origem de seus donos, agradecimentos e juramentos de amor eterno ao clube.

---

<sup>575</sup> ALBARCES, Pablo, MOREIRA, María Verónica, ZUCAL, José Garriga. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**, p. 117.

### 3.3.6 Aguantes, etos guerreiro, hierarquia e redes de relações

O *aguante* constrói os nativos como “verdadeiros homens”, distinguindo-os dos “putos”, diferenciando os participantes daqueles que se identificam como homens, mas não usam da violência como prova de sua masculinidade<sup>576</sup>.

Os campos semânticos dos conceitos de “etos guerreiro”, “hipermasculinidade”, “sociabilidade violenta” e até mesmo a de “mercadoria política”, a despeito de seus diferentes contextos teóricos, não teriam muito em comum? Todos se referem a práticas sociais que mudaram a forma de pensamento, sentimento e ação (...)<sup>577</sup>

Foi com lança, cavalo e no peitoço, que se formou a fronteira deste chão<sup>487</sup>.

Quando inquiri Rodrigo Rysdyck no interior de um dos bares frequentados pela Geral, uma das poucas respostas que ele me deu que não foram evasivas envolveu a questão relacionada com o *aguante*. Alemão que já respondeu a vários processos criminais por delitos envolvendo a ação das torcidas, já não se expõe mais como de outrora<sup>578</sup>. Ele teve a imagem ao longo dos anos devidamente estereotipada pela mídia<sup>579</sup>.

Não que não tivesse contribuído para tanto, ou que em momentos de descontração no Canteiro, não gozasse com esta distinção de hipermasculinidade violenta, como quando o vi posando para foto solicitada por uma das mulheres<sup>580</sup> do

<sup>576</sup> GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol**, p. 40.

<sup>577</sup> ZALUAR, Alba. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. **Revista Dados**. Rio de Janeiro, vol. 55, n.º 02, 2012, p. 332.

<sup>578</sup> YOU TUBE. **The Real Football Factories Brazil Legendado \* 4trav5 \* travtra ak40e7**.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K-nH1nKk2f4>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>579</sup> CLICRBS. **Violência Futebol Clube: Os barra bravas dos pampas**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2007/04/violencia-futebol-clube-os-barra-bravas-dos-pampas-1479797.html>>. Consulta em: 15 dez 2015.

<sup>580</sup> Das mulheres que observei na Geral do Grêmio, tanto no subgrupo do 340, como no Canteiro e demais espaços de pertencimento da Banda, variavelmente ou eram namoradas ou companheiras dos integrantes, ou passavam a estar ali para cortejá-los. Com algumas exceções, detinham um estilo de objetificação do corpo feminino, o que não significa que não tenha observado outras ao meio da torcida sem nenhuma destas características.

340, onde a abraçava com um dos braços, enquanto o outro permanecia levantado acima do ombro, o punho fechado e ameaçador, rosto carrancudo, simulando como se fosse esmurra-la, enquanto ela fingia estar assustada. Este não era o problema, até porque estava em seu território e entre os seus. Entretanto, já no meu caso, a situação era diversa e ele apenas me atendeu para colaborar na pesquisa porque haviam me referendado e ele já tinha me visto diversas vezes entre os integrantes da Geral, e mesmo assim a condição foi de que não perguntasse sobre a polícia e sobre confrontos com torcidas rivais.

Mas retornando de onde comecei, quando ao invés de lhe perguntar o que era *aguante*, propositalmente lhe inquiri se os integrantes da Geral possuíam *aguante*, ele fechou o rosto e em tom ofendido respondeu: “É claro que sim, se tiver que ir pro pau a gente vai pro pau!” A prática funcionou porque ali, diante de meus olhos estava um capo indignado com minha dúvida sobre se a torcida que ele comandava possuía ou não o valor mais estimado pelas *barras*, valor de honra, pertencimento e exclusão, definidor de hierarquias e de masculinidades.

A definição nativa de *aguante* tal qual aparece na antropologia social argentina, não é conhecida pela unanimidade dos integrantes da Geral. Apesar da maioria dos membros e homens influentes da banda utilizarem a violência como forma de pertencimento e distinção e conhecerem o *aguante*, como “Charles”, “Tropeço” e “Jesus”, assim como grande parte dos integrantes do 340, existem membros de envergadura hierárquica inferior a estes, e que nem por isto deixam de ser violentos, em alguns casos até talvez superar alguns deles, como “Sará”, que não conhece o *aguante*, e nem por isto deixa de participar de confrontos físicos. Sará, assim como outros integrantes da Banda, antes de participarem da Geral, eram membros de torcidas organizadas do Grêmio, no caso de Sará, da Torcida Jovem, conforme me revelou.

Pelos dados que colhi o conhecimento do *aguante* tal qual é concebido pelas *barras* foi apreendido pelos integrantes da Geral que conheci e conversei, com as exceções citadas. Alguns o limitando ao alento e devoção ao Grêmio, mesmo nos piores momentos, outros dizendo que a Geral tinha *aguante* porque “não levava desaforo pra casa” na linha de raciocínio de Rysdyck, que por sinal coincidia com quem detinha posições mais cobiçadas na hierarquia da Banda, alguns deles inclusive conselheiros do Grêmio que não participavam mais da ação na pista, por alguns fatores em comum, como o controle estatal sobre eles exercido, ou o desejo

de ocupar cargos políticos, o que os comprometia com instituições que normalmente não teriam a preocupação com que lidar.

O desconhecimento da conceituação de *aguante* por uma parcela dos integrantes que conversei, não alterava de forma prática a conformação e as ações da torcida, diante do caráter de capital simbólico instituído que ele possuía para os líderes e membros de destaque da Geral, eis que mesmo sem que os indivíduos mais comuns que compunham o contingente da Torcida pudessem perceber ele era institucionalizado e valorizado a partir de seus líderes e principais articuladores e nas práticas simbólicas nos rituais de alento da Banda, comandadas a partir das paravalanches. Esta seria uma diferença em relação ao que aponta a matriz argentina do etos *aguantador*, eis que lá todos os *pibes* o conhecem. Aqui ele ganha a contribuição decisiva dos valores instituídos pelo mito folclórico identitário gaúcho advindo do discurso regionalista, o guerreiro forte aguerrido e bravo, interligado com o etos deixado pelas organizadas e dividido com as galeras funk, o etos guerreiro conceituado por Zaluar e o NUPEVI, o que talvez contribua para entender porque parcela dos indivíduos pertencentes ao contingente da Geral, geralmente de classe social menos favorecida se vejam envolvidos em confrontos e combates dos quais merecem destaque os do *Trensurb*<sup>581</sup>, em uma complexa mescla de valores baseados na sociabilidade violenta: os defendidos como estilo pelo grupo, os representados pela ideologia regional e aqueles que existiam na cultura de arquibancada gaúcha a partir das torcidas organizadas, pela influência do etos guerreiro dos grupos funk cariocas que se estenderam as organizadas e influenciaram seu estilo, como a Torcida Jovem do Grêmio e sua divisão em “arrastões”.

No dia 29 de maio de 2016, antes da partida entre Grêmio e Coritiba pelo campeonato brasileiro, me envolvi em um episódio marcante enquanto realizava o trabalho de campo. Presenciei um confronto entre parte do contingente da Geral e a tropa de Choque da Brigada Militar.

Enquanto a tropa de choque da Brigada Militar permanecia inerte com os escudos erguidos a espera de outro contratempo vindo dos integrantes da Banda,

---

<sup>581</sup> YOU TUBE. **Briga de torcidas de Inter e Gremio no Trensurb**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fKtgbnXQVLY&feature=youtu.be>>. Acesso em: 03 jan 2017.  
YOU TUBE. **Brasil Urgente RS 22012013 – Briga de torcidas de Grêmio e Inter em estação do Trensurb**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1GJy3VRL044>>. Acesso em: 03 jan 2017.



estes os ofendiam em coro, alguns com pedras nas mãos, em movimentos com o peito inflado. Um deles, o mais indignado, gritava em nossa direção para irmos ajudá-lo a reagir contra os “porcos”. Possuía um pedregulho de concreto na mão, já tendo arremessado ao longe um deles em direção aos policiais. Dada a desproporcionalidade para o enfrentamento e os problemas com as balas de borracha momentos antes, os ânimos foram dissipados. Provavelmente atraído pela garrafa de vinho tinto que eu possuía, veio me pedir um gole. Fitou-me, reparou que usava um chapéu “pescador”, estilo *barra*, uma camiseta surrada do Grêmio, *jeans* e tênis *all star*, o que talvez lhe despertasse confiança ao que me perguntou, tentando saber de onde eu vinha: “Onde é que tu ti garante?” Depois de por uma fração de segundo decodificar ao que ele referia respondi de pronto: “ZN”, em referência a zona norte de Porto Alegre, ao que ele me respondeu: “Podi crê... sou Nonoai de Gravataí”! Para Nonoai eu me garantia na zona norte, assim eu era um “sujeito disposição”<sup>582</sup> por me garantir, possuindo na sua visão merecimento de respeito, quando então me referiu ao que havia ocorrido na ocasião envolvendo a BM.

Este era um dos típicos membros do contingente que referi. Apesar de ter reconhecido no meu visual os elementos do estilo da torcida que integrava, e assim como Sarará, *aguantar* tanto quanto ou mais que um integrante que conhecesse o *aguante*, a etimologia da mesma forma lhe era estranha, mas, no entanto quando lhe questionei ele afirmou: “a Geral se garante mano... a gente se garante”, até porque foi o que ele mais pediu que fosse feito contra a BM, embora a disparidade instrumental entre eles.

Outra situação no mesmo dia que contribuiu para observar valores das *barras* argentinas na Geral do Grêmio foi o que aconteceu após o fim do confronto com a BM. Já havia relatado no capítulo metodológico o questionamento por dois membros do 340 quanto a minha postura em tirar fotos do conflito. Que quebrava a confiança com a “família” que eu deveria valorizar por pertencimento e privilégio. Agora o que presenciava ocorreu enquanto “Judeu” perguntava a um dos homens influentes da Geral sob o ocorrido com a Brigada, e também dava atenção ao chefe da banda. Fiquei sabendo por ele que o clima estava muito tenso, eis que haviam roubado trapos da Geral, e realmente a expressão em seu rosto era de extremo transtorno. A tensão partilhada com o roubo dos trapos, e posso dizer que realmente

---

<sup>582</sup> ZALUAR, Alba. Violência, cultura e poder. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p. 31-32.

senti e constatee este ressentimento, evidenciava a humilhação por sua perda em mãos inimigas descrito por Moreira<sup>583</sup>. Sentimento que não era diferente também para as torcidas organizadas, vez que pactuavam do mesmo ritual, considerando bandeiras roubadas como troféus de guerra expostos nas arquibancadas para humilhar os rivais.

As nossas costas permaneciam os soldados da tropa de choque e parcela do público de jogo que já se deslocava ao estádio, quando três indivíduos portando chapéis pescador ao estilo *barra*, mas alusivos ao Grêmio, se postaram a frente da tropa de choque para “tirarem uma *selfie*” com os brigadianos. O ato foi demais para Judeu e outros integrantes da Banda. Já não chegava a desonra pelo roubo dos trapos, a indisposição numérica no confronto com o choque, e ainda teriam de suportar “turistas” travestidos de integrantes da Geral pousando a frente de seus inimigos. A repulsa foi enorme e os infelizes espectadores sem entender o que se passava passaram a ser ofendidos por todos os tipos de impropérios por Judeu, o chefe da banda e demais integrantes ali presentes, particularmente o mais ofensivo: “putos”! Aos gritos de putos foram corridos dali. Os brigadianos começaram a rir, dirigindo seus olhares ironicamente em direção a Judeu e os demais. Ali se definia a visão da polícia enquanto representação do inimigo na mesma proporção que eram os adversários de outras torcidas. A humilhação de quem é considerado como o “outro” passa na Geral, assim como nas organizadas e nas *barras*, pela desqualificação e humilhação sexual. Quando não muito de sua submissão a masculinidade agressiva expressa por estes discursos, ou aqueles expressos nos cânticos da torcida: de um lado os nossos, os homens, do outro lado eles, os putos.

Talvez o código de valores do grupo de estilo tenha sido tão bem absorvido, justamente pela conjugação dos fatores complexos que referi. A proposta tentadora da adoção do estilo expresso no capital *aguante*, com a contribuição pré-construída dos valores instituídos pelo mito folclórico identitário gaúcho advindo do discurso regionalista e o etos guerreiro deixado pelas organizadas, em uma complexa mescla de valores baseados na sociabilidade violenta. Assim esta fusão bem típica da zona liminar em que se encontra parcela da pré-construída estrutura sócio cultural gaúcha, forma o *habitus* que possibilita a proliferação dos valores do capital

---

<sup>583</sup> MOREIRA, María Verónica. *Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina*. *Revista Avá*, p.84.

*aguante*, eis que adaptando o que leciona Bourdieu<sup>584</sup>, o *habitus* é um conhecimento adquirido, no caso, saber brigar, e também um “haver”, um capital, indicando uma disposição incorporada, quase postural, o que explica Sarará ou Nonoai possuírem o *habitus* que configura o *aguante*, embora não conheçam sua etimologia, por já o terem incorporado enquanto postura habitual, envolvendo-se em conflitos violentos muito pela presença concomitante dos valores do etos guerreiro, de incidência na região metropolitana de Porto Alegre e nas organizadas gaúchas, que apesar de terem sofrido revezes com a dinâmica implementada pela Geral e depois pela Popular, não desapareceram do cenário da cultura de arquibancada local.

Valores que tem muito em comum com os do *aguante*. No etos guerreiro adaptado as organizadas, a violência real ou ritual não acontece sem a ascensão dos integrantes mais machos e viris em detrimento dos mais pacíficos e contidos nas relações pessoais. O que transparece nestes grupos é o baixo autocontrole em favor da afirmação assoberbada dos machos e poderosos em frente a um inimigo humilhado e vencido<sup>585</sup>.

E como se dá parte da ascensão hierárquica nas *barras* senão com a prova do *aguante*? Somado a influência política com dirigentes do clube? A ascensão dos membros mais viris e com desenvoltura para conseguir o que a Banda precisa. Assim os que detêm o perfil guerreiro e possuem influência e redes de relações serão os líderes: capital da resistência guerreira associado ao prestígio que envolve capital político e social irão desenvolver os níveis hierárquicos da Geral, na mesma forma organizacional das *barras* argentinas. Tudo começa nos capos. A Geral possui, portanto, a mesma liberdade associativa das *barras* e organização hierárquica definida através de carisma e *aguante*. Rodrigo Rysdyck, o “Alemão da Geral”, assumiu o lugar de Paulão e só deixou o posto quando concorreu a vereador por Porto Alegre nas eleições municipais de 2016, quando então conforme me informou Digo: “(...) agora ficou na mão do “Tropeço” e do “Bruno Cabeludo””.

Tropeço e Bruno eram homens influentes da Geral antes mesmo de serem capos. Como a Geral possui o mesmo sistema hierárquico das *barras*, e normalmente naquelas, os membros influentes possuem grande chance de ascender à posição de chefes conforme o prestígio que tem com os demais companheiros,

<sup>584</sup> BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 61.

<sup>585</sup> MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p.71.

principalmente pela desenvoltura em conseguir benefícios para a Banda, assim como *aguante* nos confrontos físicos, o mesmo se deu na Geral, afinal, tanto Bruno quanto Tropeço possuíam estes predicados conforme me confessou Digo. Tropeço inclusive provou seu *aguante* em um episódio de proporções perigosas quanto à violência real, quando da última vez<sup>586</sup> que o *Brechó do Futebol* foi atacado por integrantes da Popular do Inter, que passaram a agredir em maior número um dos proprietários e também membro influente da Banda, que só não morreu vez que até internação hospitalar sofreu, porque Tropeço, munido de um pedaço de pau conseguiu enfrentar sozinho os adversários puxando o companheiro já desacordado para dentro do bar.

Do que constatei, a ascensão de membros viris na Torcida era regra na Geral. Membros viris na Geral do Grêmio normalmente também são volumosos e de bom lombo! Tropeço era um deles, mas a condição para ter tornado Tropeço um capo foi incondicionalmente seu *aguante*. Isto quem me garantiu de forma indireta foi Alemão. Perguntei-lhe qual era a condição para ser capo da Banda e ele a sua maneira me confirmou todas as categorias que foram observadas por Moreira no que diz respeito ao comprometimento com a Banda, seus membros, e lutar sempre para que a ela tudo seja garantido dentro do possível.

“A Geral e o Grêmio são a minha vida”! Pelo menos eram até ele se candidatar a vereador pelo mesmo partido do ex-presidente Paulo Odone. Então perguntei: “Mas Alemão, e se vem os caras da Máfia<sup>587</sup> pro pau contra vocês como é que fica”? “Aí tem que se bancar! Senão eles tomam conta e tu perde a moral com

---

<sup>586</sup> O *Brechó do Futebol*, provavelmente por ser localizado na Rua Fernando Machado, uma das ruas perpendiculares a Avenida Borges de Medeiros, que dá acesso a estação central do Trensurb, é passagem natural de torcedores vinculados a Popular do Inter e a Camisa 12 que deixam o Beira-Rio após os jogos do Internacional, já tendo sido depredado por eles mais de uma vez, dado o vínculo do bar com a Geral do Grêmio, o que normalmente leva seus proprietários a fecharem as portas logo após o encerramento dos jogos no estádio colorado.

<sup>587</sup> A máfia tricolor é a torcida organizada mais violenta do Grêmio. É uma torcida independente. O clube não a considera oficial. Foi fundada em 1995, como resultado da fusão de componentes de antigas torcidas organizadas (super raça, torcida jovem e força azul). Segundo as informações disponibilizadas por seus líderes no site de consulta: “Na época sentia-se a necessidade de se organizar uma nova e sólida representação para a Torcida gremista nas arquibancadas para se recuperar o respeito perdido”. In: ORGANIZADAS Brasil. **Torcida Independente Máfia Tricolor**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-INDEPENDENTE-MAFIA-TRICOLOR-400.html>>. Acesso em: 03 jan 2017. YOU TUBE. **Máfia Tricolor – Antes que seja tarde**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qCpy-beJySE>>. Acesso em 03 jan 2017. CLICRBS. **Violência futebol clube – Das organizadas as barras bravas**. “(...) Segundo o levantamento da reportagem, há grupos perigosos na Máfia Tricolor, na Vila Elo Perdido, em Canoas (...)”. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2007/04/violencia-futebol-clube-das-torcidas-organizadas-para-as-barras-bravas-1478770.html>>. Acesso em 03 jan 2017.

os teus, isto quem tá de fora não entende!”

Confirmando o que precisava ouvir, Rodrigo ainda expôs o choque que existe entre os valores do grupo de estilo e a sua incompreensão pela sociedade majoritária e *outsider* (“quem tá de fora não entende”) que por obviedade tem motivos para tanto, diante da incivilidade de tais práticas. Assim a distinção para ser capo se define a partir da resistência guerreira, o *aguante*, o que explica a ascensão de Tropeço, mas que também como homem influente, só chegou ao posto por também ter adquirido protagonismo na realização das tarefas principais da organização da Torcida, planejando viagens, transportando bandeiras, comprando comida e bebida para os membros da Banda, fatos que também me foram confirmados em relação a Bruno Cabeludo por Digo.

Outro exemplo destes homens influentes da Geral que guardam similaridade com as conceituações formuladas por Moreira<sup>588</sup> era Jesus. Jesus possuía *aguante*, detinha capital social e relações políticas bem definidas. Até porque era um dos que fazia parte do Conselho Deliberativo do Grêmio Foot-ball Portoalegrense. Mas estas relações também se estendiam para a banda oriental do continente na medida em que também conhecia parte dos capos da Banda del Parque do Nacional do Uruguai. Jesus era *doble chapa*<sup>589</sup>, filho de mãe uruguaia e pai brasileiro. Vinha da classe média alta assim como outros membros da Geral mais influentes, principalmente os do grupo do 340, inobstante a heterogeneidade econômica da Torcida, eis que observei em seu contingente<sup>590</sup> a presença maior das classes menos favorecidas, o que não significa que para ser capo não se possa advir de uma delas.

A detenção de capital social auxiliava na ascensão perante a Banda, mas era insuficiente vez que deveria ser conjugada com valores estritos do grupo, tais como a irmandade, virilidade e masculinidade guerreira no trato com quem

<sup>588</sup> MOREIRA, María Verónica. *Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina*. *Revista Avá*, p. 81-82.

<sup>589</sup> “(...) Os critérios *ser nascido de e ter nascido em* tem tradução jurídica na atribuição da nacionalidade por *jus sanguini* e *jus soli*, respectivamente adotados no Uruguai e no Brasil. Eis a base legal para a chamada *doble-chapa*, dupla nacionalidade brasileiro-uruguaia (...)”. In: DORFMAN, Adriana. Nacionalidade *doble-chapa*: novas identidades na fronteira Brasil-Uruguai. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 261. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7444335/Nacionalidade\\_doble-chapa\\_novas\\_identidades\\_na\\_frenteira\\_Brasil-Uruguai](https://www.academia.edu/7444335/Nacionalidade_doble-chapa_novas_identidades_na_frenteira_Brasil-Uruguai)>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>590</sup> Nominei como “contingente”, a grande maioria dos torcedores que compõem a Geral do Grêmio e que nas *barras* argentinas recebem a nomenclatura de “tropa”, conforme a antropologia social que as estuda.

resolvesse desonrar ou confrontar a Banda e apenas estes estariam habilitados a serem capos, além do comprometimento em promover os interesses da Geral. Jesus possuía todos, e fazia questão de produzir carisma entre os integrantes da Banda, da vez que lhe acompanhei com Charles, Judeu, um argentino do Racing da Banda del 95 e outro *hincha* da Banda del Parque no Grenal pelo segundo turno do campeonato brasileiro de 2016, fez questão de parar para conversar com funcionários do clube e pagou cervejas artesanais de R\$ 15,00 para cada um de nós.

Pogo era outro desses homens apesar de não se envolver em confrontos físicos, com raras exceções, como no episódio envolvendo a *hinchada* do Boca Juniors em Porto Alegre, segundo ele porque ficara com raiva do que fizeram ao 340 quando da ida a Bombonera. Pogo atua como representante do subgrupo do 340, entre suas atividades de representação está a distribuição de cartões de sócio remido para seus membros poderem assistir aos jogos de graça. Não sei, e ele foi evasivo em referir, como consegue acesso há mais de 25 cartões de sócios remidos<sup>591</sup>, mas suspeito que também por deter grande influência perante a Banda como fora dela.

Utilizando ainda a classificação de Maria Verónica Moreira<sup>592</sup>, depois dos chefes e dos “homens influentes” da Geral, observei aqueles integrantes cujos exemplos Sarará e Nonoai representam e que são justos aqueles onde parecem se confundir os valores aguantadores masculinizados do estilo, com o etos guerreiro das organizadas.

Eles também, dos que observei, são de menor categoria e escassa trajetória na Banda, mas não necessariamente mais jovens. Estes são os que integram a maioria da Geral do Grêmio, que formam o seu contingente. Ele se divide em subgrupos ou segmentos de bairro e regiões da grande Porto Alegre, recordemos da pergunta de Nonoai: “Onde é que tu ti garante”. Estes grupos se reúnem no entorno da Arena como já havia mencionado e referindo por amostragem ao Canteiro, só ali,

---

<sup>591</sup> Sócios remidos são aqueles que não pagam mensalidades e têm todos os direitos de sócio assegurados: “(...) 12. Como ficará a situação dos sócios remidos? Continuarão isentos de mensalidade e com acesso aos jogos? Sim, terão acesso gratuito, sem necessidade de pagamento de ingressos e mensalidades, aos jogos nos espaços determinados pelo Grêmio, assim como ocorre no Estádio Olímpico (...)”. In: GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegrense. **Sócios terão direitos garantidos na Arena**. Disponível em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=14287>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>592</sup> MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá**, p. 82-83.

havia alguns deles, quando não era frequentado pelos capos.

Os capos frequentam o Canteiro, o Brechó, a Sede, mantêm relações de amizade e compartilham atividades extrafutebolísticas com os membros influentes da Banda como apontaram os resultados do trabalho de campo em similaridade com o que foi observado por Garriga Zucal e Moreira na Argentina. A banda da Geral inclusive serve como repartição de trabalho entre os capos, vez que toca em festas particulares, casamentos<sup>593</sup> e aniversários<sup>594</sup>. Esta rede de relações criada entre capos e membros influentes, faz com que eles recebam maiores benefícios e atenção que os demais do contingente, como fica evidente no tratamento dispensado ao que se chama na Geral, de “Ônibus nº. 1”, habitado nas excursões a jogos fora de Porto Alegre pelos capos, a banda, e demais lideranças influentes da Torcida.

Foi observando e inquirindo membros para poder submeter minhas dúvidas quanto à constituição política e redes de sociabilidade da Geral que me aproximei da conclusão de que ela é efetivamente similar a uma *barra*, diferente e não como as argentinas, mas similar.

Além de todos os traços similares e as divergências referidas até agora neste capítulo, que a esta altura já serviram para a apreensão destas semelhanças, ainda restava uma questão muito importante: se a Geral estabelecia relações políticas tanto no clube, como fora dele, para longe da política clubística, na esfera político partidária do poder legislativo, bem como se mantinha relações políticas também dentro do universo da cultura de barra, ou seja, se especificamente detinha relações políticas com outras *barras*, mormente se tratando de legítimas barras da Argentina e do Uruguai, o que já tinha verificado *in loco* no Canteiro, além do que se encontra disponível na internet<sup>595</sup>.

---

<sup>593</sup> YOU TUBE. **Gremistas fazem casamento mais original do Mundo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=grRCVDv6GIY>>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>594</sup> YOU TUBE. **A Geral do Grêmio invadiu os 15 anos da Giovana!** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ZekeV\\_OKOAc](https://www.youtube.com/watch?v=ZekeV_OKOAc)>. Acesso em: 03 jan 2017.

<sup>595</sup> AZUL, Blanco y Negro: Club Almagro (6 enero de 1911). **Pasion sin fronteras**. “(...) Lo que une a Gremio y Almagro, es más que una amistad, se trata de hermandad, y como no podía ser de otra manera, acompañamos a nuestros hermanos en la Bombonera el miércoles por la noche, en la final de la Copa Libertadores al que el equipo Tricolor Gaúcho llegó después de 12 años. La barra se juntó en el Barrio Almagro, con varios integrantes de la peña Azul Blanco y Negro, entre ellos un grande como Beto Choque, quien junto a Bruno, Martín y otros más hicieron el trapo de 16 metros que le fue obsequiado a Pablón, capo de la Geral do Grêmio. Además de Beto estaban Mariano, y los pibes como yo, Emi, La Trompis y Germán. Después en la cancha se unirían Patán, Pablo, Juanjo, Gonzalo y algunos pibes más para hacerle el aguante a nuestros pares Tricolores. Ya en la entrada, algo caótica (bastante caótica) entre algunos piedrazos de la gente de Boca que fue tan

Isto porque cotejando o *habitus* característico dos chefes das *barras* argentinas, conforme Alabarces, Garriga Zucal e Moreira, àquele adotado pelos capos da Geral, sobretudo quando da tomada de poder por Rysdyck e consequente ruptura de Paulão, se percebem semelhanças quanto às posturas e as disposições incorporadas. Conforme me informaram Pogo e Gordo, quando a Geral recebia subsídios financeiros na gestão do Presidente Paulo Odone, através do custeio de passagens de ônibus e dos ingressos para a Torcida acompanhar o clube em jogos como visitante, Alemão cobrava dos integrantes pela viagem da mesma forma. Em 2007 o custo de ida e volta a Buenos Aires mais o ingresso que deveria ser de graça custava a um integrante do contingente da Geral do Grêmio o valor de R\$ 50,00. A gratuidade era apenas extensiva aos capos, à banda, e aos demais integrantes influentes que se deslocavam utilizando o Ônibus nº. 1. Com parte do dinheiro arrecadado, Alemão adquiria bebidas e drogas para suprirem o Ônibus nº. 1 e absorvia o restante do dinheiro. Assim então como nas *barras* argentinas, o capo vivia à custa da Geral. Alemão viveu alguns anos do subsídio de jogos pela direção gremista e da venda de produtos ligados a Banda, como bonés, camisetas, adesivos e moletons. A direção gremista cortou os subsídios da Geral durante a gestão do Presidente Fernando Antônio Kroeff (2009-2010).

Estes fatos foram fatos durante a gestão de Paulo Odone no Grêmio, que por sinal, era deputado federal pelo PPS. Membros da Geral já trabalharam

---

amigable, nos encontramos con saludos, abrazos, y el grito de "hermanos" que se repetía constantemente entre Gaúchos y Argentinos (...). Disponível em: <<http://azulblancoynegro1.blogspot.com.br/2007/06/el-aguante-tricolor-almagrogremio-vs.html>>.

Acesso em: 04 jan 2017.

TWITTER. **Amizade!** O argentino Escobar, referente da La Guardia Imperial, alentando na Geral do Grêmio. Disponível em: <<https://twitter.com/torcidasfotos/status/760255227060588544>>. Acesso em: 04 jan 2017.

FORO Racing. **Geral do Grêmio, hinchada del Grêmio.** Disponível em:

<<http://www.fororacing.com.ar/viewtopic.php?f=102&t=40247&start=45>>. Acesso em: 04 jan 2017.

"(...) Su amistad más añeja era con la barra brava del Club de Gimnasia y Esgrima La Plata y data de la época en que Racing descendió a la 2<sup>o</sup> categoría del fútbol argentino, pero se rompió debido al involucrarse el jefe de la barra de independiente Pablo "Bebote" Álvarez en la banda de Gimnasia. También tiene una fuerte amistad con, Almirante Brown, ya que los jefes de respectivas barras tenían una gran amistad en el barrio donde se criaron. También poseen una gran amistad con Real Racing Club de Santander por el hecho de compartir nombre y situaciones similares. En Brasil, tiene amistad con la primera barra brava del país, la Geral de Grêmio. Los Racing Stones, tienen una amistad con Danu Stones, la barra brava del Danubio Fútbol Club (...). In: BARRABRAVA Hinchadas de Fútbol. **Racing Club. La Guardia Imperial. Amistades y enemigos.** Disponível em: <<http://barrabrava.net/racing-club/la-guardia-imperial/historia/>>. Acesso em: 04 jan 2017.

TWITTER. **El Mauro de Almagro, Sapo (capo de la banda del parque) um hinja de almagro y Alemão (capo de la Geral do Grêmio)** Disponível em:

<<https://twitter.com/barrabravphotos/status/439594044004380672>>. Acesso em: 04 jan 2017.

YOU TUBE. **Recepção do Nacional pra torcida do Grêmio.** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=FvGqoP684gl>>. Acesso em: 04 jan 2017.



remunerados em seu gabinete, conforme informação que me foi repassada por Gordo e muitos deles inclusive também na campanha eleitoral do deputado. Entre estes eventos e a atualidade, muitos líderes da Geral chegaram à condição de conselheiros do Grêmio, participando, portanto, de seu conselho deliberativo. Agora tentam ocupar cargos no legislativo municipal, como comprovam as campanhas de Alemão<sup>596</sup> e Juliano Franczak<sup>597</sup> pelo SD – Solidariedade, utilizando como apelo de suas campanhas a vinculação com o clube e a Torcida.

A diferença às *barras* argentinas é que os membros da Geral não recebiam entradas gratuitas dos dirigentes às partidas locais, e o dinheiro para financiamento dos ingressos e das viagens aos estádios visitantes ficaram restritos a época da administração Odone, ao que tiveram de se apoiar na venda de produtos da Banda e eventos festivos. Entretanto, com o desenvolvimento da modalidade sócio-torcedor e sua adesão em peso pelos integrantes da Geral, dado o custo acessível, todos eles estavam também habilitados pelo estatuto do Grêmio, por serem sócios, a votação ao conselho deliberativo e a presidência, o que ajudou na expansão do poder político da Torcida, que apoiou Odone na reeleição, assim como ganhou inimigos políticos dentro do clube, conforme me confessou Pogo. Tentando separar o envolvimento político da Geral, seus líderes fundaram o MGT – Movimento Grêmio da Torcida, mas que na prática é o movimento político da Torcida cujas diretrizes são determinadas por seus capos.

Uma *barra* gaúcha, sem o mesmo desenvolvimento maduro das *barras* argentinas e permeada por influências folclóricas e sócio culturais regionais e das torcidas organizadas, mas uma *barra*, ao que sob este aspecto, se observa o entrelaçamento entre valores e tradições substancialmente conceituadas por William Thomas quando realizou sua paradigmática pesquisa funcionalista envolvendo camponeses poloneses imigrantes.

---

<sup>596</sup> ELEIÇÕES 2016. **Alemão da Geral**. Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/alemao-da-geral/>>. Acesso em: 15 jan 2017.

<sup>597</sup> ELEIÇÕES 2016. **Gaúcho da Geral**. Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/gauchos-da-geral/>>. Acesso em: 15 jan 2017.

#### 4 TÉDIO, IDENTIDADE, VIOLÊNCIA E A BUSCA DA FELICIDADE NA MODERNIDADE TARDIA

Quando a exploração estelar se concretizar serão as corporações que darão o nome a tudo. A esfera estelar *IBM*, a galáxia *Microsoft*, o planeta *Starbucks*. (...) Como tantos outros, me tornei escravo do consumismo instintivo caseiro. Se eu visse qualquer coisa legal, como uma mesinha de café no formato de *yin-yang* por exemplo, tinha de comprar, O conjunto de escritório *Klipsk*, a bicicleta ergométrica *Hovetrekke*, ou o sofá *Ohamshab* de listras verdes, ou até mesmo a cúpula de abajur *Ryslampa* de papel biodegradável. Eu folhava os catálogos e me perguntava: “Que tipo de porcelana me define como pessoa?” Tinha de tudo, até mesmo os pratos de vidro, com pequenas imperfeições, prova de que foram formados por trabalhadores indígenas simples e honestos sei lá da onde. Costumávamos ler pornografia, agora lemos o catálogo da loja.<sup>598</sup>

Escolha viver, escolha um emprego, escolha uma carreira, uma família. Escolha uma televisão enorme. Escolha lavadoras, carros, CD players e abridores de latas elétricos. Escolha boa saúde, colesterol baixo e plano dentário. Escolha uma hipoteca a juros fixos. Escolha sua primeira casa, escolha seus amigos, escolha roupas esporte e malas combinando. Escolha um terno numa variedade de tecidos. Escolha fazer consertos em casa e pensar na vida domingo de manhã. Escolha sentar-se no sofá e ficar vendo *gameshows* chatos na TV e comendo porcarias. Escolha apodrecer no final, beber num lar que envergonha os filhos egoístas que pôs no mundo para substituí-lo. Escolha o seu futuro. Escolha viver! Mas porque eu iria querer tudo isto? Escolhi não viver. Escolhi outra coisa... e os motivos?...não há motivos... quem precisa de motivos quando tem heroína?<sup>599</sup>

---

<sup>598</sup> Anônimo/Tyler Durden (intérpretes: Edward Norton/Brad Pitt) In: CLUBE da luta. Direção: David Fincher: 20th Century Fox, 1999, 1 DVD (139 min), NTSC, color. Título original: “Fight Club”.

<sup>599</sup> Mark Renton (intérprete: Ewan McGregor) In: TRAINSPOTTING sem limites. Direção: Danny Boyle: PolyGram Filmed Entertainment, 1996. 1 DVD (90 min), NTSC, color. Título original: “Trainspotting”.

## 4.1 QUARENTA E CINCO MINUTOS

### 4.1.1 Formando o descontrole e rompendo o marasmo: colorados retardatários e turistas nos farão felizes

Percebi que havia algo de insólito naquela tarde de domingo no Canteiro, não só porque se tratava do Grenal do segundo turno do campeonato brasileiro de 2016 e os arqui-inimigos que tanto os tripudiavam em cânticos como rebaixados, agora se viam as voltas com o “fantasma da série B”, ou pela presença de ilustres convidados dos capos gremistas, integrantes da Banda Del Parque do Nacional do Uruguai e o subgrupo da *La Guardia Imperial* do *Racing*, a *Barra del 95* que confraternizavam entre nacos de carne, goles de cerveja e “pegas de baseados”, mas provavelmente pelas duas situações. Certo era que o Canteiro estava mais cheio do que o habitual e a fumaça e o cheiro dos assados misturados ao odor de maconha, transpassavam a atmosfera. Enquanto as horas corriam, a excitação e o descontrole ganhavam espaço pelos inúmeros alentaços coletivos, lançamento de foguetes e fogos de artifício sem muito critério com o espaço e a rotina da classe média baixa residente ao entorno. Integrantes da Banda gritavam, assediavam mulheres transeuntes, urinavam em árvores, postes, muros e no que mais achassem adequado para se “aliviarem”. Naquele 23 de outubro de 2016, o clima de agito e efervescência reverberava como na realização de enérgicas rodas de pogo, no limite da violência controlada entre seus participantes, algo usual no contexto da Geral, mas que no Canteiro nunca havia presenciado.

Foi a oportunidade que tive para perceber que era chegado o momento de testar algumas hipóteses da pesquisa de campo que pretendia, acompanhando, a partir de uma aproximação que havia me custado tempo para amadurecer, um grupo de notórios *aguantadores* da Banda, em seu deslocamento até o estádio em um dia diferenciado. Neste grupo estava Jesus, Charles e Judeu, que normalmente se envolviam em confrontos de violência física, além de dois hinchas platinos: um da *Banda del Parque* e o outro da *Barra del 95*. Mal sabia eu que a observação junto ao grupo em seu deslocamento me daria um retorno interpretativo substancial. Disse a Jesus se haveria problema de acompanhá-los e ele não objetou, até porque me viu com Charles, e Charles já havia me visto conversando com ele e ambos já haviam me visto na Sede, e para entrar na Sede se pressupunha que deveria ter as restritas

credenciais àquele “mundo alternativo” ao tédio da sociedade dominante. Dividiram as últimas cervejas do cooler comigo e partimos em direção a Arena. No caminho Charles revelou suas intenções quando disse que queria contornar a Arena para ver se “pegava alguns retardatários”. No momento não me dei conta do que ele referia, mas após as coisas começaram a ficar claras para mim.

Já quando chegamos em frente ao Bar do Ito ocorreu o primeiro incidente. Logo após a realização da Copa do Mundo em Porto Alegre, os meios de comunicação de massa locais liderados pelo grupo RBS, com respaldo dos clubes e apoio do Ministério Público, e da Brigada Militar, passaram a divulgar a tentativa de manutenção de determinada “civildade” na “rivalidade sadia” entre as torcidas da dupla, propondo um espaço misto nos estádios para que gremistas e colorados pudessem assistir aos jogos juntos<sup>600</sup>. Integrantes da Geral possuem ojeriza à iniciativa, eles acreditam que não há espaço dentro da rivalidade para este tipo de comportamento, a essencialização do outro enquanto inimigo que traz a segurança ontológica pelo pertencimento grupal os impede de antever esta possibilidade.

Então estávamos nós em deslocamento em frente ao Bar do Ito quando me dou por conta de um alvoroço e ouço xingamentos, ao que passa pelo nosso grupo um “casal grenal”, com toda a certeza se dirigindo a zona mista do estádio. Ela gremista, ele colorado, com sua camisa vermelha, em frente ao Bar do Ito. Posso lhes garantir que efetivamente ele não sabia onde pisava provavelmente ela também não. Ou então “compraram” o discurso “civilizador” dos meios de comunicação como espelho da realidade esquecendo a rivalidade extrema entre os grupos de estilo dominantes na cultura de arquibancada gaúcha, e passaram por uma experiência agressiva e marcante. Enquanto ela recebia todo tipo de impropérios relacionados ao gênero feminino “por se vender a uma colorado”, duas latas de cerveja atingiam as costas dele, seguidas de uma “chuva de cusparadas”, inclusive na face, sem que ele pudesse reagir. Primeira decisão acertada que tomou. O *hincha* uruguaio resolveu provar seu *aguante* aos integrantes da Geral e foi confrontar o infelizmente colorado, sendo contido por Jesus que referiu para o companheiro da *Banda del Parque* aliviar, pois era um “puto” que não tinha reagido as ofensas. Mas Charles começou a gritar para que tirasse a camisa do Internacional: “tira a camisa senão vai

---

<sup>600</sup> CLICRBS. **Luiz Zini Pires: a torcida mista já faz parte da cultura do Gre-Nal**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2016/06/luiz-zini-pires-a-torcida-mista-ja-faz-parte-da-cultura-do-gre-nal-6262169.html>>. Acesso em: 13 dez 2016.

pro pau"! De fato, o colorado tirou a camisa e o casal para meu alívio seguiu seu rumo, enquanto aguardávamos o *pibe* argentino da *Barra del 95* que entrara no Ito nos trazer mais cervejas.

A intenção proposta por Charles ao grupo tomou forma quando fizemos à curva sudoeste do estádio. Dois colorados desgarrados caminhavam passivamente com suas camisas vermelhas na mão, quando Charles arremessou uma lata de cerveja nas costas de um deles e junto com Judeu, partiu para cima dos dois, lhes desferindo chutes e socos. Os colorados ameaçaram reagir ao que Jesus e os dois platinos foram engrossar a querela, pondo os torcedores do Internacional a correr, o que geraram gargalhadas e assovios do grupo. Estavam excitados e eufóricos. Seguimos nosso rumo sob o olhar perplexo dos demais espectadores que se deslocavam ao estádio. O policiamento havia se limitado a entrada central da Arena e nos deslocávamos ao lado oposto. A intenção de Charles havia se confirmado. Entre pertencimentos e alterizações, interpretei que o que eles procuravam eram descargas de adrenalina. Cruzamos com mais grupos da torcida mista antes de subir a esplanada da Arena. Todos indiscriminadamente insultados, sendo sempre comum o discurso hipermasculinizado de submissão, não importando idade ou gênero. Ao que Judeu exclamou: "Tocá o terror nesta torcida mista de merda"! Ele sorria. O "jogo" então me pareceu totalmente revelado, a proposta de contornar a Arena pelo caminho inverso era para confrontar colorados retardatários e insultar espectadores da torcida mista. Este era o "barato", esta era a "curtição".

Excluindo o uruguaio e o argentino de quem não tinha referências, ali não estavam representantes da juventude marginalizada pertencente às classes populares, ou jovens proletários desempregados da grande Porto Alegre, mas homens na faixa dos trinta anos de idade, todos os três representantes da classe média alta portoalegrense, inseridos no mercado de trabalho e gozando de uma vida institucionalizada quando não estavam envolvidos com a Banda.

A pergunta que se impõe então é de qual forma poderíamos analisar estas atitudes? O que Dunning propôs para o hooliganismo, adaptando a teoria de Elias sobre o processo civilizador, por exemplo, não nos auxilia neste aspecto<sup>601</sup>. Nem sua utilização por Monteiro, a partir do núcleo de Zaluar, em seu trabalho com a Raça Rubro Negra, afinal, não se tratavam de jovens pertencentes a "camada baixa e

---

<sup>601</sup>ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.**

pobre da sociedade<sup>602</sup>, inseridos em um contexto espacial e sócio cultural descivilizador. Aliás, esta conexão com as classes mais baixas e à socialização grosseira já obteve críticas de Giulianotti, Dal Lago, De Biasi e até mesmo Archetti<sup>603</sup>. Giulianotti, por exemplo, refere que muitos hooligans escoceses modernos vinculados ao estilo descolado são membros da classe média alta de Aberdeen e Edimburgo<sup>604</sup>. Além do mais, existem ainda as profundas diferenças entre as práticas destes grupos de estilo conforme já havia explicitado.

Assim sendo, a hipótese analítica mais adequada parece se moldar aos instrumentos oferecidos pela criminologia cultural, tendo como ponto de partida a rotinização do cotidiano moderno, a padronização do trabalho e do lazer atrelado ao consumo intuitivo, a infelicidade da vida monótona inserida na sociedade ocidental globalizada, aplacadora de diferenças culturais essenciais para a heterogeneidade das nações, através da indústria do entretenimento e dos meios de comunicação em massa. Estas peculiaridades da modernidade tardia atingem a todos os segmentos sociais, todos eles estão envolvidos em tédio e infelicidade. A elas se sobrepõem a insegurança ontológica e a privação relativa que são consequência de um cenário de incertezas existenciais, fugacidade de valores até então consagrados, promessas não cumpridas, sonhos vendidos irrealizáveis, inclusões e exclusões sociais e descontentamentos que corroboram na conformação de essencializações, ressentimentos e na procura de bodes expiatórios.

O que une o protagonista anônimo de Edward Norton, o “homem comum” de *Fight Club*, em sua jornada por excitação e afronta ao sistema, o adicto em heroína Mark Renton de *Trainspotting*, na busca por prazer através do opiáceo como gratificação substitutiva<sup>605</sup>, a fim de aplacar a infelicidade de sua existência vazia, e as práticas violentas, excitantes e de pertencimento grupal dos integrantes da Geral do Grêmio, é o tédio imposto pela rotina estéril da vida cotidiana na civilização ocidental, que tomou proporções globais e maximizadas com a hegemonia do pensamento neoliberal na modernidade tardia e a imposição da filosofia do consumo como forma de satisfação e felicidade alçada a categoria de ritual social.

---

<sup>602</sup> MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra**, p.68.

<sup>603</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 70.

<sup>604</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**, p. 70.

<sup>605</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 19.

E neste contexto, os exemplos ficcionais cinematográficos que dei, conjugados ao episódio presenciado *in loco* pela pesquisa de campo, demonstram o quanto a “rua pauta a tela e a tela pauta a rua”: culturas de estilo *outsiders* baseadas em masculinidades compensatórias recorrem a violência e ao profundo individualismo, recrudescimentos da cultura majoritária estabelecida que, então, em retorno, inspiram filmes, moda e música popular. As fronteiras são infringidas, os limites são entrelaçados e “o centro começa a se assemelhar às margens assim como a margem ao centro”<sup>606</sup>. Como os vândalos e ladrões de loja amadores a quem Katz se refere: que apesar de saberem que estão infringindo a lei, ao serem presos normalmente se questionam de como aquilo poderia ter ocorrido logo com eles, e assim será, se eles viverem o processo da transgressão como uma personagem movendo-se em um mito ou um sonho. E no sentido emocional ou na dimensão sensual do evento, eles o são<sup>607</sup>.

Excitação, união, expressões ilegais e oportunidades de insurreição, lançados contra “a implacável máquina do tédio moderno”<sup>608</sup> sugerem que para além do prazer de confrontar colorados retardatários e insultar espectadores, para além do “barato”, da “curtição”, de “tocar o terror”, também estava o envolvimento que os tornavam semelhantes, que os tornavam vivos. Fuga ao tédio sem limites previamente delimitados pelo controle social formal em um comportamento contra a racionalidade secularizada e contra as formas especiais e modernas do ambiente em que estão inseparavelmente implicados<sup>609</sup>. Freud já nos 1930 concluía que o ser humano pode se tornar neurótico por não suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe em favor de seus ideais culturais. Se estas imposições socioculturais fossem extintas ou minimizadas, isto significaria um regresso à possibilidade de felicidade<sup>610</sup>. A Geral do Grêmio em suas práticas ritualísticas violentas ou não, respondia a pergunta de Ferrell: “O que fazer então com esta

---

<sup>606</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, ano 18, nº. 87, nov/dez 2010, p. 372.

<sup>607</sup> KATZ, Jack. **Seductions of Crime**. New York: Basic Books, 1988, p. 74.

<sup>608</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 350.

<sup>609</sup> O'MALLEY, Pat; MUGFORD, Stephen. Crime, excitement, and modernity apud FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p.348.

<sup>610</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, p. 32.

claustrofobia cultural tão letal que parece sufocar qualquer tentativa de fuga”<sup>611</sup>?

Ludibriar o controle e assim o descontrole estava formado! A subjetividade da expressão cunhada pela Geral do Grêmio sintetiza muito desta intenção de retomada da espontaneidade humana não controlada. Destituída do adestramento corporal exposto por Foucault, que manipulava os corpos, os adestrava, modelava, os fazia obedecer e os tornava hábeis, e que a partir do século XVIII poderia ser sintetizado em dois registros: no “anátomo-metafísico”, com Descartes e os médicos e filósofos, e no “técnico-político”, por normas militares, escolares, hospitalares para controlar ou corrigir o desempenho corporal. Corpo acessível, corpo útil. “O Homem Máquina” de Julien Offray de La Mettrie<sup>612</sup>. Na mesma medida “uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento”. O controle do corpo por submissão à imposição de “uma relação de docilidade-utilidade”, constituindo as disciplinas que fabricam corpos submissos e exercitados: os corpos dóceis<sup>613</sup>.

Corpos *aguantadores* se encontram no polo oposto da relação docilidade-utilidade.

#### 4.1.2 Anomia, desajustamento, desilusão e a institucionalização coletiva do tédio no cotidiano

Já no século XIX se protestava contra o tédio da “civilização científico-racional” em nome de uma nova modernidade. Românticos de qualquer nação priorizavam o sentimento e as expressões individuais. Neste quadro, conceituar as manifestações do romantismo seria uma tarefa mais árdua do que arguir o que lhes era comum: a crítica à limitação da filosofia e das ciências do século XVIII, à

<sup>611</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346.

<sup>612</sup> Julien Offray de La Mettrie (1709-1751). Durante o século XVIII muitos lutaram contra a visão determinista e materialista do homem-máquina, apesar de ali verem alguma verdade. Esta idéia parecia privar o ser humano de toda a liberdade e criatividade. Segundo Baumer: “Esta não era de modo algum a maneira como o Dr. La Mettrie, o principal proponente da idéia, a viu. (...) escreveu ele no seu grande livro *L’Homme machine* (1748), “que o homem é uma máquina, e que existe em todo o universo apenas uma única substância transformada de modo diferente”. La Mettrie, de facto, combatia o dualismo cartesiano, negando que houvesse alguma espécie de alma imaterial, tornando o espírito ou alma dependente do corpo, por exemplo, do alimento, da doença, da idade, do clima. “Os diversos estados da alma têm sempre uma relação mútua com os do corpo”, que La Mettrie descrevia como funcionando automaticamente, pela força da reacção, depois de responder, primeiro, ao estímulo. “A transição do animal para o homem não é violenta,” continuou ele. Isto é, La Mettrie prolongava a ideia de Descartes do automatismo animal para o homem e achava que a diferença entre o homem e animal era de grau, e não de classe. Bania também o livre arbítrio, (...)”. In: BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Tradução de Maria Manuela Alberty. Vol. 1. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 190-191.

<sup>613</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**, p. 117-119.



estreiteza de seu pensamento geométrico, que sujeitava toda vida à razão, mecanizando-a e humilhando-a<sup>614</sup>. No final dos 1800, em uma época de decadência e rápida mudança sócio econômica, Durkheim denunciava a anomia pela qual passava a Europa, uma síncope geral da consciência coletiva resultado da divisão do trabalho, que encorajava a especialização e a mobilidade separando as pessoas umas das outras<sup>615</sup>.

O sentimento de desconforto e infelicidade só iria aumentar com a entrada do século XX, vez que o ideal de que o espírito humano encontrara um estágio de evolução que colocava o futuro sob o controle da razão, como no *regnum hominis* de Hobhouse<sup>616</sup>, ou na chamada “Lei da Aceleração”, exposta na obra *The Great Illusion* de Norman Angell<sup>617</sup>, que predizia o fim das guerras entre as nações civilizadas às vésperas do atentado que vitimou o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do Império Austro-Húngaro em Sarajevo, ruiu com a precipitação da Grande Guerra como consequência do fato<sup>618</sup>. A Primeira Guerra Mundial, que “fez tremer os alicerces da vida e do pensamento europeu”. Sigmund Freud escreveu sobre a desilusão ocasionada pela guerra assim como sobre a troca de atitude para com a morte que se impôs a toda a coletividade, retirando suas últimas ilusões sobre o homem racional, diante de sua natureza primitiva esboçada nas trincheiras do front<sup>619</sup>.

Segundo ele o ser humano não poderia ser uma criatura tranquila e fraterna, “ávida de amor”, pacífico, no máximo se defendendo quando atacado, mas sim instintivamente com “um forte quinhão de agressividade” cujo próximo amado poderia muito bem se converter em perdição para contentar o pendor à violência, para beneficiar-se de seu trabalho sem pagamento, para roubar seus pertences, humilhá-lo, torturá-lo, matá-lo, concluindo com Thomas Hobbes: “o homem é o lobo

---

<sup>614</sup> BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Tradução de Maria Manuela Alberty. Vol. 2. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 23-26.

<sup>615</sup> BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 158-159.

<sup>616</sup> Leonard Trelawny Hobhouse (1864-1929), primeiro catedrático de sociologia da Universidade de Londres, afirma seu *regnum hominis* (reino do homem), na obra *Mind in Evolution* (1901), “(...) baseado no domínio da natureza externa, tornado possível pela ciência e pelo próprio homem”. In: BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 131.

<sup>617</sup> Ralph Norman Angell Lane (1872-1967) era economista e jornalista. Em *The Great Illusion*, Angell argumentava que a “guerra era agora uma ilusão porque, contrariamente ao que os militaristas diziam, a natureza humana mudara; o homem tornara-se mais racional e civilizado nos últimos cem anos do que nos dois séculos precedentes”. In: BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 131, nota 3.

<sup>618</sup> BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 131.

<sup>619</sup> BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 170.

do homem”; “quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase”?<sup>620</sup>

Desilusão, insegurança, infelicidade e tédio se contrapõem e se complementam. No curso de maturidade do mundo moderno se pode antever a “institucionalização coletiva do tédio” no cotidiano. A desunião entre o labor manual e o labor intelectual com o intuito de se erguer a “máquina humana”, tão criticada por Charles Chaplin em “Tempos Modernos”<sup>621</sup>, ou o confronto de Henry Ford ao “desperdício de movimentos”, quando arquitetou a mecânica da linha de montagem, extirpando da atividade laboral qualquer traço de elementos emocionais, irracionais ou pessoais que fogem ao cálculo racional. As escolas públicas erigidas como centros de adestramento para o novo tédio, laboratórios para a depuração da individualidade em técnica disciplinar. Para os que não se adaptam a esta ordem social: o manicômio, o centro juvenil ou a prisão são ofertados como instituições empenhadas no apoio ao tédio<sup>622</sup>. O “arquipélago carcerário” referido por Foucault que transporta a técnica da instituição penal para a totalidade do corpo social, naturalizando o poder legal de punir e legalizando o poder técnico de disciplinar, operando a circulação entre eles de métodos similares, mecânicos, discretos e calculados, permitindo a realização da “grande economia de poder” na gestão útil do ser humano. O grande esteio do poder normalizador na sociedade<sup>623</sup>.

Muito da situação paradigmática de tédio é decorrência da rotinização, regulamentação, eficiência e da padronização que marcam a racionalização burocrática. Os inúmeros roteiros da modernidade se fundem em uma grande engrenagem a favor dele. No exato momento em que “o repetitivo sussurro das fábricas substitui os ritmos do artesanato”, a letargia do trabalho alienado solapa o significado do trabalho cotidiano e consome com a falsa promessa do progresso moderno, a produtividade se transfigura em valor cultural e organizacional, as probabilidades se multiplicam, as estatísticas aparecem como fonte de valor e a evolução individual e pessoal se transformam em um requinte que diversas

---

<sup>620</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, p. 57.

<sup>621</sup> TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin: Charlie Chaplin Film Corporation, 1936, 1 DVD (87 min), P&B. Título original: “ModernTimes”.

<sup>622</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 344.

<sup>623</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**, p. 247, 250-251.

organizações modernas não conseguem tolerar<sup>624</sup>.

Durkheim já há seu tempo revelava a divisão do trabalho anômica. Ela poderia ser consequência de crises comerciais, industriais ou de falências, onde o antagonismo entre o capital e o trabalho era o exemplo mais expressivo deste acontecimento. Na medida em que o trabalho se fragmentava, esses fenômenos se tornavam mais contínuos, conforme as funções industriais tornavam-se mais especializadas. A competição se fortalecia e diminuía a solidariedade. Quanto mais o patrão e o empregado se afastavam pelas profundas demarcações que se desenvolviam entre eles, e a especialização do trabalho se tornava maior, as revoltas ocorriam com mais frequência. Esse estresse nas relações sociais se devia em certa medida ao fato das classes operárias não aceitarem as condições que lhes eram impostas, só o fazendo quando forçadas para tanto, por impossibilidade de procederem de outra forma. O indivíduo dedicado em sua tarefa se isolava em seu trabalho e já não percebia os companheiros que trabalhavam ao seu lado na mesma empreitada. Já não possuíam sequer a ideia de se tratar de uma obra comum<sup>625</sup>. Se o individualismo imperava sobre a solidariedade, é porque as relações não eram regularizadas, estando assim em estado de anomia. E o estado de anomia era impossível de se desenvolver quando as relações fossem altruístas durante um longo período de tempo<sup>626</sup>.

O conceito de anomia demonstrava a degradação do *Fin-de-Siècle*<sup>627</sup>: a crise de espírito cumulada com a derrocada de velhas crenças que perfaziam um vazio metafísico e religioso. Em sociedades anômicas, egoístas ou desprovidas de regras, o indivíduo não encontrava uma direção ou um significado para a sua existência<sup>628</sup>. Referia ao aumento dos suicídios, argumentando que crises provocadas por prosperidade ou derrocadas econômicas teriam uma grande influência sobre a propensão ao suicídio, ou seja, o aumento dos suicídios se dava pelas crises em si, e não por suas causas, por serem perturbações da ordem

---

<sup>624</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 343-344.

<sup>625</sup> DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 368-372.

<sup>626</sup> DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**, p. 385.

<sup>627</sup> “Não é de surpreender que a frase *Fin-de-Siècle* estivesse nos lábios de todos, à medida que o ano de 1900 se aproximava. Na maior parte das vezes, embora o seu significado não fosse preciso, referia-se à ‘decadência’ das décadas de 1880 e 1890, e a certas modas novas, filosóficas e artísticas (...)”. In: BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 129.

<sup>628</sup> BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2, p. 159.

coletiva. Qualquer ser vivo só poderia viver ou ser feliz se as suas necessidades correspondessem aos seus meios, do contrário, se as necessidades pedissem mais do que os meios lhes pudessem ofertar, estariam continuamente em conflito e não funcionariam sem dor. Um movimento que não pode funcionar sem dor poderá não se produzir. Propensões que não são realizadas se debilitam, e como a propensão a viver é resultante de todas as demais, ela iria enfraquecer quando as outras se debilitassem.

Para Durkheim nem a constituição psicológica ou a orgânica revelariam um termo para a quantidade de luxo, conforto ou bem estar que o ser humano pudesse almejar de forma legítima, não podendo se determinar o meio pelo qual estes gostos deveriam variar conforme a profissão, as condições, a importância relativa dos serviços que os indivíduos prestassem. Inexistiria uma sociedade em que eles fossem satisfeitos de forma igualitária nos diferentes níveis da hierarquia social. Apesar de a natureza humana ser comum a todos, não seria ela que determinaria o limite instável das necessidades. Seja qual for o prazer, a necessidade, o desejo que o indivíduo buscase, seria necessário que ele sentisse que seus esforços não foram em vão e que ele avança. Quando o caminho para encontrar estes objetivos não acaba, o indivíduo resta em um estado de perpétuo descontentamento. E quanto mais ele tiver os gostos satisfeitos, mais ele irá querer ter, e os prazeres alcançados só farão estimular mais suas necessidades.

Quando as crises econômicas empurram os indivíduos para uma situação abaixo da que eles se estabeleceram, produz-se um desajustamento a esta nova realidade, vez que para eles se torna inadmissível viver nessa situação. No caso das crises provocadas pela prosperidade, os prazeres mais restritos que lhes são oferecidos, os tornam mais exigentes mais indomáveis a qualquer norma, especificamente quando as normas tradicionais perderam sua autoridade, provocando um estado de desregramento ou anomia. Conforme o autor: “como essa corrida atrás de um botim acessível não pode proporcionar outro prazer, quando ela é travada, fica-se com as mãos vazias”<sup>629</sup>.

---

<sup>629</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 303-314.

#### 4.1.3 Funcionalismo, desorganização social, desmoralização e *self-fulfilling prophecy*: Thomas dialoga com Durkheim

Os americanos foram os maiores beneficiados com a Primeira Guerra Mundial. Além dela não ter cruzado o Atlântico, após o falecimento do Presidente Thomas Wilson em meio aos esforços para a assinatura do Tratado de Versalhes, os republicanos vencem as eleições e adotam uma política de não ratificação do tratado, corroborando para o isolamento europeu em meio à devastação de guerra. Como consequência a Europa produz uma legião de emigrantes para a América do Norte. Os Estados Unidos se convertiam na terra da oportunidade, onde o capital econômico prosperava, suas cidades cresciam de forma vertiginosa e a especulação de capitais chegava a uma marca de “verdadeiro orgasmo econômico”. Apesar dos “loucos anos 20”, com o *charleston* e o fonógrafo, e a migração de negros do sul para Chicago com a crença de lá se verem livres do racismo e da miséria<sup>630</sup>, os americanos natos enxergavam-se como os verdadeiros herdeiros dos fundadores do país e se sentiam invadidos. Haviam proibido a maconha para frisar seu puritanismo em face aos mexicanos e a “cultura de taverna”, que havia lhes chegado com os luteranos e católicos, executando uma campanha contra as bebidas alcoólicas, fomentada “por velhas loucas que irrompiam nas tavernas aos berros” e que ajudaram na consolidação de uma reforma constitucional que coibiu o consumo de álcool, certificando o legado cultural puritano<sup>631</sup>.

O álcool é uma droga, um narcótico. O serviço das drogas em favor da luta pela felicidade e na deposição da desventura humana, é tão glorificado como auxílio, que tanto povos como indivíduos lhes reservaram um espaço solidificado em suas economias libidinais. Elas são responsáveis tanto por um benefício instantâneo de prazer, quanto por uma porção almejada de autonomia em relação ao mundo exterior. Com o auxílio do “afasta-tristeza” se pode diminuir a pressão da realidade a qualquer tempo e obter-se abrigo em um universo próprio que possua condições mais ideais de sensibilidade<sup>632</sup>. Assim enquanto gratificação substitutiva, o álcool ajuda no combate ao tédio, o que explica sua glorificação e importância no universo da Geral do Grêmio, sendo natural então que naquele cenário dos anos 1920

---

<sup>630</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. *Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena*, p. 270.

<sup>631</sup> ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *A questão criminal*, p. 113-114.

<sup>632</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*, p. 22.

durante a vigência da “lei seca” frente à redução da oferta e manutenção da demanda pela natureza substitutiva do álcool exposta por Freud, se constituísse uma “mais valia” em decorrência da proibição, o que auxiliou na irrupção de uma violência competitiva com alto teor de corrupção do engenho político e punitivo, expondo uma ligação sinistra de uma criminalidade violenta e sagaz que até então nunca havia sido vista<sup>633</sup>.

Confundida ocasionalmente como sendo toda a Escola de Chicago, a fundamental corrente funcionalista originária se estabelecia, dedicando-se a pesquisa da criminalidade urbana e sua disposição espacial, centrando-se nas circunstâncias de vida dos habitantes das concentrações urbanas e na forma que o ambiente de lugar ajudava na concretização de incidência de desvios e desorganização social<sup>634</sup>.

Neste cenário, Chicago serviu de campo etnográfico privilegiado de comprovação e teste para a “primeira das grandes teorias sociológicas do crime”. Diante do enorme crescimento do espaço urbano em decorrência do processo de industrialização, somado a densidade demográfica em ascensão, e a heterogeneidade étnica e cultural provocada pela imigração proveniente do êxodo europeu e da migração afro americana, imperava o anonimato e a segmentação das interações sociais, ao que a cidade rompia assim com os instrumentos tradicionais de controle e oferecia uma diversidade sem limites para alternativas de conduta<sup>635</sup> e vias de escape à chateação e ao aborrecimento, a margem da heteronomia aos padrões morais da velha classe média norte-americana que ecoava através das vozes de moralistas e reformadores sociais que se uniram para amaldiçoar a cidade como se ela fosse “uma espécie de Pandora de todo o pecado, de todo o vício e de todo o crime”<sup>636</sup>, que iria produzir as primeiras estigmatizações que posteriormente seriam analisadas pela teoria interacionista, como o imigrante italiano de Howard Becker<sup>637</sup>, que só queria produzir vinho caseiro para si e seus amigos, conforme sua tradição cultural, mas que por violar a lei norte-americana fustigava a margem da sociedade majoritária.

---

<sup>633</sup> ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A questão criminal**, p. 114.

<sup>634</sup> ELBERT, Carlos Alberto. **Novo manual básico de criminologia**, p. 158.

<sup>635</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 268-269.

<sup>636</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 270.

<sup>637</sup> BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**, p. 27.

William Thomas em conjunto com Florian Znaniecki analisa em *The Polish Peasant in Europe and America*, especificamente em seu quinto volume, a organização e a desorganização social de imigrantes poloneses nos Estados Unidos. Ao longo dos cinco volumes que compõem a primeira edição da obra (1918-1921), o autor demonstra e esclarece os processos de adaptação, assimilação ou ocorrências de conflitos de culturas, estruturando seus estudos no pressuposto de que todo ator social opera na conjuntura de uma dada circunstância social e com o fito de persuadir o comportamento dos outros<sup>638</sup>. O que diz muito do comportamento adotado pelo coletivo da Geral em relação ao “outro instituído”, e dos capos da Banda em relação aos próprios membros do grupo, por exemplo, o que demonstra a profundidade da obra.

Thomas acreditava na necessidade do cientista social se aproximar dos problemas sociais que vigiam naquele contexto particularizado, como o preconceito racial, a imigração, a assimilação cultural, o quadro comparativo entre mentalidades e valores morais de raças e nacionalidades, crime, alcoolismo, vadiagem, entre outras formas de comportamento antissocial, isolando e estudando determinadas sociedades, em um primeiro momento, e depois realizando um quadro comparativo<sup>639</sup>, o que explica como já havia referido<sup>44</sup>, a predileção que tive por este desenvolvimento na metodologia do panorama comparativo entre as barras argentinas e a Geral do Grêmio. Thomas desenvolveu assim a metodologia focada na dualidade entre a coleta de dados estatísticos quantitativos, e a análise qualitativa, sobretudo da correspondência entre os imigrantes poloneses, conferindo assim a estes documentos pessoais o status de fontes de dados empíricos<sup>640</sup>.

Ele argumenta que quando grupos da classe camponesa compostos por indivíduos solteiros, grupos de casados, às vezes fragmentos de grandes famílias e comunidades primárias deixaram seu meio original para residir nos Estados Unidos, de forma intencional ou não se agruparam em colônias de vários tamanhos espalhadas pelo território de uma sociedade étnica e culturalmente diferente. A evolução destes grupos de forma apartada do meio social original apresentava problemas. Não apenas pela relação deles com a sociedade norte-americana, mas

---

<sup>638</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 272.

<sup>639</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **The polish peasant in Europe and America: primary-group organization**. Vol. I. Boston: R.G. Badger - The Gorham Press, 1918, p. VII.

<sup>640</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 273.

também por seu significado sociológico genérico. Quando o imigrante perde seu status social originário por conviver na sociedade norte-americana, conectado a ela por valores econômicos e dependente de suas instituições, a única linha de evolução deixada parece ser a substituição gradual em sua consciência dos valores culturais norte-americanos, para uma adaptação dos valores e atitudes polonesas de sua velha nação, ao meio ambiente<sup>641</sup> norte-americano. Thomas afirma, entretanto, que o problema da assimilação individual é um dado secundário desimportante se levarmos em conta o ponto de vista da inquirição sociológica objetiva<sup>642</sup>.

Assim o objeto central de sua investigação era a formação deste grupo coerente, sem os elementos originalmente incoerentes: a criação de uma sociedade com estrutura e atitudes prevalentes que não fossem nem polonesas, nem norte-americanas, mas que constituíram um produto novo, específico, cujas fontes foram em parte escritas pelas tradições polonesas, em parte pelas novas condições nas quais viviam, e como viam e interpretavam os valores sociais norte-americanos. O imigrante trazia consigo suas antigas tradições e atitudes, mas não a organização social do antigo país. Ele tendia a se associar com pessoas que provinham do mesmo meio, e assim que o grupo era formado, a antiga instituição começava a aparecer espontaneamente, embora não dá significativa maneira original. Apesar de a grande maioria ser de origem campesina e bastante conservadora, ainda assim suas atitudes mudavam nas novas condições de tempo e a demanda pelos antigos valores crescia de forma menos definitiva e insistente. Os antigos camponeses ou as comunidades de pequenas cidades eram em grande medida autossuficientes. Deste modo para a comunidade polonesa norte-americana satisfazer muitas das necessidades de seus membros, dependia do mundo exterior, inclusive para a subsistência econômica, corroborando para que trabalhassem nas fábricas e lojas norte-americanas e consumindo quase que exclusivamente seus produtos,

---

<sup>641</sup> (...) *his American environment* (...). A expressão que refere ao “meio ambiente”, reflete a preocupação com a qualidade dos espaços urbanos ocupados pelos indivíduos analisados. Não é a toa que a corrente funcionalista também é conhecida como teorias ecológica do crime. Conforme Elbert: “Sobre a base de investigações prévias que se ocuparam de comunidades, Robert Park e Ernest Burgess desenvolveram, assim, uma *Sociologia dos grandes centros urbanos*, conhecida também como “Sociologia urbana”, “ecologia social” ou “Escola ecológica de Chicago”, que gerou numerosas teorias sobre as causas da desorganização urbana. Dessas ramificaram-se numerosos trabalhos teóricos de alcance mais limitado, como os referidos às subculturas”. In: ELBERT, Carlos Alberto. **Novo manual básico de criminologia**, p. 158.

<sup>642</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **The polish peasant in Europe and America: organization and disorganization in America**. Vol. V. Boston: R.G.Badger - The Gorham Press, 1920, p. IX-X.



desenvolvendo novas crenças e formas costumeiras de comportamento em uma nova consciência que geralmente não eram suficientemente estáveis ou obrigatórias para tomar o lugar adequado da tradição obliterada<sup>643</sup>.

William Thomas defendia que o desenvolvimento imperfeito da estrutura social polonesa norte-americana manifestava de maneira clara que a influência da combinação entre antigas e novas instituições não podia prevenir a desorganização individual, assumindo uma extensão incomum. Pobreza, promiscuidade sexual e toda espécie de delinquência representada entre as estruturas norte-americanas em um problema muito maior que o da população polonesa radicada na Polônia de onde os imigrantes foram repatriados. Mesmo que se admitisse que usualmente a parcela mais desestruturada da população era a que se inclinava a migrar, isto não influenciava na desorganização, que apenas começava na nova nação, sob circunstâncias pelas quais os imigrantes tinham de passar, sendo que o sistema polonês norte-americano não era forte o suficiente para preveni-la<sup>644</sup>.

Nas conclusões de sua pesquisa, o autor argumenta que as características dos camponeses poloneses foram moldadas pelo meio social que conformava suas tradições, uma organização e uma forma de levar a vida diferente em sua complexidade concreta, eles não eram e nunca poderiam ser o mesmo tipo de homem que os nativos norte-americanos. Daqueles aos quais os norte-americanos estavam familiarizados. Distante, o camponês escreveu todos os seus estímulos sociais, construindo seus códigos morais através do contato direto com seu meio. Sua eficiência organizacional de vida e estabilidade dependia da continuidade dos intercursos sociais com sua comunidade. Tendo em vista estes fatos, não era estranho que as diferentes condições que ele encontrou nos Estados Unidos o tornaram mais ou menos desorganizado<sup>645</sup>.

Disperso e isolado, praticamente desconhecido, geralmente indiferente, frequentemente desdenhoso, às vezes até mesmo hostil com a sociedade, em condições econômicas pobres e inseguras, com uma liderança insuficiente, pretensa e parcialmente egoísta, nacionalista e desarranjado na formulação de ideais por seus líderes, estes grupos pequenos de pessoas cujos mais caros interesses foram indissolúvelmente ligados ao seu antigo meio social, quando separados dele,

---

<sup>643</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. Op. cit. Vol. V, p. XI-XIII.

<sup>644</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. Op. cit. Vol. V, p. XVIII.

<sup>645</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. Op. cit. Vol. V, p. 341-342.

perdiam a única fundação real de suas vidas culturais. A genérica prevalência de agitação social e desmoralização eram devidas à decadência da organização grupal primária, que dava aos indivíduos o senso de responsabilidade e segurança porque ele “pertencia a algo”. Este sistema particularmente tinha aberto caminho as forças criadas pela eficiência individual, sem que nada tenha sido desenvolvido para tomar o seu lugar, nenhuma organização que pudesse restaurar o senso de responsabilidade social sem limitar a eficiência do indivíduo. Esta nova forma era aparentemente destinada para ser a sociedade cooperativa, e todos os grupos de imigrantes trouxeram aos Estados Unidos precisamente as atitudes pelas quais empreitadas cooperativas podem ser construídas<sup>646</sup>.

Percebe-se determinada convergência teórica do trabalho de Thomas àquele desenvolvido por Durkheim, vez que Thomas refere que as antigas tradições polonesas tinham possibilitado a criação destas forças de eficiência individual, e que com a desestabilização destas tradições, a solução passaria pelo desenvolvimento de uma sociedade cooperativa. Durkheim referia que se o individualismo imperasse sobre a solidariedade, era porque as relações não eram regularizadas, estando assim em estado de anomia. Estado que era impossível de se desenvolver quando as relações fossem altruístas durante um período significativo de tempo<sup>626</sup>. Relações altruístas são cooperativas.

Quando os camponeses despojados de seus valores tradicionais perdiam a referência cultural pelo choque com a cultura norte-americana, reproduziam os efeitos das sociedades anômicas aduzidas por Durkheim, vez que não encontravam uma direção ou um significado para suas existências. O indivíduo só poderia viver ou ser feliz se as suas necessidades fossem correlativas aos seus meios, do contrário, estariam continuamente em conflito e infelicidade. Thomas afirma que os antigos camponeses ou as pequenas comunidades eram em parte autossuficientes, ao passo que a coletividade polonesa norte-americana dependia de fatores externos para satisfazer muitas de suas carências, desenvolvendo novas formas de comportamento que não supriam o espaço consentâneo da tradição perdida, ao que há uma complementação entre a desorganização social de Thomas e o desajustamento a nova realidade impingida pela falta de correspondência entre necessidades e meios, geradores de melancolia, inconformidade e anomia de

---

<sup>646</sup> THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. Op. cit. Vol. V, p. 343-345.

Durkheim<sup>629</sup>. E o individualismo a que Durkheim se refere, corresponde à particularidade de plena liberdade do indivíduo para manifestar suas inclinações, pela inviabilidade de injunção e definição de modelos coletivos de ação, do ponto de vista da coletividade<sup>647</sup> mencionada por Thomas.

A obra de William Thomas condicionou de sobremaneira as convergências teóricas da ecologia criminal, assim como de outras concepções criminológicas, como a teoria interacionista (*labeling approach*), dado seu significativo destaque como suporte existencial<sup>648</sup>. Sua relação com os teóricos do *labeling approach* tomou proporções para além dos aspectos meramente metodológicos, influenciando a teorização interacionista da *self-fulfilling prophecy* (profecia que se auto realiza) ou a teoria dos quatro desejos (resposta, reconhecimento, segurança e nova experiência)<sup>649</sup>. O mesmo se dá quanto à adoção pelos interacionistas do chamado “Teorema de Thomas”: “se os homens definem situações como reais, elas serão reais em suas consequências”, o que se encontra na base originária da teoria da profecia que se auto realiza de Robert Merton<sup>650</sup>, que têm importância fundamental em parcela do entendimento analítico do fenômeno que envolve os integrantes da Geral do Grêmio.

A falta de sentido para a vida, a falta de significado no existir, seja pelo enfraquecimento de códigos tradicionais de conduta moral e de pertencimento grupal ou comunitário, ou a súbita perda de condições de satisfação e prazer rotineiras, levam a infelicidade, a desorganização ou ao desajustamento, tendo em vista que o vazio existencial tende a colocar o indivíduo em uma situação de procura pelo acolhimento mediante a construção de códigos de pertencimento e valores grupais alternativos que o insiram em um contexto de autoafirmação e inclusão, aplacando a infelicidade pela busca do júbilo pessoal e coletivo, mas que nem sempre são eficientes, ou por não suprirem de forma adequada o vácuo deixado, ou

---

<sup>647</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 274.

<sup>648</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 273.

<sup>649</sup> Que Thomas expôs, por exemplo, na obra *The Unadjusted Girl* (1923), argumentando de maneira antecipada a teoria interacionista: “Desejos da mesma natureza geral, isto é, provenientes do mesmo substrato emocional, podem ser totalmente diferentes do ponto de vista moral. O caráter moralmente bom ou mau de um desejo depende do significado social ou valor da actividade que dele resulta” In: FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 273, nota 60.

<sup>650</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 346.

por muitas vezes serem antagônicos a sociedade majoritária, sendo assim estigmatizados, tornando estes estigmas reais em suas consequências, em um mundo trespassado pelo tédio e pela da busca pela felicidade.

#### **4.1.4 Adaptações mertonianas à sociedade de consumo: êxito, fracasso, e a constituição da privação relativa na modernidade recente**

Ao que parece a lassidão que atravessa estas ocorrências, sedimenta-se ao longo do tempo e se torna insuportável na modernidade tardia por interagir com a insegurança ontológica e a privação relativa referidas nas pesquisas desenvolvidas por Jock Young que devem tributo aos trabalhos de Émile Durkheim e William Thomas, mas, sobretudo a Robert Merton.

O que parece evidenciar a preocupação do ser humano em torno do desígnio e utilidade de sua vida, o que ele aparentemente requer dela, deseja alcançar, é a busca da felicidade permanente, pela inexistência de dor e descontentamento em contraposição a experiência de prazeres vívidos. Seria a atuação do princípio do prazer dimensionando a finalidade da existência. Entretanto o programa deste princípio se encontra em desajuste com a realidade, e como em sentido mais restrito a felicidade seria satisfação momentânea de necessidades substancialmente retidas, realizadas apenas de forma esporádica, resultariam assim exclusivamente “em um morno bem-estar”, onde apenas o contraste é gozado e não o estado. Já a infelicidade é bem mais fácil de vivenciar, ao que sob a coerção destas probabilidades de dor, as pessoas talvez tenham o hábito de atenuar seus anseios de felicidade, convertendo o princípio de prazer no princípio da realidade, sob o impacto do mundo externo<sup>651</sup>.

Em uma sociedade agonística e hedonista como a ocidental na modernidade tardia, onde nossa condição periférica não nos exclui do programa econômico neoliberal de globalização dos mercados, tudo indica que todos que se encontram presos ao tédio, aplacam seus desprazeres através do trabalho ou do consumo, o que constitui seus fastios como algo mais arraigado e intolerável que todas as coisas demais, ao mesmo tempo em que promessas não honradas de excitação em massa se avolumam e o código de valores modernista do trabalho qualificado e da participação democrática transforma-se em mais um engodo. Ferrell afirma ainda

---

<sup>651</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, p. 19-20.

que: “Cercadas por todos os lados, as contradições do tédio moderno criam uma tensão de proporções Mertonianas (1938), uma disjunção existencial entre expectativas e experiências”.<sup>652</sup>

De fato o modelo teórico ao qual Merton se baseia deve muito à experiência do *american dream*<sup>653</sup> e do *american way of life*<sup>654</sup>. Em seu entendimento o modelo norte-americano de vida estabelece de forma arquetípica a dissonância entre um padrão cultural doutrinariamente igualitário em uma sociedade que se questiona sobre a fantasia das ascensões repentinas que “vão da copa de um restaurante à Casa Branca”, em uma disposição social admitidamente desigual de uma sociedade efetivamente agonística permeada pela busca de conquista exprimida pelo êxito financeiro, e que não possui qualquer similaridade quanto à interiorização das normas. O libelo cultural norte-americano estudado nas escolas, doutrinado nos palanques, transmitido pelo cinema e literatura se revela em um evangelho da caçada sem fim pelo sucesso econômico. Êxito que pode estar ao alcance de todos desde que possuam as qualidades exigidas, afinal: a fábula do *self-made man*<sup>655</sup> possui como inverso, a alegoria do *self-unmade man*<sup>656</sup> e as rotulações negativas dos fracassados<sup>657</sup>. Nesta lógica a angústia existencial pela infelicidade é uma alternativa, um “refúgio Mertoniano frente ao sonambulismo fatal”<sup>658</sup>, mas como já havia referido quando da Geral e seu descontrole, resistência é outra.

Assim já sob a égide do *Welfare State*<sup>659</sup>, enquanto Henry Ford ajustava seus mecanismos de sistematização do tédio, organizações radicais como Industrial Workers of the World<sup>660</sup> (os Wobblies), se estruturavam contra esta realidade. Os Wobblies eram propositadamente anti-tédio<sup>661</sup>: um “grupo desordenado de *outsiders* com baixos salários e bandidos ambulantes” organizados e dispostos a lutar e muitas vezes obter vitórias contra “os barões corruptos e os delegados do

<sup>652</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346.

<sup>653</sup> “Sonho americano”.

<sup>654</sup> “Estilo de vida americano”.

<sup>655</sup> “Homem que se fez sozinho”.

<sup>656</sup> “Homem que não se fez sozinho”.

<sup>657</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 324-325.

<sup>658</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346.

<sup>659</sup> “Estado do bem estar social”.

<sup>660</sup> “Trabalhadores Industriais do Mundo”.

<sup>661</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346.

capitalismo industrial”<sup>662</sup>.

Desta forma, mesmo em um período anterior a “liquidez moderna do capitalismo tardio”, ainda na era do “capitalismo industrial de porcas e parafusos”, uma coletividade comprometida em confrontar a economia predadora do capitalismo se manifestava organizando os trabalhadores errantes e periféricos dirigindo a ação econômica, invertendo subversivamente símbolos e operando sua recodificação. Na iniciativa de introduzir uma cultura de solidariedade sindical, os *Wobblies* transformavam notórios hinos religiosos em estimulantes hinos sindicais, diante das proibições judiciais que os impediam de planejar ou defender sabotagens, eles colocavam adesivos da organização sindical (“agitadores silenciosos”) e avisos publicados que possuíam a expressão “sabotagem” codificada<sup>663</sup>. Praticavam sabotagem entendida como forma de interrupção dos processos repetitivos de produção laboral alienante, produziam poesias, canções, brincadeiras e criavam paródias e histórias em quadrinhos em suas ações rotineiras<sup>664</sup>.

Robert Merton se utilizou das concepções que Durkheim desenvolveu em sua monografia sobre o suicídio, no que toca aos fatores sociais da anomia que previamente apresentei<sup>629</sup>, para desenvolver a teoria funcionalista a partir de 1938, e que foi responsável por uma etapa fundamental do itinerário transposto pela sociologia criminal contemporânea<sup>665</sup>. As perspectivas sociológicas passam a ganhar mais relevo pela análise da conduta que se desvia das normas instituídas. Merton questiona o motivo da frequência de condutas divergentes variarem em diferentes estruturas sociais e porque os desvios seguem diferentes formas e regras em estruturas sociais divergentes. Que existem processos através dos quais as estruturas sociais produzem as situações em que a transgressão dos códigos sociais se estabelece como uma reação “normal”, no sentido de ser normalmente

---

<sup>662</sup> HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. Dossiê criminologia crítica e criminologia cultural. **Sistema Penal e Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS**. Porto Alegre, vol. 04, nº. 02, jul/dez 2012, p. 211.

<sup>663</sup> HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. **Sistema Penal e Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS**, p. 210-211.

<sup>664</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346.

<sup>665</sup> BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal**. Tradução de Juarez Cirino dos Santos. 6.ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011, p. 62.

esperada<sup>666</sup>, tendo em vista um desequilíbrio entre expectativa e realidade.

O autor refere que entre os elementos que compõem as estruturas sociais e culturais de uma sociedade, existiriam dois que são de extrema relevância: as metas culturais e as normas institucionais. As metas culturais se definiriam como sendo aqueles objetivos, propósitos e interesses estabelecidos culturalmente, sustentados por propósitos legítimos da coletividade de indivíduos que compõem a sociedade. Estão mais ou menos uniformizados e ordenados de maneira rudimentar em uma hierarquia de valores. Encerram uma estrutura referencial de aspiração (“as coisas pelas quais vale a pena esforçar-se”) e compreendem vários níveis de importância e sentimento. Comportam o elemento básico dos desígnios para a vida do grupo. O outro elemento de importância da estrutura cultural seria aquele que regula, define e controla os modos admissíveis e permitidos de se chegar a estes objetivos. São as normas legais e sociais. Qualquer grupo social conecta seus objetivos culturais a regras enraizadas nas instituições ou nos costumes que dizem respeito aos processos que são permitidos para alcançar estes fins. Estas regras reguladoras nem sempre são idênticas às normas técnicas ou de eficácia. Muitas delas poderiam ser mais práticas para os indivíduos conseguirem estas metas, como o exercício da força, o poder e a fraude, mas que estão proibidas pela “zona institucional da conduta permitida”: a eleição de expedientes para esforçar-se na perfectibilização de objetivos culturais estaria limitada por normas institucionalizadas<sup>667</sup>.

Merton argumenta que em sociedades relativamente estáveis onde há equilíbrio entre metas culturais e normas institucionalizadas, a estabilidade entre estes dois elementos da estrutura social se manteria, enquanto as satisfações resultantes para os indivíduos se ajustassem. Assim poderíamos derivar satisfações da mera participação em uma ordem competitiva. Entretanto, se o interesse fosse transferido para o resultado da competição, e somente a ele, então aqueles que sofressem frequentemente com a derrota trabalhariam para corrigir este problema de forma que a distribuição de situações sociais pela competência se organizasse de uma forma que cada posição compreendida na ordem, tivesse incentivos positivos para aderir às obrigações da situação social. Do contrário se produziriam condutas

---

<sup>666</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**. Traducción de Florentino M. Torner. 2.<sup>a</sup> ed. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1965, p. 140.

<sup>667</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 141-142.

anômalas<sup>668</sup>.

Neste sentido a estrutura cultural se definiria como o corpo organizado de valores normativos que controlam a conduta esperada dos sujeitos de um grupo ou sociedade específica. Já a estrutura social entender-se-ia como o corpo organizado de relações sociais que os indivíduos da sociedade ou grupo mantêm entre si de maneira complexa. A anomia seria engendrada então quando da ocorrência de uma quebra da estrutura cultural em decorrência da divisão violenta entre normas e objetivos culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos indivíduos do grupo para trabalhar de acordo com elas. De maneira que a busca a qualquer custo dos valores culturais grupais poderia ajudar a produzir uma conduta que se contraporía aos próprios valores instituídos<sup>669</sup>. Merton esclarece que sua hipótese central é a de que a conduta anômala poderia ser considerada do ponto de vista sociológico, como um sintoma de dissociação entre as aspirações culturalmente instituídas e os caminhos socialmente estruturados para alcançar estes objetivos. Dependendo da cultura da sociedade, os indivíduos poderiam focar suas convicções emocionais sobre o complexo de fins culturalmente proclamados, sem deter o mesmo apoio emocional para com os métodos institucionalizados e sancionados para estes fins. Quando tal fenômeno ocorre, o procedimento mais eficaz do ponto de vista técnico poderia ser ou não legítimo, substituindo a conduta institucionalmente estabelecida. Se este processo de atenuação continuasse, a sociedade se tornaria instável e se produziria o que Durkheim chamou de anomia (falta de norma)<sup>670</sup>.

A priorização anímica dos fins sobre os meios que estabelece a desmoralização pela desinstitucionalização da ação seria comum à cultura norte-americana moderna, dada a grande importância que ela dá a certos êxitos e metas sem dar igual importância aos meios institucionais. Em uma grande medida o dinheiro tem sido consagrado como um valor em si mesmo a partir de sua conversão em bens de consumo e de seu emprego na busca pelo poder. Seja qual for a forma que ele nos chega as mãos, fraudulenta ou institucionalmente, pode ser usado para adquirir os mesmos bens e serviços. O nível de anomia em uma sociedade urbana combinado com estes traços do dinheiro permitiria a riqueza cujas origens podem

---

<sup>668</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 143.

<sup>669</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p.170.

<sup>670</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 143-144.



ser desconhecidas ou não para a comunidade em que vive o plutocrata, purificar-se com o decorrer do tempo, e servir de símbolo de distinção social. No sonho americano não existiria chegada, posto que a medida para o êxito monetário seria propositalmente relativa e indefinida.

Assim os norte-americanos seriam atacados com padrões que afirmam não só o direito, mas a obrigação de lutar por esta meta, embora as contínuas frustrações. E neste sentido, as escolas seriam as agências para a transmissão destes valores vigentes, lembrando que são elas especialmente: os instrumentos de imposição e produção das categorias de pensamento majoritárias<sup>671</sup>. Grande parte dos livros que as escolas americanas utilizam explica e expõe de maneira clara “que a educação leva a inteligência e por consequência ao trabalho e ao êxito monetário”<sup>672</sup>. Assim o sonho americano seria possível apenas àqueles que detêm este caminho de talentos desenvolvidos<sup>673</sup>.

O êxito como obrigação também implicaria em expiação para aqueles que não o alcançam. No “dicionário da cultura norte-americana como no léxico da juventude, não existe a palavra fracasso”. A imposição cultural é clara, não se pode relaxar, não se pode deixar de esforçar-se nem reduzir as metas, porque “o delito não é o fracasso, senão as aspirações baixas”. Desta maneira a cultura imporia três princípios valorativos: todos devem se dedicar às metas comuns, eis que elas estão disponíveis a todos; a suposta derrota do momento não é nada mais do que uma ocorrência de espera até o sucesso final; e por fim, a verdadeira derrota estaria em diminuir a ambição ou revoga-la. Sob a perspectiva sociológica estes valores simbolizariam a desigualdade de distribuição de oportunidades na estrutura social pela falta de seu acesso pleno e igualitário; a conservação de uma estrutura de poder social pela existência nos estratos sociais periféricos de sujeitos que se identificam não com seus iguais, mas com aqueles do topo; e finalmente, a atuação de um controle social informal em conformidade com os ditames culturais de êxito financeiro através da ameaça de não acomodação destes preceitos, sob pena de não serem considerados como pertencentes à sociedade. Por intermédio destes processos a cultura norte-americana moderna seguiria caracterizando-se pela

---

<sup>671</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**, p. 91.

<sup>672</sup> Oração retirada por Robert Merton de: *Scholars, Workers and Gentlemen* de Malcon S. MacLean (Harvard University Press, 1938), p. 29. In: MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 146, nota 10.

<sup>673</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 145-146.

importância da riqueza como símbolo fundamental de êxito, sem dar relevância aos meios institucionais pelos quais se avança a estas metas<sup>674</sup>.

Estas peculiaridades constituem estados de anomia e contribuem para a perfectibilização do comportamento desviado. Diante de uma competição instituída e desequilibrada, objetivos só podem ser alcançados mediante o vilipêndio de regras formais. Com efeito, como o conceito de anomia de Merton se baseia no prosseguimento da noção durkheimiana de normas, prioriza-se a ideia de “desmoralização” ou “ruptura da estrutura cultural”<sup>675</sup>, que efetivamente levam a uma situação de estorvo. Contra este sentimento, os indivíduos teriam desenvolvido formas de adaptação à desmoralização. Seriam cinco as formas de adaptação ao desconforto induzido pelos valores culturais da sociedade agonística norte-americana entre os que ocupam posições diferentes na estrutura social: conformismo, inovação, ritualismo, evasão e rebelião<sup>676</sup>.

O conformismo ocorre quando há uma resposta positiva de adaptação individual as metas culturais e aos meios institucionalizados, ao que sua incidência só é possível em sociedades estáveis não anômicas. O mecanismo de expectativas que constitui toda a ordem social se sustenta pela conduta modal de seus sujeitos, que representam a anuência das normas de cultura consagradas. Já as demais adaptações perfazem condutas divergentes aquelas esperadas como normais na sociedade, por serem comuns a sociedades anômicas.

A primeira delas seria a inovação, que perfaz aquelas ações comuns ao crime e ao desvio. Na inovação se estabeleceria uma enorme importância cultural à meta-êxito, o que faria com que o sujeito se valesse de meios legalmente vedados, mas, no entanto, eficazes para se obter pelo menos uma aparência de sucesso, riqueza e poder. Esta reação ocorreria quando o indivíduo assimila a importância cultural da meta sem interiorizar as normas institucionais da mesma maneira, os meios e modos para alcançá-la. Nas esferas sociais superiores, a pressão para a inovação muitas vezes dilui a diferença entre o empenho nos negócios tomados do lado de cá dos costumes, e práticas violentas para mais além deles.

A inovação poderia contagiar indivíduos de estratos sociais divergentes, sendo inerente tanto à criminalidade de colarinho branco, quanto ao ladrão comum.

---

<sup>674</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 147-148.

<sup>675</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 322.

<sup>676</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p.149-166.

Entretanto ela seria mais elevada nos estratos sociais mais baixos, por eles sofrerem uma pressão substancial ao desvio em decorrência da estigmatização do trabalho manual e da ausência de oportunidades reais. O resultado seria uma tendência marcada pelo comportamento desviado, como recurso à desilusão de se sentirem condenados a busca da riqueza em uma estrutura social que os condena desde o nascimento ao fracasso. As vidas pregressas daqueles que possuísem apenas o trabalho manual não especializado e baixos salários, não os credenciarium a competir conforme as normas consagradas de dignidade, restando à mercê da tentação das oportunidades de poder e de altos ganhos pelos sindicatos do vício, da chantagem e da delinquência organizada<sup>677</sup>.

A interação entre a importância cultural do êxito econômico e a estrutura social segregadora efetivaria uma pressão significativa para o desvio de conduta. O equilíbrio entre os fins culturalmente destacados e os meios seria muito frágil com a importância cada vez maior dada aos fins carregados de sucesso por qualquer via. Neste ambiente Al Capone surgiu como o triunfo da inteligência amoral sobre o fracasso da moral prevista, em decorrência do fim ou estreitamento dos canais de mobilidade vertical, em uma sociedade que elenca um alto prêmio à ascensão econômica e social para todos os seus cidadãos<sup>678</sup>.

Já no ritualismo o sujeito reduziria ou abandonaria a busca pelos objetivos culturais de rápida ascensão social e grande êxito pecuniário, muito embora seguisse respeitando de maneira quase compulsiva as normas institucionais. A filosofia do ritualista social encontra expressão em uma série de clichês como: “Quanto maior a altura, maior o tombo” ou “estou contente com o que tenho”. Ele seria um modo de adaptação para alcançar uma forma individual de fuga dos perigos e das frustrações que parecem ser inerentes aos meios de alcance das metas culturais de importância. Abandonando estas metas e se apegando de maneira radical a rotina das normas institucionais, o sujeito se sentiria seguro<sup>679</sup>.

A evasão ou retraimento, conforme Merton acometeriam os sujeitos que “estão na sociedade, mas não são dela”. Eles possuiriam esta característica em comum: uma resposta dada por psicóticos, vagabundos, parias, errantes, alcoólatras, mendigos e drogados. Eles renunciariam as metas culturais

---

<sup>677</sup> WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução por Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 261-279.

<sup>678</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p.150-151, 154-155.

<sup>679</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 159-160.

preconcebidas e suas ações não se adequariam às normas institucionais, o que não quer dizer que em alguns casos a fonte de seu modo de adaptação não fosse a mesma estrutura social que rejeitaram. A partir de suas fontes na estrutura social, é muito provável que este modo de adaptação tenha lugar tanto às metas culturais quanto as práticas institucionais que foram completamente assimiladas pelo sujeito e impregnadas de afeto e altos valores, mas que as vias institucionais acessíveis não conduziram ao êxito. Disto resultaria um duplo problema: a obrigação moral interiorizada de adotar os meios institucionais entraria em conflito com as pressões para utilização dos meios ilícitos e o sujeito não poderia se valer dos meios que fossem legítimos e eficazes. Manter-se-ia o sistema competitivo, mas os sujeitos frustrados ou obstaculizados que não pudessem lidar com este sistema se retrairiam. O conflito se resolveria abandonando-se ambos os elementos açodados: metas e meios. O escape seria completo pela eliminação do conflito restando o sujeito assocializado<sup>680</sup>.

A rebelião seria a última forma de adaptação, onde os sujeitos que estão fora da estrutura social intuiriam e tratariam de pôr em prática uma estrutura social modificada, alternativa. Suporia o estranhamento tanto das metas, quanto das normas existentes, que seriam tidas como essencialmente arbitrárias. E o arbítrio seria justamente aquilo que não pode exigir fidelidade nem possui legitimidade. Na sociedade moderna é manifesto que os movimentos organizados de rebelião tratam de introduzir uma estrutura social em que as normas culturais de êxito seriam radicalmente modificadas e se adotariam meios para uma correspondência mais estreita entre o mérito, o esforço e a recompensa<sup>681</sup>.

Uma vez a par das teorizações de Merton, é provável que ele considerasse os Wobblies dentro deste contexto adaptativo, assim como seria tentador sistematizar na zona de evasão ou retraimento mertoniana os integrantes da Geral do Grêmio naqueles momentos em que estão integrados no *locus* do grupo, realizando suas práticas grupais.

---

<sup>680</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 162.

<sup>681</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 164.

#### 4.1.5 Da inclusão à exclusão: a transição paradigmática à sociedade excludente

Ocorre, entretanto que o autor ainda vivia sob o paradigma do projeto modernista de assimilação progressiva da população à cidadania plena, característica do *Welfare State* com a concessão de direitos sociais inerentes as economias ocidentais de pleno emprego e substancial padrão de renda do período pós-guerra até a recessão<sup>682</sup>. E isto em um país que desenvolvia pelo fordismo a produção em massa padronizada, com emprego masculino pleno, substancial setor manufatureiro, mercado de trabalho primário significativo com possibilidades de carreira padronizadas, empregos estáveis e consumo de massa de produtos uniformes, com paralelo no âmbito da família e do lazer, que se transformaram no local de consumo para a comemoração de um estilo de vida farto em consonância com a ampliação constante de bens de consumo padronizados tidos como objeto de distinção. No fordismo os valores centrados no trabalho e na família são totalizantes em um arranjo social que repele “o outro” como alguém que necessita ser mudado, reabilitado, socializado e transformado em um “semelhante”<sup>683</sup>. Cenário completamente divergente da sociedade brasileira quase desde sempre excludente, mas que na atualidade toma globalizadas proporções.

Isto abre caminho para demarcarmos as possibilidades de entendimento sobre os sujeitos que cometiam atos considerados transgressores nos dois períodos, eis que inobstante nossa realidade periférica ser divergente, importamos na modernidade tardia as políticas econômicas e sociais neoliberais características da sociedade excludente ocidental como um todo. Neste sentido entre “o outro desviante” da sociedade inclusiva de Merton e “os de fora” da sociedade exclusiva de Jock Young, existem diferenças que são de extrema importância referir para entender que termos como “desmoralização” ou “desorganização social” tomaram proporções complexas e inimagináveis na atualidade, o que talvez seja consequência e/ou explique o marasmo entediante em que vivemos e que capacita fenômenos de estilo como o da Geral do Grêmio.

Assim sendo, na época de Merton o paradigma modernista enunciava em um discurso que concatenava cidadania “normal” com criminalidade e desvio: uma

---

<sup>682</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 19.

<sup>683</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 23-24.

cidadania resolvida, porque agregava igualdade legal e política para mulheres e negros, combinada com igualdade social para a maioria; um Estado intervencionista de justiça social, bipartido em Estado de direito e Estado de bem-estar social, protegendo e libertando; uma ordem social absoluta, vez que era aceita pela maioria dos cidadãos naquele cenário de cidadania plena, considerada justa porque voltada ao interesse de todos; um cidadão racional de acordo e um desviante determinado, visto que as pessoas em sua grande maioria legitimavam a harmonia dos valores, a exceção de uma “minoría minúscula” que ou era formada por um grupo de criminosos profissionais, ou por uma maioria de desviantes e criminosos determinados por aspectos psicossociais; uma conexão de causalidade estreita, onde as classes perigosas da pré-modernidade se transformaram no indivíduo desviante da modernidade; e um Estado assimilativo, que absorvia os desviantes, agregando-os à sociedade pela expansão de um corpo de especialistas que utilizava a linguagem terapêutica do trabalho social característica das políticas do correccionalismo<sup>684</sup>.

A sociedade ocidental baseada nas políticas inclusivas do *Welfare State* e do fordismo norte-americano inspiraram Jock Young, quando da transição da modernidade à modernidade recente, à referir da ruptura destes padrões inclusivos de assimilação e incorporação, para padrões outros que separam e excluem, provocada pelas forças de mercado e sua modificação pelos seus protagonistas.

Isto porque se institui com a revolução cultural do individualismo que precedeu a crise econômica dos 1970, um rearranjo dos mercados de trabalho do mundo industrial contemporâneo, uma ascensão do individualismo, e o aumento da taxa de criminalidade em concorrência com a recessão econômica, para logo após, durante os anos 1980 e 1990, se institucionalizar um processo social de exclusão definitivo: a economia de mercado que surgiu do pós-fordismo abarcou também um salto qualitativo nos níveis de exclusão. As classes médias antes satisfeitas veem seu universo se tornar instável e momentâneo, o apequenamento da economia acarreta em uma diminuição da produção na indústria manufatureira, com a desqualificação e relevo na maleabilidade da força de trabalho. A reordenação das indústrias de serviços possibilita a utilização de programas de computador que permitem as empresas dispensar levas inteiras de colarinhos-brancos de baixo

---

<sup>684</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 19-21.

escalão, solapando empregos de renda média, tecendo um sentimento de precariedade naqueles que antes se sentiam protegidos<sup>685</sup>.

Este gradiente de inclusão e exclusão instila tanto uma privação relativa geradora de criminalidade e desvio entre os mais humildes, como uma aflição precária naqueles melhor posicionados, corroborando para uma cultura de imputabilidade e intolerância para com os que desacatam a lei. Desta maneira tanto as razões de ser da violência do crime, quanto das de seu retorno punitivo possuem a mesma fonte em comum. As duas emanam de mudanças no mercado de trabalho. Enquanto uma afasta a participação do trabalhador do mercado, mas estimula-o a ser um consumidor compulsivo, a outra o inclui, mas apenas de maneira débil<sup>686</sup>. Enquanto o *Welfare State* garantiu o enraizamento social, com uma história pessoal e social de segurança, uma vontade de absorver o desviante, o estranho ou o imigrante, a modernidade recente engendrou insegurança ontológica e econômica, uma ruptura nas narrativas sociais e pessoais e uma propensão a excluir de forma definitiva o transgressor<sup>687</sup>.

Claude Lévi-Strauss refere em “Tristes Trópicos” que enquanto sociedades antropofágicas tratam seus desviantes ou estrangeiros devorando-os, sociedades modernas os vomitariam, sendo assim antropeômicas, enclausurando-os em instituições no seu interior, ou mantendo-os afastados da sociedade<sup>688</sup>. Neste sentido, posteriores ponderações dirigidas a Merton, davam conta de que a criminalidade de colarinho branco teria permanecido estranha em sua construção original. Além do que, apesar de algumas de suas expressões assemelharem-se a uma crítica da sociedade capitalista, na verdade sua teoria possuiria uma “função ideológica estabilizadora” por legitimar cientificamente a imagem tradicional da criminalidade das classes pobres nas sociedades modernas e o engajamento concreto de sua “população criminosa”<sup>689</sup> no submundo, o que efetivamente não romperia o ciclo denunciado por Lévi-Strauss. Neste contexto Merton designaria a si um papel rebelde na análise de fundo, localizando-se à margem do sistema e lhe fazendo críticas que levadas a sua conclusão lógica, precisariam de radicais

---

<sup>685</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 22-25.

<sup>686</sup> Idem, p. 25-26.

<sup>687</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 345.

<sup>688</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 91.

<sup>689</sup> BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal**, p. 67.

mudanças sociais. Entretanto, nunca teria as levado a este limite por acreditar que as necessidades reais do sistema e de seus integrantes, comportariam apenas a reforma do *status quo* e a mudança da sequência dos ganhadores, sem entretanto mexer na natureza do jogo em si<sup>690</sup>.

Acredito ser um pouco injusta estas colocações, considerando o fato como já havia adiantado, de Merton viver sob a vigência do *Welfare State*, cuja mentalidade comum pressupunha que se o sujeito fosse considerado desviante, natural que se chegasse a certas conclusões deterministas que não se sustentam na atualidade pela transição para a modernidade recente, influenciada pelas profundas transformações da troca de paradigmas da sociedade inclusiva à sociedade excludente, onde os níveis maximizados de insegurança ontológica e privação relativa conduzem o crime e o desvio para a uma experiência sensorial e sensual inimaginável para a época de Merton, o que não significa que suas conclusões devam ser desconsideradas, muito pelo contrário, e sim agregadas com outras possibilidades. O próprio Merton era muito solícito a sugestões e complementos a seu trabalho, era aberto a críticas cujos exemplos foram diversos, indo de Cohen à Parsons, em linhas divergentes de desenvolvimento do modelo abstrato do artigo de 1938, que foi dando espaço as considerações mais significativas das edições finais de “Teoria e estrutura sociais”, onde paulatinamente são expostas as variáveis da natureza sociológica e psico-sociológica que a busca e a continuidade das formas singulares de adaptação necessitam<sup>691</sup>.

## 4.2 NOVENTA MINUTOS

### 4.2.1 Jack Katz e a transgressão sensual à Robert Merton através de Wayne Morrison e Jock Young

Com efeito, na atualidade o elemento de excitação e as emoções inerentes à transgressão que devem ser analisadas para compreender a personalidade humana, são muitas vezes ignorados como sendo inconsequentes ou acidentais, ao que emoções como o medo ou o pavor, o tédio ou a paixão, que deveriam ser

---

<sup>690</sup> TAYLOR, Ian; WALTON, Paul; YOUNG, Jock. **La Nueva criminología: Contribución a una teoría social de la conducta desviada**. Traducción de Adolfo Crosa. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1990, p. 117.

<sup>691</sup> FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**, p. 321-322.



investigadas como núcleo da atividade transgressora e não sua periferia são constantemente rechaçadas, ao que os resultados desta centralidade de análise nem sempre são satisfatórios<sup>692</sup>. Neste sentido, na modernidade tardia e agora me voltando novamente à Geral do Grêmio, para a devida compreensão dos comportamentos de seus integrantes do ponto de vista analítico criminológico, há de se conjugar as considerações de Merton com as estabelecidas quase cinquenta anos depois por Jack Katz em seu *Seductions of Crime: Moral and sensual attractions in doing evil*, agregando o produto daí resultante com as pesquisas da criminologia cultural contemporânea e outros elementos interdisciplinares já esboçados quando esclareci a metodologia.

O título do livro de Katz já sugere o núcleo central de sua teoria do crime como sendo o sentimento moral e sensual de se fazer o mal. E uma análise aprofundada do comportamento antissocial deve começar por esta premissa<sup>693</sup>. Seja qual for a relevância dos eventos antecedentes e das condições sociais contemporâneas, alguma coisa essencialmente causal acontece nos momentos em que a transgressão ocorre. Para Katz o assaltante deve sentir uma restrição distintiva ou apelo sedutor que não poderia sentir anteriormente nem por um momento em um local substancialmente similar. Apesar de seu status econômico, suas relações sociais, conflitos edipianos, machismo internalizado, quadro de abuso infantil, ou outras espécies do gênero, ele deve de repente se tornar propenso a cometer uma transgressão. Portanto, o problema central é entender o surgimento de “dinâmicas sensuais distintivas”<sup>694</sup>.

Segundo Katz, seria como se nós tivéssemos quase sempre de acreditar em mágica para crer que uma pessoa possa de repente se sentir propensa a cometer uma transgressão sem a verificação de qualquer modificação independente em seu fundo psicológico. E, de fato, segundo ele, isto é exatamente o que nós precisamos fazer. Quando as pessoas cometem transgressões, se sentem atraídas e propensas à sua criminalidade. As compulsões e seduções particulares que eles experimentam podem ser únicas para a transgressão, mas a sensação de ser seduzido e

---

<sup>692</sup> MORRISON, Wayne. **Theoretical Criminology: From Modernity to Post Modernism**. London: Cavendish Publishing, 1995, p. 352-353. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=UQ\\_\\_xLI\\_xvYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=UQ__xLI_xvYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 10 jan 2017.

<sup>693</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**. London: Glasshouse Press, 2004, p. 148.

<sup>694</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 04.

compelido não é. Para compreender a magia da sensualidade transgressora, primeiro precisamos compreender a nossa própria<sup>695</sup>.

Na rotina da experiência humana é cotidiana a sensação de ser determinado pelo ambiente, de ser empurrado de uma a outra linha de ação. Nós sempre estamos sendo afastados “de” e “para” diferentes objetos de consciência, “dando conta disto e ignorando aquilo”, e nos movendo antagonicamente entre o tédio e o envolvimento, de uma a outra direção entre dois extremos. O ser humano sempre foi seduzido ou repelido pelo ambiente externo. A própria natureza do ser mundano é emocional, onde a atenção é sentimento, e a consciência é sensual. Raramente experimentamos ser sujeitos que conduzem a própria conduta. Katz nos questiona de quantas vezes quando falamos, efetivamente sentimos que escolhemos as palavras que utilizamos. De que do mesmo modo em que elas saem de nossa boca, revelam o pensamento que por delas atrás está, mesmo para quem as pronunciou. Nós escrevemos, falamos e andamos, em um sentido de competência natural regida por disposições deterministas. Descansamos nossa subjetividade em sensibilidades rítmicas, sentimentos que nos guiam, assimilações de padrões que se desdobram e garantem que a estética nos conduza, para em raros momentos nos darmos por conta, com uma ligeira surpresa, que não foram as coisas em si, mas a nossa perspectiva que temporariamente deu as coisas externas o poder de nos seduzir ou repelir<sup>696</sup>.

Entre as espécies de transgressão, a gama de dinâmicas sensuais deriva de seduções que podem atrair uma pessoa tanto para roubar em lojas, quanto para possuir a cólera que a leva a matar. Se a criminologia está mais habilitada a explicar a variação da criminalidade do que permitem as correlações de fundo, parece que devemos respeitar essas dinâmicas sensuais e tê-las como autênticas<sup>697</sup>.

Para Katz, explicações causais da criminalidade que priorizam a relevância dos fatores estruturais, genéticos, ambientais ou de escolha racional, além das qualidades emocionais e interpretativas da transgressão, acabam por esvaziar e reprimir o significado de emoções fundamentais como a humilhação, o ridículo, a arrogância, o cinismo e o fundamental prazer da excitação: emoções que em muitos

---

<sup>695</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 04.

<sup>696</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 04-05.

<sup>697</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 05.

casos são centrais em um evento transgressor<sup>698</sup>. Como aqueles que observei na Geral do Grêmio durante o trabalho de campo, onde o episódio em destaque no início deste capítulo, e a querela envolvendo a Banda e a Brigada Militar narrada no capítulo anterior são dois exemplos fiéis. O desvio concede ao transgressor uma forma de autotranscedência, uma via para suplantar a convencionalidade tipicamente associada a rotinas entediadas e enfadonhas, além de outras peculiaridades práticas da vida cotidiana do dia a dia. A transgressão assim possui um caráter excitante e libertador. Desta maneira se formos pensar a transgressão como outra forma de atividade racional ou como resultado de alguma patologia inata ou social estaríamos perdendo totalmente sua correta interpretação<sup>699</sup>. As posturas de confrontos físicos e intimidações que cercam o universo observado da Geral do Grêmio se encaixam as narrativas introduzidas por Katz.

De fato quanto mais próximo estive daquele universo, mais relevante e vívida se tornaram as emoções morais daqueles indivíduos para mim. Uma série de “jogos” ou truques que transformavam os torcedores do rival em idiotas antes de serem golpeados e ofendidos. O “cara fodão”<sup>700</sup> com intenção passional tenta assustar a própria humilhação à botando para fora após anos de ansiedade adolescente sobre sua aparência e estupidez de suas palavras. Ele acha uma maravilhosa calma em fazer “eles” ansiosos sobre suas próprias percepções e entendimentos. Vândalos jovens e ladrões de loja inovam em jogos com o risco de humilhação, correndo “ao longo da beirada da vergonha por reverberações excitantes”<sup>701</sup>.

E neste sentido foi justo o que percebi especificamente no episódio que narrei sobre os conflitos com os colorados e a torcida mista, eis que a qualquer momento poderíamos ser surpreendidos por brigadianos, ou seguranças privados do clube enquanto se desenvolvia a ação excitante que procuravam. Ou nos confrontos físicos como aquele que se deu no “grenal da queima dos banheiros químicos”, pela presença do contingente da Banda destacado por um estrato social popular de inspirações vinculadas ao aguante e/ou etos guerreiro, que poderia ser comparado às “elites de rua” referidas por Katz, onde jovens que enfrentavam as cada vez mais humilhantes restrições sociais da infância, se diferenciavam mitologicamente com

<sup>698</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 148.

<sup>699</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 149.

<sup>700</sup> “The badass”

<sup>701</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 313.

outros grupos de jovens que poderiam ser suas imagens em um espelho<sup>702</sup>. O trabalho de Katz envolve a análise de transgressões que podem ser estendidas em muito àquelas cometidas por jovens, negando qualquer diagnóstico simplista de ganhos práticos ou financeiros imediatos. Grande parte das atividades transgressoras adolescentes carrega consigo a expressão juvenil, dado o vazio de estímulos ou esforços em outro sentido, ao que não lhes resta muita coisa. Neste sentido o vandalismo juvenil é grande expressão do que Katz refere, eis que em matéria de ganho material provável de sua prática, nada se terá, mas seguramente não se pode dizer o mesmo em termos de excitação, perpetração de um ato ilegal ou exaltação indiscutível da destruição em si<sup>703</sup>.

Também não há dúvidas, por exemplo, que o consumo de drogas, uma das peculiaridades comuns ao grupo de estilo da Geral, é substancialmente vinculado às emoções, onde a resistência física ao uso constante que gera a distinção grupal, se coaduna ao que Hayward revela sobre as circunstâncias sociais sob as quais o consumo se desenvolve, a antecipação do processo de pontuação (resistência/aguante) e as sensações experimentadas antes, durante e depois da ingestão. A propósito, ele aduz que grupos de estilo violentos ligados à cultura de arquibancada, o que chama de “o original esporte extremo urbano”, parecem ser a “ilustração quintessencial da posição katziana”. Adaptando suas considerações à realidade do grupo de estilo observado, pode se dizer que apesar dos capos viverem muitas vezes às expensas da Banda, o ganho financeiro em si não é o propósito principal ou a intensão chave do grupo. Pelo contrário, os preços dos bilhetes e as despesas de viagem asseguram que “ir a todos os lados” pelo Grêmio se constitui de uma despesa significativa. Os meios para burlar a segurança na Arena e ingressar com álcool por exemplo, é só uma das alternativas que o controle social institucionalizado deu ao grupo para elevar o nível de sua adrenalina. Para Hayward esse fenômeno pode ser visto como resultante da carga emocional ou do “zumbido” gerado pela combinação do futebol e da violência relacionada<sup>704</sup>.

Tais exemplos servem para ilustrar que, em muitos casos, os indivíduos são seduzidos pelas possibilidades existenciais oferecidas por atos transgressores, pelo prazer da transgressão. Pelo prazer de “tocar o terror” em “colorados retardatários”,

---

<sup>702</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 313.

<sup>703</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 149-150.

<sup>704</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 150.

por exemplo. Por isso, uma das principais vantagens desta abordagem é que ela nos ajuda a entender por que é que muito do conteúdo transgressor destes grupos não é utilizado exclusivamente para sua preservação<sup>705</sup>, apesar de muitas vezes também o sê-lo, conforme fica claro quando abordei as questões que envolvem o etos grupal.

Conforme indicado, conjugar as considerações de Merton com as estabelecidas por Jack Katz, agregando-os com as pesquisas da criminologia cultural contemporânea e outros elementos interdisciplinares sempre foi parte de minha intenção analítica, apesar das críticas que Merton também sofria de Katz, para quem a perspectiva mertoniana era a “sentimentalidade do século XX sobre o crime”, esposada pela falta de suficiência na compreensão dos fatos experimentais da transgressão, eis que nela não cabiam as muitas realidades do crime “sensualmente explosivas, diabolicamente criativas”, inapreciáveis por qualquer espécie de sentimento materialista<sup>706</sup>. Com ironia afirma que sem a marca de uma teoria retoricamente bem sucedida quanto à especificação da fonte do mal social, sem a afirmação de que as condições de fundo criam a motivação para desvio, a teoria criminológica perderia sua “alta função sacerdotal” de transformar a ansiedade difusa sobre o caos e o tédio contemporâneo, em problemas discretos que se limitariam a segmentos marginais<sup>707</sup>.

Katz argumenta que mesmo aceitando a análise mertoniana como uma iniciativa válida, poderíamos refutar sua hipótese nos questionando por quantas gerações uma comunidade poderia manter uma independência moral de meios e fins, inovando no desvio só para atingir metas convencionais, ou por qual teoria antropológica se poderia afastar, de algum modo, o “eu real” do ser humano para fora das pressões cínicas que ele inventa no dia a dia, enquanto sua energia resta intocada por uma busca constante de ação ilícita, esperando com inocência confiante em algum purgatório para emergir quando uma oportunidade justa aparecesse. E aqui Katz dá uma pista do que acabaria sendo o fator adesivo para conjuga-lo com Merton, quando afirma que as realidades dos crimes do gueto são literalmente muito ruins para serem confinadas ao papel de meios inovadores para fins convencionais e que as teorias materialistas se recusavam a enfrentar o desafio

---

<sup>705</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 150-151.

<sup>706</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p.314.

<sup>707</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p.316-317.

espiritual representado pelo crime contemporâneo<sup>708</sup>.

De fato isto é verdade, mas em um primeiro momento, Katz não leva em consideração o que já ressaltai sobre Merton viver sob a perspectiva de outra dinâmica social que não a da modernidade recente e que a solução para uma perspectiva analítica criminológica mais apurada não seria excluir a hipótese mertoniana, e sim agrega-la aos fatores sensuais, emocionais, excitantes e de pertencimento que estão por trás de ações transgressoras.

Entretanto, inobstante o impacto absurdo do trabalho de Merton, os teóricos têm sido um tanto quanto relutantes em atualizar as configurações mertonianas à luz das particularizadas mudanças econômico-culturais associadas com a modernidade recente, onde raras exceções aparecem através dos trabalhos de Wayne Morrison<sup>709</sup> e Jock Young, por exemplo.

Para Young a transgressão que envolve os estratos sociais menos privilegiados não se limita a problemas que dizem respeito a roubo de dinheiro, comida, propriedade, bebidas e drogas. Muito embora todos eles sejam componentes de parte da motivação, a violência não é apenas um meio para aliviar as pessoas a entregarem seu dinheiro, assim como o uso das drogas não é uma matéria corriqueira de satisfação dos humildes: uma prática psicoativa alternativa “ao gim e tônica ou à cerveja depois do escritório”. Diz respeito a todas estas questões, entretanto, acima de tudo desponta a margem transgressiva, posto que os desviantes são conduzidos pelas energias das humilhações que por si só geram insegurança ontológica e privação relativa. E isto não conduz a negação do núcleo utilitário da teoria da estrutura social e da anomia, mas erige ao seu entorno um reiterado prazer no excesso, um gozo ao se transgredir as leis, um restabelecimento da dignidade e da identidade através da transgressão<sup>710</sup>.

Morrison argumenta que necessitamos analisar de forma mais sofisticada os estados emocionais dos sentimentos e das viscissitudes relacionadas à anomia. Dispensar uma atenção mais acurada para o modo como o “eu” está sendo aviltado pelas inúmeras mensagens culturais correntes da vida na modernidade tardia<sup>711</sup>. Sem esta perspectiva, a criminologia não só operaria com modelos de desejo

---

<sup>708</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p.317-318.

<sup>709</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 158.

<sup>710</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 368.

<sup>711</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 158.

subdesenvolvidos, mas também se restringiria em grande parte à interpretações estreitas da teoria mertoniana. O crime deve ser então indetificado como produto da frustração pela estrutura social, mas de necessidades que a própria cultura de consumo identifica para o sujeito. Entretanto, na atualidade, mesmo na mais contemporânea teoria da criminologia *mainstream*, as idéias de posição e status não são suficientemente desenvolvidas. Ao invés disto, predominam as de necessidade e ganância<sup>712</sup>.

Assim se deve perfectibilizar uma reconsideração sobre os pretextos motivadores da transgressão através da releitura dos textos clássicos. Para Merton, a transgressão era um caminho facultativo ao sonho americano. Uma acomodação em que a constrição de não se ter possibilidades de obtenção de oportunidades legítimas conduzia ao recurso de meios ilegais. Desta forma, o propósito de êxito econômico não era modificado, o dinheiro para atingi-lo é que era conquistado de maneira ilegal. Katz aponta que a ótica de Merton sobre a transgressão não se adequaria a sua fenomenologia. Ele rechaça o plano de fundo estrutural ao considerar que seja qual for o determinismo, ele sempre será um materialismo mal acabado, uma escusa liberal que tenta simploriamente conectar a pobreza estrutural do delito. Young acredita que Katz não teria a necessidade de desprezar a estrutura, para ressaltar o livre-arbítrio. Que deveria enfatizar ambos, assim como a maneira como cada um constitui o outro. Ademais a fatalidade estrutural dos que compõe as camadas sociais mais baixas não é exclusivamente um “déficit de bens”, e sim um estado de humilhação<sup>713</sup>.

#### **4.2.2 “Ter”, “ser”, “parecer”: privação relativa e ilusão meritocrática na modernidade tardia**

Veblen argumenta que nenhuma “classe da sociedade, nem mesmo a mais abjetamente pobre, abre mão da totalidade do consumo conspícuo costumeiro. Os últimos artigos dessa categoria de consumo não são por ela abandonados”<sup>714</sup>. Assim, o que primeiro se constituiu pela dominação econômica à vida social

<sup>712</sup> MORRISON, Wayne. **Theoretical Criminology: From Modernity to Post Modernism**, p. 317.

<sup>713</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 368-369.

<sup>714</sup> VEBLEN, Thorstein. **A teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições**. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 42.

ocidental foi à forma de se conceituar a realização humana em um claro aviltamento do “ser” para o “ter”. Na contemporaneidade, onde a vida social está completamente dominada pelos produtos acumulados da economia, esta situação se torna potencializada pela impossibilidade de todos “terem”, apesar da necessidade de assim aparentar, o que conduz a uma degradação generalizada do “ter” para o “parecer”, aonde todo “ter” real deve arrebatado seu prestígio instantâneo e sua função nata<sup>715</sup>. Não por acaso Carl Nightingale (1993), na obra *On the edge*, refere que o gueto era a “apoteose dos EUA”, pelo completo mergulho no sonho americano, em uma cultura arrebatada por Gucci, Nike e BMW, assistindo TV o dia todo, repartindo a mais ampla fixação pela cultura da violência, perfazendo fila nos cinemas e venerando sucesso, riqueza, dinheiro e status, gerando assim um problema social incomensurável, vez que para além de um simples processo de exclusão, o que lá ocorria era a forte inserção em uma cultura, para logo após sistematicamente serem excluídos de sua realização<sup>716</sup>.

Nada muito diferente da realidade brasileira, guardada as devidas proporções:

*The Grajauex, duas laje é triplex, no morro os moleques, no vapor. É o play 3 na golfeira te sai chanex. É o ouro branco o pó mágico e o poder de Rolex. Na favela com fome atrás dos Nike Air Max. Os canela cinzenta que não tem nem cotonets (...)*<sup>717</sup>.

Assim as humilhações são provenientes das condições extremas sob as quais vivemos em uma sociedade consumista, em que o “ter” é muito mais relevante do que o “ser”, de uma meritocracia enganosa que premia apenas aqueles que possuem os melhores instrumentos para alcançar os melhores resultados, mesmo que não os tenham dispostos de maneira meritória, produzindo um forte sentimento de privação relativa que atravessa todas as classes sociais, gerando daí, conforme o contexto, humilhação e ressentimento.

Esta sensação que cada vez mais parece revelar-se na contemporaneidade, da meritocracia ser uma grande mentira para manter a situação tal qual se encontra, é muito bem exposta por Young quando ele a compara a uma pista de corridas, onde o mérito é premiado conforme o talento e o esforço dos competidores, cuja

<sup>715</sup> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**, p. 18.

<sup>716</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 351.

<sup>717</sup> CRIOLO. Grajauex. In: CRIOLO. **Nó na orelha**. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD. Faixa 6.



estrutura é formada por duas pistas dispostas e um coletivo heterogêneo de espectadores. Neste modelo, os prêmios são ofertados em um mercado primário onde sempre paira a plausibilidade de uma queda para a segunda pista, onde os prêmios são significativamente menores e apenas curtos espaços dela se encontram acessíveis aos competidores, afora o risco do que seria muito pior, ser rebaixado a condição de mero espectador. E a situação dos espectadores é a realidade de exclusão da corrida, revelada pela existência de obstáculos e de controle massivo, posto que a permissão concreta à ela lhes é negada, apesar de serem eternas testemunhas dos “prêmios resplandecentes em oferta”<sup>718</sup>.

Embora reconhecendo as sutis diferenças que existem entre as hipóteses mertonianas e o conceito de privação relativa, nos últimos anos se constituíram possibilidades de reafirmação da tese de privação original de Samuel Andrew Stouffer (1949), inclusive citada por Merton<sup>719</sup>, principalmente através do realismo de esquerda, embora estes teóricos trabalhem segundo Hayward, com um conceito muito subdesenvolvido que não aceita a extensão plena do consumismo na atualidade, onde "novas formas de desejo do consumidor" foram criadas estendendo-se para muito além de qualquer hipótese mertoniana culturalmente homogênea. Para tanto é necessário revisitar o conceito original de privação relativa, destacando a idéia de que a "necessidade" é, de fato, determinada culturalmente. Nos Estados Unidos, a privação relativa é mais pronunciada em consequência de uma cultura conjugada a um conjunto unificado de metas às quais todos poderiam aspirar. Essa concepção de privação relativa permaneceu virtualmente subdesenvolvida na criminologia desde então<sup>720</sup>, até ser trabalhada por Jock Young.

Para ele a privação relativa é usualmente tida como um olhar para o topo, de uma desilusão, de um recalque dos que tiveram negada a igualdade no mercado de trabalho em detrimento àqueles com dedicação e mérito similares. Entretanto a privação se constitui da mesma forma em um olhar para baixo, pela inquietação frente ao eventual bem-estar dos que inobstante ocuparem uma posição inferior a quem os observa na hierarquia social, são tidos como beneficiados de maneira injusta: “eles ganham a vida fácil demais, mesmo que não seja tão boa quanto a minha”. Especialmente quando a renda deles é aumentada de forma ilegal,

---

<sup>718</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 25.

<sup>719</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 232-241.

<sup>720</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 158-159.

especialmente quando o “homem de bem”, também é vítima de crime. Assim as cidades são formadas de tal maneira que os pobres respeitáveis e os improdutivos vivem lado a lado. Os projetos de gentrificação só corroboram para aumentar o nível de ressentimento: “chique mas aperedada, a classe média afluyente vive, em muitos casos, do outro lado da rua dos desempregados estruturais”<sup>721</sup>.

Desta forma, ao contrário do senso comum que prediz que a “subclasse” expiatória se localiza em núcleos de habitação precária nas metrópoles ocidentais, não é o que ocorre na realidade, vez que além de muitas vezes dividirem a mesma rua, onde as fronteiras são borradas, este fenômeno também ocorre pelo constante fluxo entre elas, dado o fato de que empregados de serviços não intelectuais cruzam estas fronteiras para o trabalho todo o dia, ao que não é exclusivamente através da televisão que se aumenta a sensação de privação relativa, por receberem uma “ração diária” daquilo que se consome pelos ricos, e sim na tomada de consciência direta e íntima da vida deles. Assim a “subclasse” está presente em ambos os lados. Entretanto, aqueles os que se concentram na periferia usualmente laboram longe dela afim de “manter as famílias abastadas funcionando”<sup>722</sup>.

Mas os efeitos da privação relativa vão da base ao topo da pirâmide econômica, posto que enquanto na base claramente se subtrai o alheio, no topo existem as bonificações e as comissões imorais para administradores e industriais de alto escalão. Assim os que estão de fora são enxergados como gente que vive da assistência pública sem competir, e os favorecidos como uma fração da cultura onde o “vencedor leva tudo” e os prêmios são divididos sem qualquer justificativa ou mérito, gerando uma considerável receita de insatisfação, onde o declínio do mercado primário na modernidade tardia somado a falta de oportunidades geram um fator de privação relativa nunca antes observado<sup>723</sup>. Assim Young atualiza o conceito de privação relativa à luz da formação social e da dinâmica cultural da sociedade ocidental na moderna tardia. No entanto, se deixarmos de lado esta importante renovação do conceito de privação relativa, parece que o principal ponto de interesse continuará sendo a natureza de mudança do “olhar para cima” e, especialmente, a expansão da necessidade como discurso de justificação<sup>724</sup>.

---

<sup>721</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 26.

<sup>722</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 351- 353.

<sup>723</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 26-27.

<sup>724</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 159.

Neste sentido Young afirma que o “paradoxo da igualdade é que quando os diferenciais se aproximam, as diferenças se tornam ainda mais notáveis”, o que o leva a concluir que a privação relativa não diminui com a riqueza, muito pelo contrário, aumenta. Ela produz um mal-estar que pode se materializar de diferentes formas<sup>725</sup>. Assim como progressos incompletos e declarações formais de igualdade não irão diluir sensações de privação relativa, e sim intensificá-la. Esta sensação de recompensa injusta relativa ao mérito não é exclusivamente um déficit simples, pois diz respeito não apenas a uma comparação estagnada com aqueles mais bem sucedidos, mas também aspirações progressivas, incluindo sujeitos que se percebem abaixo da linha de igualdade. Contudo, do mesmo modo abarcam indivíduos que estão aumentando os limites<sup>726</sup>.

Durkheim e Merton deram-se conta desta peculiaridade e não avocaram o conceito positivista da privação. Entretanto, as análises social-democratas da transgressão e do desvio, que passam com assiduidade a idéia de que eles são consequência de um déficit simples que irá ser suplantado conforme se alcança uma igualdade maior, não se sustentam, tendo em vista que o paradoxo da igualdade se constitui justamente pela privação relativa aumentar quando há maior igualdade de premiação, o que solapa a idéia de que a transgressão seria uma forma de complementação da renda dos pobres. Ora isto não se mantém porque o crime seja qual for a natureza de sua tipicidade, dificilmente é praticado para se obter a média salarial: os “pobres não roubam Fuscas, mas Porsches”, os praticantes de furto qualificado não se apropriam de “um butim de latas de feijão cozido”, e sim de eletroeletrônicos, ninguém, com exceção de um grupo diminuto e particular, consome drogas ilícitas para se sentir normal. E os abastados não praticam delitos para obter pomposas aposentadorias, isto eles já possuem; o praticam para expandir sua fortuna e assim regozizarem-se de seus privilégios sobre os demais<sup>727</sup>.

Desta forma uma parte significativa das transgressões nos grandes centros urbanos são cometidas não pela condição de miserabilidade em si, mas por sujeitos cujos motivos são impulsionados principalmente por determinantes culturais. Conforme Hayward, este fenômeno explica plenamente o que está acontecendo com a noção de necessidade dentro da sociedade contemporânea. É sua convicção

---

<sup>725</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 79-80.

<sup>726</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 86.

<sup>727</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 87.

de que a criminologia crítica deve ir muito além, desenvolvendo novos e mais sofisticados modelos de privação que levem em conta, especificamente, a ascensão fenomenal da cultura de consumo desde os 1980, afinal, sem esses modelos, ela inevitavelmente ficará aquém de uma compreensão completa da criminalidade contemporânea. Desde os 1990, não só na Europa e nos Estados Unidos, mas na grande maioria dos países industrializados orientados para a sociedade de consumo, obviamente neles incluído o Brasil, a distinção entre "ter" e "ser" tornou-se um tanto confusa à medida que os indivíduos constroem cada vez mais identidades através das mercadorias que consomem e exibem<sup>728</sup>.

Caso lhes seja negado este caráter identitário pelo consumo, muitos deles desenvolvem um sentimento de que estão sendo privados de um direito básico, e assim este consumo se transmuta de algo culturalmente desejável, para algo "fundamentalmente esperado", em uma mudança discursiva de direitos em relação às práticas de consumo: as pessoas em uma sociedade de consumo acreditam que agora têm um direito implícito de consumir. Mais um exemplo desta confusão entre desejos e necessidades é constatado em expressões de nosso cotidiano como: "Preciso comprar tênis novos!" "Eu mereço ter um feriado". Entretanto a situação atual é muito mais impetuosa. Nas sociedades ocidentais da contemporaneidade, o desejo e a necessidade se transformaram, e enfrentamos agora uma situação em que as expectativas individuais se transformaram em uma nova forma aberta e direta de desejo que não tem nenhuma relação com as noções clássicas de necessidade. Um desejo que não precisa mais se constituir em um sentimento imperdoável e insistente: "Por que eu deveria justificar meu desejo?" "Por que não posso ter o que "Eu" quero?" "Se eu precisar, eu quero ele"! É possível assim esclarecer uma mudança importante nas estruturas de interpretação do conceito de privação relativa. Especificamente, se pode sugerir que os exemplos dados acima exigem um afastamento da instrumentalidade inerente à teoria mertoniana, em direção a um conceito que se baseia mais na amplitude agregada de novas formas contemporâneas de desejo. Tal situação tem fortes implicações para nosso entendimento da transgressão<sup>729</sup>. O crime e o desvio dentro e entre as classes sociais regularmente emergem da tomada de consciência da privação relativa ou de

---

<sup>728</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 160.

<sup>729</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 161.

uma servidão distorcida a bens de consumo tidos como essenciais para a identidade ou para a mobilidade da classe<sup>730</sup>.

A psicanálise contribui muito para dar luz a estes questionamentos. O próprio Freud já argumentava na abertura de “O mal-estar na civilização” que seria “difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida”<sup>731</sup>. O que abre uma via reflexiva instigante se formos pensar nas implicações do “ter” e do “ser” na contemporaneidade. A vinculação de desejos ao princípio do prazer freudiano na introspecção de reiteradas, heterogêneas e irremediáveis sensações de descontentamento e dor, que em sua irrestrita continuidade o princípio do prazer procura evitar e eliminar pela construção do “puro Eu-de-prazer”<sup>732</sup>, pode se constituir em uma via de entendimento, assim como suas considerações acerca das gratificações substitutivas, segundo Freud, paliativos que “nos permitem fazer pouco de nossa miséria (...) que a diminuem” ou “nos tornam insensíveis a ela”<sup>733</sup>.

Penso que o desconforto sociológico de Merton com as hipóteses freudianas, conforme fica patente na abertura de “Estrutura Social e Anomia”<sup>734</sup>, não nos impede de conjugá-las no presente. A crítica de Merton talvez tenha muito do descontentamento com as hipóteses patológicas. Ou talvez Freud tenha sido afetado profundamente pela desilusão na humanidade após a Primeira Guerra Mundial. O importante se constitui então em renunciarmos ao determinismo temporal. O ser humano sempre possuiu a necessidade de assimilar o mundo vivendo conforme classificações traçadas e temporalidades delineadas<sup>735</sup>. Assim devemos reescrevê-las no presente, dando atenção as porções ocultas pelo tempo, que ficaram escondidas, atualizando-as a nossa realidade, em um “projecto de

---

<sup>730</sup> HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. **Sistema Penal e Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS**, p. 209.

<sup>731</sup> FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**, p. 07.

<sup>732</sup> FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**, p. 10.

<sup>733</sup> FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**, p. 18-19.

<sup>734</sup> MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**, p. 140, nota 01.

<sup>735</sup> GAUER, Ruth M. Chittó. Falar em tempo, viver o Tempo! In: SILVA, Mozart Linhares da. **Tempo/História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 20.

apreender e reconhecer um “sendo” que seja “aqui e agora”, a própria coisa em si”<sup>736</sup>.

#### **4.2.3 Borrando as fronteiras: bulimia, individualismo, insegurança ontológica e a ilusão dos padrões de consumo como fatores da transgressão**

Refletindo sobre o status que tomou conta dos bens de consumo na sociedade ocidental globalizada, não seria inadequado então pensa-los como gratificações substitutivas da modernidade tardia. Assim como as práticas excitantes e as sensações buscadas pelos integrantes da Geral do Grêmio também o são por esta via interpretativa. A diferença está no fato de que enquanto os desejos de consumo são inculcados pelos meios de comunicação e pelo sistema neoliberal como um todo, as práticas da Geral em um primeiro momento não o são, visto que expressam uma forma de resistência, mesmo que inconsciente (e as vezes nem tanto, pelo ódio em comum de seus membros ao futebol moderno) ao tédio e ao marasmo imposto pela sociedade de consumo.

Pelo menos até quando as considerações de Ferrell tomam forma, quando o sistema capitalista então começa a se apropriar dos produtos culturais da Torcida, que são então ofertados à aquisição pública, assim como na promoção da venda de bens diversos a partir de discursos de estilo da Banda: nas sociedades contemporâneas a intersecção entre dinâmica cultural e atos de transgressão está presente na vida cotidiana<sup>737</sup>, e assim se dá na expansão das possibilidades de consumo. A ironia substancial da vida na modernidade recente é a imensa capacidade de o capitalismo tardio cooptar resistência ilícita para o sistema em si ao qual ela teria de se revoltar, e deste modo, converter “oposição experiencial em aquiescência mercantilizada”, na manobra mais insidiosa dos instrumentos capitalistas de controle do consumidor, pela eficiência de reconstruir a resistência enquanto mercadoria e assim vender a aparência de liberdade e diversidade em uma “mágica poderosa”<sup>738</sup>.

<sup>736</sup> LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. 2ª. ed. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elizabete Alexandre. Lisboa: Estampa, 1997, p. 34.

<sup>737</sup> ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da. Crime, violência e segurança pública como produtos culturais: inovando no debate. **Revista dos Tribunais**. São Paulo, nº. 917, mar 2012, p. 274.

<sup>738</sup> HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. **Sistema Penal e Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS**, p. 212.

Na psicanálise, para além de Freud, seria interessante evocar os trabalhos de um de seus sucessores, Jacques Lacan, que enxerga o desejo como algo conectado ao objeto perdido, ou a fantasia de complementação de si mesmo. Assim o que está sendo argumentado neste momento, é a temática de conseguir algo conceitualmente além de nossas possibilidades, o que se coaduna com a natureza de uma sociedade de consumo em constante sentimento de insatisfação<sup>739</sup>. E esta insatisfação pode conseqüentemente ser interpretada como uma das formas de tédio imposto por este sistema socioeconômico neoliberal globalizado, que borra as antigas divisões espaciais de classe nas grandes metrópoles e centros urbanos.

A metrópole na modernidade tardia “é aquela de fronteiras borradas”, ao contrário da “cidade fordista” da modernidade com sua constituição segregada e distribuição de trabalho em áreas especializadas, a “Chicago de círculos concêntricos”. Na contemporaneidade as demarcações se borram, e a gentrificação incide em espaços deteriorados, onde é impossível às classes sociais existirem separadamente. Não que as forças de exclusão social não sucedam, muito pelo contrário, entretanto a peculiaridade agora se dá em um procedimento que envolve tanto inclusão, quanto exclusão concomitantemente, conforme Young: “uma sociedade bulímica em que inclusão cultural massiva está acompanhada de sistemática exclusão estrutural”. Uma sociedade que assimila e refuga, onde as instituições que perfazem a inclusão, mídia e educação de massa, mercado consumidor e do trabalho, não cumprem apenas o papel da cidadania inclusiva, mas também o lugar de exclusão: o mercado consumidor divulga uma cidadania de consumo divertida, embora a premissa de gastar e muitas vezes até de entrar em complexos comerciais, e muito limitada: no mercado de trabalho, o emprego bem remunerado, seguro e possuidor de sentido, está limitado a uma pequena minoria<sup>740</sup>.

O ressentimento severo do excluído e a fúria punitiva do “cidadão de bem”, existem porque as linhas de demarcação se encontram borradas, o espaço é perpassado, valores são divididos e os mesmos contrassensos de prêmio e ontologia aparecem por toda a sociedade. Porque os espíritos daqueles inseridos e aqueles de fora da “minorias contente” estão longe de serem divergentes, eis que compartilham os mesmos desejos e sentem as mesmas frustrações, pois não existe

---

<sup>739</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 161.

<sup>740</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 354-355.

segurança de lugar ou evidência de ser<sup>741</sup>. A teoria da bulimia proposta por Jock Young compreende tanto inserção quanto repulsa incorporação cultural e expulsão estrutural, como em Merton, mas o ultrapassando ao frisar que essa associação de inclusão/exclusão constrói uma dinâmica de ressentimento de enorme potência<sup>742</sup>.

Deste modo as emoções, sensações e a cognição direcionada para o consumidor necessitam agora ser postas em destaque na criminologia, como fez no passado Robert Merton, e na atualidade não só Jack Katz e Jock Young, mas também Elliott Currie, que compartilha com os outros dois a crença de que a sociedade de mercado cria o crime, promovendo padrões de consumo que a grande maioria das pessoas jamais conseguirá alcançar<sup>743</sup>.

Sem dúvida alguma parcela desta relação tem haver não só com a privação relativa, mas também com o crescente individualismo que prosperou a partir dos 1960, com a série de reivindicações que foram se sucedendo no atendimento por maior igualdade. Isto não diminuiu e sim exacerbou a privação relativa. O “paradoxo da igualdade” se constitui quando diferenciais sociais são reduzidos em determinada medida, mas as diferenças se tornam ainda mais perceptíveis, e com a recessão global dos anos 1980-1990 a situação só se agravou. A privação relativa na contemporaneidade não envolve mais comparações horizontais de classe, e sim perpassam a divisão do mercado de trabalho, inclusive entre os que estão nele quanto seus excluídos. No entanto ela ganha a companhia do individualismo no aumento do mal estar na modernidade tardia em uma “combinação letal”, segundo Young<sup>744</sup>.

A partir dos anos 1970 surge um novo individualismo no âmago da sociedade de consumo, voluntarista, hedonista e instantâneo, concentrado em escolhas pluralistas, formador de novos estilos subculturais e ansioso por auto realização, o que impulsiona os sujeitos a produzir estilos de vida por escolha pessoal na formação da identidade. Esta procura por expressividade majora a procura instrumental de status e sucesso financeiro, que são os referenciais do mundo moderno, e na modernidade tardia se configuram em frustração por sua demanda significativa, tornando-se motivo de tensão do sistema em conjunto com a

---

<sup>741</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 356-357.

<sup>742</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 369.

<sup>743</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 162.

<sup>744</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 79-80.



privação relativa, configurando uma poderosa fonte de desvio, pela escalada de uma cultura de grandes expectativas, tanto materiais, quanto no que toca a auto realização, de uma cultura que enxerga desta forma o sucesso e não está disposta a se sujeitar às determinações de tradições, comunidades ou autoridades se não for atendida nestes desejos: a sociedade de consumo em ascensão, com sua pluralidade de escolhas anunciava não só o deleite dos desejos instantâneos, como do mesmo modo o perfazimento de uma expressão comum ao final do século XX, os estilos de vida, a partir dos quais as pessoas, mesmo que de forma artificial e mercantilizada, constroem identidades multifacetadas<sup>745</sup>.

O crepúsculo da homogeneidade do consumidor à passagem a uma sortida multiplicidade e dinâmica de estilos de vida. Grupos de estilo estão em seguido confronto, eis que “a diversidade pode obstar a diversidade”. O desconforto pela precariedade social, a desilusão de projetos de vida e o desejo podem ceder espaço a uma série de respostas culturais, religiosas e políticas, abrindo possibilidades para alguns e negando-as a outros. Neste contexto homens jovens são impedidos de angariar posições sociais, por serem deixados de lado em uma “irrelevância descartada trancafiada numa situação de emprego estrutural sequer disponível”. Desta forma se encontram excluídos da competição na sociedade meritocrática e ainda permanecem “plugados” a aparelhos de televisão e outras plataformas midiáticas que mostram de maneira lasciva as recompensas e os prêmios da sociedade opulenta<sup>746</sup>.

Desta maneira homens jovens são vitimados por uma profunda negativa de reconhecimento, voltando-se para a construção de grupos de estilo que normalmente envolvem força física, machismo e defesa territorial, na busca por identidade. Como o respeito lhes foi negado, acabam criando grupos que circundam ao entorno dele e de poderes masculinos, estabelecendo divisões entre os próprios grupos, como por exemplo, à parcela da cidade onde vivem, ou como no caso da Geral do Grêmio, para que equipe de futebol torcem<sup>747</sup>. Isto deixa claro que a Geral, assim como as *barras*, torcidas organizadas, *hooligans*, *ultras*, todos estes grupos, possuem esta referência em comum, apesar de suas profundas diversidades, e quando se demarcam como “o outro a combater”, estão fazendo um exercício de

---

<sup>745</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 28-30.

<sup>746</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 30-31.

<sup>747</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 31.

legitimação identitária e reconhecimento de pares diante não só da exclusão ou má inclusão na sociedade contemporânea, como pela insegurança ontológica que esta fugacidade de valores e pluralidade de identidades, estilos e individualidades produz.

A eclosão de uma sociedade mais plural, onde o discernimento da segurança pessoal, de uma existência estável se configura mais incerta, produzindo uma profunda desestabilização. A condição de existência na modernidade tardia envolve necessariamente uma série de escolhas potencializadas oriundas tanto de demandas maleáveis de trabalho, quanto de oportunidades de consumo, por uma dúvida constante de “crenças e certezas estabelecidas” (e aqui Young dialoga com o que já havia sido observado por Durkheim e Thomas), um nível maximizado de autorreflexão, a inexistência de uma trajetória de vida e bibliografia estáveis e a defrontação intermitente com uma diversidade de universos e crenças sociais. Isto tudo gera insegurança ontológica. Ela incide quando a auto identidade não se encontra fundamentada em uma noção de sucessão biográfica<sup>748</sup>.

A noção de sucessão biográfica dialoga muito com o que Howard Becker refere sobre o conceito originalmente desenvolvido de “carreira”, como a continuidade de movimentos de uma categoria à outra em um sistema ocupacional, efetivados por qualquer sujeito que por óbvio esteja incluído nesse sistema. Ademais, abrange a noção de “contingência de carreira”, que são aqueles vetores dos quais necessitam a mobilidade de uma para outra posição. Contingências de carreira abarcam tanto fatos objetivos de natureza social quanto câmbios nas perspectivas, desejos e estímulos do sujeito<sup>749</sup>. Assim na insegurança ontológica as contingências de carreira são instáveis e o sujeito desprotegido se sente no vazio. Quando o “casulo protetor” que seleciona os perigos ao nosso sentido de confiança se torna debilitado e quando a noção determinada de normalidade se embaralha pelo relativismo dos valores vigentes, se instala a insegurança ontológica, com seu relevo na autocriação e na escolha existencial, o individualismo ajuda muito para a materialização desta insegurança, em contraponto a “natureza premente” da profusão de universos sociais paralelos, alguns deles produto desta individualidade primária, danificam qualquer expectativa de fácil aceitação de um valor irrefutável<sup>750</sup>.

---

<sup>748</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 33.

<sup>749</sup> BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**, p. 35.

<sup>750</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 33-34.

Young aponta as principais fontes de diversidade geradoras de insegurança ontológica com as quais o sujeito se depara na modernidade recente: “a diversificação dos estilos de vida” provenientes do individualismo progressivo; a maior integração comunitária, inclusive com a diminuição do tempo de viagem no espaço físico e pelas plataformas de mídia; a interação humana sem fronteiras. Agora o desviante está em toda a parte. Todos são potencialmente desviantes. O outro dissemelhante já não se encontra presente. As culturas, apesar de suas diversidades, se cobrem, justapõem e entrecruzam<sup>751</sup>, e os grupos da cultura de arquivada universal, descritos no presente trabalho, são exemplos exatos destas peculiaridades, o que objetivou sua diferenciação, a par de algumas semelhanças.

#### **4.2.4 O tédio é contrarrevolucionário: das excitações transgressoras à contestação carnavalesca da Geral do Grêmio**

Individualismo, insegurança ontológica, desmoralização, ruptura da estrutura cultural, desorganização social, privação relativa e consequentes adaptações anômicas excitantes, são aspectos que se congregam entorno do tédio na modernidade tardia. E assim como os Wobblies o fizeram no período fordista, na modernidade recente existem aqueles que buscam também combatê-lo, de forma direta ou indireta, objetivamente ou subjetivamente. Grupos como a “Massa Crítica”, que promovendo jornadas ciclísticas em avenidas dominadas pelos automóveis, com música, brincadeiras e adereços, tentam oportunizar a experiência do “faça você mesmo” rompendo com a automatização da rotina do trânsito nas grandes metrópoles, ou o “Ocupe as Ruas”, que se rebelam contra a mesmice da vida moderna e apoderam-se das vias das metrópoles para efetuar eventos comunitários espontâneos de criatividade e deleite. Eles têm o objetivo em comum de romper com a rotina da desilusão diária e possibilitar no cotidiano a expectativa do imprevisível. Neste sentido se constituem de atos de rebelião revolucionária contra o tédio, entendidos como uma batalha contra a moderna e desumanizadora estandarização da experiência e a comercialização da emoção, porque “o tédio é contrarrevolucionário”, eis que a “sociedade suprime todas as aventuras” e estabelece a náusea coletiva nas ações da vida cotidiana, excluindo quem tenta

---

<sup>751</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**, p. 34.

obstaculizar esta realidade, vez que estes e outros movimentos espontâneos são comumente criminalizados pelas instituições de controle<sup>752</sup>.

Mas então pode surgir a interrogação quanto as práticas da Geral do Grêmio e seu “descontrole”, vez que estariam a princípio mais aproximadas de uma atitude mertoniana de evasão ou retraimento, do que de rebelião revolucionária do cotidiano. Acredito que as duas possibilidades são plausíveis, tanto as adaptações anômicas, quanto de atitudes conscientes que buscam combater a mercantilização da emoção ligada ao ato de torcer por uma equipe de futebol, um “não ao futebol moderno”<sup>753</sup>. Entretanto não podemos esquecer que acima destas questões paira a onipresença do perfazimento de excitações, sensações de prazer e emoção pelas práticas do grupo de estilo, sejam elas integrantes do rol interpretado como desvio ou transgressão, sejam as comuns a cultura de arquibancada contemporânea gaúcha, como a ocupação das ruas ao entorno do estádio, para momentos de deleite e confraternização em festivais de espontaneidade pré-jogo, que por sinal na esteira do que Ferrell refere, são muitas vezes alvo das autoridades<sup>754</sup>.

Exatamente o que Mike Presdee revela sobre o controle social e as criminalizações que as instituições formais impõem a este tipo de conduta cultural que busca resistir a intermitente racionalização da vida cotidiana. O envolvimento jovem característico da Geral do Grêmio “tensiona a regulação com a rebelião, o civilizado com o selvagem”, a criminalização destas expressões culturais assim são fortalecidas. A “contestação cultural carnavalesca” da Geral do Grêmio sofre oposição da sociedade majoritária que tenta impor suas próprias expressões culturais ao grupo de estilo<sup>755</sup>, o que justificaria a negativa ao futebol moderno como resposta de resistência a esta imposição. Juntando as duas faces das práticas da Geral do Grêmio temos a integração temporária de aventuras ilícitas e atividades artísticas, carnavalizadas, a adesão à rituais emotivos que precedem a racionalidade

<sup>752</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 346-347.

<sup>753</sup> FACEBOOK. **Não ao Futebol Moderno**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/naoafutebolmoderno/>>. Acesso em 24 fev 2017.

<sup>754</sup> YOU TUBE. **GRENAL 412**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=PltUUCc8JQEVlog>>. Acesso em 07 mar 2017. Especificamente a partir de 13min36seg.

<sup>755</sup> PRESDEE, Mike. **Cultural Criminology and the Carnival of Crime**. London: Routledge, 2000, p. 114.

pré-moderna que propõem experiências antitédio porque recapturam, ainda que de maneira fugaz, a “urgência da experiência humana autônoma”<sup>756</sup>.

Talvez esta busca de identidade e integração contra o tédio pretenda ofuscar o fato inexorável que nós, enquanto habitantes de uma “zona esterilizada de relações impessoais”, apenas somos premiados com uma trégua na interminável batalha contra o isolamento. Uma pausa de *flâner* breve que leva à comunicação ou, com mais frequência à ilusão de comunidade. A bondade das relações impessoais é construída sobre palha. A vida é tornada intolerável com tal rigor cínico, que o equilíbrio prazer-ansiedade das relações impessoais funciona como um dispositivo do mecanismo de destruir sujeitos. Ao que reações contra o tédio devem então ser interpretadas como uma recusa radical e tática, em oposição ao aceite passivo onde um modo de sobrevivência é trocado por outro<sup>757</sup>. Assim grupos transgressores ou criminalizados, como a Geral do Grêmio, que transita entre estas duas esferas, o universo de retraimento e evasão da cultura de barra e as possibilidades de espontaneidade e expressão carnavalizadas da cultura de arquibancada que muitas vezes possuem suas fronteiras borradas, se ocupam com a inventividade de meios para violar o projeto modernista do tédio<sup>758</sup>.

Críticas são direcionadas a esta perspectiva criminológico-cultural no sentido de que ela se inclinaria demais em confundir crime e resistência diária ao capitalismo tardio, minorando o efetivo dano da transgressão. No entanto a criminologia cultural explora não só as “eflorescências de resistência e transgressão”, mas o estorvo, a repetição, a aquiescência de todos os dias, e outras perspectivas mundanas da coletividade e da criminalidade. Uma atenção ao significado e as peculiaridades microsociais que possibilitam analisar “as práticas monótonas da pirataria de DVD, o enfadonho comércio da falsificação de componentes automotivos”, ou como se constituem os universos velados de grupos de estilo como as gangues, os grafiteiros<sup>759</sup>, ou da cultura de arquibancada como a Geral do Grêmio.

---

<sup>756</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 348.

<sup>757</sup> VANEIGEM, Raoul. **The revolution of everyday life**. Translated by Donald Nicholson-Smith. 2ª. Ed. London: Rebel Press, 2001, p. 42.

<sup>758</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 348.

<sup>759</sup> HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. **Sistema Penal e Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS**, p. 210.

Conforme Ferrell<sup>760</sup>, Vaneigem também propõe uma resposta a esta questão quando refere ao discurso de um homicida de dezesseis anos que explicou: “Eu fiz isso porque estava entediado.” Qualquer indivíduo que possua uma sensação de autodestruição crescendo dentro de si, tem a idéia de que o desânimo um dia pode impulsioná-lo a matar os gestores do seu tédio. Um dia. Se ele estiver na “prize” na “panca”. Se não majorar seu desejo de unidade interrelacional com a sociedade, em um mesmo nível coerente entre teoria e prática. Então o incomensurável silêncio dos espaços abertos da sociedade construirá o “palácio da loucura” solitária ao seu entorno<sup>761</sup>.

A criminologia cultural trabalha com a hipótese muito bem estruturada do ato de transgressão possuir emoções distintas em si, atrações e compensações que por si só justificam sua prática e que se encontram presentes desde o assassinato à sangue frio<sup>762</sup>, a pungas ou vandalismo, contestando o ideário racional-positivista de que ele apenas materializava a ruptura e transgressão do contrato social pelo agente, enquanto era mecanicamente impelido para algum fim. A transgressão significativamente não é apenas uma escolha racional como na construção de Cohen<sup>763</sup>, uma questão de sujeitos que apenas buscam os rasgos na rede de controle social, mergulhando e saltando por eles<sup>764</sup>. Pelo menos desde que Katz voltou sua atenção para as atrações estéticas e emocionais da experiência criminal, contestando as abordagens exclusivamente estruturais e racionais do crime em contraposição a experiência transcendental, apaixonada e sobremodo autêntica<sup>765</sup> que ele é para quem o comete<sup>766</sup>.

#### 4.2.5 Edgework: o controle pelo “descontrole”

Existem transgressões que detêm um forte componente expressivo, como o furto de veículos com o fito exclusivo de “dar uma banda”, ou seja, furtá-lo apenas

<sup>760</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 348.

<sup>761</sup> VANEIGEM, Raoul. **The revolution of everyday life**, p. 42-43.

<sup>762</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p.274-309.

<sup>763</sup> COHEN, Stanley. **Visions of social control**. Cambridge: Polity press, 2007, p. 41-42.

<sup>764</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 71

<sup>765</sup> LYNNG, Stephen. Crime, edgework and corporeal transaction. **Theoretical Criminology**. London; Thousand Oaks; New Delhi, n.º 8 (3), 2004, p. 361.

<sup>766</sup> YOUNG, Jock. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 345-372.

para poder usufruir do prazer de sua direção<sup>767</sup>, abandonando-o logo após que a excitação se dissipa. Ou o avanço ilimitado à semáforos fechados ao conduzir o automóvel, mantendo-o intermitentemente em uma mesma velocidade<sup>768</sup>.

Sobre o *joy-riding*, Katz refere que ele captura uma forma de evasão do agente frente a realidade, em uma prática que o mais importante se constitui na celebração do estilo, e não a manutenção da *res furtiva*, ou o objetivo de através do veículo chegar-se à algum lugar em particular por escolha racional<sup>769</sup>. Estes exemplos oferecem uma rica expressividade emocional como fim, em um meio ilícito para nela se chegar, ajudando o sujeito a fugir mesmo que momentaneamente, de uma realidade social desfavorável, por exemplo<sup>770</sup>. Paralela à alienação e o tédio da rotina da vida cotidiana em um universo de automatização humana forçada, encontram-se atividades que ofertam a oportunidade de excitação e controle do próprio destino<sup>771</sup>. Na criminologia cultural, a análise dos elementos de excitação e adrenalina que envolvem transgressão, emoção e identidade foram aprofundados pelas pesquisas de Stephen Lyng e Jeff Ferrell acerca do conceito de *edgework*<sup>772</sup>. Momentos de espontaneidade como a ocupação das ruas pela Geral do Grêmio são acompanhados de outras inúmeras insurreições e pequenas rebeliões contra a rotina cotidiana, igualmente avessas à prostração e à norma. Mergulhando no infinito dos paraquedistas ou dirigindo carros em alta velocidade<sup>773</sup>. Ações que podem ou não ser transgressoras ou desviantes, mas que são todas atividades-limite onde se pode testar inclusive a própria vida em casos extremos. Também se pode classificar toda uma série de transgressões como *edgework* urbano: o *graffiti* ou o “picho”, o

<sup>767</sup> No original: *joy-riding*. In: HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 166.

<sup>768</sup> No original: ‘*car cruising*’ In: HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 166.

<sup>769</sup> KATZ, Jack. **Seductions of crime**, p. 52.

<sup>770</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 166.

<sup>771</sup> FENWICK, Mark; HAYWARD, Keith. Youth crime, excitement and consumer culture: the reconstruction of aetiology in contemporary criminological theory. In: PICKFORD, Jane (Ed.). **Youth Justice: Theory and Practice**. London: Cavendish Publishing, 2000, p. 49.

<sup>772</sup> Atividade-limite. O termo *edgework* é utilizado por Jeff Ferrell e Stephen Lyng para designar “situações-limite”, “situações de risco”. Em outros momentos Ferrell utiliza o termo *edgeworkers* para referir pessoas que vivem *on the edge of danger* (“na iminência do perigo”) – *on the edge* significa “na beira”, “na borda”, “no limite”. Se a tradução de *edgework* como “situações limite” ou “situações de risco” permite que o leitor encontre o significado mais próximo do original, o mesmo não ocorre com o termo *edgeworkers*. Em distintos momentos a tradução pode variar, conforme o contexto utilizado, podendo ser compreendido como “aventureiros”, “ativistas” ou, inclusive, em alguns casos, como “vanguarda”. In: FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 347, nota 05.

<sup>773</sup> FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, p. 347.

confronto físico, o combate premeditado ou não entre integrantes da Geral do Grêmio e da Popular do Internacional, assim como de outros grupos de estilo da cultura de arquibancada, ou de grupos de galera funk, ou na promoção de arrastões por “bondes” suburbanos. Todas estas atividades se constituem em tentativas de construir a autoestima, pelo envolvimento em práticas arriscadas no limite metafórico<sup>774</sup>.

O exemplo etnográfico vivenciado e descrito no início deste capítulo naquele Grenal é outro exemplo: a adrenalina de confrontar adversários e atacar a “chatice” racionalizada da torcida mista, sob o risco de a qualquer momento serem surpreendidos pela polícia militar e acabarem detidos. Eu mesmo senti o coração pulsar acelerado e a energia daquele momento, apesar de minha condição de etnógrafo forçar meu cérebro a alertar-me de que ali não deveria estar. Outro exemplo foi o confronto com a tropa de choque envolvendo Nonoai e os demais integrantes da Banda presentes. A grande maioria estava ali para defender a honra do grupo frente aos “porcos”<sup>775</sup>. Mas não era apenas raiva e defesa da honra do grupo, eles também pareciam excitados a se divertirem com o conflito, frente as manifestações de autoestima e “estofamento do peito” que se seguiram.

Quando Ferrell realizou seu trabalho de campo junto aos grafiteiros de Denver, observou que o arrebatamento que sentiam por se encontrarem em uma peripécia à noite com outros dos seus, de verem sua arte tomar forma na parede de um beco, era um fato em si, mas o roubo de fazer tudo isso quando os meios de comunicação os rotulavam como a pior ameaça criminosa da cidade, quando o próprio prefeito se tornava exageradamente autoritário pelo “problema local do grafite”, quando mesmo a polícia efetuava buscas com canhões de luz e patrulhamento específico para tal fim, isto sim era algo diferenciado<sup>776</sup>. Adaptando à realidade brasileira atual, a partir de Ferrell se pode concluir que a política da “cidade linda” do atual prefeito de São Paulo, João Doria Júnior, em sua insistência em destruir e criminalizar estas atividades<sup>777</sup>, apenas reforçam o caráter de *edgework* urbano destas práticas.

<sup>774</sup> HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**, p. 166.

<sup>775</sup> Expressão popular nominativa de policiais militares.

<sup>776</sup> FERRELL, Jeff. **Crimes of Style: urban graffiti and the politics of criminality**, 1996, p. 83.

<sup>777</sup> EL PAÍS. **A ‘maré cinza’ de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199\\_418307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html)>. Acesso em: 04 fev 2017.



De fato, as instituições formais reforçam o caráter transgressor e oportunizam a formação de um quadro favorável ao perfazimento de atividades-limite nas metrópoles, afinal, quanto mais arriscado, mais excitante e maiores as oportunidades de se testarem limites e autocontrole. Ferrell aprimorou esta dinâmica relacionando atividades-extremas diretamente com a criminalidade, a justiça criminal e a emoção: se o *edgework* acende uma "corrida por adrenalina" viciante, com sua mistura explosiva de risco e habilidade, *edgeworkers* só irão aumentar o limite de seu *edgework*, forçando-os a aprimorar ainda mais suas habilidades para escaparem ao controle institucional e assim aumentarem a corrida por doses maiores de adrenalina que as instituições de controle tentam frear<sup>778</sup>.

No caso da Geral do Grêmio, quando ao invés de fechar as ruas ocupadas pela Banda em dias de jogos e desviar o trânsito, as autoridades preferem deslocar a tropa de choque à cavalo, substancialmente à frente do Bar do Ito, por exemplo, de alto valor de pertencimento territorial, onde os brigadianos se postam à frente da Torcida, enquanto ela em resposta realiza cânticos, dentre os quais alguns que elevam sentimentos de batalha e pertencimento, organizam a possibilidade de um confronto que além da excitação e tentativa de controle de uma atividade-limite, engloba também uma profecia que se realizará automaticamente. Tratar os integrantes da Torcida, entre eles inclusive aqueles que não integram o núcleo *aguantador* da Banda, de forma genérica como desviantes, produz esta profecia autorrealizadora. Segundo Becker, ela "põe em movimento vários mecanismos que conspiram para moldar a pessoa segundo a imagem que os outros têm dela"<sup>779</sup>.

Em todas as atividades-limite, sejam ou não transgressoras, os participantes não estão nem perigosamente "fora de controle", muito menos imbuídos de algum extinto masoquista de autodestruição pelo desejo de morte. Muito pelo contrário. Eles testam seu autocontrole forçando-o no limite, e se envolvem no *edgework*, em busca de adrenalina e endorfina, certeza existencial e identitária: "Eles perdem o controle para assumir o controle". O controle então não pertence mais ao sistema, e sim a sua própria vontade e livre arbítrio. O *edgework* funciona como um meio de recuperarem suas vidas ao arriscá-las, uma maneira de reação contra as "forças não identificáveis que roubam a escolha individual". Stephen Lyng, por exemplo, enfatiza que o *edgework* permite que os participantes instrumentalizem as mesmas

---

<sup>778</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 72

<sup>779</sup> BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**, p. 44.

habilidades de uma forma notoriamente perigosa, fazendo com que se aproximem cada vez mais de uma distinção que as outras pessoas não podem ter. Afinal de contas, quanto mais técnica na performance em ondas gigantes um surfista desenvolve, por exemplo, mais ao limite ele pode se jogar, e quanto mais um risco é assumido, mais sofisticadas essas técnicas devem se tornar<sup>780</sup>. O relato de Lyng centra-se nos esportes radicais, enquanto a criminologia cultural foca na transgressão. Embora notoriamente perigosas, essas práticas oportunizam uma forma de ser em que a assunção do controle é feita através de um ato intencional de descontrole. A sedução da transgressão não se encontra exclusivamente conectada à excitação comum dos atos envolvidos, mas também nos sentimentos que dão origem à auto expressão e realização. É através destas atividades que os indivíduos se sentem vivos.<sup>781</sup>

A vontade de se sentir vivo e os sentimentos de auto realização e expressão comuns ao *edgework*, detentor da particularidade de englobar tanto práticas transgressoras de grupos de estilo, quanto de esportes radicais, rumam em paralelo. Mas na Geral do Grêmio, tais caminhos chegaram a se cruzar abrindo a perspectiva de que o ponto de encontro dos trabalhos de Ferrell e Lyng se confirmam mesmo em sociedades ocidentais culturalmente divergentes, mas que possuem o traço comum da tediosa globalização neoliberal baseada no consumo de bens de satisfação pessoal, na medida que um notório integrante de destaque de um dos subgrupos da Banda, que limitava seu *aguante* exclusivamente ao alento, ir o máximo possível onde o Grêmio estivesse, e no afeto extremo ao clube, era um notório e experiente *skydiver* gaúcho, o paraquedista Andrei Penz, que no dia 19 de junho de 2015 ultrapassou ao acaso o limite que desafiava, quando por uma falha técnica seu paraquedas não abriu, levando-o ao óbito<sup>782</sup>. A vontade de se sentir vivo e de caminhar à beira do abismo cobrava um preço injusto.

A morte de Andrei mobilizou não só o Canteiro, mas a Geral do Grêmio e o próprio clube. O Grêmio promoveu um minuto de silêncio durante a partida contra o Palmeiras ocorrida na Arena pelo campeonato brasileiro um dia depois de seu

<sup>780</sup> FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An invitation**, p. 72

<sup>781</sup> FENWICK, Mark; HAYWARD, Keith. Youth crime, excitement and consumer culture: the reconstruction of aetiology in contemporary criminological theory. **Youth Justice: Theory and Practice**, p. 49.

<sup>782</sup> G1. **Paraquedista brasileiro morre durante salto nos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/paraquedista-brasileiro-morre-durante-salto-nos-estados-unidos.html>> Acesso em 04 fev 2017.

falecimento<sup>783</sup>. A Geral<sup>784</sup> dedicou um de seus cânticos ao integrante naquele dia: “Por isso Grêmio um campeonato somente te peço... para os gremistas que lá do céu cantam comigo... tu não os vê... não os toca... mas estão presentes... vários momentos inesquecíveis me vêm à mente...”. Estive no Canteiro no dia 1.º de julho daquele ano para o jogo contra o Cruzeiro e recebi de um dos amigos de Andrei uma pulseira azul de borracha que todos do grupo utilizavam naquela ocasião com as inscrições: *#livelikeAndrei*<sup>785</sup>, *#livinglove*<sup>786</sup>.



Figura 8. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O sentimento de pertencimento e identidade perpassava o ar. Dois anos e cinco meses depois desta oportunidade, no dia 07 de dezembro de 2016, horas antes da final da Copa do Brasil que daria o pentacampeonato ao Grêmio de Football Porto Alegre, quebrando um jejum de títulos nacionais que já durava 15 anos, podia se ver no Canteiro um enorme trapo estendido entre as copas das árvores com a figura de Andrei nele grafitada em mais um salto radical rumo ao limite, com uma das inúmeras camisas do Grêmio que fazia questão de usar em

<sup>783</sup> TWITTER. **Grêmio FBPA: O minuto de silêncio antes da partida de hoje homenageou o paraquedista gremista fanático Andrei Penz, que faleceu nessa semana nos EUA.** Disponível em: <<https://twitter.com/Gremio/status/612410981193531392>>. Acesso em: 04 jan 2017.

<sup>784</sup> GRÊMIO avalanche. **Gremista fanático, paraquedista morto nos EUA poderá ter cinzas na Arena.** Disponível em: <<http://www.gremioavalanche.com.br/news.asp?nID=11449>>. Acesso em: 04 jan 2017.

<sup>785</sup> Figura 8.

<sup>786</sup> Figura 9.

cada salto. Para o grupo Andrei não poderia deixar de estar presente de alguma forma naquele momento. A afetividade simbólica de um trapo conformava esta intenção. De certa forma, e à sua maneira particular, aqueles rapazes repetiam a prática referida por Czesli em sua pesquisa envolvendo a morte de Christian *El Chino* Otero<sup>198</sup>: aqueles que se perderam, perduram no tempo. Assim o grupo do 340 recordava dele e o mantinha vivo.



**Figura 9. Fonte: Arquivo pessoal do autor.**

O significado da aceitação voluntária de perigo direciona seu foco para características analiticamente relevantes da experiência do risco assumido: as indiscutíveis habilidades que delimitam a prática e as portentosas sensações que seus praticantes tanto valorizam. O que leva os indivíduos à estas e outras atividades-limite é a característica imensamente sedutora da experiência em si. Como os próprios participantes revelam, o fazem porque é divertido. Estudos empíricos sobre atividades de admissão de risco também dão guarida subjetiva à visão de que o *edgework* funciona como canal de escape de condições sociais que fabricam identidades frágeis, carentes de perspectivas para a modificação interpessoal. Assim sendo, grupos organizados como a Geral do Grêmio, que perfaz

atividades-limite e aventuras, proporcionam abrigo para atores sociais afrontarem um meio institucional e formal que não sustentam suas carências de forma plena<sup>787</sup>.

Assim o descontrole formado pela Geral do Grêmio, nada mais é do que uma forma de assumirem o controle de suas vidas e testarem seus limiares em confrontos com rivais, resistindo e expandindo os limites do consumo de álcool e drogas, perfazendo práticas arriscadas como a escalada de alambrados e a realização de avalanches. A Geral do Grêmio em seu descontrole mantêm viva a chama da espontaneidade de seus integrantes. O descontrole da Geral faz com que seus membros escapem do controle institucional e assumam o leme de suas existências. Neste nível buscam experiências de risco assumido para alcançarem a determinação pessoal e a transcendência em um ambiente de super-regulação social<sup>788</sup>. As atividades-limite operam como um exercício de autocontrole pelo descontrole: borrachos sim, bêbados engolemados não. Subir no limite, na borda de alambrados sim, “pagar mico” caindo ou demonstrando medo não. Se “bançar” e enfrentar os rivais em combate sim, perder o controle e ter de fugir não. Entretanto não é o autocontrole em si que importa, não como num rigoroso regime autodisciplinar. É autocontrole no lugar de controle pelas instituições formais, determinado na compreensão de que quem não controla a si mesmo, é controlado por alguém. É autocontrole por necessidade de autodeterminação. Autocontrole no interesse de agarrar-se à vida enquanto se deixa levar<sup>789</sup>. Se a Geral do Grêmio é definida através de sua organização estética e simbólica, a criminologia cultural demonstra que ela também é determinada pela intensidade de sentimentos e experiências coletivas instantâneas, um inflamado coletivo de risco, destreza e perigo que conforma a participação e a adesão ao grupo de estilo<sup>790</sup>.

---

<sup>787</sup> LYNG, Stephen. Edgework and risk-taking experience. In: LYNG, Stephen (ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge, 2004, p. 04-06.

<sup>788</sup> LYNG, Stephen. Edgework and risk-taking experience. **Edgework: the sociology of risk-taking**, p.10.

<sup>789</sup> FERRELL, Jeff. The Only Possible Adventure: Edgework and Anarchy. In: LYNG, Stephen (ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge, 2004, p. 81.

<sup>790</sup> FERRELL, Jeff. Cultural Criminology. **Annual Review of Sociology**. Palo Alto, nº. 25, 1999, p. 404. Disponível em: <[www.annualreviews.org](http://www.annualreviews.org)>. Acesso em: 02 jan 2017.

## CONCLUSÃO

Ao fim de tudo se pode afirmar que a Geral do Grêmio é um grupo de estilo que transita entre práticas violentas estilizadas e a cultura de arquibancada gaúcha, conceituando esta última como as manifestações espontâneas, carnavalescas e festivas que envolvem a procura de diversão, confraternização e o envolvimento sócio cultural comum ao futebol no país, com os devidos traços da cultura e do folclore construído no estado, agregada de influências platinas. Tanto quando opta por materializar práticas e códigos de conduta violentos, quando exerce rituais festivos e de pertencimento pacífico, a Geral mesmo que não o faça de maneira totalmente objetiva, esboça uma reação contra o tédio na modernidade tardia: o autocontrole pelo descontrole, e assim é criminalizada.

Mas afinal ela seria ou não uma *barra*? Assim como o objeto central de investigação de William Thomas era a formação de um grupo coerente, sem os elementos originalmente incoerentes: a criação de uma sociedade com estrutura e atitudes prevalentes que não fossem nem polonesas, nem norte-americanas, mas que constituíram um produto novo, específico, cujas fontes foram em parte escritas pelas tradições polonesas, em parte pelas novas condições nas quais viviam, e como viam e interpretavam os valores sociais norte-americanos, a mesma situação pode ser aplicada genericamente a Geral do Grêmio, mas obviamente com diferenças complexas.

Neste sentido a formação da Geral a aproxima das *barras*, aliás, no meu entendimento, mais do que *hinchadas* chilenas, colombianas, bolivianas, venezuelanas, paraguaias, peruanas ou mexicanas, vez que o símbolo folclórico identitário mitológico do gaúcho campeiro, agregado a peculiaridades geográficas e socioculturais, oportunizam esta construção. Vale lembrar que o caráter pré-construído da “história” instilada pela classe dominante, desde a fundação do Partenon Literário, passando pela criação do MTG e institucionalização do “gauchismo” com a fundação do Instituto de Tradições e Folclore e oficialização da “Semana Farroupilha”, corroboraram para inscrever na “objectividade das organizações sociais e nos cérebros”<sup>513</sup> esta “verdade”, assim como aquelas produzidas no contexto do código de conduta do grupo de estilo estudado, e que pela natureza das convenções do que é estabelecido socialmente pelo ser humano,

possuir consequências reais (muito embora tenham sido ficticiamente construídas) legitimando a Geral, o entendimento de que ela se assemelha a uma torcida de barra não só é possível, como plenamente aceitável neste contexto.

O resto é bricolagem conforme analisa Bernardo Buarque de Hollanda, ou influência da língua espanhola. Assim a Geral não seria uma *barra* tal e qual às argentinas e uruguaias, mas para seus membros, e para a quem a vê sob a perspectiva das construções sociais aqui evocadas; uma *barra*. Uma *barra* gaúcha: nem uma *barra* argentina, muito menos uma torcida organizada brasileira. Também não possui a dimensão de violência consolidada como de suas primas argentinas, mas toda sua estrutura é muito assemelhada, o que muda em parte é sua dimensão, de menor incidência, e da influência da cultura de arquibancada originária das torcidas organizadas brasileiras que permaneceram em sua base. Daí a comparação com o trabalho de Thomas: um grupo de estilo com estrutura e atitudes prevalentes que não são nem brasileiras, nem argentinas, mas que constituíram um produto novo, específico, cujas fontes foram em parte formadas pelas tradições da cultura de arquibancada brasileira, em parte pelas formas como viam e interpretavam os valores da cultura de arquibancada argentina. O integrante da Geral traz consigo antigas tradições e atitudes das torcidas organizadas, até porque a Geral do Grêmio foi formada em parte por ex-integrantes da Torcida Jovem do Grêmio, mas não a organização hierárquica, as práticas e os rituais da antiga torcida, com raras exceções na execução de alguns cânticos.

No que diz respeito à legitimação de suas práticas violentas, fronteiras se borram e temos a conjugação estética do *aguante* com a penetração enviesada do ethos guerreiro das organizadas e de outros grupos de estilo jovens violentos que se interpenetram.

Na comparação com a Popular do Inter, algumas diferenças são notadas, apesar de que os mesmos pormenores que referi também valem para a *barra* do Internacional, no que toca a sua legitimidade. A diferença que observei na breve etnografia que realizei na Popular é uma influência maior do ideário das torcidas organizadas brasileiras. Talvez porque no Internacional tenha se consolidado uma tradição mais arraigada da cultura de arquibancada brasileira. Exemplo disto ainda é a forte presença e influência da Camisa 12.

Como outros grupos de estilo, a Geral do Grêmio é o resultado dos dilemas sociais e econômicos da modernidade tardia: a conjugação de insegurança

ontológica e privação relativa em um universo globalizado sem referências culturais suficientemente heterogêneas, que forcem os indivíduos a buscarem refúgio na criação de alternativas de pertencimento que lhes sejam familiares. Neste sentido o pertencimento clubístico, ainda mais no dicotomizado futebol gaúcho, é uma opção que traz segurança. Emoções, sentimentos, busca de excitação, autocontrole, personalidade e revolta contra o controle social formal também completam este quadro. Frente a estas observações, “cai por terra” qualquer noção que busque reduzir a complexidade destes envolvimento ao mero vandalismo, ou o que é pior, rotulando as ações e práticas do grupo como se fossem atrelados aqueles inerentes às classes sociais menos privilegiadas. Adaptando o que Jock Young afirma à sociedade urbana ocidental na contemporaneidade, tratando-se da Geral, as fronteiras entre subclasses e classes privilegiadas são borradas. Ademais a privação relativa que serve de catalizador para os sentimentos transbordados na Geral do Grêmio não possui classes sociais e gêneros. De fato, desde as práticas mais libertárias de ocupação das ruas e confraternização cultural carnavalizada, até os atos de violência física mais extremada, tanto uns, quanto outros são praticados sem distinção de posição ou classe social. O exemplo etnográfico que dei no último capítulo é significativamente esclarecedor quanto a este contexto.

Assim se buscou na presente dissertação demonstrar a complexidade deste grupo de estilo da cultura de arquibancada gaúcha contemporânea, fazendo-o mediante um quadro comparativo com as *barras* originárias, agregando às particularidades folclóricas, socioculturais e geográficas nativas, a uma hipótese analítica vinculada à criminologia cultural. Não há dúvida de que as práticas da Geral do Grêmio são significativamente tentadoras para quem não tem muito a esperar de diversões e estímulos capitalistas mecanizados e detêm afeto significativo para com o clube a qual ela pertence. A Geral do Grêmio transpira espontaneidade, e esta espontaneidade muitas vezes esbarra inclusive nos interesses econômicos que envolvem o futebol enquanto indústria do entretenimento, o que explica porque ela é tão estigmatizada, muito embora suas práticas violentas, que de maneira genérica, do que observei, se limitam a um grupo numérico de menor expressão.

O que se apreende pelas conclusões que tirei conjugando o trabalho etnográfico com as premissas ofertadas pela criminologia cultural, é de que longe de significarem uma violência justificada exclusivamente em si mesma, explosões de masculinidade agressiva correspondem para além da justificativa emocional de



pertencimento, em uma via para pôr em prática um sedutor jogo agonístico que busca o autocontrole pelo desafio dos próprios limites físicos, que vão desde resistir a confrontos com adversários sem demonstrar medo, ou enfrentar intempéries climáticas com o fito de alentar sem parar o Grêmio, até o consumo excessivo de álcool e drogas, sem transparecer os efeitos indelévels de sua ingestão. É o controle pelo descontrole, em práticas que se coadunam com aquelas conceituadas pelos criminólogos culturais como *edgework*.

Se os predicados grupais de estilo da Geral do Grêmio não trouxessem excitação e uma via alternativa de escape para a rotina da vida comum de todo o dia, para o marasmo do cotidiano pasteurizado de diversões preconcebidas, se não proporcionassem excitação, sedução e encantamento espontâneos, provavelmente nem mesmo suas práticas mais violentas, assim como todas as outras, sequer existiriam. E é aí que surge a importância crucial de se ter interpretado estas situações pelo viés do paradigma criminológico cultural. Do contrário não teria chegado aos resultados conclusivos que apontam para a necessidade de interpretar a violência e as demais práticas do grupo como uma válvula emotiva de escape do tédio da sociedade ocidental globalizada.

Assim sendo, longe de se cometer o mesmo erro praticado pelas instituições do controle social formal, que preferem optar por uma via criminológica ortodoxa, deixando de analisar o problema de forma mais aproximada e preferindo atuar através de uma repressão pura e simples, de viés positivista e contaminada por reducionismos, a tomada de consciência da complexidade e significado das práticas e dos rituais da Geral do Grêmio, inclusive de seus profundos valores culturais identitários, conjugados aos paradigmas apresentados pela criminologia cultural, dentre os quais, as conceituações de *edgework* e as assertivas katzianas, aplicadas à base construída por Durkheim e consolidada por Merton, se tornam a via adequada para entender de forma plena o fenômeno analisado.

O objetivo da presente dissertação foi então trazer à luz estas considerações. De corroborar para a compreensão da complexidade da Geral do Grêmio. Porque apenas a partir do estudo pormenorizado de suas práticas e rituais, do que significam para o grupo, bem como a forma como elas afetam as pessoas ao seu redor, é que se poderá por via de uma política criminal inclusiva e aproximativa, a par do que as práticas grupais significam a estes indivíduos, se estabelecer bases mais estáveis de contenção dos excessos que possam vir a ser cometidos. Sem

esta intenção e conhecimento, estaremos fadados a repetir hipóteses criminológicas deterministas e insuficientes, que longe de resolverem o problema que se proporam a resolver, apenas aumentarão o nível de ressentimento e conseqüentemente de violência. Aliás, está e a realidade que se apresenta pelo atual quadro de atuação do controle social formal na sociedade gaúcha. Chegou à hora de mudar este paradigma político-criminal.

## REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. **Crônicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. El aguante: una identidad corporal y popular. **Revista Intersecciones en antropología**. Olavarría, n. 9, jan/dez 2008.

\_\_\_\_\_. Identidades corporales: entre el relato y el aguante. **CAMPOS – Revista de Antropologia Social**. Curitiba, ano 8, nº.1, 2007.

\_\_\_\_\_. ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. La moral de los ‘inmorales’. Los límites de la violencia según sus practicantes: el caso de las hinchadas de fútbol. **Anuario de Estudios en Antropología Social**. Buenos Aires: vol. 2, 2005, p. 143-156. Disponível em: <<http://cas.ides.org.ar/files/2012/09/Anuario-EAS-2005.pdf>>. Acesso em: 20 dez 2015.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verônica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. In: DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte**. Porto Alegre: UFRGS, n. 30, jul/dez 2008.

ALABARCES, Pablo et al. Aguante y represión: fútbol, violencia y política. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO-ASDI, 2000.

ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas Organizadas e policiamento no Brasil. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, jan/jun 2013.

\_\_\_\_\_. O esporte que vendeu a sua alma: Como o rude desporto bretão se tornou um ramo privilegiado da indústria do entretenimento. **Revista Piauí**. São Paulo: Folha de São Paulo, número 15, dez 2007. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ARAGÓN, Silvio. La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas em Buenos Aires. **Revista Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, n. 17, mar/ago. 2011, p. 03-04. Disponível em: <[www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1702.pdf](http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1702.pdf)>. Acesso em 05 mar 2016.

\_\_\_\_\_. **Los trapos se ganan en combate**: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro. Lanús: Antropofagia, 2007.

ARCHETTI, Eduardo. **Comedia y tragédia en el discurso de los hinchas argentinos**. Biblioteca Virtual Ciencias Sociales Deporte. Disponível em: <<http://members.tripod.com/bibliosports/biblio.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino.** Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2001.

\_\_\_\_\_. El potrero y el pibe: territorio y pertencia em el imaginário del fútbol argentino. In: DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Revista Horizontes antropológicos: antropologia e esporte.** Porto Alegre: UFRGS, número 30, jul/dez 2008.

\_\_\_\_\_. El deporte en Argentina (1914-1983). **Revista Trabajo y Sociedad.** Santiago del Estero, n. 7, v. 6, jun/set 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/exemplar/206663>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Revista Desarrollo Econômico.** Buenos Aires, n. 139, v. 35, out/dez 1995, p. 440. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3467209>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

AZUL, Blanco y Negro: Club Almagro (6 enero de 1911). **Pasion sin fronteras.** Disponível em: <<http://azulblancoynegro1.blogspot.com.br/2007/06/el-aguante-tricolor-almagrogremio-vs.html>>. Acesso em: 04 jan 2017.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal:** introdução à sociologia do direito penal. 6. ed. Tradução de Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRABRAVA Hinchadas de Fútbol. **Racing Club. La Guardia Imperial. Amistades y enemigos.** Disponível em: <<http://barrabrava.net/racing-club/la-guardia-imperial/historia/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno.** Tradução de Maria Manuela Alberty. v. 1. Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_. **O pensamento europeu moderno.** Tradução de Maria Manuela Alberty. v. 2. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2003.

BBC - British Broadcasting Corporation. **Fifa's report into ISL scandal is just window dressing.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/football/22355455>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. 11. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papiрус, 2014.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Revista Razón y Palabra**. Ciudad del México, n. 69, 2009.

BUFORD, Bill. **Entre vândalos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CABRERA, Nicolas Eduardo. Uma aproximación etnográfica sobre la hinchada de Belgrano: violencia, identidad y poder em “Los Piratas”. **Revista del Museo de Antropología**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, n. 07, abr. 2014.

CASTRO LOZANO, John Alexander. Etnografía de hinchadas en el fútbol: una revisión bibliográfica. **Revista Maguaré**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 24, set. 2010.

CBF - Confederação Brasileira de Futebol. **Ranking nacional dos clubes**. Disponível em: <[http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161213132531\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161213132531_0.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2016.

CELESTINO, Teresa. Globalización y origen de las barras la adicción y los libres y lokos. **Revista Razón y Palabra**. Ciudad del México, n. 69, 2009.

CIFRA CLUB. **A Banda Louca De Paulão**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/1323811/letra/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **A Vocês Quero Perguntar**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/1761903/letra/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Correram Da Geral No Beira-Rio**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/913404/letra/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Eu Só Quero Vencer Lá No Chiqueiro**. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/geral-do-gremio/797984/letra/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

CLICRBS. **BM prepara esquema especial para os torcedores do Boca**. Disponível em: <<http://clicrbs.com.br/especial/sc/sos-sc/19,0,1534759,>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Luiz Zini Pires: a torcida mista já faz parte da cultura do Gre-Nal**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2016/06/luiz-zini-pires-a-torcida-mista-ja-faz-parte-da-cultura-do-gre-nal-6262169.html>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **VÍDEO: Drone com “Fantasma da “B” sobrevoa o Beira-Rio durante Inter x Cruzeiro**. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/video-drone-com-fantasma-da-b-sobrevoa-o-beira-rio-durante-inter-x-cruzeiro-182780.html>> Acesso em: 23 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **Violência Futebol Clube: Os barra bravas dos pampas**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2007/04/violencia-futebol-clube-os-barra-bravas-dos-pampas-1479797.html>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

CLUBE da luta. Direção: David Fincher: 20th Century Fox, 1999, 1 DVD (139 min), NTSC, color. Título original: “Fight Club”.

COHEN, Stanley. **Visions of social control**. Cambridge: Polity press, 2007.

COIMBRA, David; NORONHA, Antônio; SOUZA, Mário Marcos de. **A História dos Grenais**. 2. ed. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, 1992.

CRIOLO. Grajuex. In: CRIOLO. **Nó na orelha**. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD. Faixa 6.

CZESLI, Federico. Morir por Platense. Adversidad y temporalidad como estructuras perceptivas en una hinchada de fútbol. **Revista del Museo de Antropología**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, n. 07, abr. 2014.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência.** São Paulo: Saraiva, 2013.

DORFMAN, Adriana. Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil-Uruguai. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço.** Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7444335/Nacionalidade\\_doble-chapa\\_novas\\_identidades\\_na\\_frenteira\\_Brasil-Uruguai](https://www.academia.edu/7444335/Nacionalidade_doble-chapa_novas_identidades_na_frenteira_Brasil-Uruguai)>. Acesso em: 03 jan 2017.

DREXLER, Jorge. Data data. In: DREXLER, Jorge. **Bailar en la Cueva.** Madrid: Warner Music Spain, 2014. 1CD. Faixa 3.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** 2. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O suicídio: estudo de sociologia.** Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EL PAÍS. **A 'maré cinza' de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas.** Disponível: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199\\_418307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html)>. Acesso em: 04 fev. 2017.

ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia.** Tradução de Ney Fayet Júnior. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2009.

ELEIÇÕES 2016. **Alemão da Geral.** Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/alemao-da-geral/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Gaúcho da Geral.** Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/gaucha-da-geral/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ESPORTE uol. **Por confusão no Beira-Rio.** Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/08/04/ult59u103365.jhtm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

ESTADÃO. **Os 20 anos da briga que mudou a história das torcidas.** Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,os-20-anos-da-batalha-do-pacaembu--tragedia-que-chocou-o-brasil,1744717>>. Acesso em: 30 out. 2016.

FACEBOOK. **Não ao Futebol Moderno**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/naoaofutebolmoderno/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Torcida Organizada Super Raça Gremista**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/superracagremista/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/superracagremista/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 30 dez. 2016.

FENWICK, Mark; HAYWARD, Keith. Youth crime, excitement and consumer culture: the reconstruction of aetiology in contemporary criminological theory. In: PICKFORD, Jane (Ed.). **Youth Justice: Theory and Practice**. London: Cavendish Publishing, 2000.

FERRELL, Jeff. **Crimes of Style: urban graffiti and the politics of criminality**. 4. ed. Boston: Northeastern University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Cultural Criminology. **Annual Review of Sociology**. Palo Alto, n. 25, 1999, p. 404. Disponível em: <[www.annualreviews.org](http://www.annualreviews.org)>. Acesso em: 02 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Morte ao método: Uma provocação. Tradução de Salo de Carvalho e Simone Hailliot. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Cidade**, v. 5, n. 1, jan/fev/mar 2012.

\_\_\_\_\_. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 18, n. 82, jan./fev., 2010.

\_\_\_\_\_. The Only Possible Adventure: Edgework and Anarchy. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge, 2004.

FERRELL, Jeff; HAMM, Mark (Eds.). **Ethnography at the edge: crime, deviance, and field research**. Boston: Northeastern University Press, 1998.

FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: an Invitation**. London: Sage, 2008.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mata e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

FIGUEIREDO Dias, Jorge de; COSTA ANDRADE, Manoel da. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**. 2. ed. Coimbra: Coimbra editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução por Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2011.



FORO Racing. **Geral do Grêmio, hinchada del Grêmio**. Disponível em: <<http://www.fororacing.com.ar/viewtopic.php?f=102&t=40247&start=45>>. Acesso em: 04 jan 2017.

FRANCESIO, Giovanni. **Tifare contro**: una storia degli ultras italiani. Ebook. Milão: Sperling & Kupfer, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GARRIGA ZUCAL, José. “Acá es así”. Hinchadas de fútbol, violencia y territorios. **Revista Avá**. Posadas, n 9, ago. 2006.

\_\_\_\_\_. **Haciendo amigos a las piñas**: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

\_\_\_\_\_. **“Soy Macho porque me la aguanto”**: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino, p. 01, nota 01. Disponível em: <<https://eduardogalak.files.wordpress.com/2012/04/05-garriga-aguanteymasculinidad.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Violencia e identidad: las hinchadas de fútbol en la Argentina. **Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana**. Quito: FLACSO, n. 8, set. 2009.

GASTALDO, Édison. **A Pátria na “imprensa de chuteiras”**: futebol, mídia e identidades brasileiras. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040\\_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294040_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf)>. Acesso em: 15 nov 2016.

GAUER, Ruth M. Chittó. Falar em tempo, viver o Tempo! In: SILVA, Mozart Linhares da. **Tempo/História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

GERCHMANN, Léo. **Somos azuis, pretos e brancos**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2016.

GIL, Gastón Julián. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia: la policía y la violencia en el fútbol argentino. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 31, dez. 2008.

\_\_\_\_\_. La pasión según Aldovisi. El “outro” y los combates por la identidad. In: DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George e GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Revista Horizontes antropológicos**: antropologia e esporte. Porto Alegre: UFRGS, n. 30, jul/dez. 2008.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLOBOESPORTE. **Cadeiras 'invadem' saudosa Coréia e reinventam torcida no novo Beira-Rio**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/o-novo-beira-rio/noticia/2014/04/cadeiras-invadem-saudosa-coreia-e-reinventam-torcida-no-novo-beira-rio.html>>. Acesso em: 06 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Grade da Arena cede em avalanche e deixa torcedores do Grêmio feridos**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2013/01/grade-da-arena-cede-em-avalanche-e-deixa-torcedores-do-gremio-feridos.html>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tchê, 1989.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora**. São Paulo, 2010, n. 09, p. 89-90. Disponível em: <[www.pucsp.br/revistaaurora](http://www.pucsp.br/revistaaurora)>. Acesso em: 02 nov. 2016.

GUEDES, Simone Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Revista Antropolítica**. Niterói, 2011.

GRÊMIO avalanche. **Gremista fanático, paraquedista morto nos EUA poderá ter cinzas na Arena**. Disponível em: <<http://www.gremioavalanche.com.br/news.asp?nID=11449>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegrense. **Estádio Olímpico**. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **Sócios terão direitos garantidos na Arena**. Disponível em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=14287>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

G1. **Paraquedista brasileiro morre durante salto nos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/paraquedista-brasileiro-morre-durante-salto-nos-estados-unidos.html>> Acesso em: 04 fev. 2017.

HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**. London: Glasshouse Press, 2004.

HAYWARD, Keith; FERRELL, Jeff. Possibilidades insurgentes: As políticas da criminologia cultural. In: ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. Dossiê criminologia crítica e criminologia cultural. **Sistema Penal e**

**Violência – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUCRS.** Porto Alegre, v. 04, n. 02, jul/dez. 2012.

KATZ, Jack. **Seductions of Crime.** New York: Basic Books, 1988.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LYNG, Stephen. Crime, edgework and corporeal transaction. **Theoretical Criminology.** London; Thousand Oaks; New Delhi, v. 8, n. 3, 2004.

LYNG, Stephen. Edgework and risk-taking experience. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking.** New York; London: Routledge, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo.** 2. ed. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elizabete Alexandre. Lisboa: Estampa, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine e SERPA, Angelo (Orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA, L'Harmattan, 2012, p. 67-85. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales.** Traducción de Florentino M. Torner. 2. ed. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro regra!** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. **Revista Avá.** Posadas, n. 12, mar. 2008.

MORRISON, Wayne. **Theoretical Criminology: From Modernity to Post Modernism.** London: Cavendish Publishing, 1995.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORGANIZADAS Brasil. **Torcida Independente Máfia Tricolor.** Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-INDEPENDENTE-MAFIA-TRICOLOR-400.html>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

OSABA, Julio. **Barra de estudio.** Disponível em: <[www.ladiaria.com.uy/articulo/2015/9/barra-de-estudio/](http://www.ladiaria.com.uy/articulo/2015/9/barra-de-estudio/)>. Acesso em: 10 out. 2016.

\_\_\_\_\_. 1987: la separación de hinchadas em el fútbol uruguayo. In: DELGADO, Leandro. **Cuaderno de historia 13: Cultura y comunicación em los ochenta.** Montevidéo: Biblioteca Nacional, p. 158. Disponível em: <[www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/67906/1/cuaderno-de-historia-13\\_cultura-y-comunicacion-en-los-ochenta.pdf](http://www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/67906/1/cuaderno-de-historia-13_cultura-y-comunicacion-en-los-ochenta.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2016.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nos iremos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Meu coração é vermelho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**, aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol**. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1460#ftn9>> Acesso em: 22 jan. 2017.

PIVA, Raphael. **Outro futebol é possível? A invenção do calcio popolare e a busca por autonomia no jogar e torcer**. XI Jornada de Sociologia. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-061/960>>. Acesso em: 09 set. 2015.

PRESDEE, Mike. **Cultural Criminology and the Carnival of Crime**. London: Routledge, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio**. Pelotas: Satolep, 2004.

\_\_\_\_\_. Causo Farrapo. In: RAMIL, Vitor. **Ramilonga – A Estética do Frio**. Pelotas: Satolep Music, Brasil, 1997, 1 CD. Faixa 4.

RECASENS, Andrés. Diagnóstico antropológico de las Barras Bravas y de la violencia ligada al fútbol. **Libros Electrónicos**. Santiago, 1999. Disponível em <<http://www.facso.uchile.cl/publicaciones/biblioteca/docs/libros/barras.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016.

RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

REVISTA Placar. **Alma Castelhana**, p. 76. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=EtdWFG5thqMC&pg=PA76&dq=placar+magazine+denardin+alma&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwixrd-h1djSAhVFGZAKHWsYC8IQ6AEIGjAA#v=onepage&q=placar%20magazine%20denardin%20alma&f=false>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da Coligay**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=LpX6aJmjc5oC&lpg=PA1&hl=pt-BR&pg=PA80#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 30 dez 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da. Crime, violência e segurança pública como produtos culturais: inovando no debate. **Revista dos Tribunais**. São Paulo, n. 917, mar. 2012.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento: A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense – ICHF, 2012.

ROMERO, Amílcar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. **Revista Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 8, ano 2, p. 04. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd8/amilc81.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Las barras bravas y la “contrasociedad deportiva”**. Buenos Aires: CEAL, 1994.

SAAVEDRA, Walter. **Nunca Jamás**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hkM2Tq9OEBE>>. Acesso em: 08 de jun. 2016.

SANTA CRUZ, Eduardo. Fútbol y nacionalismo de mercado em el Chile actual. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

SITE oficial do Club. Almagro. **Origen**. Disponível em: <<http://almagro.club/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

SITE oficial da Torcida Jovem do Grêmio. **Fundação**. Disponível em: <<http://tjovemdogremio.blogspot.com>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **Todos os arrastões da jovem**. Disponível em: <<http://torcidajovemgremiobh.blogspot.com.br/2011/05/todos-arrastoes-da-jovem.html>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SUL 21. **Sob protestos, Grêmio decide encerrar caso ISL e mantém Guerreiro**. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/sob-protestos-da-torcida-conselho-do-gremio-decide-encerrar-caso-isl/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

SV darmstadt 98. **Alte Fankutten**. Disponível em: <[www.lilienpower-darmstadt.de/historisches-tradition/fan-kutten](http://www.lilienpower-darmstadt.de/historisches-tradition/fan-kutten)>. Acesso em: 06 out. 2016.

TAYLOR, Ian; WALTON, Paul; YOUNG, Jock. **La Nueva criminología: Contribución a una teoría social de la conducta desviada**. Traducción de Adolfo Crosa. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1990.

TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin: Charlie Chaplin Film Corporation, 1936, 1 DVD (87 min), P&B. Título original: "ModernTimes".

TERRA. **Fuerte operativo para el partido de alto riesgo**. Disponível em: <<http://www.co.terra.com/libertadores2007/interna/0,,OI1698910-EI8238,00.html>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **The polish peasant in Europe and America: primary-group organization**. v. 1. Boston: R.G. Badger - The Gorham Press, 1918.

\_\_\_\_\_. **The polish peasant in Europe and America: organization and disorganization in America**. v. 5. Boston: R.G.Badger - The Gorham Press, 1920.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Anpocs, 1996.

TRANSPOTTING: sem limites. Direção: Danny Boyle: PolyGram Filmed Entertainment, 1996. 1 DVD (90 min), NTSC, color. Título original: "Trainspotting".

TRENSURB. **Trensurb reforça segurança para a decisão**. Disponível em: <[http://trensurb.gov.br/paginas/paginas\\_noticias\\_detalhes.php?PHPSESSID=4c39abec61bc2cd48340878ed7a80ffe&sitemapPage=377&l=es-ES&codigo\\_sitemap=1046](http://trensurb.gov.br/paginas/paginas_noticias_detalhes.php?PHPSESSID=4c39abec61bc2cd48340878ed7a80ffe&sitemapPage=377&l=es-ES&codigo_sitemap=1046)>. Acesso em: 03 jan 2017.

TURNER, Victor Witter. **The ritual process**. Ithaca: Cornell University Press, 1969.

TWITTER. **Amizade!** O argentino Escobar, referente da La Guardia Imperial, alentando na Geral do Grêmio. Disponível em: <<https://twitter.com/torcidasfotos/status/760255227060588544>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **El Mauro de Almagro, Sapo (capo de la banda del parque) um hincha de almagro y Alemão (capo de la Geral do Grêmio)** Disponível em: <<https://twitter.com/barrabravphotos/status/439594044004380672>>. Acesso em: 04 jan 2017.

\_\_\_\_\_. **Grêmio FBPA: O minuto de silêncio antes da partida de hoje homenageou o paraquedista gremista fanático Andrei Penz, que faleceu nessa semana nos EUA**. Disponível em: <<https://twitter.com/Gremio/status/612410981193531392>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

VANEIGEM, Raoul. **The revolution of everyday life**. Translated by Donald Nicholson-Smith. 2. ed. London: Rebel Press, 2001.

WEBLEN, Thorstein. **A teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições**. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VELHO, Gilberto. O observador participante. In: WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução por Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução por Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

\_\_\_\_\_. Merton com energia, Katz com estrutura: a sociologia do revanchismo e a criminologia da transgressão. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, v. 18, n. 87, nov/dez. 2010.

YOU TUBE. **A Geral do Grêmio invadiu os 15 anos da Giovana!** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ZekeV\\_OKOAc](https://www.youtube.com/watch?v=ZekeV_OKOAc)>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Atos de vandalismo**: torcedores do Inter depredam casa da Zona Sul de Porto Alegre. Disponível em: <[https://youtu.be/TEEx\\_HGC-6tw](https://youtu.be/TEEx_HGC-6tw)>. Acesso em: 23 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **A vcs que torcem pro inter – 24.10.10**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h0iG7clB7OU>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Bate-Bola: Grenal do Fogo – TV COM RS (30072006)**. Disponível em: <<https://youtu.be/JzsmBHyiRTg>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Bosta Fogo Grenal 30-07-06**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ex6vyNxs9Kc>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Brasil Urgente RS 22012013 – Briga de torcidas de Grêmio e Inter em estação do Trensurb**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1GJy3VRL044>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Briga de torcidas de Inter e Gremio no Trensurb**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fKtgbnXQVLY&feature=youtu.be>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Diego Maradona**: “Que lo chupen y que la sigan chupando” 14.10.09. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=dvbHOVG7h\\_l](https://www.youtube.com/watch?v=dvbHOVG7h_l)>. Acesso em: 17 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Esta es la hinchada la de Huracán || En la legislatura 13-12-12**. Disponível em: <<https://youtu.be/utbm2BMDFuA>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Geral do Grêmio – Eu Só Quero Vencer Lá No Chiqueiro**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yC8x5q\\_0xp4](https://www.youtube.com/watch?v=yC8x5q_0xp4)>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Geral do Gremio – Na Azenha Tem Uma Banda Louca! GREnal 411.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4qZWn-eAgEI>>. Acesso em 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **geral do grêmio VS briga militar.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jwMC3RfoApU>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Grêmio x Boca - Final Libertadores 2007 - BM antes do jogo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xJ9VCSbFJ6Q>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Gremio x Botafogo 041008 Banda Louca do Paulao.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fuex10Qc5p4>>. Acesso em 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Gremistas fazem casamento mais original do Mundo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=grRCVDv6GIY>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **GRENAL 412.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PltUUCc8JQEVlog>>. Acesso em 07 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Macaco vai pra puta que pariu! – Bar do Ito.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_lQAtUUC7C8](https://www.youtube.com/watch?v=_lQAtUUC7C8)>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Máfia Tricolor – Antes que seja tarde.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qCpy-beJySE>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Maradona denies He is gay at FIFA World Cup 2010 press conference** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jicVtHRUu5A>> Acesso em: 17 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Pelea entre hinchas de Grêmio y Boca.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zesaYExSnI0>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Recepção do Nacional pra torcida do Grêmio.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FvGqoP684gl>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Roda punk Rock Cordel 7 Teatro Jose de Alencar 2 130113.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uPjl7YjdJkc>>. Acesso em 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **The Real Football Factories Brazil Legendado \* 4trav5 \* travtra ak40e7.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K-nH1nKk2f4>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **[GoPro] – GREnal 4x1 – Aquecimento Geral do Grêmio.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fm2PFdkWHls>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A questão criminal.** Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2013.



\_\_\_\_\_. **La palabra de los muertos – Conferencias de criminologia cautelar.** Buenos Aires: Ediar, 2012;

ZALUAR, Alba. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. **Revista Dados.** Rio de Janeiro, vol. 55, n.º 02, 2012;

\_\_\_\_\_. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Revista Mana.** Rio de Janeiro, n.º 2, vol. 15, out 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a09v15n2.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2016;

\_\_\_\_\_. Violência, cultura e poder. In: MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro regra!** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003;

ZANATTA, Humberto; ALVES, Francisco, SCHERER, Francisco. “Não podemo se entregá pros home”. Intérprete: Leopoldo Rassier. In: RASSIER, Leopoldo. **Não Podemo Se Entregá Pros Home.** Porto Alegre: Discoteca Produções, 1986. 1 LP. Faixa 1.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)